UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Belas Artes

Paredes do Porto

Um estudo taxonômico sobre as frases de Porto Alegre e do Porto

Rafael Druzian de Castro

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Design da Imagem

Orientador Professor Heitor Alvelos

Porto, 2019

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família, aos meus pais, em especial a Margareth da Cunha Druzian e a Caroline Druzian Bazzo, por lerem o trabalho e sugerirem melhorias.

Aos professores do Mestrado de Design da Imagem, que contribuíram para minha formação, apresentando novas formas de entender a imagem. Em especial ao orientador, Prof. Heitor Alvelos, pelas palavras pontuais, pelos ensinamentos, pela atenção e pela prestatividade, sempre que contatado. Ao diretor do curso, Prof. José Carneiro, por sempre estar disposto a encontrar os melhores caminhos e soluções, de forma tranquila e objetiva.

Obrigado ao Prof. Anselmo Canha que contribuiu para elucidar a possibilidade de seguir nesta temática. Ao colega Andrés Torres, por compartilhar o conhecimento das ferramentas bibliográficas, e à Dra. Isabel Barroso pela ajuda na formatação da dissertação.

À equipe da XPROG, por entenderem e permitirem que este projeto fosse adiante. Em especial ao amigo e colega Fernando Bombassaro, responsável pelo desenvolvimento da plataforma online presente neste projeto.

Agradeço à Thays Prado, responsável pela correção dos textos da dissertação, e a todos os *writers* e pessoas que cederam entrevistas, contribuindo voluntariamente ou involuntariamente para realização deste projeto.

Resumo

As paredes falam. Suas mensagens são um reflexo do ambiente no qual estão inseridas, como legendas do urbano. Tornam a cidade viva e ressignificam as ruas através das suas interferências. A presente dissertação registrou as frases no espaço público das cidades do Porto, em Portugal, e de Porto Alegre, no Brasil, durante o período de 2018 a 2019, a fim de identificar suas similaridades e diferenças. Trabalhou-se com uma abordagem etnográfica, que consiste na aproximação do investigador com os *writers*, para responder questões pertinentes ao projeto. Através de entrevistas e observação participante com eles, foi possível identificar as motivações e comprovar a veracidade das mensagens expostas. Além disso, foram entrevistadas pessoas de ambas cidades, a fim de coletar percepções a respeito da cidade oposta e construir, a partir dessas impressões, uma proposta de classificação taxonômica.

Para auxiliar na construção, foi desenvolvida uma plataforma digital que possibilita organizar e filtrar as imagens a partir das nomenclaturas propostas. Dessa forma, foi possível identificar similaridades, como frases positivas, sentimentos e devaneios do cotidiano, assim como suas peculiaridades, principalmente com relação às políticas locais. Se em Porto Alegre o destaque está na discussão a respeito dos governantes, principalmente num âmbito federal, pela série de acontecimentos políticos e a eleição presidencial de 2018, o Porto revela seus incômodos com relação às políticas de habitação, ao turismo e ao ordenado mínimo.

Por fim, o projeto tem o objetivo de contribuir para o estudo das mensagens no espaço público através de um registro histórico das frases de ambas cidades, permitindo a interpretação do que as inscrições revelam a respeito das conjunturas políticas, sociais e culturais de cada uma das localidades.

Palavras-chave: Escritores urbanos, mensagens, grafito, Porto, Porto Alegre.

Abstract

The walls speak. Their messages are a reflection of the environment in which they are inserted, as urban subtitles. They make the city alive and resignify the streets. This dissertation collects phrases in a public space from the cities Porto, Portugal, and Porto Alegre, Brazil, from 2018 to 2019, in order to identify their similarities and differences.

An ethnographic approach was the chosen method, which consists of contact between researcher with writers, to answer pertinent questions about the project. Through interviews and by their observations, it was possible to identify their motivations to write in the streets and prove the veracity of the exposed messages. In addition, people from both cities were invited to examine the images from the both cities. This experience gives insights to help build a taxonomic classification by subjects.

A digital platform was developed to support the project. Via this catalogue, it was possible to organize and filter the images from the nomenclatures proposed. It allows the identification of similarities, such as positive phrases, feelings and daydreams of daily life, as well as their peculiarities, especially in relation to local policies. In general terms, Porto Alegre highlights the discussion about rulers, principally in a federal context, through a series of political events and the presidential election of 2018. Porto reveals its troubles regarding the housing policies, tourism and the minimum wage.

Finally, the project aims to contribute to the study of the messages in the public space, through a historical register of the phrases from both cities. It allows the interpretation of what the inscriptions reveal about the political, social and cultural conjunctures of each one.

Keywords: urban writers, messages, graffiti, Porto, Porto Alegre.

Sumário

AGRADECIMENTOS **2**

RESUMO **3**

ABSTRACT **4**

I. INTRODUÇÃO **10**

1.1 QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO 12
1.2 OBJETIVOS 12
1.3 PRODUTOS 13
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO 13

II. REVISÃO DE LITERATURA **15**

2.1 AS MENSAGENS NA HISTÓRIA 15
2.2 OS DOIS PORTOS 21
2.3 ESTUDOS NAS ÁREAS 23

III. METODOLOGIA **28**

3.1 REGISTRO DE IMAGENS DO PORTO 29
3.2 DIÁRIO DE CAMPO 30
3.3 ENTREVISTAS COM OS WRITERS 31
3.4 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 32
3.5 REGISTRO DE IMAGENS DE PORTO ALEGRE 32
3.6 ENTREVISTA COM PESSOAS DO PORTO E DE PORTO ALEGRE 34
3.7 ANÁLISE VISUAL 35

IV. ENTREVISTAS **37**

4.1 ENTREVISTAS COM WRITERS 37
4.2 ENTREVISTAS EM PORTO ALEGRE 42

4.2.1 As frases *42*
4.2.2 Como é o Porto? *43*
4.2.3 Como são as pessoas ou os writers do Porto? *44*
4.2.4 O turismo *45*
4.2.5 A política *46*
4.3 ENTREVISTAS NO PORTO 46
4.3.1 As frases *48*
4.3.2 Como é Porto Alegre? *49*
4.3.3 Como são as pessoas ou os writers de Porto Alegre? *50*
4.3.4 A política *51*
4.4 COMPARAÇÃO ENTRE AS CIDADES 52
4.4.1 Semelhanças *53*
4.4.2 Diferenças *54*

V. TAXONOMIAS E PLATAFORMA ONLINE 56

VI. INTERPRETAÇÃO 67

6.1 TERMOS RECORRENTES 67
6.2 INTERPRETAÇÕES EMPÍRICAS 77

VII. CONCLUSÃO 98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 101

APÊNDICE 1 - ENTREVISTAS COM OS *WRITERS* 104

APÊNDICE 2 - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE 175

APÊNDICE 3 - ENTREVISTAS EM PORTO ALEGRE 183

APÊNDICE 4 - ENTREVISTAS NO PORTO 232

APÊNDICE 5 - DIÁRIO DE CAMPO 274

Lista de Figuras

Figura 1 - Primeiras mensagens. 11
Figura 2 - Estados Unidos 17
Figura 3 – "Abaixo à ditadura, fora ditadura", Brasil (1968). 18
Figura 4 – "Soyez realistes, demandez l'impossible", França (1968) 19
Figura 5 - "25 de Abril, liberdade, defender Abril, defender a constituição. O Povo unido jamais será vencido", Portugal (Anos 70) 20
Figura 7 - Enquadramento da dissertação conforme taxonomias propostas por Gadsby (1995) 26
Figura 8 – Mapa do Porto 30
Figura 9 – Mapa de Porto Alegre 33
Figura 10 - Imagens impressas 35
Figura 11 - Escola Estadual Presidente Roosevelt, Porto Alegre (2018) 47
Figura 12- Contrastes, Porto Alegre (2018) 51
Figura 13 - Semelhanças entre as cidades segundo as entrevistas 53
Figura 14 - Taxonomia das frases a partir das entrevistas com *writers* do Porto 57
Figura 15 - Taxonomia das frases do Porto a partir das entrevistas com pessoas de Porto Alegre 58
Figura 16 - Taxonomia das frases de Porto Alegre a partir das entrevistas com pessoas de Porto 59
Figura 17 - Estudo taxonômico das frases dos Portos 60
Figura 18 - Testes manuais 61
Figura 19 - Esboço manual da ferramenta 62
Figura 20 - Ferramenta digital para taxonomia 63
Figura 21 - Proposta de taxonomia - Linguagem 64
Figura 22 - Proposta de taxonomia – Assuntos 65
Figura 23 - Proposta de taxonomia - *Writers* 66
Figura 24 - Lista de palavras recorrentes, Porto 68
Figura 25 - Lista de palavras recorrentes, Porto Alegre 69

Figura 26 - Verbos 70
Figura 27 - Advérbios 71
Figura 28 - Substantivos 72
Figura 29 - Pronomes 73
Figura 30 - Nome próprio 74
Figura 31 – Conjunções 74
Figura 32 - Cidade, estado ou país 75
Figura 33 - Interjeições 75
Figura 34 - Língua 76
Figura 35 - Porto / 02 - Assuntos / Gerais / Local / Cidade 77
Figura 36 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Turismo 78
Figura 37 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Habitação 79
Figura 38 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Gentrificação 80
Figura 39 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Ordenado Mínimo 81
Figura 40 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Parede 81
Figura 41 - Porto / 03 - Writer / Estrangeiro 82
Figura 42 - Locais e imigrantes 83
Figura 43 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Gerais / Local / País 84
Figura 44 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Eleição 85
Figura 45 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Gerais / Política / Governante 86
Figura 46 - Porto / 02 - Assuntos / Gerais / Política / Governante 87
Figura 47 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Golpe 88
Figura 48 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Televisão 89
Figura 49 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Aborto 90
Figura 50 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Educação 90
Figura 51 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Índio 91
Figura 52 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Machismo 91
Figura 53 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Patriarcado 92
Figura 54 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Expressões Locais 92
Figura 55 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Expressões Locais 93

Figura 56 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Gerais / Polícia 94
Figura 57 - Porto / 02 - Assuntos / Gerais / Polícia 94
Figura 58 - Porto / 02 - Assunto / Geral / Religião 95
Figura 59 - Porto Alegre / 02 - Assunto / Geral / Religião 95
Figura 60 - Projeto Somos Instantes 96
Figura 61 - Mensagens datadas 97

I. INTRODUÇÃO

Uma cidade apresenta-se através de um conjunto de interferências sensoriais - sejam elas auditivas, olfativas, visuais, táteis - que só podem ser percebidas através de uma experiência presencial naquele ambiente. Embora um território possa trabalhar sua identidade, utilizando recursos do design e da mídia para criar um ideal imagético, restringe-se em comunicar apenas um ponto de vista. Assim, um designer pode conduzir o olhar dos visitantes para um determinado objetivo, mas não é suficiente para impedir que existam outras interferências visuais na cidade.

Além das publicidades, fachadas de lojas e outras sinalizações utilizadas nas urbes, os *graffiti*, os murais, as *tags*, as frases e os cartazes fazem parte do contexto de diversas localidades, e não é diferente no Porto e em Porto Alegre. Caminhar pelas ruas das cidades significa estar disposto constantemente a iniciar diálogos e perceber o que as frases têm a dizer, quase como uma "legenda" do urbano, uma "voz", por vezes, anônima. Podem ser mensagens de amor ou de ódio, de felicidade ou de tristeza, reflexivas ou racionais, de relações humanas, políticas ou completamente aleatórias. Elas comunicam, ressignificam a cidade através dos muros e convidam os pedestres a olharem o ambiente ao seu redor.

> *The everyday thoughts of the people, however, are the domain of the graffiti writer. His inscriptions give a more rounded picture of a society than is possible in the deliberately phrased message of the conventional artist or author. At the very least, graffiti helps to uncover the more elusive aspects of a society's character. Every graffito can thus be seen and/or read as a miniature autobiography of a member of a society in the sense that the graffitist reveals a part of himself and his society in all that he writes*.[1] (Abel & Buckley, 1977, p. 14)

[1] "Os pensamentos cotidianos das pessoas, no entanto, são o domínio do escritor de graffiti. Suas inscrições dão uma imagem mais arredondada de uma sociedade do que é possível na mensagem deliberadamente escrita do artista ou autor convencional. No mínimo, o grafitti ajuda a descobrir os aspectos mais evasivos do caráter de uma sociedade. Cada grafito pode ser visto e/ou lido como uma autobiografia em miniatura de um membro de uma sociedade, no sentido de que o grafiteiro revela uma parte de si mesmo e de sua sociedade em tudo o que ele escreve.", tradução do autor.



Figura 1 - Primeiras mensagens.
Fonte: O autor.

Foi assim, atentando para as inscrições nas paredes da cidade do Porto, que o investigador teve seu primeiro contato com os "locais". De origem brasileira, sua mudança aconteceu em Setembro de 2017. A primeira mensagem que percebeu na rua foi "abandono", escrito num papelão e pregado à janela de uma casa abandonada. Na janela ao lado havia outra mensagem, com a mesma estética, que dizia "tanta casa sem gente, tanta gente sem casa". Essas duas mensagens (Figura 1) fizeram perceber que havia algum descontentamento em relação à política de habitação da cidade. Aos poucos as mensagens somavam-se no imaginário, e a compreensão delas acontecia quando o investigador conversava com alguma pessoa residente a mais tempo na cidade. As mensagens serviam como gatilhos para a comunicação. Depois de alguns meses percebendo essas manifestações, notava-se que algumas mensagens desapareciam, seja pela sobreposição de outras intervenções, seja pela remoção das mesmas, dando espaço para o surgimento de novas. Percebendo tal movimentação, iniciou-se um processo de registro fotográfico dessas mensagens.

Durante o processo de recolha das imagens, o investigador visita sua cidade natal, Porto Alegre, e atenta para as mensagens nas paredes, algumas mais antigas, de 2014, e outras mais recentes, a maioria delas ligadas à situação política brasileira. Assim como no

Porto, iniciou-se um processo de coleta das imagens com o propósito de comparar as realidades entre as duas cidades através das mensagens. Partindo de uma breve análise, foram listados questionamentos a respeito desse fenômeno. Essas inscrições são manifestações isoladas ou tratam-se de um movimento composto por vários interventores? Quem são essas pessoas? Quais são suas motivações e propósitos? São especificamente artistas? Essa comunicação é feita por consequência da falta de diálogo? Falta de espaço? Seria uma forma de manifesto? Seria uma afirmação pessoal naquele ambiente? Uma comunicação entre tribos? De que forma isso é midiatizado através das redes sociais? Como essas intervenções impactam na vida das pessoas?

1.1 QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

Partindo dessas indagações, define-se uma questão central para a investigação.

O que as paredes do Porto e de Porto Alegre apresentam sobre a conjuntura social, cultural e política das respectivas cidades em 2018/2019? Que semelhanças e diferenças revelam?

1.2 OBJETIVOS

Destina-se coletar imagens das cidades do Porto e de Porto Alegre, identificar seus autores, e compreender como os contextos sociais, culturais e políticos interferem nas mensagens.

Assim, a presente investigação visa:

1) Fazer um registro histórico do Porto e de Porto Alegre a partir de mensagens escritas nas ruas;

2) Sugerir novas taxonomias para o estudo de grafitos.

1.3 PRODUTOS

- Registro fotográfico de 291 imagens em cada cidade, totalizando 582 imagens;

- Criação de perfis públicos na rede social Instagram, sendo @paredesdoporto para a cidade do Porto e @paredesdepoa para Porto Alegre;

- Criação de uma plataforma online para catalogar e disponibilizar as imagens: www.paredesdoporto.com

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O Capítulo II fundamenta a dissertação através da bibliografia e de dados que contextualizam e demonstram a importância da pesquisa. Primeiramente estuda-se como as mensagens aparecem na história, posteriormente é feito um breve panorama sobre os contextos políticos de ambas cidades, e investiga-se estudos relacionados à arte urbana.

No Capítulo III é descrita a abordagem metodológica do projeto, que inclui o registro das imagens, os relatos anotados no diário de campo, entrevistas com pessoas sem ligação com as mensagens da cidade apresentada, conversas e observações participantes com os *writers* do Porto, análise visual das imagens.

No Capítulo IV o investigador apresenta os dados levantados durante as entrevistas com os *writers* e com as pessoas do Porto e de Porto Alegre. Nessa etapa são descritas percepções, semelhanças e diferenças constatadas pelos entrevistados.

No Capítulo V é demonstrado o processo de elaboração das taxonomias e a construção da ferramenta proposta no projeto para auxiliar o investigador na análise das imagens coletadas.

No Capítulo VI, com o auxílio da ferramenta desenvolvida, foi possível identificar os termos mais utilizados nas cidades e agrupar as imagens por categorias, permitindo identificar as similaridades e as diferenças que apresentam.

Por fim, no Capítulo VII é respondida a questão de investigação e apresentada uma síntese conclusiva a respeito do assunto, assim como recomendações para abordagens futuras com relação ao campo de estudo.

II. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AS MENSAGENS NA HISTÓRIA

Historicamente as paredes serviram como plataforma para que os habitantes de determinados espaços pudessem refletir suas vivências através de simbologias do seu tempo. Sejam elas pinturas rupestres, hieróglifos egípcios, escritas nas paredes de Pompeia, ou *graffitis*, todos esses registros auxiliam pesquisadores a compreenderem os comportamentos de determinada tribo ou sociedade em determinado período, a partir da decodificação dos símbolos visuais transcritos. Ao longo dos anos, as formas de escrita e as expressões artísticas evoluíram, as cidades cresceram, as indústrias consolidaram-se e assim surgiram novos materiais, assegurando novas formas de manifestação. O fácil acesso à tinta, ao *spray* e aos marcadores permitiu uma nova forma de abordagem nas paredes. Essas ferramentas deram voz à manifestações políticas, atos de rebeldia, e marcação de território, como também mensagens de amor, piadas ou mensagens sem sentido, expressadas através de frases ou desenhos. De certa forma, a democratização desses materiais contribuiu para tornar o espaço urbano uma plataforma viva, que reflete o dia a dia de uma comunidade.

Os registros fotográficos permitem analisar uma época, seja ela distante ou de um período recente. A descoberta de pinturas rupestres colaborou com o entendimento do quotidiano dos homens das cavernas através daqueles códigos (Brandão & Schmidt, 2008). O mesmo pode ser percebido nos hieróglifos egípcios, através das tábulas encontradas por arqueólogos, cuja escrita foi posteriormente decodificada. Abel & Buckley (1977) destacam o fato de que a escrita era privilégio de pessoas nobres ou sacerdotes, por isso reflete pensamentos, regras ou histórias de uma pequena parcela da população. As inscrições egípcias não revelam como os trabalhadores se sentiam ao construírem as pirâmides, por exemplo. Foi a partir da "popularização" da escrita que as pessoas comuns de uma sociedade puderam expressar suas aspirações e frustrações nas paredes. O *graffiti* pode ser identificado na história muito antes das civilizações romanas e gregas, mas foi na Grécia que pessoas comuns aprenderam a escrever. Dessa forma, a facilitação do acesso à

escrita foi fundamental para permitir que a rua fosse utilizada para expor os pensamentos dos cidadãos, que até então não tinham voz.

> *The practice of writing on walls has had a long and varied history. Writing any form of graffiti, whether it be political, personal or gang-related, responds to a variety of social needs. Expression through words, symbols and figures on city walls can be a reaction against oppression, a mode of protest, an anonymous way to be heard, an act of personal or group empowerment, or a secret language.*[2] (Wacławek, 2011, p. 43)

A presença das mensagens ganha expressividade durante o século XX, principalmente entre os anos 1960 e 1970, que são marcados por grandes manifestações dos *writers* contra regimes autoritários ou em busca da liberdade para se expressar.

[2] "A prática de escrever nas paredes tem uma longa e variada história. Escrever qualquer forma de *graffiti*, seja ele político, pessoal ou relacionado a gangues, responde a uma série de necessidades sociais. A expressão através de palavras, símbolos e figuras nas paredes da cidade pode ser uma reação à opressão, um modo de protesto, uma maneira anônima de ser ouvido, um ato de fortalecimento pessoal ou de grupo, ou ainda uma linguagem secreta.", tradução do autor.



Figura 2 - Estados Unidos
Fonte: (Wacławek, 2011, p. 51).

Na América, mais precisamente nos Estados Unidos, em cidades como Filadélfia e, posteriormente, Nova Iorque, o *graffiti* estava diretamente relacionado com gangues, cujos membros escreviam o nome do grupo em busca da demarcação de um território, representando a presença e o controle da região. Casualmente, pessoas sem ligação com as gangues, principalmente adolescentes, também escreviam seus nomes nas paredes com o

intuito de ganhar fama e visibilidade. Durante os anos 1970, a cidade de Nova Iorque concentrou uma grande quantidade de intervenções. As *tags* e os *bombs* eram espalhados pelas estações e vagões dos trens da cidade (Figura 2), e, quanto maior a repreensão, mais se proliferavam. Nesse mesmo período, a cultura *hip-hop* se popularizava, principalmente através do *rap*, e incorporava recursos do *graffiti* para representar visualmente o movimento, seja nas capas dos álbuns dos artistas, seja por meio de artigos de *merchandising,* como pôsteres e camisetas. Aos poucos, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, o *graffiti* passou a ser reconhecido como um movimento artístico, e as galerias expunham os trabalhos como uma nova tendência de arte.



Figura 3 – "Abaixo à ditadura, fora ditadura", Brasil (1968).
Fonte: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/02/manifestante.jpg

No Brasil, a pichação revela-se no final dos anos 1960 como revolta política, majoritariamente em frases contrárias à ditadura militar. Nesse período não havia uma preocupação estética identitária com as letras, o objetivo do *writer* era garantir a

legibilidade das mensagens para que qualquer pessoa alfabetizada pudesse compreender o que estava escrito (Figura 3). O tom era de revolta. Depois disso surgiram as pichações poéticas, cujo nome já as classifica, mas foi nos anos 1980 que as pichações ganharam uma nova estética, informalmente chamadas de pichações de São Paulo. Neste período, os jovens, influenciados pela cultura do *heavy metal*, do *punk rock*, do *hardcore* e do *rock*, passaram a se basear nas marcas das bandas, que em parte tinham inspiração nas runas anglo-saxônicas, para criarem suas assinaturas ou letreiros. Assim o "pixo" se apropria inconscientemente dessa estética e cria novas abordagens. "A pichação se tornou um esporte da periferia. É lazer para os caras", afirma um dos pichadores apresentados no documentário "Pixo" (Oliveira, 2009). No final dos anos 1980 os prédios começaram a ser alvo de pichação e da competição entre os *writers*, o que acarretou alguns conflitos entre pichadores e o surgimento de grupos rivais.

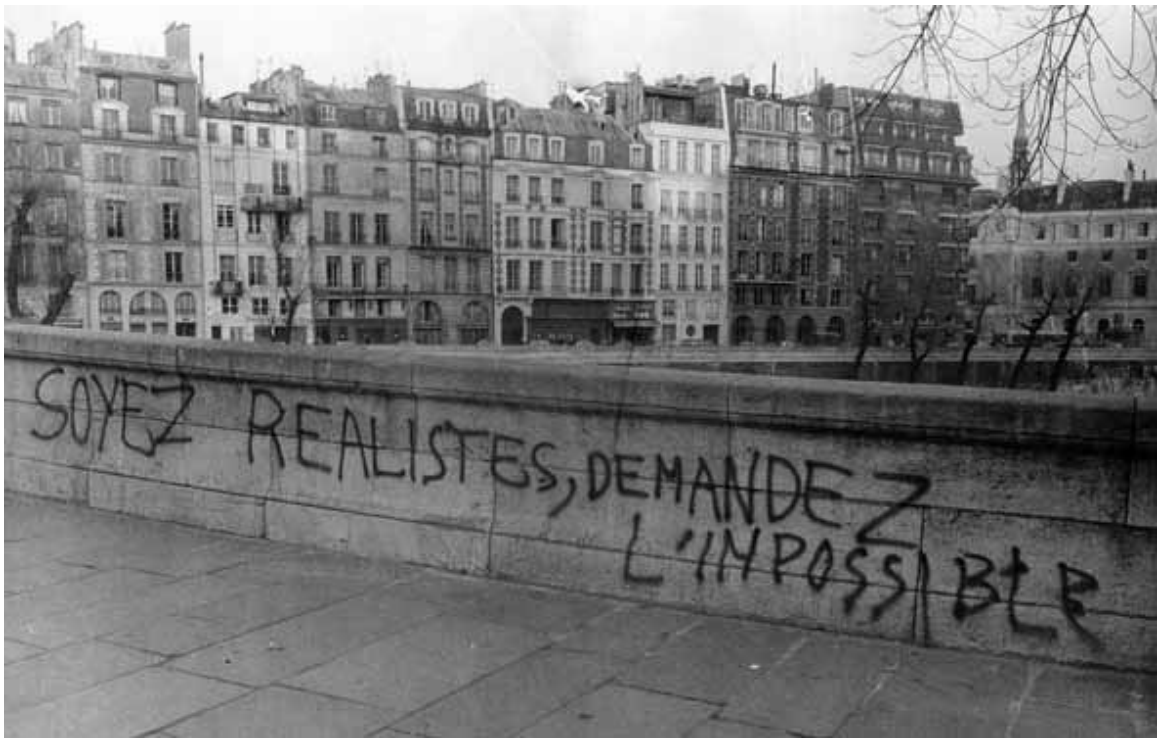


Figura 4 – "Soyez realistes, demandez l'impossible", França (1968)
Fonte: http://inventin.lautre.net/graffiti.html

Na Europa, as manifestações de rua têm relação direta com o movimento de Maio de 1968 ocorrido na França. Estudantes da universidade de Sorbonne iniciaram uma série de reivindicações contrárias às medidas conservadores do governo, e o movimento ganhou força com o apoio dos trabalhadores, que foram responsáveis por protagonizar uma greve geral. Esses protestos têm impactos políticos e sociais até hoje na sociedade francesa, e as mensagens se tornaram símbolos de um período histórico. Entre as pichações estão *slogans* como "sejam realistas, exijam o impossível", "parem o mundo, eu quero descer" e "é proibido proibir" (Baggett, History, & College, 2014) (Figura 4).



Figura 5 - “25 de Abril, liberdade, defender Abril, defender a constituição. O Povo unido jamais será vencido”, Portugal (Anos 70)
Fonte: (Mascarenhas, 1998)

Em Portugal, o 25 de Abril de 1974, conhecido também como Revolução dos Cravos, foi um marco na política do país. O fim do regime ditatorial e a implementação de um regime democrático foi cenário para a proliferação de mensagens em todo território. Por muito tempo vigiados pela censura, e acostumados a ter suas palavras controladas, os portugueses passaram a exaltar a liberdade que conquistaram (Mascarenhas, 1998). As paredes tornaram-se o local preferido para disseminação de mensagens rápidas e

elucidação de ideias (Caeiro, 2014). Assim, esse período foi marcado tanto por intervenções da população quanto por murais, que serviam de propaganda política para partidos contrários ao regime vigente. Entre as principais reivindicações estavam a defesa da constituição (Figura 5), a luta pela reforma agrária, mais investimento na educação, preocupação com o aumento das rendas, a não aceitação de armas nucleares e da guerra e oposição ao fascismo.

2.2 OS DOIS PORTOS

O Porto está localizado na região norte de Portugal, com uma área de 41,42 km² (INE-Instituto Nacional de Estatística, 2018) e uma população de 214.936 habitantes até o ano 2018 (INE-Instituto Nacional de Estatística & PORDATA, 2018), enquanto Porto Alegre é capital do estado do Rio Grande do Sul, localizado na região sul do Brasil, com uma área de 495,390 km² e uma população de 1.409.351 pessoas, até o último censo em 2010 (IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). Ambas falam o mesmo idioma, o português, mas distinguem-se pelos diferentes dialetos e conjunturas políticas, sociais e culturais. Enquanto Portugal vive seus melhores momentos econômicos dos últimos anos, o Brasil passa por uma grave crise econômica e de descrença política. O reflexo na camada social e cultural pode ser percebido através de uma abordagem empírica do investigador, ao coletar imagens que demonstram como as conjunturas de cada país são expostas nas paredes. As cidades têm relação direta com a vivência do investigador, que residiu 28 anos em Porto Alegre, e atualmente está há quase dois anos morando na cidade do Porto. Essa proximidade entre o investigador e os locais citados foi um dos motivos pelos quais as cidades foram escolhidas, permitindo assim um contato presencial e interpretações mais apuradas em relação ao objeto de estudo.

Em 2009 os países da zona do euro começaram a sentir a crise (TVI 24, 2014). Em Portugal, a taxa de desemprego aumentou de 4% para 16,3%, entre 2001 e 2013 (Valadas, 2013). Numa sequência de crises, em 2011 o país solicita resgate financeiro ao FMI (Economias, 2016). Em 2013, numa atitude súbita, toda a verba referente ao turismo, que

até então havia sido empregada apenas em mídias impressas, passa a ser destinada ao marketing digital. Essa estratégia obteve resultado e impacto direto no país, principalmente no objetivo de Portugal em solidificar-se como rota do turismo europeu (Pincha, 2017). Nos anos de 2012, 2014 e 2017 a cidade do Porto é escolhida como melhor destino da Europa pela European Best Destinations (2017). Em 2017 o turismo em Portugal finalizou o ano com uma procura turística de 26,7 mil milhões de euros, equivalente a 13,75% do PIB, considerando o consumo de estrangeiros e de locais (Villalobos, 2018). No ano de 2018, segundo dados do INE, Portugal recebeu 21 milhões hóspedes, entre eles 12,76 milhões estrangeiros, e 8,2 milhões residentes em Portugal (Observador, 2019). No final do mesmo ano o país quitou a dívida com o FMI (Agência Lusa, 2018).

O Brasil teve seus últimos melhores momentos econômicos entre os anos 2008 e 2011, enquanto o restante do mundo sentia reflexos da crise econômica mundial (AFP, 2018). Em 2013, a população demonstra sinais de descontentamento. Manifestações contra o aumento do valor das passagens de ônibus são convocadas e os atos sofrem forte repreensão policial. O movimento se espalha pelo país e ganha representatividade. As pessoas percebem que não é apenas o aumento das passagens que as aflige, e os protestos tornam-se um ponto de encontro para o descontentamento generalizado. Os gritos "sem violência", "sem partido", "contra a militarização das polícias", "educação e saúde padrão Fifa" ecoam (Farah, 2014). No ano seguinte, em 2014, o Brasil é sede da Copa do Mundo FIFA de futebol masculino, e Porto Alegre é uma das cidades escolhidas, recebendo aporte financeiro para a reparação de um estádio, assim como melhorias na infraestrutura da cidade (GLOBOESPORTE.COM, 2009). No mesmo ano, no espectro político, vem à tona a Operação Lava Jato, a maior investigação envolvendo corrupção entre empresas privadas, públicas e políticos (MPF-Ministério Público Federal). Mesmo diante desses fatos, Dilma é reeleita Presidente da República em disputa acirrada com seu opositor (Bom Dia Brasil, 2014). Em 2015 uma nova onda de protestos de rua é convocada, agora de maneira organizada, contrários à presidente e ao seu partido, o Partido dos Trabalhadores, e favoráveis à Lava Jato (Batista, 2018). A popularidade de Dilma cai drasticamente, a economia tem uma série de dificuldades e, em agosto de 2016, ela é “impichada”. Seu vice, Michel Temer, assume o cargo para completar o mandato de dois anos. Em 2018, o Brasil

se prepara para eleições presidenciais e dois nomes aparecem no topo da pesquisa: Lula e Bolsonaro (Valor, 2018). Luiz Inácio Lula da Silva, que já vinha sendo investigado pela Operação Lava Jato, é preso em abril de 2018, impossibilitando a candidatura do mesmo para as eleições (G1 SP, 2018). No mesmo ano, Bolsonaro é eleito presidente e assume o cargo em Janeiro de 2019 (Mazui & G1, 2018).

Ao contextualizar brevemente a linha do tempo de aproximadamente dez anos em relação às situações políticas que vivem ambos países, consequentemente ambas cidades, é possível perceber que o Porto vive uma recuperação econômica, um constante processo de revitalização da cidade, por consequência da injeção de capital estrangeiro, estimulado pelo turismo, e pela alta procura por alojamentos locais ou por redes hoteleiras. Já Porto Alegre se tornou palco de constantes lutas políticas, assim como outros principais centros urbanos do Brasil. Embora distantes, com ambientes e contextos políticos completamente diferentes, as insatisfações ou devaneios que ambos cenários provocam são refletidos nas superfícies urbanas, e ficam expostas por um período indeterminado, provendo uma comunicação que marca um tempo.

2.3 ESTUDOS NAS ÁREAS

Compreendendo a proliferação das mensagens ao longo da história e as peculiaridades de cada cenário onde elas estão inseridas, investiga-se quais estudos relacionados às intervenções urbanas já foram produzidos em ambas as cidades. Amplia-se a busca para averiguar se existem outras bibliografias e pesquisas que classifiquem as mensagens ou deem nomes aos objetos de estudo. A partir disso, estrutura-se uma base referencial que permite entender o campo de investigação e propor novas abordagens para colaborar com a produção de informação. Entende-se que os métodos etnográficos tornam-se apropriados para esse tipo de projeto, pois permitem que o pesquisador tenha acesso a informações em primeira mão, possibilitando uma análise empírica e mais apurada do contexto.

O termo *writer*, ou "escritor", numa tradução literal da palavra em inglês, é utilizado para definir a pessoa que inscreve em superfícies do ambiente urbano (Campos, 2012). Com esta mesma nomenclatura são classificadas todas as pessoas que produzem qualquer tipo de mensagem escrita, como as *tags*, os *bombs*, e as frases, configurando uma definição ampla para os diferentes estilos em que um *writer* pode atuar. O tipo de mensagem, ou o que eles produzem, é chamado de grafito, substantivo singular da palavra italiana *graffitare*, que significa "arranhar", e é utilizada para designar uma forma de comunicação pessoal que expressa uma posição com relação à sociedade na qual o indivíduo está inserido (Abel & Buckley, 1977). As definições apresentadas de *writer* e de grafito compreendem um campo de estudo muito abrangente, e mesmo buscando definições mais delineadas a respeito das mensagens no contexto urbano, não foi possível encontrar muitas publicações a respeito do tema. Existe aqui a possibilidade de novas nomenclaturas e de definições mais específicas para descrever um tipo de grafito, porém restringe-se a este estudo trabalhar com a nomenclatura "*writer*", designando a pessoa que escreve, e três palavras: inscrição, mensagem e frase, para definir o tipo de grafito.

Alguns trabalhos realizados na cidade de Porto Alegre e do Porto, obtidos através de consulta aos bancos de pesquisa das universidades, foram analisados a fim de compreender quais abordagens já haviam sido feitas dentro do campo de estudo. Também foram identificadas publicações de outras cidades para ampliar a base de referências e identificar outras possibilidades de abordagem para a pesquisa. Entre os estudos encontrados, chamaram atenção duas publicações na Revista de Ciências Sociais, a primeira delas intitulada "As cidades e as artes de rua: olhares, linhas, texturas, cores e formas (apresentação)" (Diógenes, Campos, & C., 2016), um artigo desenvolvido entre pesquisadoras da região sul e nordeste do Brasil e outro pesquisador de Lisboa, em que juntos introduzem a publicação com uma apresentação ampla sobre *graffiti* e demonstram pontos em comum entre suas cidades. A segunda publicação chama-se "O Porto sentido pelo *graffiti*: as representações sociais de peças de *graffiti* pelos habitantes da cidade do Porto" (de la Torre & Ferro, 2016), onde as autoras questionam os entrevistados a respeito da legalidade e da ilegalidade das intervenções. Nesse estudo, elas apresentam imagens de murais, de *graffiti* e uma frase, "mais amor, por favor". O resultado da pesquisa apresenta

que, na opinião das pessoas, vale a pena preservar a mensagem, embora não vejam valor estético nela. Além disso, a frase gerou impacto em todos e os faz refletir.

Esses foram os estudos que mais se aproximaram a respeito de mensagens no contexto urbano. Não foram encontrados estudos em que as mensagens fossem questões centrais para investigação nas cidades. Por isso, recorreu-se a bibliografias indicadas pelo orientador, que abordassem assuntos relacionados a mensagens escritas no *graffiti*, suas definições e estudos taxonômicos. A primeira é o livro *The Writing on the Wall: toward a sociology and psychology of graffiti* (Abel & Buckley, 1977), no qual os autores fazem uma interpretação da representação que os *writers* têm ao refletirem os pensamentos psicológicos modernos da sociedade na qual estão inseridos. Nessa análise, classificam os *graffiti* em dois os tipos: público e privado (referindo-se especificamente ao ambiente privado dos banheiros), e o estudo é ampliado para áreas mais específicas, como humor, pensamentos sexuais, sexual agressivo e *graffiti* feminino, trazendo interpretações psicológicas sobre cada uma dessas vertentes.

O segundo estudo é um artigo chamado *"Looking at the Writing on the Wall: A Critical Review and Taxonomy of Graffiti Texts"*, onde Gadsby (1995) investiga as pesquisas relacionadas ao *graffiti*, cria taxonomias para elencar os estilos delas e especifica os tipos de abordagens. Destaca nove estilos em que toda pesquisa pode ser classificada: cultural, gênero, linguístico, folclórico, quantitativo, estético, motivacional, preventivo e popularizacional. E especifica em outros seis tipos de *graffiti*: latrinaria (banheiro), público, *tags*, histórico, epigrafia popular e cômico. Ainda simplifica em duas as motivações para a comunicação: conversacional e declarativa. Nesse sentido, é esboçada

uma classificação para a presente dissertação, tomando como base a proposta de taxonomia da autora (Figura 7).

	ABORDAGEM ANALÍTICA								
TIPO DE GRAFFITI ANALISADO	**Cultural**	**Gênero**	**Linguístico**	**Folclórico**	**Quantitativo**	**Estético**	**Motivational**	**Preventivo**	**Popularização**
Público									
Histórico	✔		✔	✔	✔		✔		
Cômico									

Figura 6 - Enquadramento da dissertação conforme taxonomias propostas por Gadsby (1995)
Fonte: O autor

Partindo da abordagem analítica é possível classificar a presente dissertação nas denominações: cultural, linguística, folclórica, quantitativa e motivacional. Destaca-se, na abordagem cultural, o *graffiti* como representação de uma comunidade; na linguística, as questões de expressões locais; na folclórica, a preservação de um retrato sobre uma época; na quantitativa, a mensuração das palavras recorrentes nas cidades e a comparação desses dados; e na motivacional, a validação junto aos *writers* a respeito dos porquês de escreverem na rua. As demais classificações, que não foram marcadas, podem estar relacionadas com a pesquisa, mas não foram entendidas como enfoques principais da investigação. Continuando a classificação proposta por Gadsby (1995), existem seis possibilidades de classificação para os tipos de *graffiti*. Analisando as mensagens fotografadas, foi possível classificá-las em três grupos: público, histórico e cômico. Aqui

a classificação começa a ficar restrita, visto que todas as imagens são entendidas como públicas na presente abordagem, e há mais possibilidades de organizá-las.

As definições propostas para os tipos de *graffiti* se tornam genéricas quando a temática, mensagem, é isolada. Nota-se que existe a possibilidade de classificá-las por assunto, por estética, por localização, por data de registro, por *writer*, por fotógrafo. A abordagem torna-se diferente dos estudos encontrados. A possibilidade de organizar a informação através do conteúdo das frases e por questões políticas, sociais e culturais são proposições que interessam ao investigador. Entende-se, assim, que essas relações podem ser feitas através de um novo estudo taxonômico das mensagens.

> Uma ciência que investiga as imagens e uma prática que as pretende utilizar fracassará se não se construir sobre alicerces históricos e culturais, se permanecer apenas na superfície das tipologias e nas classificações morfológicas. E, principalmente estará fadada ao insucesso se projetar e executar processos de comunicação sociocultural de maneira determinística, sem considerar as facetas sombrias e silenciosas das histórias, das pessoas e das coisas que servem de ponto de partida (e de chegada) na vida das imagens. (Baitello, 2014, p. 64)

Dessa forma, o estudo etnográfico se faz presente. Entende-se a etnografia como uma "estratégia de pesquisa que permite os investigadores a explorar e examinar culturas e sociedades que são fundamentalmente parte da experiência humana" (Murchison, 2010, p. 4). A coleta de dados e percepções acontece em primeira mão, através do contato direto entre o investigador e os *writers*, por meio de entrevistas, observação participante e troca de experiências. O objetivo é investigar o que as mensagens revelam e escondem, e a partir disso esboçar um estudo taxonômico para as mensagens coletadas, fazendo um paralelo com o contexto político, social e cultural de ambos os ambientes.

III. METODOLOGIA

Registrar as frases nas paredes não é algo novo para o investigador. As primeiras frases fotografadas no Porto não tinham o intuito de iniciar uma investigação a respeito do tema. Foi a partir dessa definição que dedicou-se a registrar o maior número de frases na cidade, e para isso foi preciso a criação de um catálogo para guardar as imagens. A medida que novas imagens eram adicionadas, novos questionamentos surgiam. Utilizando um gravador de áudio, o investigador registra estas incertezas, e relata periodicamente o que identifica, para posteriormente transcrevê-las num diário de campo. Entre as percepções iniciais estão as assinaturas dos *writers*, que aparecem com o decodificador "@", utilizado nos perfis da rede social Instagram. Entende-se que esta é a maneira mais direta para conseguir uma aproximação com o *writer* e agendar uma conversa. Dessa forma, a participação do investigador na plataforma se fez presente. Como estratégia, foi criado um perfil chamado "@paredesdoporto", para catalogar e disponibilizar todas as imagens coletadas na cidade e atrair pessoas interessadas nesse tipo de conteúdo dentro da rede.

Com base nas assinaturas identificadas, foi possível notificar os perfis dos responsáveis pelas mensagens das imagens publicadas dentro da plataforma, permitindo um primeiro contato indireto entre o investigador e o *writer*. Ao passo que as imagens eram adicionadas, outros *writers* eram identificados. Alguns colaboravam espontaneamente creditando outras pessoas que não assinavam, agregando mais nomes à lista das pessoas a serem contatadas. O investigador insere-se como entrevistador e observador participante, no âmbito da compreensão do universo de estudo, vivenciando e partilhando experiências sociais com os *writers*, podendo perceber com maior autenticidade os subtextos das inscrições.

Durante o andamento do projeto, o investigador esteve na sua cidade natal, Porto Alegre, por quase três meses, e notou o comportamento das frases no espaço público similar ao do Porto. Iniciou-se uma nova coleta de imagens e criou-se um perfil no Instagram chamado "@paredesdepoa" para armazená-las. Embora tenham sido identificadas algumas assinaturas de *writers*, não foi possível realizar entrevistas, devido à agenda e ao tempo de permanência do investigador na cidade. Aproveitou-se para fazer

outras abordagens. Foram entrevistadas pessoas que não tinham ligação com a cidade do Porto, com o intuito de captar suas percepções ao analisarem as imagens coletadas no território português. O mesmo foi feito quando o investigador volta ao Porto e realiza entrevistas para assimilar o que as pessoas percebem a respeito das frases coletadas em Porto Alegre.

Através desse paralelo entre as duas cidades foi possível captar dados que permitiram responder à questão de investigação e identificar como as mensagens refletem o ambiente onde estão inseridas. Para deixar mais detalhado, demonstra-se a seguir a metodologia por ordem cronológica.

3.1 REGISTRO DE IMAGENS DO PORTO

O registro fotográfico teve início no Porto, em abril de 2018, sem a pretensão de catalogá-las, apenas para acervo pessoal. Logo percebeu-se que as mensagens desapareciam. Algumas duravam meses, outras poucos dias. A partir dessa percepção, a urgência de registrar cada nova mensagem no ato em que elas eram descobertas aumentou, especificamente em julho de 2018. Elas não estavam apenas nas paredes, encontravam-se no chão, nos corrimãos, nos postes, nos canos; por isso, a superfície não foi fator delimitante para a investigação. Assume-se que qualquer frase, em qualquer contexto, pode ser objeto para análise. Na questão territorial, a delimitação foi necessária por duas razões: primeiro, pela maior concentração de inscrições na região central da cidade; segundo, pelo investigador rotineiramente fazer o trajeto nessas zonas, permitindo a descoberta de novas inscrições antes que fossem removidas. Assim, a área estudada compreende as coordenadas entre os Jardins do Palácio de Cristal e a estação do Heroísmo, e o rio Douro até a estação da Farias Guimarães, conforme evidenciado em vermelho no mapa na Figura 8.

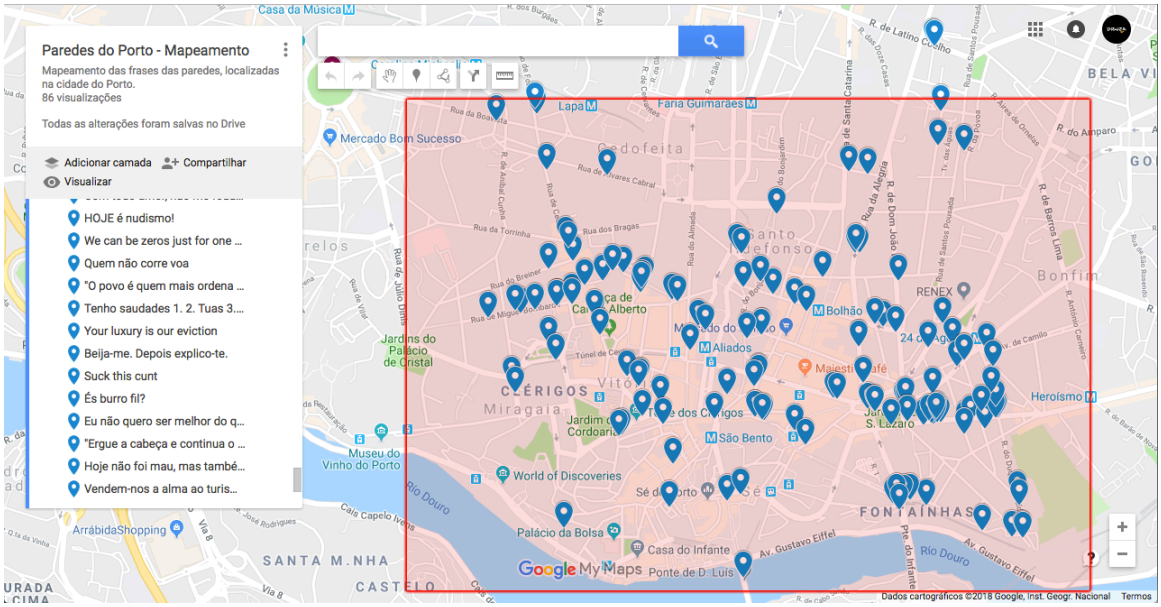


Figura 7 – Mapa do Porto
Fonte: Google Maps.

Para auxiliar nesse processo de catalogação, foi criado um perfil no Instagram intitulado “Paredes do Porto”, conforme relatado anteriormente.

3.2 DIÁRIO DE CAMPO

Desde a primeira percepção, da identificação dos *writers* na rede social, e, posteriormente, de que as frases desapareciam num curto período de tempo, passou-se a apontar o que era descoberto e questões que surgiam ao longo do percurso. Como muitas das percepções aconteciam na rua, enquanto caminhava e tirava fotografias, foi preferível utilizar um gravador de áudio do celular, para que a anotação da informação fosse mais espontânea e precisa. Assim foi possível registrar periodicamente essas observações e, posteriormente, transcrever os áudios no documento.

Essa técnica também é utilizada nas entrevistas e nas observações participantes. Ao final de cada encontro, o investigador gravava pontos relevantes abordados durante a

conversa, cuja anotação não fora possível porque poderia deixar o *writer* com a impressão de estar sendo observado, o que não é positivo para a coleta de dados. Esses eram os momentos em que as informações eram clarificadas e surgiam novos questionamentos, que poderiam servir como suporte para outros encontros. Em suma, o diário de campo tem o intuito de auxiliar o investigador a apontar percepções, questionamentos e descobertas durante o projeto de investigação.

3.3 ENTREVISTAS COM OS WRITERS

Depois da identificação dos *writers*, através da rede social Instagram, foi possível combinar encontros pessoais para realizar as entrevistas. Para isso desenvolveu-se um questionário semiestruturado com a finalidade de auxiliar o investigador a conduzir a conversa e coletar dados qualitativos. Entre as questões estão: quais são as motivações, as necessidades e os objetivos com as mensagens? Buscam uma comunicação através de um diálogo ou um desabafo? Escrevem para algum público específico? Seria uma forma de autoafirmação ou autorreconhecimento? Como define a mensagem e a técnica utilizada? Onde escreve? Zonas centrais ou qualquer lugar? São estudantes das belas artes? Seria uma falta de galerias para exporem? Quando escreve ou cola está acompanhado ou sozinho? Quantas frases escreve por vez? Como as mensagens se replicam nas redes sociais? Conhecem outras pessoas que também escrevem? As pessoas identificam as mensagens? Fazem isso por *hobbie*, ou procuram contato para trabalhos profissionais?

A partir dessa série de indagações, o investigador tem a liberdade de transitar entre os assuntos, conforme o andamento da entrevista, possibilitando imergir em temas específicos da conversa, descobrir outros pontos que não foram previamente pensados, e deixar o entrevistado mais confortável, estabelecendo um diálogo informal. Ao todo foram identificados 20 *writers*, entre os quais 12 foram entrevistados, e apenas duas das conversas não foram gravadas. Os encontros aconteceram em bares e bistrôs, próximo à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em ambientes abertos ou fechados, acordados entre ambas as partes. Apenas dois dos encontros ocorreram no atelier das artistas. Pedia-

se a permissão para que a conversa fosse gravada, caso a resposta fosse positiva, o celular era colocado sobre a mesa e gravava-se toda a entrevista, o que possibilitou a extração dos diálogos anexados ao projeto.

No final da conversa, era apresentado o perfil "@paredesdoporto" no Instagram, com todas as imagens, e pedia-se ajuda para identificar outros *writers*. Dessa forma foi possível descobrir pessoas que não assinavam seus nomes, mas estavam presentes na rede social, permitindo contatá-las e agendar entrevistas posteriormente.

3.4 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante, enquanto método da investigação qualitativa, permite ao investigador ter acesso a uma perspectiva integral e natural da área de estudo. Implica controlar os sentidos e saber utilizá-los de forma equilibrada. Ouvir, ver e ter a sensibilidade de fazer as perguntas na hora certa, respeitando o momento do próximo (Valladares, 2007). Esse processo visa compreender como as pessoas agem dentro do seu ambiente e como se relacionam com o seu entorno; no caso dos *writers*, quais associações são possíveis entre o comportamento deles e as mensagens reproduzidas.

Para isso o investigador buscou com o seu perfil na rede social Instagram a primeira credibilidade para pertencer ao grupo, estreitar relações através das entrevistas, e posteriormente combinar de encontrá-los quando fossem fazer as intervenções. Durante o projecto, foram acompanhados três dos *writers*, na parte da tarde ou da noite, enquanto escreviam ou colavam suas intervenções na cidade do Porto.

3.5 REGISTRO DE IMAGENS DE PORTO ALEGRE

No final de 2018, o investigador visita sua cidade natal, Porto Alegre, e percebe um movimento similar em relação às mensagens do Porto. Entre os dias 16 de dezembro de

2018 e 28 de fevereiro de 2019 foram fotografadas 291 imagens na zona central da cidade, como pode ser visto no mapa da Figura 9.

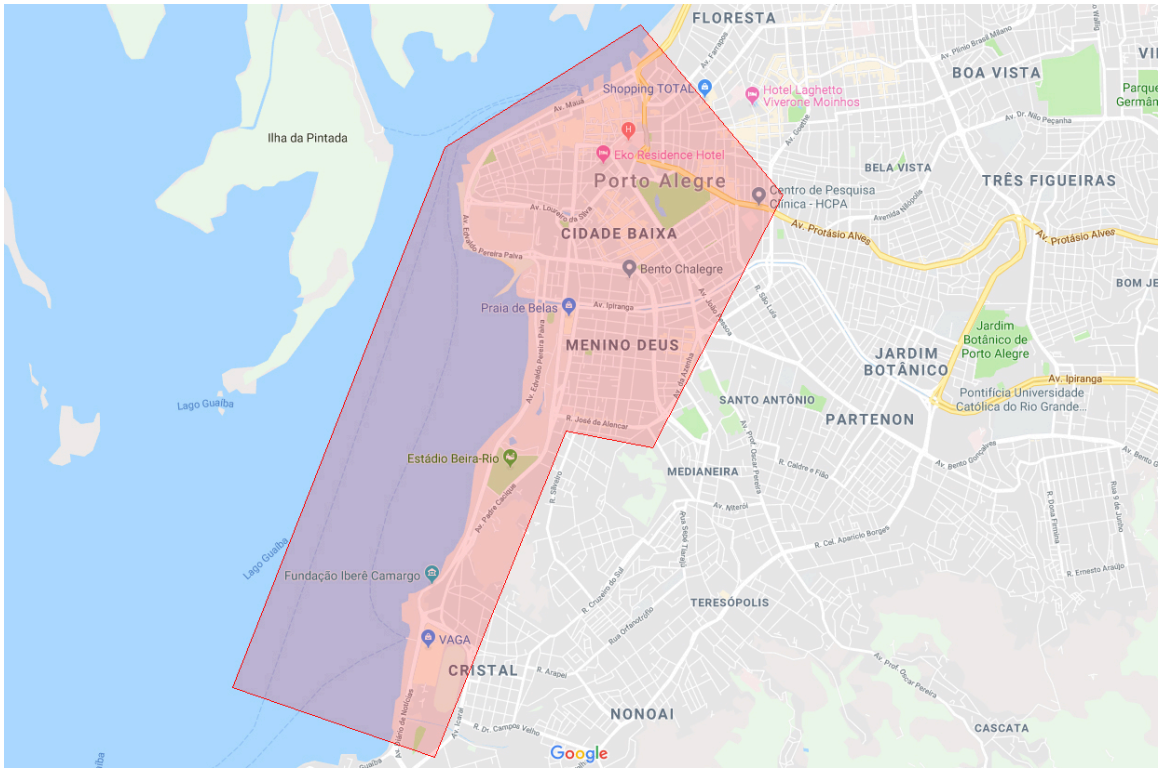


Figura 8 – Mapa de Porto Alegre
Fonte: Google Maps

Como a configuração entre as cidades é diferente, e o número populacional também, foi delimitada no perímetro urbano uma área similar à do Porto, na região central da cidade, que compreende os bairros Centro, Floresta, Bonfim, Menino Deus, Azenha e Santa Tereza. A zona demarcada na cidade de Porto Alegre tem uma configuração plana, por isso os trajetos para o registro das imagens foram feitos a pé ou de bicicleta.

Assim como no Porto, foi criado um perfil no Instagram, para auxiliar na catalogação das imagens, chamado “Paredes de Poa”.

3.6 ENTREVISTA COM PESSOAS DO PORTO E DE PORTO ALEGRE

Em cada cidade foram realizadas 8 entrevistas, totalizando 16, com pessoas de formações e de idades variadas, a fim de coletar impressões sobre as imagens da cidade oposta à que vivem, ou seja, para as pessoas de Porto Alegre apresentava-se as imagens do Porto, e para as pessoas do Porto apresentava-se as imagens de Porto Alegre. Assim, a leitura das imagens não tinha vínculos emocionais com a cidade em questão e os objetos de estudo, as frases, eram isolados.

Elaborou-se um questionário semiestruturado para conduzir as conversas e coletar dados qualitativos. Entre os questionamentos estavam: qual a impressão sobre as imagens apresentadas nas paredes da cidade? Qual a sua leitura sobre a cidade através das imagens? Consegue identificar o que acontece na cidade através das mensagens? Identifica preocupações das pessoas que escrevem com relação à cidade? Tem identificação com alguma das mensagens? Consegue perceber relevância nesse tipo de projeto?

As entrevistas foram se adaptando ao longo do processo. Elas aconteceram majoritariamente em escritórios, cafés ou restaurantes. No início pedia-se para que o entrevistado olhasse todas as mensagens antes da entrevista, sem o acompanhamento do investigador, e respondesse as questões pessoalmente. Notou-se que as respostas vinham pré-formatadas. Não era possível ter acesso às surpresas e aos comentários espontâneos que o entrevistado poderia fazer ao ver aquela frase pela primeira vez. Por isso, o investigador passou a acompanhar a visualização das imagens junto do entrevistado, deixando o celular com o gravador ligado sobre a mesa, possibilitando o acesso à estas percepções. Ao final da visualização de todas as imagens, era aplicada a entrevista semi-estruturada, aprofundada em determinados assuntos, conforme a percepção do entrevistado.

3.7 ANÁLISE VISUAL

Como em Porto Alegre haviam sido registradas 291 imagens no período de 82 dias, e no Porto um número inferior, buscou-se equiparar a quantidade de imagens em ambas cidades para realizar uma comparação mais precisa. Por isso, o período de coleta de imagens na cidade do Porto contempla mais dias do que em Porto Alegre, tendo início em abril de 2018 e término em maio de 2019. A diferença temporal pode ser compensada devido ao fato de que o tempo de permanência das mensagens nas paredes de Porto Alegre é superior às do Porto, tomando como base indícios de assinaturas datadas desde de 2014 até os dias presentes. As 582 imagens foram impressas, em formato quadrado, para facilitar o manuseio do investigador, permitir a classificação e flexibilizar a comparação entre elas (Figura 10).

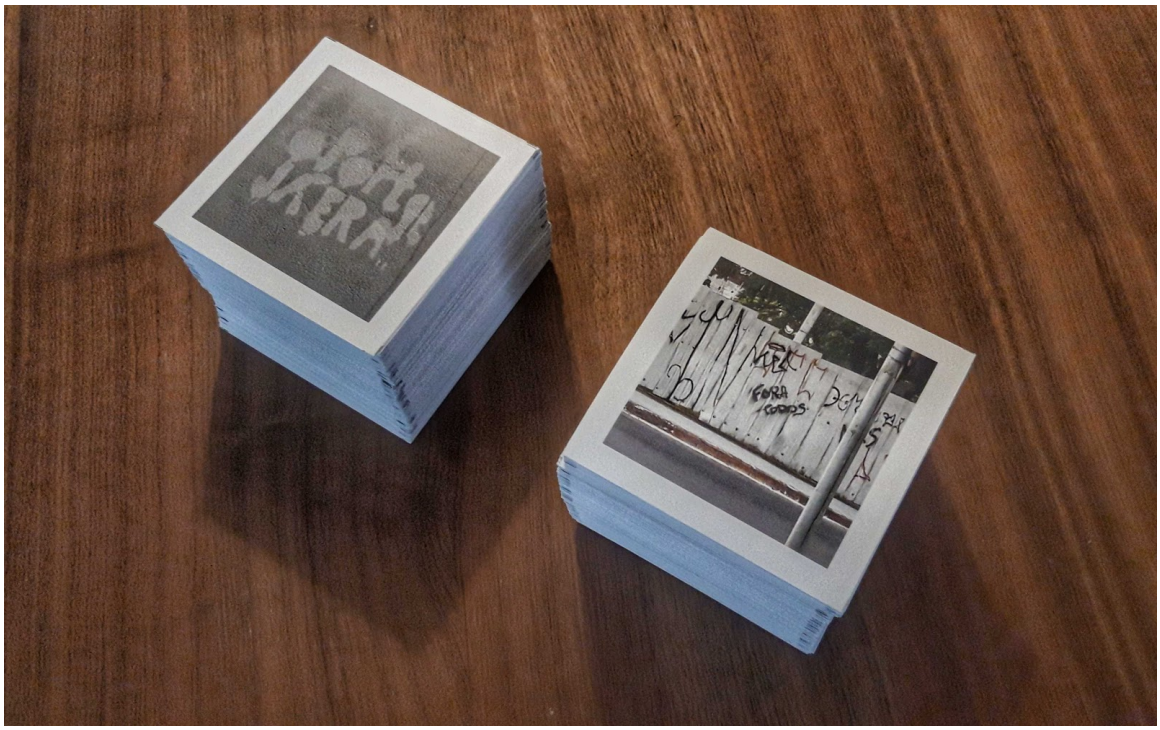


Figura 9 - Imagens impressas
Fonte: O autor.

A análise é dividida em três momentos: interpretação das entrevistas, estudos de taxonomias e desenvolvimento de uma plataforma digital para dispor publicamente o conteúdo coletado. As entrevistas com os *writers* do Porto e as pessoas de ambas cidades, servem como complemento para percepções empíricas do investigador, elucidam pontos que o próprio pode não ter percebido, e são insumos para construção das taxonomias. As classificações coletadas nas entrevistas são combinadas com os trabalhos referenciados na Revisão de Literatura, e melhor descritas no capítulo de Taxonomia e Plataforma Online. Por fim, a construção do site permite que qualquer pessoa possa ter acesso ao acervo das imagens, experimente a lista de taxonomias como filtros, e possa navegar na combinação de resultados que a seleção de uma categoria ou uma palavra pode apresentar.

IV. ENTREVISTAS

4.1 ENTREVISTAS COM WRITERS

Ao todo foram realizadas 12 entrevistas presenciais com os *writers* da cidade do Porto, sendo 8 deles homens e 4 mulheres. Foram gravadas e anexadas ao projeto 10 das conversas, as outras duas estão descritas no diário de campo. A idade das pessoas entrevistadas varia de 20 à 45 anos. Em média, os *writers* dizem ter começado a intervir no Porto há cerca de três anos, alguns há mais tempo, outros há menos tempo. No início do projeto foram criadas algumas expectativas que ao longo das entrevistas foram sendo clarificadas e, por vezes, contrariadas. Cogitava-se que a maior parte das pessoas teria formação em belas artes, e as entrevistas demonstraram que os *writers* têm formações variadas, como design, música, fotografia, teatro, biologia, enfermagem ou até sem formação. Foi percebido que a dificuldade de desenhar não é um impeditivo para que essas pessoas possam intervir, as palavras são justamente utilizadas como alternativa para expressar pensamentos e comunicar com quem as lê. Portanto, o que pode ser percebido é que todos admiram *street art* e colaboram da sua maneira para o movimento; dessa forma, sentem-se integrados ao dia-a-dia do Porto. "Pelo menos faz parte da cidade. A cidade sofre metamorfose. Chega lá uma pessoa e escreve por cima. Eu acho que é piada." (*Writer* 6, p. 146).

As entrevistas revelam que os *writers* referem-se às intervenções que produzem como um trabalho, um *hobbie*, ou uma mania. Alguns utilizam a escrita como uma forma de diário, registrando seus feitos a medida do tempo, outros escrevem por terapia, sentem-se bem ao externar sentimentos e provocações, assim como há quem aproveite as paredes para mandar mensagens específicas para alguém. "Basicamente eu acho que esses artistas de rua mexem-se mais, cada vez mais, por insatisfação própria. Quanto ao amor, ou quanto a cenas políticas." (*Writer* 4, p. 124). As razões são variadas e são pessoais. O fato é que as mensagens revelam parte da vida dos *writers* através de pequenas frases ou poemas, sejam elas autorais ou referenciando outros autores, como músicos, poetas e escritores. "Muitas coisas que eu estou a viver, as outras pessoas também estão a viver, e acho que as

pessoas podem identificar com aquilo que estou a sentir. [...] Aquilo que eu escrevo nas paredes é aquilo que está a passar na minha vida." (*Writer* 6, p. 143). Essa identificação e constante renovação das paredes do Porto desperta a curiosidade para que novos *writers* fiquem instigados também a produzir. "Eu tenho visto muita gente a escrever coisas nas ruas. Eu também poderia fazer o mesmo. Acho que tenho aqui um bom material… Pá… Não perco nada. Se isso bater à alguém, bateu, se isso não bater, não bateu. Pronto." (*Writer* 10, p. 173).

As mensagens têm o objetivo de impactar. Elas podem ser enfáticas, buscando destaque no cenário urbano, e atingir um maior número de pessoas. "Se tu escreves na parede, queres que alguém veja, se não, não escrevias." (*Writer* 3, p. 124). Outros *writers* abordam a intervenção de outra forma, posicionam como um detalhe no cenário urbano, quase uma abordagem poética para a cidade.

> Eu andava aí pela cidade e notava, é tanta informação visual que temos, que acho que não conseguimos captar quase nada. Então queria criar pequenos detalhes, que nos fizessem quebrar algumas rotinas visuais que temos, inconscientemente, em que as pessoas passam, notam que alguma coisa diferente ali está, levem consigo essa mensagem, mas continuam. Pequenos detalhes, que só quem está atento, é quem repara neles. (*Writer* 7, p. 156)

A localização das intervenções, maior parte das vezes, tem ligação com o trajeto que o *writer* faz pela cidade. Em outros casos o *writer* se desloca até lugares específicos para intervir, geralmente em busca de uma maior visibilidade.

A definição das frases acontece previamente à intervenção ou no momento da ação, não existe regra, cada *writer* tem sua preferência. Durante as entrevistas, foram levantadas questões para que os *writers* explicassem com mais detalhes como é o processo de criação das mensagens e sobre o que falam. Ao analisar o conteúdo das gravações, verificou-se que as principais temáticas destacadas foram: filosofia, reflexão, devaneio, piada, trocadilho, vocabulário, humor local e político. Estes assuntos são abordados através de poemas, poesias, textos ou recados. Maior parte deles afirmam que a construção das frases

acontece de maneira espontânea, "não forço-me a escrever. [...] Se forçar-me a escrever, estraga o processo todo. Deixa de ser uma coisa genuína, natural. Passa a ser uma coisa meia forçada só para receber atenção" (*Writer* 6, p. 148). Já outra *writer* afirma que as frases trazem visibilidade para a intervenção, e diz utilizar trechos de obras já existentes a fim de compor seu trabalho.

> Uso sempre frases de autores portugueses, porque ao início eu utilizava só o padrão, mas acabava por ser mais um elemento deixado por aí, e as pessoas passavam e ignoravam. Ao ter uma frase, parece que, inconscientemente, as pessoas lêem a frase e vão pensar sobre elas. Algumas frases são tão grandes que fazem com que as pessoas parem mesmo, ou seja, está mesmo a observarem aquilo. (*Writer* 7, p. 152)

Na maioria das vezes os poemas e as poesias são escritos em português. "Eu gosto muito da língua. [...] Escrevi um que era 'pra se amar em condições, tem que ser em português'. É bué diferente, é tudo completamente diferente. É como tu traduzires poesia. [...] Há coisas que só nós entendemos." (*Writer* 6, p. 144). Enquanto alguns deles utilizam apenas o idioma raíz para se expressar, outros preferem o inglês por diversas razões.

> Frases curtas, soam melhor inglês do que em português. [...] Quando é para coisas rudes, ou grosseiras, ou gritantes, eu prefiro o inglês. Chama mais a atenção. Pronto. E ao mesmo tempo, é também para ser acessível, porque o Porto é muito turístico. Se escrevesse em português, somente os portugueses iam perceber. Se escrever em inglês, mais pessoas iriam perceber. (*Writer* 2, p. 111)

Um ponto curioso percebido durante as entrevistas é que existem *writers* que falam até três idiomas: português, inglês e francês. Nota-se que a proximidade de Portugal com países de línguas variadas permite esse intercâmbio, e alguns *writers* aproveitam-se dessa localização estratégica para enviar *stickers* para outros países, ou seja, o *writer* pode

intervir a distância, e esse é mais um motivo para a preferência do idioma em inglês. "Já que não vou lá fora, meus *stickers* ficam internacionais." (*Writer* 3, p. 122)

> Eu antigamente fazia muita coisa em inglês, porque eu mandava muitos *stickers* pra fora. A gente troca uns com os outros, não sei o que. Oh pá, eu tava a mandar *sticker* pros Estados Unidos, pra Europa inteira, tipo, em português… O pessoal ia cagar pra aquilo, tás a ver?! Ninguém ia perceber. (*Writer* 8, p. 162).

A praticidade do *sticker* permite que o *writer* possa intervir presencialmente ou à distância, e a qualquer hora do dia, pela agilidade em fazer a intervenção. Os *writers* que utilizam marcadores, *sprays*, *stencils*, ou colam *past ups* e azulejos, preferem fazer as abordagens à noite, pois há menos circulação de pessoas. Parte deles disseram que é mais prático estarem sozinhos para realizarem as inscrições, seja pela espontaneidade do ato, seja por ser um momento pessoal. Os *writers* que preferem estar acompanhados geralmente são aqueles que utilizam *past ups* ou *stencil* para intervir, porque o auxilio de uma outra pessoa implica diretamente na velocidade da intervenção, como pôde ser acompanhado na observação participante. Também algumas mulheres relataram que preferem estar acompanhadas pois ficam preocupadas de intervirem sozinhas à noite, mas isso não é um impeditivo para elas. Duas *writers* comentaram que as intervenções também estão relacionadas aos momentos em que não conseguem dormir.

Quanto à questão legal das intervenções, os *writers* demonstram preocupação em não extrapolar o limite que vêem entre contribuir para a cidade e vandalizar. Geralmente os atos de vandalismo estão desprovidos de assinaturas de quem as emite, assim é mais difícil a identificação dos responsáveis, por isso não foi possível conversar com estas pessoas. Os *writers* entrevistados demonstram uma preocupação em utilizar partes do cenário urbano que não agridam os outros, como as caixas de eletricidade, casas abandonadas, muros de obras, postes, ou lugares onde há muitas intervenções.

> Também acho que a rua, de certa forma, é de todos, mas obviamente dentro de um respeito. Eu tenho respeito, tipo, sei lá, se tiver o trabalho de outra pessoa, pra

> começar não ponho em cima, ou qualquer coisa. Mas também se vejo uma casa toda limpinha, não vou colar ali. Porque tens tantos sítios na cidade onde podes intervir: muros de casas abandonadas, coisas que estão feias, e que tu podes até pô-las mais bonitas. Não me apetece pôr, tipo, numa casa que está restaurada. Pode estar num sítio espetacular, onde passam mil pessoas, obviamente não vou pôr, é uma questão de respeito. (*Writer* 5, p. 137)

A efemeridade das mensagens é outra questão que incomoda os *writers*, principalmente quem produz *past ups*, pois são facilmente arrancados ou sobrepostos. Eles afirmam que despendem dinheiro para fazer as intervenções e, por vezes, ficam desmotivados pois elas não chegam a durar um dia na rua. Outros encaram a constante limpeza das paredes como uma oportunidade de criar novas intervenções. Segundo eles, as mensagens que permanecem por mais tempo são as escritas com marcadores ou sprays, nas paredes ou no chão. São abordagens menos escaláveis, mas são únicas. Por isso maior parte dos *writers* entrevistados fazem uso da fotografia para registrar suas intervenções, e alguns replicam posteriormente a imagem através da rede social Instagram. Também há quem faça uso das redes para comercializar parte do trabalho que expõe na rua, em quadros e em outros *souvenirs*. A plataforma acaba por ser um ambiente onde as mensagens têm uma sobrevida e os *writers* podem ter acesso ao conteúdo que os outros *writers* estão produzindo. Além disso, moradores ou visitantes da cidade podem fotografar uma intervenção na rua e identificar o responsável através da plataforma. "Às vezes as pessoas tiram uma fotografia, e quando publicam no Instagram, põem, tipo, a própria ideia delas, ou a própria interpretação da frase, que acaba por vezes por ser diferente da minha. É a maneira como eles leram aquilo, na perspectiva deles." (*Writer* 2, p. 113).

Quando as conversas eram direcionadas para o campo da política, os *writers* tinham muitos questionamentos sobre o Brasil. Este momento era aproveitado também para conversar um pouco sobre a história do *graffiti* em Portugal, entender se as mensagens dos *writers* têm ligações com o 25 de abril e o que havia mudado nas paredes com o processo de revitalização da cidade. Todos relataram não existir qualquer ligação das frases com o movimento de 25 de abril, e alguns afirmam nunca terem visto registros das mensagens

daquela época. A respeito da mudança das paredes ao longo dos anos, um dos *writers* traçou esta leitura sobre as paredes do tempo em que Portugal estava em crise e a atual situação.

> A Troika, isto é, Portugal entrou em crise em força aqui em 2011, 2012 e 2013, foram os anos mais fortes. Ou seja, acabou por surgir mesmo na rua, como há mais manifestações, mais nas paredes, as mensagens eram, neste caso, mais dirigidas ao governo, sempre com uma questão central. O que tu notas agora, lá está... Isto mudou… Também a conjuntura econômica mudou, não estamos aqui a discutir ideologia política, se não estaremos a misturar as coisas, então tu vês as paredes a falarem mais… Do que é o problema mais permanente… É habitação, que lá está, é a Câmara do Porto. (*Writer* 9, p. 168)

4.2 ENTREVISTAS EM PORTO ALEGRE

As entrevistas feitas na cidade de Porto Alegre buscam entender a percepção das pessoas sobre as mensagens da cidade do Porto, sem elas terem qualquer ligação com o contexto urbano do local. Foram entrevistadas 8 pessoas, sendo 4 mulheres e 4 homens, de profissões e idades diversas. As respostas são variadas e apresentam o Porto através de uma perspectiva única.

4.2.1 As frases

A poesia e o humor foram pontos que mais chamaram a atenção. Os entrevistados percebem uma grande quantidade de menções a obras literárias, escritores e músicas. Destacaram a linguagem poética, refinada, e por vezes em tom de recado, como algo diferente do habitual. Também percebem que a poesia pode ser vista de outra forma, no cuidado em posicionar as intervenções, em saber deixar espaços vazios, em alinhar com o cartaz ao lado, ou posicionar num canto quase escondido. Outro ponto destacado foi o

humor. As conversas seguiram com risadas enquanto as mensagens eram lidas. Diziam perceber um tipo de graça peculiar. Irônica, rabujenta, ranzinza, bucólica, frases com duplo sentido ou nas entrelinhas; essas foram algumas das definições atribuídas ao tipo de humor do portuense durante as conversas.

Outros tipos de abordagem nas paredes também foram percebidos pelos entrevistados como uma motivação global, não só local, e acreditam que aqueles tipos de mensagens poderiam ser vistos em Porto Alegre, no Porto, ou em qualquer outro lugar. As frases sentimentais e românticas, que explanam desejos de amor ou remetem ao sofrimento. As frases de rejeição, de drama e de saudade. As motivacionais, que são mensagens positivas, otimistas, por vezes de autoajuda, felizes, divertidas. Proféticas. As mensagens antissistêmicas, que denunciam o consumo, o capitalismo e exaltam o anarquismo. A desconstrução de padrões, mensagens referentes à libertação sexual, ao corpo, e ao empoderamento feminino.

As mensagens também revelam problemas locais relacionado à política. No Porto pôde ser percebido através das paredes a presença de imigrantes palestinos, colombianos e brasileiros, que utilizam os espaços urbanos para explanarem seus gritos, mesmo estando em outro território. Já numa questão local, entendem que a política relacionada ao turismo é percebida como incômoda e conseguem identificar um possível problema imobiliário.

4.2.2 Como é o Porto?

As pessoas percebem o Porto como um centro urbano movimentado e uma cidade mais limpa em relação aos centros urbanos no Brasil, principalmente quando as mensagens nas paredes são isoladas. Também é percebido que existe uma conformação com a situação atual, permitindo que haja outros tipos de reflexões e abordagens nas paredes da cidade.

> Parece uma cidade cosmopolita, muito imigrante, eu acredito que acontece uma confluência de pensamentos, de pessoas se expressando, que não acontece muito no Brasil. Acho que, por serem de cultura europeia, e terem uma cultura artística

> muito maior que a nossa, as pessoas acabam tendo a possibilidade de se expressarem mais. (Entrevistado 8, p. 229)

> Eu vejo que o Porto é uma cidade que as pessoas não tenham tanta coisa a se preocupar, a ponto de sair na rua e pichar 'fora fulano', 'vai tomar no cu seus fascistas', porque elas vão para algo, tipo, que se permitem fazer experimentações de coisas que não necessariamente querem dizer coisas tão ao pé da letra. (Entrevistado 7, p. 224)

4.2.3 Como são as pessoas ou os *writers* do Porto?

"São mais educados" disse o Entrevistado 5 (p. 214). "Eu achei eles cuidadosos para fazer as coisas, carinhosos com a arte que eles fazem" (Entrevistado 8, p. 230), foram algumas das percepções relacionadas às pessoas da cidade a partir das mensagens. "Se essas pessoas não são artistas, se não se consideram artistas, a grande parte das pessoas que praticam isso aí, elas lêem poesia, certo, mas elas expressam as coisas poeticamente. Elas não são artistas institucionalmente" (Entrevistado 6, p. 215).

Por outro lado, também existe a leitura sobre o estereótipo do português, "do cara ser cinza, de certa forma, mas né, ranzinza, o velhinho. Tipo aquela frase 'Portugal fez de mim um velho precoce', provavelmente é disso que a gente tá falando" (Entrevistado 5, p. 212). Cria-se um imaginário através das frases, tanto físico quanto temporal. A inventividade chega ao ponto de narrar como são produzidas as intervenções. "Eles têm um tempo maior para elaborar as coisas, ou uma crítica mais aprofundada. Talvez isso seja pelo conhecimento literário que eles têm, que difere quando comparado com o nosso. Por eles terem isso, talvez eles consigam se expressar melhor." (Entrevistado 8, p. 230).

Os entrevistados percebem consciência política, não no sentido de parlamentos e estruturas governamentais, mas no âmbito de sociedade. O Entrevistado 1 (p. 188) relata, "é uma galera que sabe que faz parte daquele lugar, que movimenta aquele lugar, que só é movimentado aquele lugar porque existem eles. Locais, ou não". Nesse sentido o Entrevistado 7 (p. 226) entende que as motivações para os *writers* intervirem possa ter

relação com a agitação da cidade. “Talvez o cara tenha essa sensação de que o Porto está sendo vendido, todo privatizado, e ele colocar lá o trabalho dele numa parede, seja algo como ele se sentir parte da cidade.”

4.2.4 O turismo

> A gente pode entrar na questão da vitrine, existe uma movimentação da cidade para se projetar, pra se mostrar, pra se comunicar principalmente. Talvez seja essa relação com o turismo e também uma comunicação sem freio, porque falam mal do turismo. Então, de repente, é importante pro turista saber desse descontentamento, de quem mora lá. (Entrevistado 1, p. 185)

Complementa seu entendimento de que os avisos servem como um alerta para o próprio turista, no sentido de “estou ciente de que eu gero impacto pra esse lugar onde eu tô chegando. Sejam eles positivos, sejam eles negativos.” (Entrevistado 1, p. 186)

As mensagens também direcionam para a temática da habitação.

> Ao mesmo tempo eles criticam o turismo, o preço dos aluguéis, não sei se é isso especificamente, talvez tenha alguma taxa... Por exemplo, esse do ‘Portopólio’, depois teve outros ‘vendem-nos a alma ao turismo’. Vi bastante isso, que os caras estão insatisfeitos com alguma postura do governo perante esses dois aspectos. (Entrevistado 5, p. 210)

As mensagens não denunciam o problema com muita clareza, por isso permitem interpretações amplas do que pode estar acontecendo, principalmente levando em consideração o distanciamento que a pessoa tem com relação ao ambiente da cidade. “Talvez as políticas adotadas por este prefeito sejam muito voltadas ao turismo e as necessidades da população acabam ficando em segundo plano.” (Entrevistado 7, p. 225)

4.2.5 A política

As mensagens políticas são menos direcionadas à esfera política, têm mais na relação com o indivíduo ou barreiras da própria sociedade, como o feminismo e a aceitação do corpo. Diferentemente de Porto Alegre, as mensagens políticas dificilmente referem-se a uma pessoa específica, e são menos agressivas no Porto.

> A diferença que eu vi aqui, é que a política está muito mais escondida numa poesia, do que algo mais cru. Pode ser porque no Brasil os problemas políticos são muito latentes na vida das pessoas, eu acho que isso se torna mais cru, e mais direto, quando tu vê as pinturas na rua. (Entrevistado 7, p. 222)

4.3 ENTREVISTAS NO PORTO

O mesmo roteiro semiestruturado utilizado para conduzir as entrevistas em Porto Alegre foi aplicado no Porto para investigar a percepção inversa a respeito do que os portugueses dizem sobre as frases de Porto Alegre. Também foram entrevistadas 8 pessoas, sendo 4 mulheres e 4 homens, de profissões e idades diversas.



Figura 10 - Escola Estadual Presidente Roosevelt, Porto Alegre (2018)
Fonte: O autor.

As imagens que mais despertaram curiosidade durante as entrevistas foram as do colégio Presidente Roosevelt, com as frases dos alunos expostas do lado de fora (Figura 11). Nesse momento, as pessoas paravam mais tempo para olhar. Alguns pontuaram como um momento de respiro durante a entrevista, outros atentavam para as relações que existem entre as mensagens das crianças e as dos adultos. Um dos entrevistados dizia nunca ter visto isso, outro dizia ter vivido exatamente aquilo. Foi um momento que aconteceu em todas as conversas, e por isso foi questionado se a filtragem aplicada na pesquisa está correta, ou seja, se estas mensagens deveriam ser abordadas de maneira diferente. A delimitação estipulada para a aceitação de uma imagem no projeto é de que ela seja uma mensagem e tenha sentido, não importando a superfície na qual está exposta, apenas o conteúdo que as frases apresentam, portanto é entendido como correto manter as imagens na investigação. Sugere-se um estudo mais apurado sobre essa temática específica em trabalhos futuros.

4.3.1 As frases

O conteúdo político das frases é o que mais chama atenção. São destacadas as palavras de ordem, a linguagem agressiva, e tom da mensagem urgente.

> Por exemplo, estes 'anti facho,' isso é uma imposição, ou 'a polícia mata', isso é uma imposição, é quase como que alguém dizer 'a polícia mata', se tu disseres isso é por estares a concordar, não é?! Não que isso seja errado tu concordares, se tu disseres 'a polícia mata!' é um grito. É uma coisa… 'Ele não', é uma imposição também. São mensagens diretas, com um objetivo. (Entrevistado 13, p. 265)

A leitura por parte deles transforma as frases escritas em sons. "Apelam muito à ação, são frases… É uma comunicação agressiva. Direta. 'Tan, tan, tan, tan' (faz sons demonstrando o ritmo das frases). [...] Ouves barulho nas palavras" (Entrevistado 10, p. 249). Destacam a expressividade, a objetividade e a simplicidade das mensagens. Também percebem os ataques diretos aos nomes dos políticos (prefeito, governador, ex-presidentes e presidente) e os diferentes posicionamentos que podem ser percebidos com relação a essas personagens.

> O que me surpreendeu foi a cena política. Tem muito… Fora Lula, Fora Dilma, Fora Temer, do Bolsonaro… Tipo, é uma cena constante. Por exemplo, não é uma cena do momento. Não foi só contra o Bolsonaro, já vem de algum tempo para cá que o pessoal tenta demonstrar descontentamento com o governo. Foi a cena assim que me chamou mais atenção. Comparando com Portugal… no Porto… Acho que não vejo tantas cenas políticas do tipo 'fora o governo', 'fora o ministro', lá está… Aí tem muito mais. (Entrevistado 14, p. 268-269)

Os entrevistados identificam um descontentamento generalizado, porém não conseguem perceber exatamente o que está acontecendo somente por aquelas mensagens.

Nota-se que existem grupos variados de pessoas, com diferentes necessidades de manifesto e variados tipos de mensagem. “Em Porto Alegre vês que muitos deles não são pela arte de grafitar mesmo, é mesmo só a mensagem” (Entrevistado 10, p. 247). Numa das conversas, o entrevistado apontou as lutas raciais como algo curioso entre as mensagens. Outra entrevistada disse,

> Fiquei com a sensação que estas mensagens quando são escritas... são tipo... sem querer receber. Deixam essa mensagem sem, de uma forma, sem receber nada de volta. [...] é como se fosse um desabafo e pronto.[...] Há umas que são mais agressivas, mas normalmente quando é contra o governo. Depois, pronto, têm outras mais inspiradoras. [...] e depois há aquelas mais *hippies*, sobre o amor. (Entrevistado 16, p. 276)

Com o intuito de avaliar a síntese da percepção dos entrevistados com relação às mensagens, foram adicionadas duas questões ao final das entrevistas para identificar quais as cinco palavras e os assuntos mais lembrados. A palavra mais citada foi “amor”, também foram citadas mais de uma vez, Bolsonaro, voto, “ele não”, feminismo, Temer e Jesus. Além desses termos foram mencionados as palavras: fora, medo, injustiça, mulher, violador, violência, sátira, poesia, poder, liberdade, anarquia, Lula, resistência, filosofia, coletivos, artistas, Toniolo, mensagem, originalidade, diversidade, anti-patriarcado. O assunto mais lembrado pelos entrevistados foi política, posteriormente feminismo, amor, polícia e aborto. Também foram mencionados poesia, política partidária, mensagens de consciência, comédia, religião, governo, frases motivacionais, alienígenas, sexual, anarquista, ambiental, econômico, amor próprio, direitos e igreja.

4.3.2 Como é Porto Alegre?

Segundo os entrevistados, Porto Alegre é mais ampla, mais intervencionada, há agitação, principalmente noturna, mas existem zonas desconfortáveis e perigosas. “Pelas fotografias, em si, tipo, tem uma zona mais pobre, tem uma zona, assim, de classe média.

[...] Acaba por ser uma cidade bastante completa, no sentido… Têm vários ambientes." (Entrevistado 14, p. 268). Já o Entrevistado 11 (p. 250) refere-se ao ambiente com "cores terra. Aquelas estradas com asfalto, mas assim, gasto. Calor. Movimento".

"Me parece ter bué de vida e com bué jovens, se calhar também. Não me parece que seja só pessoal tipo, pais, essas coisas né." (Entrevistado 13, p. 264) A entrevistada (Entrevistado 11, p. 250) complementa, "uma vida noturna também agitada. E perigo, através dos avisos.". As mensagens nas ruas acabam servindo como alerta, e o aspecto do lugar transmite sensações aos observadores através das imagens. "Sente-se medo. Não sei… Não é confortável. Não ia me sentir confortável, acho eu, não é?! (risos) Tem de tudo. Depende do que estamos a falar, e para onde eu vou, porque parecem sítios diferentes, que comunicam todos." (Entrevistado 10, p. 245)

Outro entrevistado (Entrevistado 12, p. 257) pontua: "tem aí lugares muito feios (risos)... Foda-se… Tem aí paredes muito feias e casas muito feias, mas também deu pra ver aqui que tinha imagens de ruas e lugares bonitos".

> Falando propriamente dos edifícios, que vi em várias fotos, e aqui em Portugal não tem, que é as grades. Isso todos os edifícios em Porto Alegre, acho que é no Brasil todo, que são rés-do-chão, ou seja que é o piso zero, tudo tem grades! Tudo, tudo! E aqui no Porto, aqui em Portugal não. [...] Portanto, daí, eu consigo, na minha opinião dizer que deve ser uma cidade não tão segura como o Porto. Mas acho que, num geral, o Brasil não é tão seguro quanto Portugal. Foda-se, Portugal comparado com o Brasil é uma brincadeira. (Entrevistado 12, p. 257)

4.3.3 Como são as pessoas ou os *writers* de Porto Alegre?

A maior parte dos entrevistados entende que os *writers* são majoritariamente jovens, e refletem a vida jovem da cidade, seja através das mensagens de luta, seja através de devaneios. Não conseguem especificar um perfil, "qualquer pessoa pode se manifestar. Eu vejo tudo. Vejo mulheres, vejo homens, vejo adolescentes, vejo adultos, vejo negócios a se manifestarem, Instagram e *whatever*. Vejo, simplesmente, olha, me apeteceu desenhar

na parede." (Entrevistado 11, p. 251). Outros acreditam que "deve ser pessoal artístico. Ou pelo menos com alguma veia, ou músicos, ou algo assim. Pelo menos parece. Principalmente os da poesia, devem ser músicos, ou artistas, ou qualquer coisa assim." (Entrevistado 13, p. 263).

Também conseguem fazer uma análise sobre os comportamentos opostos na maneira de expor um pensamento. "Se tu reparares tudo que são poemas, está feito com uma fonte em computador, impresso, e bem colocado, ou seja, há todo um cuidado. [...] No outro lado 'é justo rebelar-se'. É justo! É isso. São os contrastes." (Entrevistado 11, p. 253) (Figura 12).



Figura 11- Contrastes, Porto Alegre (2018)
Fonte: O autor.

4.3.4 A política

"Eu acho que a mensagem política, no Brasil, é muito mais forte do que aqui." (Entrevistado 9, p. 242) "Chegou uma altura que se falava mais da política do Brasil do que da política de Portugal, o que é incrível." (Entrevistado 11, p. 252). O reflexo do

momento que o Brasil viveu em 2018 foi percebido pelos entrevistados, inclusive afirmaram terem visto intervenções de brasileiros nas paredes da cidade do Porto.

O entrevistado (Entrevistado 9, p. 242) entende que em Porto Alegre "há mais crítica política à pessoa que controla o local. E depois quem controla o estado, e depois quem controla o país". Também fazem a distinção entre os apoios aos políticos. "Aparece às vezes 'o povo está com o Lula', às tantas já está 'Lula na cadeia'. E todas as mensagens contra o Bolsonaro, portanto, vê-se que há uma insatisfação com os políticos." (Entrevistado 16, p. 278).

> O lado positivo é o facto das pessoas mostrarem que querem a nível político, por exemplo, mudar e alterar a situação política onde se encontram nesse momento. Isso surpreende-me. Surpreende-me também que no Brasil haja muito essa vontade de lutar pelos direitos humanos, de gênero, sexo, religião, raça, o que for. Surpreende-me também o modo diferente que tu aqui fotografaste. Há aqui coisas completamente diferentes. [...] É interessante ver que há muita diversidade da maneira de como as pessoas fazem isso. (Entrevistado 12, p. 256)

Ao comparar as mensagens das paredes de Porto Alegre com as do Porto, (Entrevistado 9, p. 242) destaca, "aqui (Porto) eu sinto que é uma crítica à maneira como a cidade foi se adaptando ao longo do tempo. Não é tanto uma crítica política, ou seja, é uma crítica social, mas não é uma crítica muito política". Avalia que a crítica não é direcionada a uma entidade específica, mas denunciam uma série de medidas tomadas direcionadas ao turismo que acabaram por transformar o comportamento da cidade.

4.4 COMPARAÇÃO ENTRE AS CIDADES

Ao longo das entrevistas eram abordados assuntos que acabavam por comparar as cidades e naturalmente eram percebidas semelhanças e diferenças entre elas. Como as

percepções se complementavam, foi criado este capítulo para abordar as assimilações de forma integrada.

4.4.1 Semelhanças

Foram apuradas todas as classificações que os entrevistados do Porto e de Porto Alegre expuseram como semelhantes e organizadas conforme o investigador percebia relação entre os assuntos. Primeiramente, foram divididas em dois grupos: mensagens e personagens. Entre as personagens foram identificados os *Instagramers*, pessoas que utilizam a rede social para expor suas intervenções, os jovens, os artistas, os anarquistas e os reacionários. Já as mensagens foram divididas em três grupos e diferentes sub-grupos, são eles: político (reacionário, antissistêmico, movimento *punk*, anarquista, destruição do estado), sentimentos (amor, saudade, positiva, amizade), e causas (direitos humanos, LGBT, feminista). Para facilitar a visualização do estudo de classificação, foi criada a Figura 13.



Figura 12 - Semelhanças entre as cidades segundo as entrevistas
Fonte: O autor.

4.4.2 Diferenças

A principal diferença percebida entre as mensagens das cidades é a estética. Em Porto Alegre elas são mais sujas, têm mais interferências, são gastas ou sobrepostas, e permanecem mais tempo do que no Porto, pois não há interferência da prefeitura na manutenção da limpeza das paredes, como relatado em anexo no Diário de Campo. No Porto as imagens têm menos interferência, em parte pela remoção constante das intervenções, em parte pelo estilo cuidadoso de intervir. Ao serem questionados a respeito das principais diferenças entre as mensagens das cidades, citam o vocabulário, as siglas, as expressões, os nomes de entidades locais e a forma de abordar determinados assuntos.

Um dos fatores que diferem entre uma região e outra é a política local. Atentar para como isso é refletido nas paredes foi o que as entrevistas buscaram elucidar. As mensagens de Porto Alegre referem-se maior parte das vezes a nomes de políticos ou a grupos específicos. O Entrevistado 12 (p. 258), do Porto, destaca, "não vês tanto isso em Portugal, ou no Porto, 'ah, Antônio Costa, Marcelo Ribeiro de Souza vão pra o caralho'. 'Fora…'. As pessoas tão contentes… Acho… Num geral estão felizes com a situação política de Portugal neste momento". No Porto poucas mensagens atacam um político diretamente, e quando fazem isso utilizam o artifício do humor para suavizar. As frases estão mais relacionadas aos problemas que o turismo e a habitação geram na cidade.

Outro assunto pontuado como diferente é a questão religiosa. "É interessante, porque nós aqui em Portugal não temos tanto. Ou, pelo menos, a quantidade que tu mostras, não se nota tanto aqui" (Entrevistado 11, p. 135). E continua, "ao mostrar aquelas imagens mesmo fortes, *graffitis* agressivos e depois, a seguir, a parte da religião, faz um contraste muito bom mesmo". Enquanto no Porto todas as vezes que a temática religiosa era abordada, foi tratada como piada, em Porto Alegre, parte das vezes foi tratada como piada, e, outras vezes, o assunto foi abordado de maneira séria.

Ao classificar o tom da linguagem do brasileiro, destacam que algumas mensagens são mais ríspidas, chocantes e apresentam erros. "Têm muitos erros ortográficos, mas é um erro consciente. Sabes que não dizes 'as mina', e tu sabes, e vais escrever assim na mesma porque se diz, mas sabes que é um erro" (Entrevistado 13, p. 262). Destaca que, em

Portugal, se a pessoa comete um erro ortográfico torna a mensagem mais fraca. Se a linguagem do português, por vezes, é mais rebuscada, a do brasileiro, majoritariamente, é mais direta. Logo, os poemas e textos mais longos são mais comuns serem vistos na cidade do Porto, e as frases mais curtas e direto ao ponto predominam em Porto Alegre.

V. TAXONOMIAS E PLATAFORMA ONLINE

Levando em consideração as informações coletadas nas entrevistas e na observação participante com os *writers* do Porto somadas aos estudos citados no capítulo de Revisão de Literatura, dos autores Gadsby (1995) e Abel & Buckley (1977), iniciou-se um esboço taxonômico das frases, a fim de definir e organizar o conteúdo coletado em ambas as cidades. Visto que os estudos apresentados têm aproximadamente 20 e 40 anos, respectivamente, e abordam a temática das mensagens de maneira ampla, é entendido que a presente dissertação pode contribuir para aprimorar essas classificações, propondo uma atualização na forma de organizar a informação com base nas frases registradas. É importante destacar que, diferente dos estudos desses autores, as taxonomias propostas a seguir são exclusivamente referentes às mensagens no espaço público; qualquer outro tipo de intervenção fora desse contexto não está contemplado nesta abordagem.

Depois de testar as classificações dos autores, buscou-se informações nas entrevistas a respeito das percepções sobre as frases, e assim foi formatada uma proposta de organização. Para cada grupo de entrevista (*writers*, pessoas do Porto e pessoas de Porto Alegre), foi feita uma organização taxonômica a partir das respostas dos entrevistados, transformando-as em palavras-chave e agrupando-as por semelhança.



Figura 13 - Taxonomia das frases a partir das entrevistas com *writers* do Porto
Fonte: O autor.

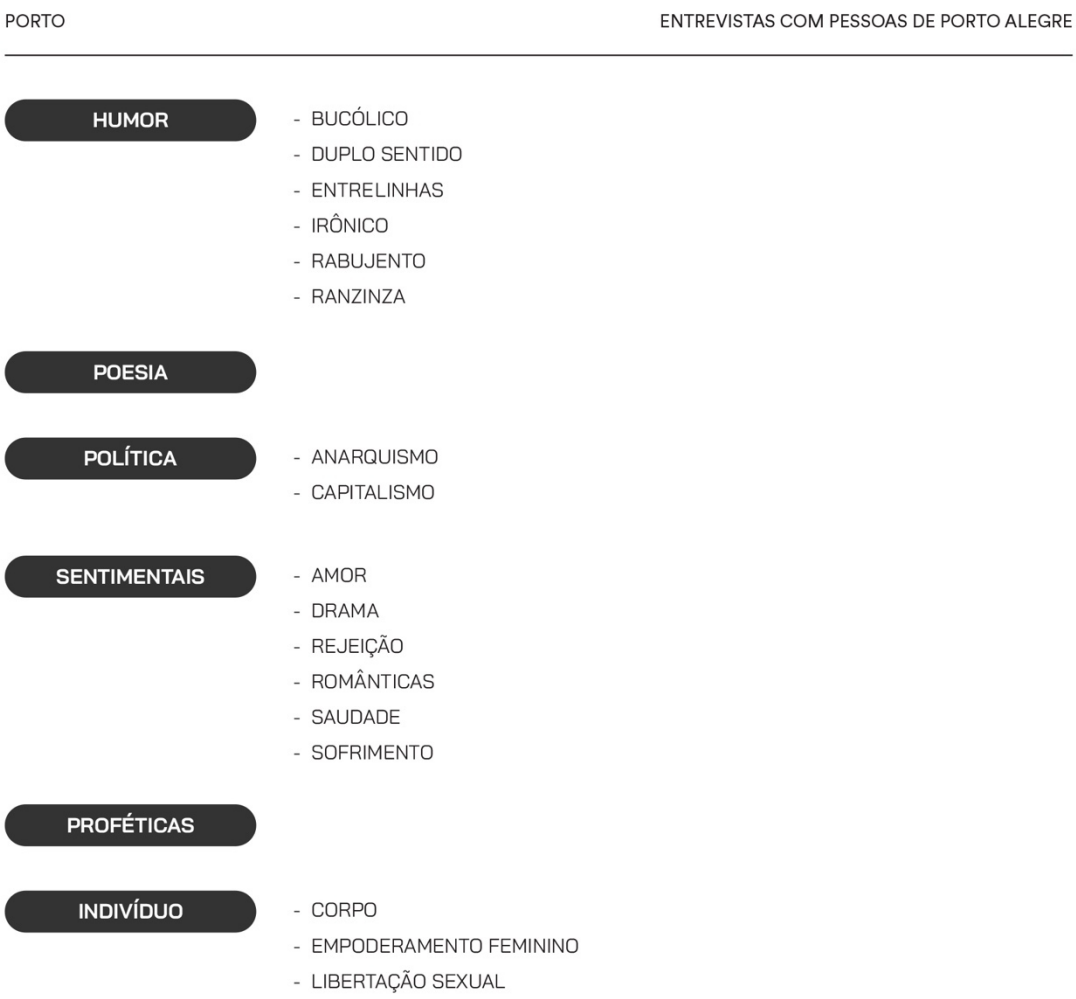


Figura 14 - Taxonomia das frases do Porto a partir das entrevistas com pessoas de Porto Alegre
Fonte: O autor.

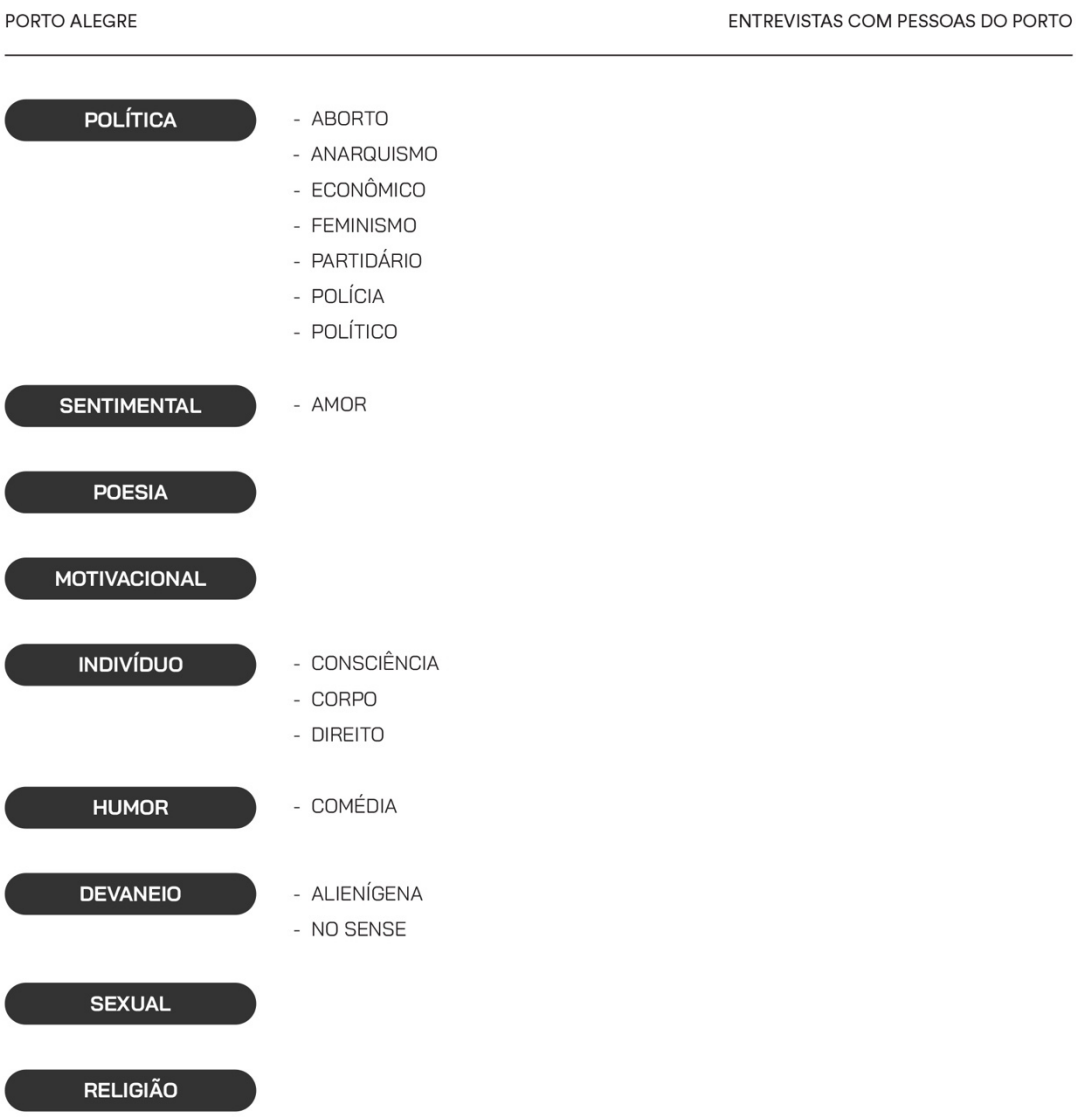


Figura 15 - Taxonomia das frases de Porto Alegre a partir das entrevistas com pessoas de Porto
Fonte: O autor.

Ao analisar as três propostas de classificações (Figuras 14, 15 e 16), percebeu-se que algumas nomenclaturas se repetiam, destoavam ou não eram contempladas pelas entrevistas. Assim, construiu-se uma nova organização compilando todas as definições

apresentadas e acrescentado novas nomenclaturas conforme a necessidade. O estudo pode ser visto na Figura 17.



Figura 16 - Estudo taxonômico das frases dos Portos
Fonte: O autor.

Ao classificar manualmente as 592 imagens com base nesse estudo de organização, percebeu-se que os assuntos das mensagens estavam misturados com as informações utilizadas para definir os *writers*. A forma como a mensagem era expressada também podia ser encaixada em diversas categorias. Ao longo deste processo entendeu-se que muitas das frases eram polissêmicas, ou seja, apresentavam mais de um sentido, e isso dificultava o manuseio das imagens impressas, principalmente pela falta de agilidade na união semântica entre as frases, visto que só existia um cartão para cada mensagem (Figura 18).



Figura 17 - Testes manuais
Fonte: O autor.

Com o intuito de auxiliar nessa etapa do projeto, recorreu-se a uma solução digital através da qual fosse possível ter flexibilidade para organizar as mensagens, facilitando a apresentação delas quando filtradas pelas taxonomias definidas e dispondo o conteúdo *online* para que outras pessoas pudessem ter acesso ao estudo. Também a plataforma permite a catalogação de *tags*, que podem ser utilizadas para contabilizar os termos recorrentes de ambas cidades. Dessa forma, desenhou-se um site em conjunto com o

desenvolvedor Fernando Bombassaro, a fim de otimizar o estudo das classificações (Figuras 19 e 20).

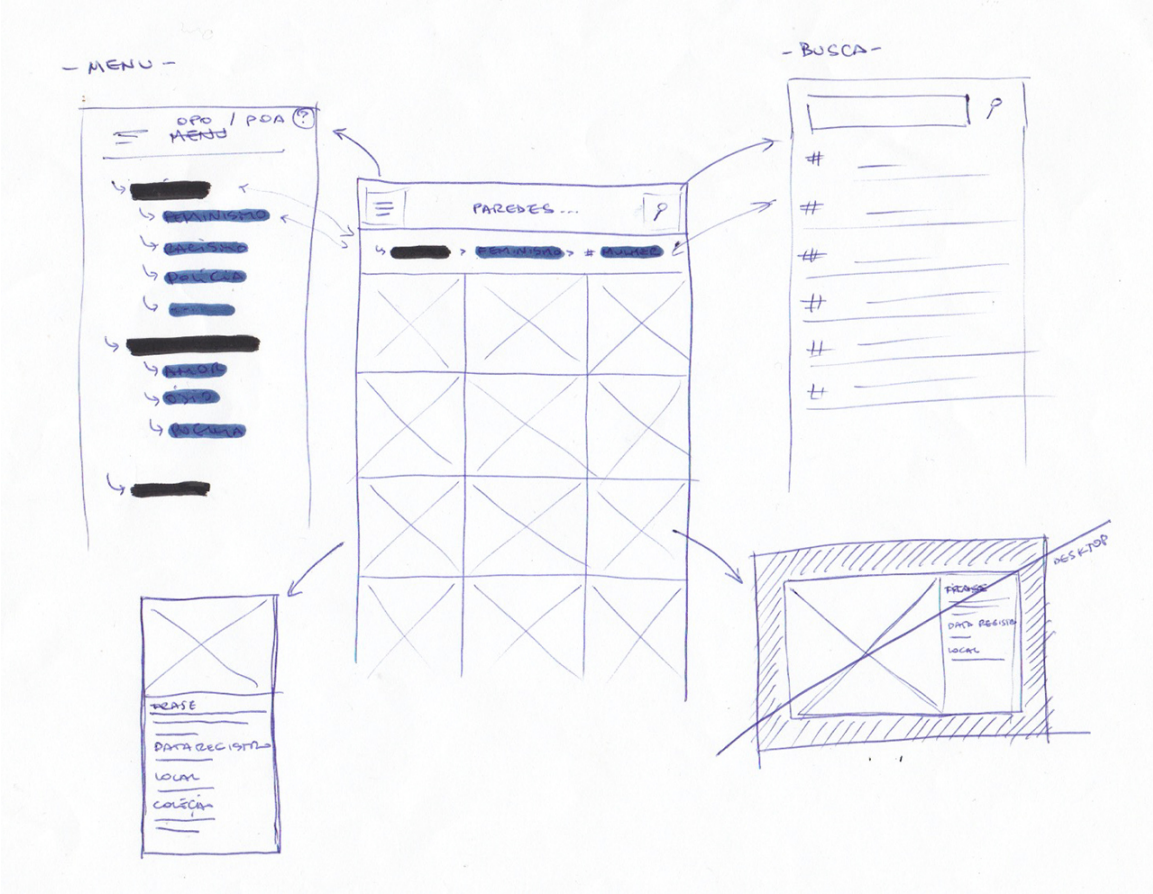


Figura 18 - Esboço manual da ferramenta
Fonte: O autor.

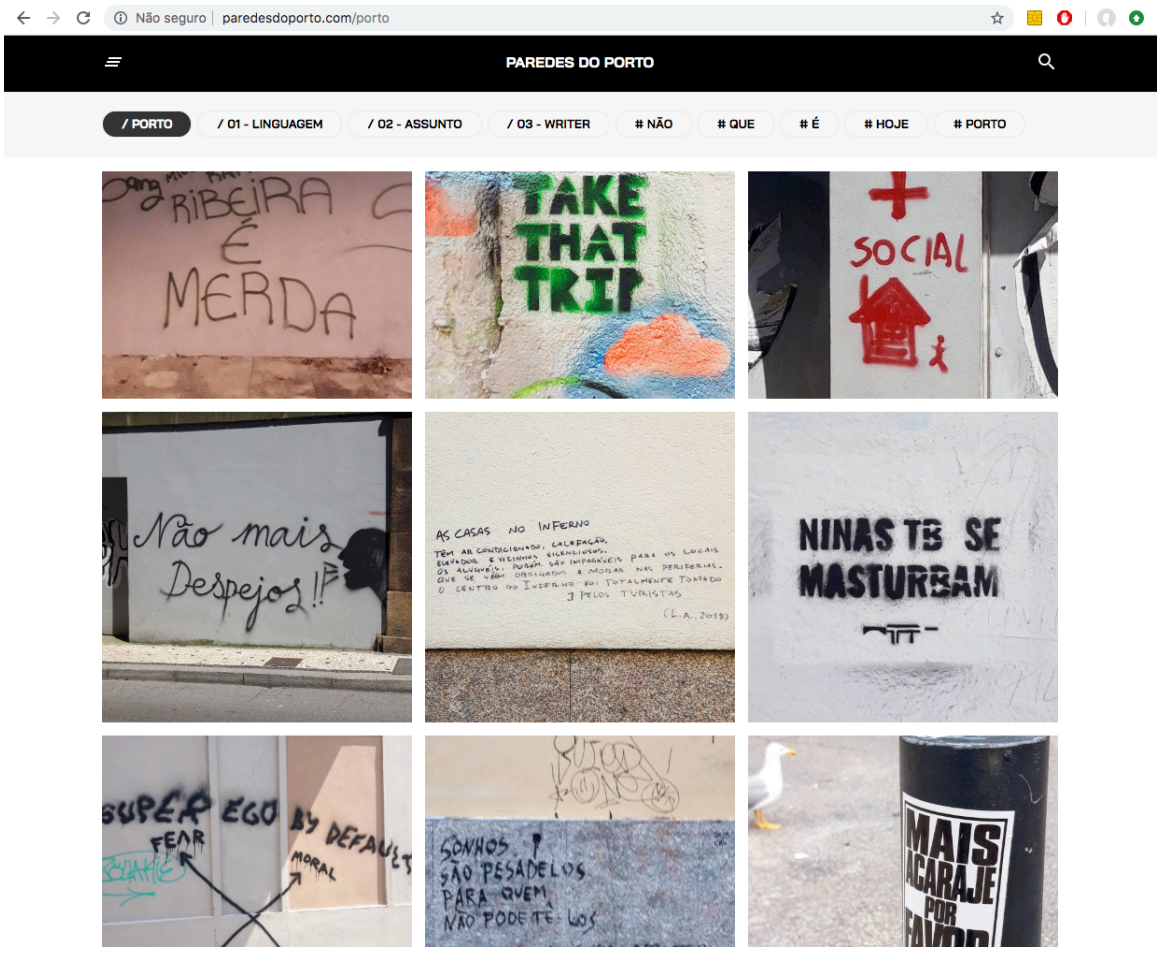


Figura 19 - Ferramenta digital para taxonomia
Fonte: O autor.

A partir dessa experimentação, foi possível ter flexibilidade para testar a melhor disposição do estudo taxonômico e definir padrões de comportamento entre as cidades. Foram percebidas três possibilidades de classificações para as frases: elas podem ser agrupadas por linguagem, definindo o tom da mensagem exposta; por assunto, pontuando sobre o que elas falam; e por *writer*, pessoas que assinam suas mensagens. Nas Figuras 21, 22 e 23 fica demonstrado como as taxonomias se comportam dentro desses grupos.

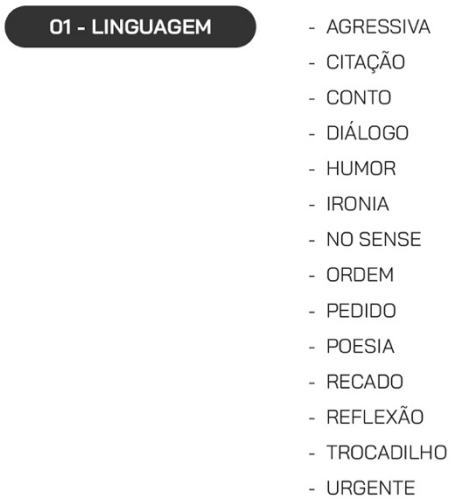


Figura 20 - Proposta de taxonomia - Linguagem
Fonte: O autor.



Figura 21 - Proposta de taxonomia – Assuntos
Fonte: O autor.



Figura 22 - Proposta de taxonomia - *Writers*
Fonte: O autor.

Essas três propostas de taxonomias têm como base as similaridades percebidas entre as mensagens das duas cidades. Cada uma delas tem sua peculiaridade; por isso, na ferramenta, os assuntos foram divididos entre "gerais" e "outros". Dessa forma, é possível agrupá-los por semelhanças e por diferenças, permitindo a extração de informação a partir da análise de um conjunto de imagens atreladas a uma determinada taxonomia.

A plataforma pode ser acessada através do endereço www.paredesdoporto.com.

VI. INTERPRETAÇÃO

6.1 TERMOS RECORRENTES

Utilizando a ferramenta desenvolvida, foram contabilizadas quantas vezes cada palavra apareceu em cada cidade. O objetivo dessa análise quantitativa é verificar as percepções levantadas durante as entrevistas e avaliar os dados obtidos. Assim, foram selecionadas e expostas por ordem de frequência nas Figuras 24 a 34 as 60 palavras que mais apareceram em cada uma das cidades.

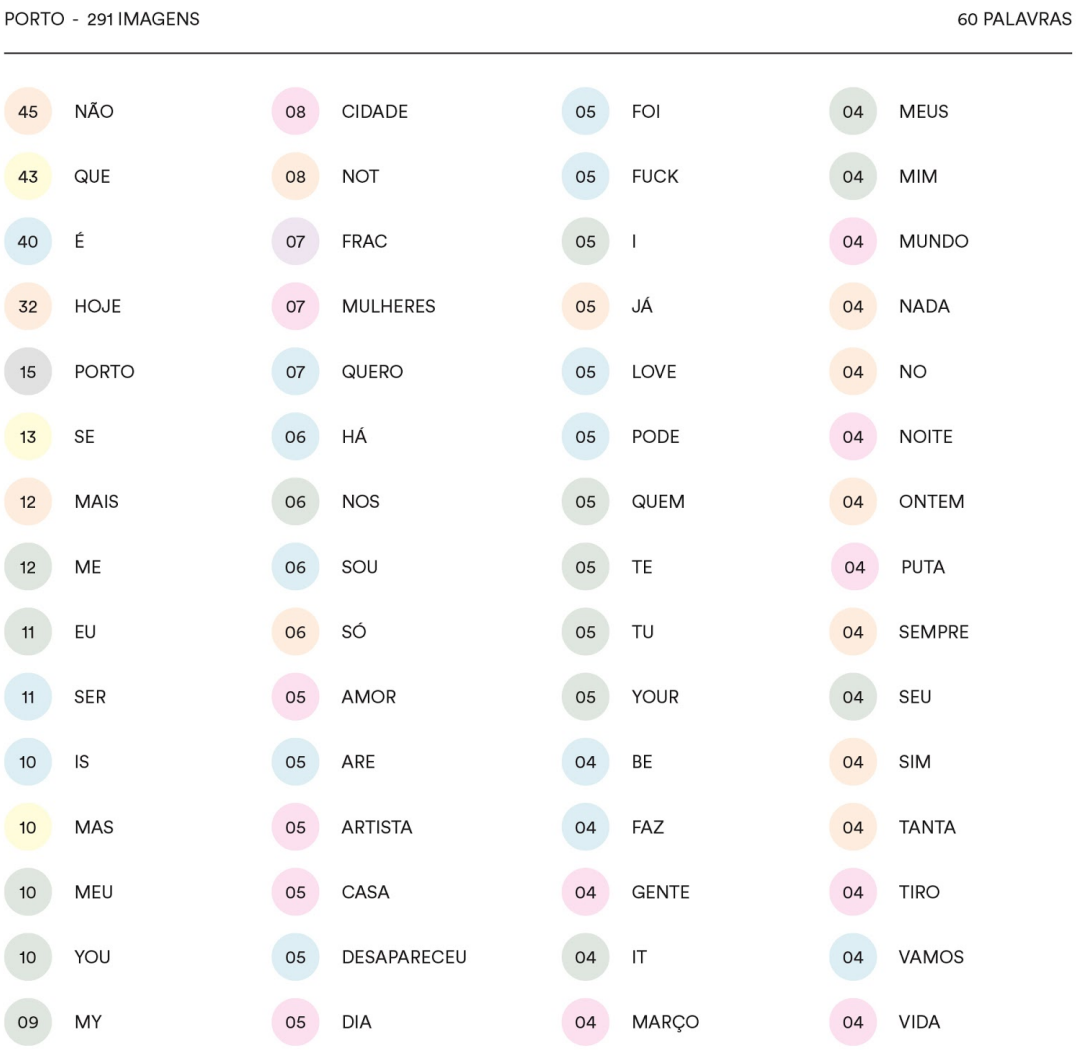


Figura 23 - Lista de palavras recorrentes, Porto
Fonte: O autor.

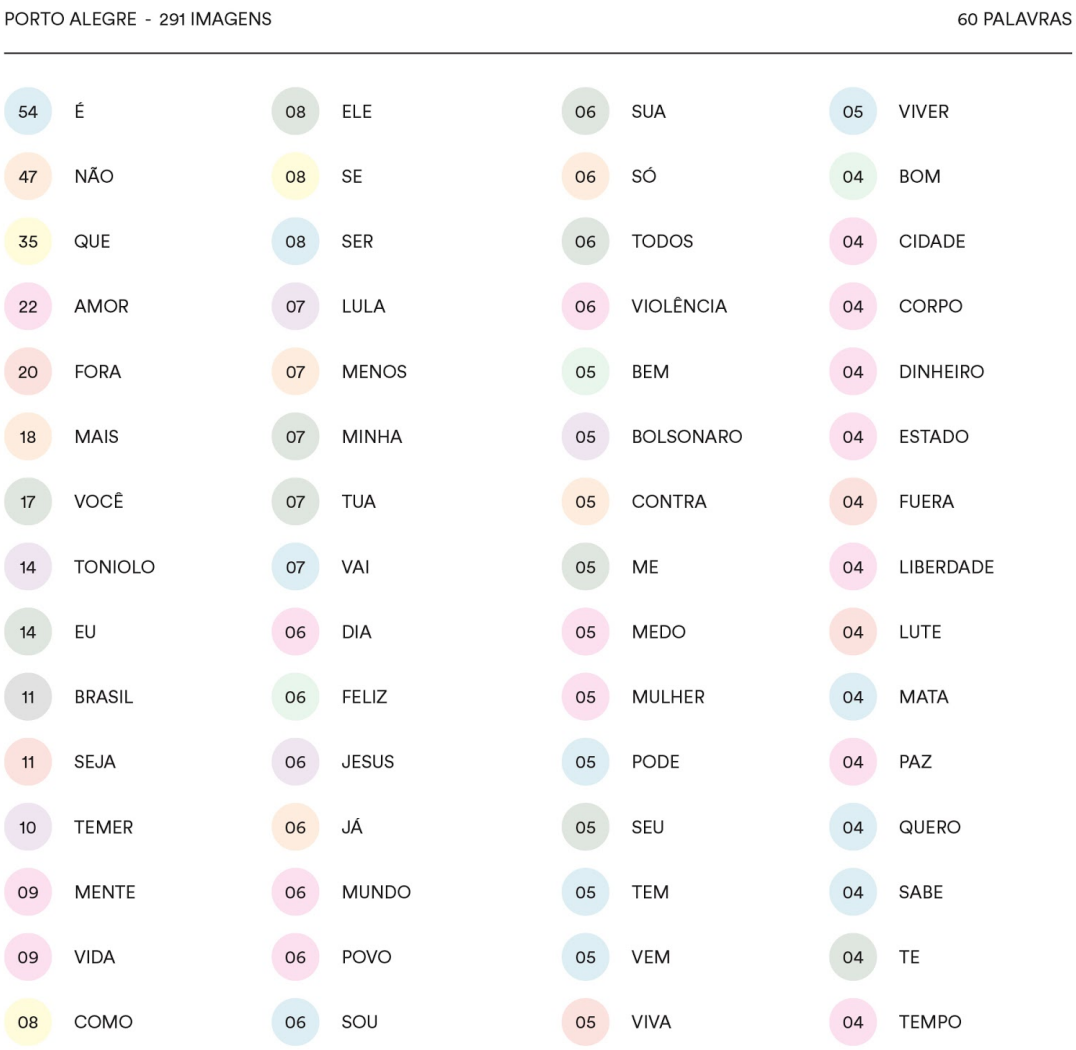


Figura 24 - Lista de palavras recorrentes, Porto Alegre
Fonte: O autor.

As três primeiras palavras que aparecem em ambas cidades são iguais: “é”, “não” e “que”. Um verbo, um advérbio e uma conjunção. Para facilitar a visualização e a comparação das palavras entre as cidades, foram separadas e agrupadas por classes gramaticais: verbos, advérbios, substantivos, pronomes, nomes próprios, conjunções, localidades (cidade, estado, ou país) e interjeições.

A seguir estão apresentadas Figuras por grupos de palavras e uma análise empírica sobre os cenários.

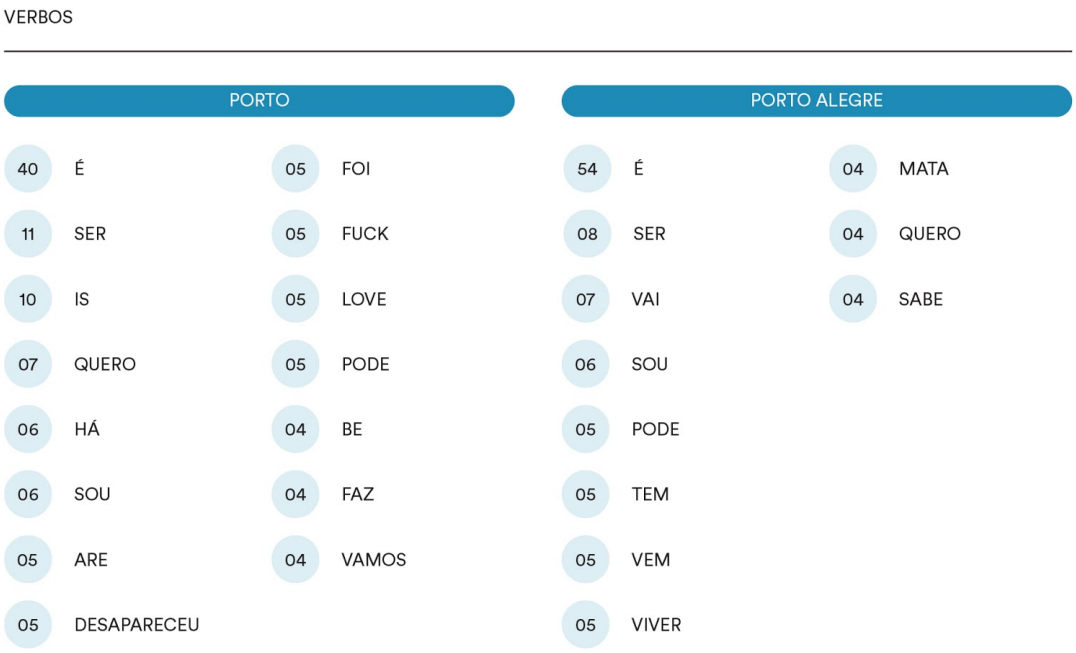


Figura 25 - Verbos
Fonte: O autor.

A quantidade de verbos no Porto é maior do que em Porto Alegre, mas se levarmos em consideração que as palavras se repetem em inglês, a quantidade se equipara. O que pode ser percebido nesta comparação é que as derivações do verbo “ser” são comuns nos dois ambientes.



Figura 26 - Advérbios
Fonte: O autor.

"Não" e "mais" são os advérbios mais utilizados em ambas cidades. Também é curioso o fato da palavra "hoje", no Porto, aparecer 28 vezes e em Porto Alegre duas vezes. É preciso levar em consideração que uma *writer* da cidade do Porto tem um projeto chamado "Hoje".



Figura 27 - Substantivos
Fonte: O autor.

Os substantivos que se repetem nos dois contextos são: cidade, dia, amor e mulher(es). Enquanto no Porto a palavra que mais aparece é “cidade”, em Porto Alegre é “amor”. No Porto, três substantivos carregam característica de lugar: cidade, casa e mundo. Já Porto Alegre utiliza substantivos relacionados ao indivíduo e à sociedade, como: mente, vida, violência, povo, ficção, corpo, dinheiro, estado, liberdade, medo e paz. A palavra “liberdade” aparece nas mensagens com o sentido de justiça e de liberdade de expressão. Já no âmbito cotidiano, fala-se da vida, do povo, do dinheiro e do estado. É destacada a presença de algumas palavras negativas como “medo” e “violência”, ao passo que a palavra “paz” também aparece na lista.

É possível identificar palavras utilizadas nos discursos feministas em ambas as cidades, e a palavra “artista” aparece cinco vezes no Porto, enquanto que nos registros feitos em Porto Alegre não aparece; apenas três vezes a palavra “arte”.



Figura 28 - Pronomes
Fonte: O autor.

O comportamento dos pronomes é parecido nas duas cidades. As quatro primeiras palavras que aparecem no Porto estão na primeira pessoa, enquanto em Porto Alegre os pronomes aparecem na primeira, segunda e terceira pessoa. A partir dessa lista fica evidente a presença da língua inglesa na comunicação da cidade do Porto. Chama a atenção a palavra “você” ser a mais listada em Porto Alegre, visto que não é comum o uso dessa palavra na linguagem informal na cidade, sendo usado o “tu”.

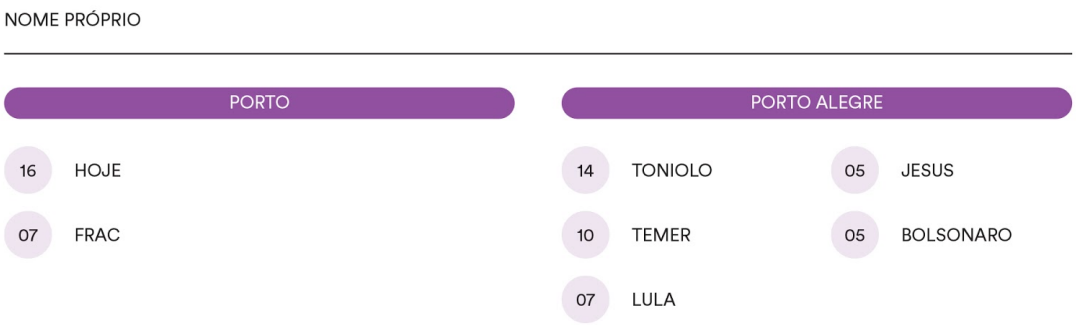


Figura 29 - Nome próprio
Fonte: O autor.

Enquanto no Porto os principais nomes próprios na cidade são de *writers*, em Porto Alegre essa lista é variada. Em primeiro lugar está um *writer*, Toniolo, seguido de dois políticos, Temer e Lula, depois uma figura religiosa, Jesus, e novamente um político, Bolsonaro. Leva-se em consideração que ele também é chamado de outras formas como "Bolsolixo" e "Bolsonada", além da frase "ele não", popularmente divulgada como uma campanha contra sua eleição.

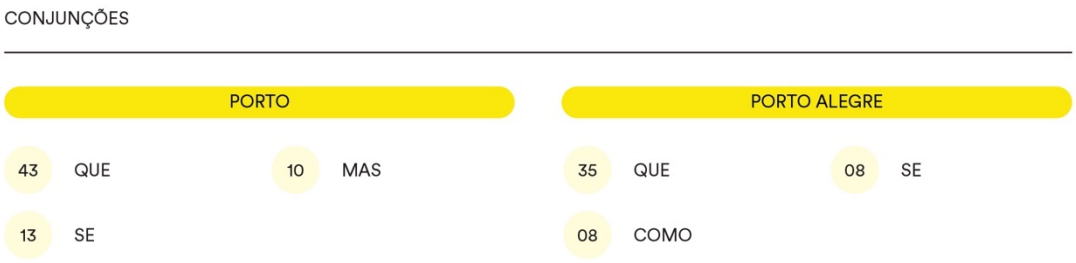


Figura 30 – Conjunções
Fonte: O autor.

Não foi possível extrair informações relevantes através das conjunções.

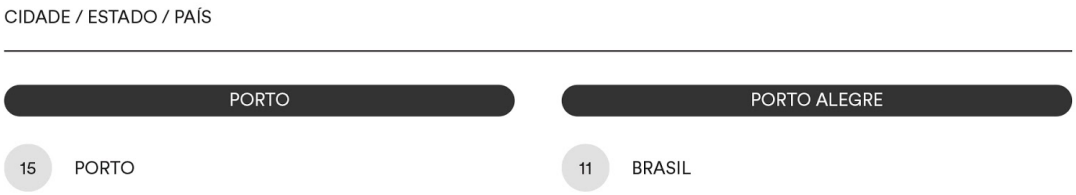


Figura 31 - Cidade, estado ou país
Fonte: O autor.

Enquanto o Porto fala sobre a cidade do Porto, em Porto Alegre fala-se sobre o país, Brasil. É importante atentar que os registros das imagens de Porto Alegre aconteceram após a eleição presidencial, por isso a temática Brasil estava em destaque. O Porto discute sobre a cidade, sobre devolver o território aos portuenses, sobre ter orgulho de pertencer aquele lugar, sobre não deixar vender a cidade e que o turismo não tire sua essência. Já Porto Alegre entende que é preciso discutir um problema sistêmico federal antes de falar sobre a cidade.

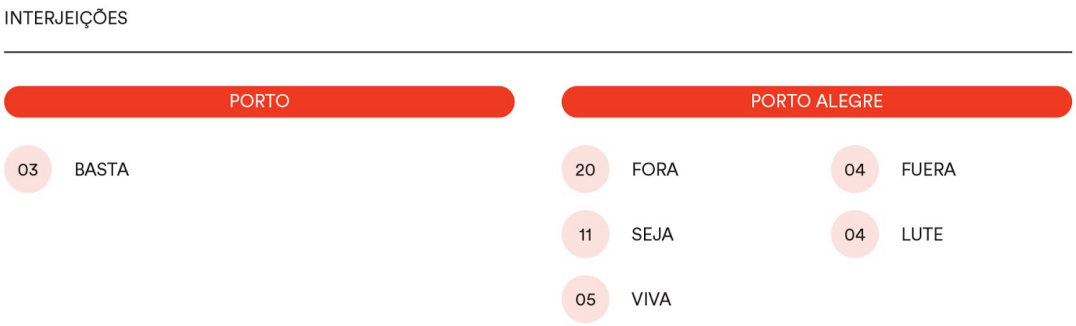


Figura 32 - Interjeições
Fonte: O autor.

As palavras de ordem aparecem com mais frequência em Porto Alegre, principalmente o “fora”, comumente referenciado a políticos. No Porto, a palavra “basta” tem relação com lutas feministas e com relação ao aumento de propinas. Em Porto Alegre, a lista segue com “seja”, utilizada maior parte das vezes para dar conselhos impositivos, considerada por alguns entrevistados como linguagem agressiva; depois “lute”, relacionados à lutas LGBTs, contra a polícia e o patriarcado; e “viva”, aparece em quantidade no muro do colégio e em um poema.

Durante as entrevistas e a contagem dos termos recorrentes, identificou-se o alto índice de palavras em inglês na cidade do Porto. Para verificar esse dado, foram contabilizadas quantas frases estão em cada língua (Figura 34).

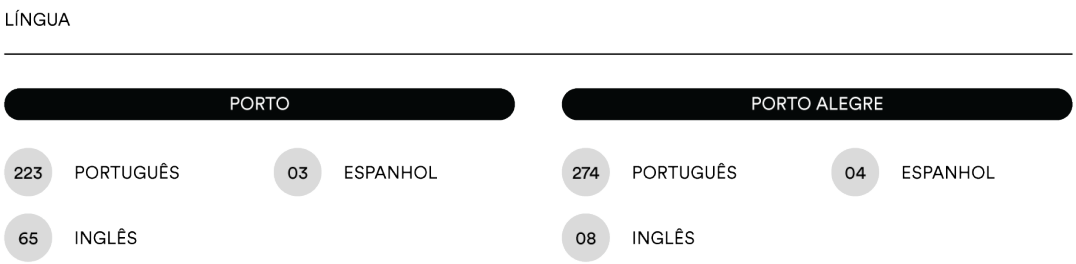


Figura 33 - Língua
Fonte: O autor.

Em ambas cidades a língua mais utilizada é o português, seguido do inglês e posteriormente espanhol. No Porto, 76,63% das mensagens estão em português, em Porto Alegre 94,16%. O inglês tem mais presença no Porto, 22,33%, enquanto Porto Alegre, 2,75%. O espanhol é similar, sendo 1,02% no Porto e 1,37% em Porto Alegre. Conforme identificado nas entrevistas com os *writers*, o inglês é utilizado por uma questão estética, por deixar a frase mais sonora, por comunicar com os turistas da cidade e para que os *writers* portugueses que enviam *stickers* para outros países possam também comunicar com outras pessoas.

6.2 INTERPRETAÇÕES EMPÍRICAS

A ferramenta desenvolvida permite que o usuário possa navegar entre as taxonomias sugeridas no projeto, tendo acesso ao conteúdo filtrado com a apresentação das imagens relacionadas por uma nomenclatura. Através dela demonstrarei a seguir os principais pontos que se destacam em cada cidade, e quais as relações que são possíveis de estabelecer ao combinar as imagens entre os dois ambientes. A partir de uma organização taxonômica idêntica, ficou mais fácil traçar comparações.

Os *writers* do Porto falam muito sobre a cidade. Refletem seu dia a dia nas paredes através das pautas latentes relacionadas ao turismo, às finanças, às políticas sociais e à habitação (Figura 35).



Figura 34 - Porto / 02 - Assuntos / Gerais / Local / Cidade
Fonte: O autor.

As abordagens relacionadas ao turismo são apresentadas de maneira diversificada. Enquanto algumas mensagens tentam explicar o que está acontecendo, outras são mais diretas, dizendo “tourists go home”. Na sua maioria, elas carregam simbologias de

destruição, como bombas, palavras relacionadas a armas, morte, alma, terrorismo e inferno (Figura 36).



Figura 35 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Turismo
Fonte: O autor.

Maior parte das mensagens a respeito dos problemas que a cidade enfrenta estão relacionadas à habitação, ao abandono e ao aumento dos alojamentos locais e hostels (Figura 37).

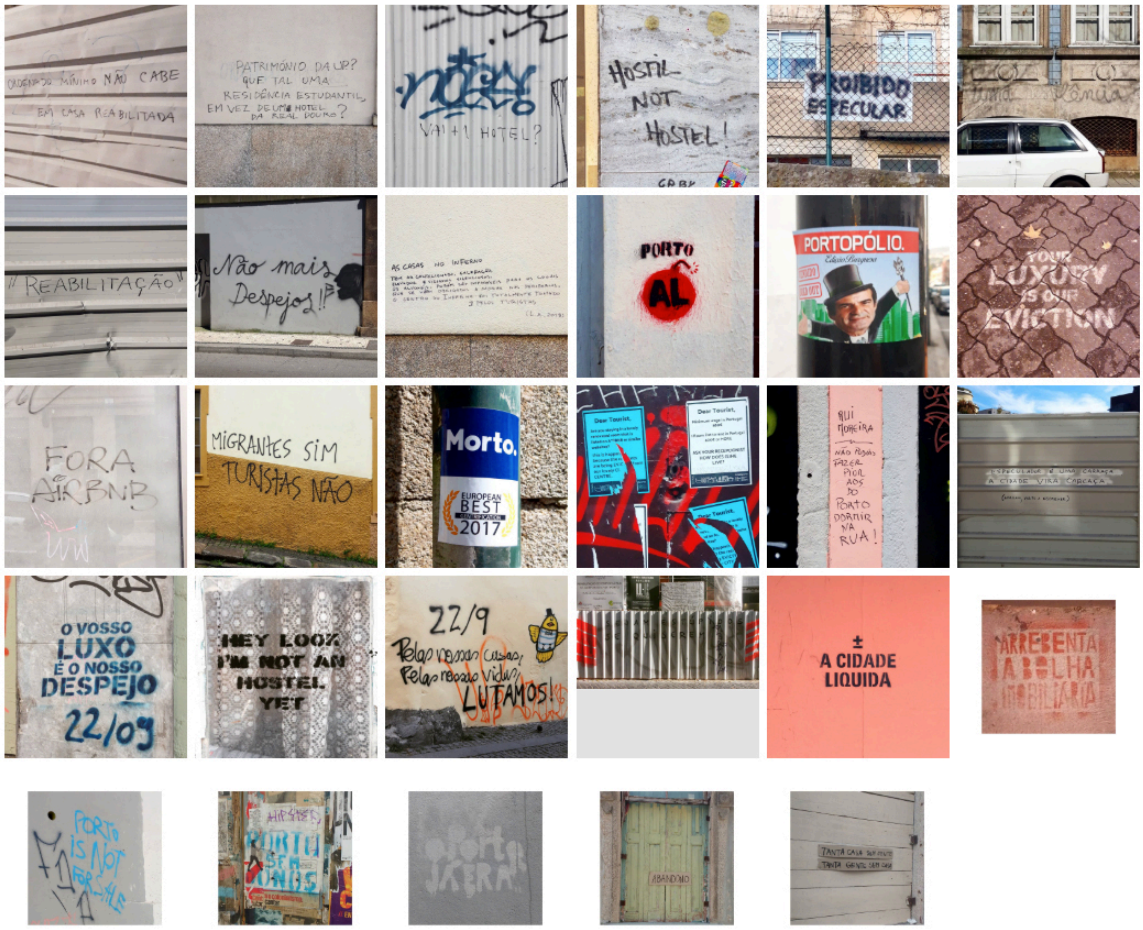


Figura 36 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Habitação
Fonte: O autor.

A questão da gentrificação e dos despejos também é mencionada nas paredes, e por vezes utiliza-se o inglês para reproduzir a mensagem (Figura 38).



Figura 37 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Gentrificação
Fonte: O autor.

Ao conversar com algumas pessoas e ler as mensagens, entende-se que o ordenado mínimo não acompanhou a evolução de preços na cidade, sendo que alguns arrendamentos são superiores ao mínimo estipulado, por exemplo. O turismo cresce gradativamente, mas depois que o Porto foi reconhecido como melhor destino europeu em 2017, houve aumento significativo do turismo, alta procura por hotéis, hostels e alojamentos locais, e, consequentemente, os preços na cidade dispararam. As reabilitações feitas na cidade também contribuem para esse descontentamento, visto que algumas pessoas estão sendo despejadas dos imóveis (Figura 39).



Figura 38 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Ordenado Mínimo
Fonte: O autor.

Outra abordagem que destaca-se no Porto são as mensagens referentes às próprias paredes, a leitura das mensagens ou a limpeza delas (Figura 40).



Figura 39 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Parede
Fonte: O autor.

Podem ser percebidos nas paredes do Porto a presença de *writers* estrangeiros, principalmente brasileiros, palestinos e colombianos. Eles refletem as lutas de seus países, discutem sobre determinadas causas e escrevem mensagens positivas (Figura 41).



Figura 40 - Porto / 03 - Writer / Estrangeiro
Fonte: O autor.

Por vezes, as lutas políticas das pessoas locais e dos imigrantes misturam-se no contexto da cidade, literalmente. Na Figura 42 é possível identificar a sobreposição de mensagens entre uma afirmação de que a cidade do Porto não é uma marca e a denúncia de que algo está acontecendo em Afrin, utilizando a *hashtag* como forma de encontrar na internet mais informações.



Figura 41 - Locais e imigrantes
Fonte: O autor.

Em Porto Alegre, o foco está no país e não tanto na cidade (Figura 43).



Figura 42 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Gerais / Local / País
Fonte: O autor.

As mensagens que mais se destacam estão relacionadas às eleições. 2018 foi ano de disputa presidencial, e as paredes revelam esse momento de agitação que a cidade viveu (Figura 44).



Figura 43 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Eleição
Fonte: O autor.

Conforme elucidado nas pesquisas, as referências diretas aos governantes é presente. O grito “ele não” e “fora Temer” aparecem com grande intensidade, principalmente nos lugares onde ocorreram manifestações ou atos públicos. Através dessa combinação de imagens é possível perceber o descontentamento generalizado com os políticos, a nível municipal (Marchezan), estadual (Sartori) e federal (Lula, Dilma, Temer e Bolsonaro). Também é referenciada a deputada Marielle Franco, com a mensagem “Marielle vive”.

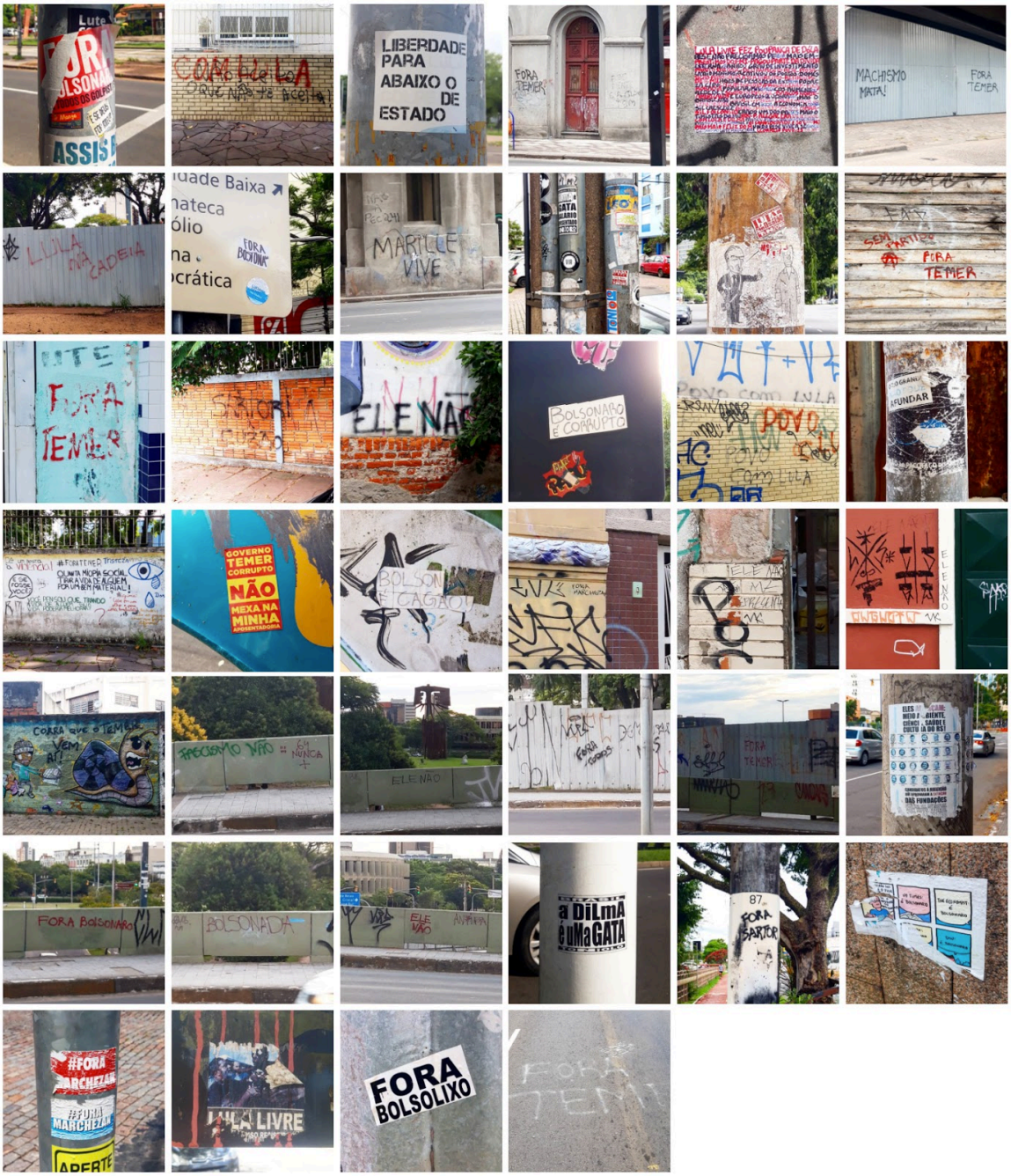


Figura 44 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Gerais / Política / Governante
Fonte: O autor.

No Porto as referências aos governantes são poucas, duas delas referem-se a políticos brasileiros, e as outras duas são direcionadas ao Presidente da Câmara Rui

Moreira. Uma das mensagens elucida a questão do despejo, com a mensagem “Rui Moreira, não podias fazer pior aos do Porto, dormir na rua!”, a outra utiliza-se do humor para dizer que a cidade está sendo vendida, de qualquer forma esta segunda não faz referência ao nome, apenas utiliza-se da imagem do político (Figura 46).



Figura 45 - Porto / 02 - Assuntos / Gerais / Política / Governante
Fonte: O autor.

Dizer que houve um golpe no Brasil divide opiniões entre os brasileiros. A prisão de Lula, somada ao *impeachment* de Dilma Rousseff e suas consequências pode ser chamada dessa maneira por algumas pessoas. De qualquer forma, as paredes abordam essa questão e demonstram-se contrárias a esse momento político, denunciando a televisão como cúmplice (Figura 47).



Figura 46 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Golpe
Fonte: O autor.

Televisão também é um assunto abordado que difere do Porto. As mensagens de Porto Alegre referem-se à televisão como mentirosa e golpista, também enfatizam que desligá-la faz bem para a cabeça (Figura 48).



Figura 47 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Televisão
Fonte: O autor.

O aborto no Brasil é proibido e acontece de forma clandestina. É um dos assuntos polêmicos discutidos na sociedade e tem espaço nas paredes da cidade (Figura 49).



Figura 48 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Aborto
Fonte: O autor.

Outra abordagem que ganha espaço nas ruas é a educação (Figura 50).



Figura 49 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Educação
Fonte: O autor.

O índio também é pauta para as intervenções, seja com uma lembrança territorial, seja com denúncias de morte (Figura 51).



Figura 50 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Índio
Fonte: O autor.

Machismo e patriarcado também são ressaltados (Figuras 52 e 53).



Figura 51 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Machismo
Fonte: O autor.



Figura 52 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Patriarcado
Fonte: O autor.

Os entrevistados portugueses destacaram os erros de português ou a falta de concordância nas frases dos brasileiros. As imagens foram agrupadas na plataforma a fim de demonstrar como isso acontece. Sem levar em consideração o erro gramatical, vale ressaltar que tais abordagens têm relação com maneiras informais de se comunicar. Falar sem conjugar corretamente o verbo ou o plural é popular em Porto Alegre (Figura 54).



Figura 53 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Outros / Expressões Locais
Fonte: O autor.

O portuense também utiliza-se de expressões locais, como um código interno, para se comunicar nas paredes, seja com estrangeiros, seja com locais (Figura 55).



Figura 54 - Porto / 02 - Assuntos / Outros / Expressões Locais
Fonte: O autor.

Ambas as cidades fazem referências à polícia, mas em Porto Alegre as mensagens transparecem conflitos que possivelmente ocorreram, principalmente com as mensagens “recua polícia”, “polícia racista” e “PM assassina” (Figura 56).



Figura 55 - Porto Alegre / 02 - Assuntos / Gerais / Polícia
Fonte: O autor.

No Porto, as mensagens relacionadas à polícia não transparecem urgência, apenas devaneios globalizados a respeito do tema (Figura 57).



Figura 56 - Porto / 02 - Assuntos / Gerais / Polícia
Fonte: O autor.

Outra questão abordada nas paredes tem relação com a religião. Enquanto no Porto as mensagens com os nomes de “Jesus” e “Deus” são tratadas com humor, em Porto Alegre há uma mistura entre brincadeiras e abordagens religiosas sérias (Figuras 58 e 59).



Figura 57 - Porto / 02 - Assunto / Geral / Religião
Fonte: O autor.



Figura 58 - Porto Alegre / 02 - Assunto / Geral / Religião
Fonte: O autor.

Nesta abordagem comparativa foi possível identificar mensagens semelhantes em ambas as cidades, principalmente as mensagens relacionadas ao indivíduo, aos sentimentos e a frases positivas e humoradas. Destaca-se um *writer* chamado "Projeto Somos Instantes", que pode ser identificado tanto em Porto Alegre, quanto no Porto. Esse é um coletivo de mulheres da cidade de Caxias do Sul (Brasil) que propaga boas mensagens no contexto urbano. Uma das integrantes do grupo hoje está morando em Barcelona, e quando esteve no Porto, deixou sua mensagem próximo à estação Trindade (Figura 60).



PORTO PORTO ALEGRE

Figura 59 - Projeto Somos Instantes
Fonte: O autor.

Enquanto a limpeza do espaço público no Porto é frequente, feita por uma equipe da Câmara Municipal, em Porto Alegre a remoção das mensagens, *graffiti* ou pichações é de responsabilidade privada, por isso as paredes são menos renovadas, havendo indícios de mensagens de longa data. É o caso de mensagens que fazem referência à Copa do Mundo FIFA de futebol masculino, que aconteceu em 2014 no Brasil, e de algumas outras mensagens assinadas com as datas até 2014 (Figura 61).



Figura 60 - Mensagens datadas
Fonte: O autor.

VII. CONCLUSÃO

Nos capítulos anteriores realizou-se a delimitação da temática de estudo e seus objetivos, assim como a descrição das metodologias e fundamentações teóricas que sustentam a abordagem da pesquisa. Também foi relatado o processo de registro fotográfico das mensagens e a abordagem etnográfica, que teve como objetivo coletar informações em primeira mão junto dos *writers* do Porto a respeito das mensagens que escrevem. As entrevistas com pessoas de ambas cidades buscaram ampliar os pontos de vista a respeito das frases, contribuindo para uma análise mais aprofundada do conteúdo, tornando possível responder a questões pertinentes do projeto de investigação.

As paredes do Porto e de Porto Alegre refletem o dia a dia de seus *writers*, e transparecem os anseios e as frustrações de uma sociedade a partir dessas mensagens. A linguagem agressiva, que ordena e é urgente, está mais presente na cidade de Porto Alegre, principalmente quando refere-se a situações políticas ou abusos, enquanto no Porto a poesia e a linguagem mais rebuscada ganham destaque. Mesmo assim, em ambas as cidades, os recados, as reflexões, as citações e as piadas são comuns e predominam, salvaguardando as peculiaridades de cada dialeto.

A partir de uma construção taxonômica comum entre as localidades, foi possível perceber onde as mensagens apresentam similaridades e diferenças. As principais semelhanças estão relacionadas aos pensamentos e aos devaneios que os *writers* expõem nas ruas. Fala-se a respeito do indivíduo, da sua consciência, do seu corpo, das questões sexuais e dos seus direitos como cidadão. Existem também as mensagens direcionadas a outras pessoas, geralmente frases motivacionais, que estimulam a ação, a positividade e trabalham a autoajuda, ou frases sentimentais, ligadas ao amor, à raiva, ao medo ou à saudade. Numa reflexão mais ampla, as mensagens de ambas cidades apoiam causas ambientais, feministas, LGBTs e raciais, ao passo que apresentam mensagens antissistêmicas, anarquistas, que denunciam o fascismo e questionam o capitalismo. As principais diferenças estão relacionadas à política, à polícia, à religião e a outras peculiaridades que cada cidade apresenta.

Portugal vive seu melhor momento econômico dos últimos anos. O alto investimento no turismo e a entrada de capital estrangeiro estão recuperando o país da crise que vivenciou recentemente. Esse fluxo de turistas traz consequências positivas para a cidade, contribuindo para a diminuição de zonas abandonadas e das taxas de assaltos e gerando emprego para as pessoas; por outro lado, as consequências podem ser percebidas como negativas, principalmente para os moradores portuenses mais antigos. As paredes denunciam que o Porto se vendeu, virou uma marca para fins comerciais e esqueceu de se preocupar com seus cidadãos. Aliado a isso existem denúncias de despejo, de gentrificação e dos altos valores relacionados ao arrendamento das habitações. Em busca de melhores condições, é pedido o aumento do ordenado mínimo para que as pessoas possam continuar a viver na região central do Porto. Outra questão curiosa refere-se às próprias paredes, que por vezes denunciam estarem sendo constantemente pintadas, para apresentarem-se limpas aos turistas e, consequentemente, ocultar os problemas da cidade.

Em Porto Alegre, o momento político é conflituoso. Desde 2013 a população brasileira demonstra insatisfação com seus governantes, iniciando uma série de manifestações a partir daquele ano. O *impeachment* de Dilma Rousseff (2016), a entrada de Michel Temer (2016), a prisão de Lula (2018) e a eleição de Jair Bolsonaro (2018/2019) são os acontecimentos mais importantes que estimulam o surgimento de mensagens políticas na cidade. Para alguns, todo esse processo pode ser considerado um golpe, para outros não. As frases são mais direto ao ponto, são urgentes, são gritos e dificilmente buscam o diálogo. Muitas vezes utiliza-se frases curtas e no imperativo para comunicar.

A aproximação do investigador com *writers* do Porto permitiu comprovar a credibilidade das mensagens e entender como eles as classificam. O mesmo não aconteceu em Porto Alegre, devido ao tempo de permanência na cidade. Essa foi uma das limitações do estudo encontradas durante a investigação. Para possibilitar uma abordagem com os *writers* de Porto Alegre seria necessário repetir a estratégia feita no Porto. Primeiramente, ganhar a confiança, para depois entrar em contato, realizar as entrevistas e assim poder fazer a observação participante. Outra questão importante a pontuar é que, ao iniciar o trabalho, o investigador se preocupou em registrar os nomes das ruas e números onde as inscrições se encontravam, para também possibilitar uma análise territorial; porém, ao logo

do tempo, tornou-se dificultoso catalogar as imagens antes da ferramenta criada. Além disso, em Porto Alegre, por duas vezes, o investigador ficou com receio de ser assaltado. Assim a abordagem na cidade era mais rápida que no Porto, e utilizava-se uma bicicleta para acelerar o processo de coleta. Idealmente, a cobertura fotográfica deveria ter sido feita ao mesmo momento em ambas cidades, permitindo uma comparação mais precisa entre os momentos vividos nas cidades; para isso, seria necessário o auxílio de uma outra pessoa em Porto Alegre.

Com relação aos possíveis caminhos a desenvolver futuramente, sugere-se uma abordagem etnográfica com os *writers* de Porto Alegre e a repetição desse projeto para validar de que forma as transformações das cidades podem implicar nas mensagens e quais diferenças podem ser percebidas nas paredes. Outro ponto que pode ser aprofundado tem relação com as frases nas paredes da Escola Estadual Presidente Roosevelt, em Porto Alegre. Entende-se a possibilidade de um estudo específico a respeito de como as frases nas paredes dos colégios impactam na vida dos alunos, e de que forma esse tipo de abordagem pode ser utilizada para contribuir com a formação deles.

Durante a investigação, chamou a atenção a quantidade de mulheres *writers*, e notou-se que a temática feminista sofria intervenções constantemente, por isso um estudo específico sobre as frases de mulheres, ativistas ou não, pode apontar algumas questões pertinentes na abordagem do campo de estudo. Além disso, muitas das mensagens, mesmo depois de apagadas, seguem sendo replicadas nas redes sociais, principalmente no Instagram. Utilizando a conta criada para o projeto, pode-se ter acesso a dados de compartilhamentos, salvamentos e interações com as frases. Um estudo a respeito da universalização das frases através das redes sociais, abordando uma discussão territorial, pode ser um tema pertinente a ser abordado em estudos futuros.

Por fim, as frases servem como legendas do urbano, gatilhos para iniciar uma conversa, mas dificilmente são conclusivas, ou seja, elas muitas vezes não informam por completo, são apenas provocações para quem as observa. Os *writers* são porta-vozes da cidade e as mensagens refletem suas vidas. Toda a escrita, por mais irrelevante que possa parecer, tem valor para esta análise. Dessa forma, através deste registro documental, pode-se relatar a história das duas cidades a partir das mensagens de suas próprias paredes.

Referências Bibliográficas

Abel, E. L., & Buckley, B. E. (1977). *The handwriting on the wall : toward a sociology and psychology of graffiti*. Westport, Conn.: Greenwood Press.

AFP. (2018). Há 10 anos, crise financeira de 2008 arrasava a economia mundial. Retrieved from https://exame.abril.com.br/economia/ha-10-anos-crise-financeira-de-2008-arrasava-a-economia-mundial/

Agência Lusa. (2018). Portugal concretiza pagamento total do empréstimo ao FMI. E poupa 100 milhões. Retrieved from https://observador.pt/2018/12/10/portugal-concretiza-pagamento-total-do-emprestimo-ao-fmi-e-poupa-100-milhoes/

Baggett, J. L., History, U. o. S. M. D. o., & College, U. o. S. M. H. (2014). *L'héritage is in the Streets: The Text, Images and Legacy of May 1968*: University of Southern Mississippi.

Baitello, N. (2014). *A era da iconofagia: Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*: Paulus Editora.

Batista, L. (2018). Cronologia: protestos 2015 a 2016. Retrieved from https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,cronologia-protestos-2015-a-2016,12157,0.htm

Bom Dia Brasil. (2014). Dilma Rousseff é reeleita com 54,5 milhões de votos no segundo turno. Retrieved from http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/10/dilma-rousseff-e-reeleita-com-545-milhoes-de-votos-no-segundo-turno.html

Brandão, C. M. M., & Schmidt, E. B. (2008). Marcas Urbanas: A Arte do Graffiti e as Relações Sócio-Ambientais dos Sujeitos Contemporâneos. *Revista Prâksis, 1,* 43-50.

Caeiro, M. (2014). *Arte na cidade*. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.

Campos, R. (2012). A pixelização dos muros: graffiti urbano, tecnologias digitais e cultura visual contemporânea. *Revista Famecos Mídia, Cultura e Tecnologia, 19,* 543-566.

de la Torre, E., & Ferro, L. (2016). Torre, Elena de la e Lígia Ferro (2016), "O Porto sentido pelo graffiti: as representações sociais dos habitantes do Porto sobre as peças de graffiti d(n)a sua cidade", Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, vol. 47, nº1, pp. 123-147. *Revista de Ciências Sociais Universidade Federal do Ceará*.

Diógenes, G., Campos, R., & C., E. (2016, jan/jun). As cidades e as artes de rua: olhares, linhas, texturas, cores e formas (apresentação). *Revista de Ciências Sociais: arte, cidade e narrativas visuais, 47,* 11-24.

Economias. (2016, 19/02/2016). Entrada do FMI em Portugal. Retrieved from https://www.economias.pt/entrada-do-fmi-em-portugal/

European Best Destinations. (2017). Top destinations in Europe. Retrieved from https://www.europeanbestdestinations.com/best-of-europe/european-best-destinations-2017/

Farah, T. (2014). Por 20 centavos e muito mais: manifestações completam um ano. Retrieved from https://oglobo.globo.com/brasil/por-20-centavos-muito-mais-manifestacoes-completam-um-ano-12763238

G1 SP. (2018). Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro. Retrieved from https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml

Gadsby, J. M. (1995). Looking at the Writing on the Wall: A Critical Review and Taxonomy of Graffiti Texts. Retrieved from https://www.graffiti.org/faq/critical.review.html

GLOBOESPORTE.COM. (2009). Brasil conhece as 12 cidades que receberão partidas da Copa de 2014. Retrieved from http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL1177312-9825,00-BRASIL+CONHECE+AS+CIDADES+QUE+RECEBERAO+PARTIDAS+DA+COPA+DE.html

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico*. Retrieved from: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9673&t=destaques

INE-Instituto Nacional de Estatística. (2018). Anuário Estatístico da Região Norte - 2017. Retrieved from https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=352358642&att_display=n&att_download=y. Instituto Nacional de Estatística Retrieved 8 de Setembro de 2019, from Instituto Nacional de Estatística https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=352358642&att_display=n&att_download=y

INE-Instituto Nacional de Estatística, & PORDATA. (2018). *População residente: total e por grandes grupos etários*. Retrieved from: https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+total+e+por+grandes+grupos+et%C3%A1rios-390

Mascarenhas, J. M. (1998). *Murais de Abril (1974)*. Lisboa: Biblioteca-Museu República e Resistência.

Mazui, G., & G1. (2018). Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. Retrieved from https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml

MPF-Ministério Público Federal. ([2018?]). Caso Lava-Jato: entenda o caso. Retrieved from http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-lava-jato/atuacao-na-1a-instancia/investigacao/historico

Murchison, J. (2010). *Ethnography Essentials: Designing, Conducting, and Presenting Your Research*: Wiley.

Observador. (2019). Mais de 12,76 milhões de estrangeiros fizeram turismo em Portugal no ano passado. Retrieved from https://observador.pt/2019/02/14/mais-de-1276-milhoes-de-estrangeiros-fizeram-turismo-em-portugal-no-ano-passado/

Pincha, J. P. (2017). Os segredos que puseram Portugal no mapa do turismo. Retrieved from https://www.publico.pt/2017/03/04/sociedade/noticia/os-segredos-que-puseram-portugal-no-mapa-do-turismo-1763465

TVI 24. (2014). Portugal foi 3º país a tombar na crise do Euro. Retrieved from https://tvi24.iol.pt/economia/grecia/portugal-foi-3-pais-a-tombar-na-crise-do-euro

Valadas, C. (2013). Mudanças nas políticas: Do (des)emprego à empregabilidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais, 2014,* 89-110. Retrieved from http://journals.openedition.org/rccs/5479

Valladares, L. (2007, fevereiro 2007). Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, 22(63)*.

Valor. (2018). Datafolha: Lula lidera com 39%; sem petista, Bolsonaro é líder com 22%. Retrieved from https://www.valor.com.br/politica/5758639/datafolha-lula-lidera-com-39-sem-petista-bolsonaro-e-lider-com-22

Villalobos, L. (2018). Turismo em Portugal valeu 26,7 mil milhões de euros em 2017. Retrieved from https://www.publico.pt/2018/12/17/economia/noticia/turismo-vale-267-mil-milhoes-euros-portugal-1854994

Wacławek, A. (2011). *Graffiti and street art*. London: Thames & Hudson.

Apêndice 1 - Entrevistas com os *writers*

Writer 1

23 de Outubro de 2018
Entrevista com a @hoje___

Terça-feira, marcamos 11 horas da manhã em frente à FBAUP, via Instagram. Esperar por uma pessoa desconhecida é angustiante. A cada pessoa que passava na calçada, um olhar mais atento. Imaginava como seriam suas características físicas, criava um estereótipo com base nas frases. Avisei a ela que estava vestindo calças jeans e camiseta preta. Permaneci sentado, esperando. Ela disse que ia se atrasar. Foram cerca de 30 minutos aguardando, olhando tudo que se passava, e nada. Uma menina escutando música encosta-se ao lado, coloca um dos pés na parede, enquanto fuma um cigarro. Será que é ela? Olho o Instagram, há uma mensagem, "Cheguei". "Estou aqui sentado", respondo. Ela continua "T-shirt branca e calças rasgadas". Era ela. Nos olhamos, apresentamos e fomos procurar algum café mais próximo.

Fui fazendo alguns questionamentos durante o trajeto. Ela tem 24 anos e estuda design, ou seja, não é das belas artes. Encontramos um lugar aberto, café e restaurante, onde conversamos por aproximadamente uma hora.

- O Hoje vem de mim, não é?! Essa parte das agendas sempre foi muito explícito, tenho agenda desde 2010. Só agora que já não tenho, não preciso, tá tudo escrito na parede e tal. Mas lá está, ano passado foi a namorada do meu irmão quem me deu. Era sempre eu que comprava, era sempre igual, aquele tamanho específico e não sei o que… essa agenda não era nada de especial, não era aquilo que coiso, e eu comecei a escrever na parede. Uma frasezinha por dia, não indicava nada que ia fazer nesse dia.

- Mas era tipo, terapia?

- Não, o que eu escrevia sempre nessa agenda era para depois, um dia, mais tarde, voltar a ler a agenda e lembrar-me de coisas. Foi exatamente isso o que eu fiz na parede. Foi tipo… Lembro-me, por exemplo, tinha uma queimadura de um cigarro aqui, e tava com

uma amiga minha a dizer, "não isso foi naquele dia", e eu "foi naquele". E depois eu, "pera aí, temos aqui a parede, digo-te já que dia que foi." Tínhamos os números todos lá e eu conseguia ver o que tinha acontecido naquele dia, porque sabia o que lá tava escrito. Tinha ali um mural, ali na minha parede, com tudo que tinha feito. Depois mudei-me de cidade, não tinha parede, voltei a escrever em bloquinhos, mas não era bem aquilo que eu queria.

O projeto já existia, antes mesmo de ir para a rua, nas paredes de sua morada. Um questionamento a deixava inquieta, "o que é o hoje para si?", perguntava para as pessoas. As respostas eram sempre simples: "é agora, é momentâneo, é o que tá a acontecer o agora". Ela queria mais, buscava perceber o que realmente significava isso. Inspirada no trabalho do Mais Menos, no qual ele fazia um questionário com as pessoas após uma intervenção específica, ela decidiu fazer o contrário. Colou papéis com a frase "hoje é" e um espaço em branco, instigando as pessoas a preencherem. Assim começaram a aparecer as primeiras interações e as primeiras respostas para seu questionamento.

- Vi o vídeo do Mais Menos, conheci o Mais Menos, e 28 de dezembro colei o meu primeiro papel. Não tenho fotos dele, porque já não existe. Mas pus lá, na Rua José Falcão, tá uma Tereza, na esquina do ervanário. A Tereza Guilherme, que é uma apresentadora portuguesa, e eu colei lá "hoje é" e alguém respondeu "Tereza", com coisas muito triste. Pronto. Depois aquilo durou-me imenso tempo, acho que arrancaram, pra aí, só em Abril ou Maio, fiquei bué triste quando isso aconteceu, porque era meu primeiro mesmo, era o primeiro que tinha resposta. [...] Tinha deixado lá um papel a dizer, "malta, olha, deixei isso aqui que é pra vocês escreverem". Tipo, ao menos assim sei que alguém vai obrigatoriamente escrever. Cheguei lá, no dia seguinte, eles disseram, olha, escreveram, mas não fomos nós (risos). Pronto, e foi mágico. Depois fiz "ontem esteve aqui a Tereza", foi meu primeiro "ontem". Foi bom, foi marcante pra mim. Tive de colar, pá aí 3 vezes, a Tereza, mas não está lá arrancada. Tá escrito por cima, tem autocolantes, mas ainda lá tá.

Partindo disso criou o projeto de 365 dias, onde se propõe a escrever uma frase por dia e seguiu criando outros cartazes interativos com mais verbos, como "hoje sou, hoje quero, hoje desejo", para continuar dando espaço para as pessoas escreverem. Esses verbos têm ligação com alguma data específica do mês, por exemplo, o "hoje tenho", no mês de Outubro, tem ligação com a Independência de Portugal.

Perguntei se ela colava todos os dias, para cumprir o projeto de 365 dias, ela disse-me que no início funcionava mais assim, mas começou a colar uma vez por semana, pois não estava muito confiante em andar sozinha pelas ruas. Ouvia cada vez mais más notícias, e estava com um bocado de medo de andar pelo Porto, não deixa de colar, mas prefere estar acompanhada para fazer as colagens. Fazia colagens mais frequentes na época em que teve um relacionamento com um rapaz da *street art*. Foi quando aprendeu outras técnicas, como o *stencil* e os *stickers*, e conheceu mais pessoas, mais projetos, mais ideias. Isso ocorreu por volta de Março e Abril de 2018. Diz que foi aí a sua "iniciação ao *street art* real".

[...]

Puxou um bloco de anotações, onde tinha tudo milimetricamente anotado, e começou a listar os projetos relacionados. "Fiz o hoje cultura, hoje não, hoje amor, stickers, stencil, vídeo do cotidiano (para um projeto da faculdade), ontem hoje e amanhã, a primeira T-shirt, hoje economia, hoje São João, hoje sensível, hoje mensal, hoje sem rede (que era do tipo, "hoje não mandei nudes, e agora?", esse supostamente ia para o Rock in Rio, mas não chegou a ir, mas foi fixe pela experiência)". A parceria com o Rock in Rio não aconteceu, mas ela afirma ter gostado pelo simples fato do resultado que teve nas ruas. Deixou um cartaz perto da sua escola, que dizia "hoje deixei o telemóvel em casa, e agora?", e alguém escreveu "minha mãe fartou-se a me ligar". Esse não tinha o intuito da interação, não era esperado uma resposta, mas as pessoas interagiram com o trabalho, e isso a deixava contente com a experiência e a surpresa de conversas inusitadas.

Continuou a folhear seu bloquinho, reparei que tinham muitos números. Todas as frases do projeto 365 dias estavam ali anotadas, assim como momentos importantes na sua caminhada pela *street art*. O primeiro *graffiti*, o primeiro stencil, o primeiro "Ontem". Funcionava como um diário. A medida que ia folhando, dizia que tudo aquilo serviria para conseguir explicar o projeto todo. "O "Hoje faço", por exemplo, foi em Maio, referente ao dia 1º de Maio, dia do trabalhador. O "Hoje sonho" que é o mês LGBT, e dia 1 de Junho, que é o dia da criança. Depois foi o São João, que foram 4 cores, foi a primeira vez que fiz o "Hoje" com cores. O "Hoje conto" foi em Julho. O "Hoje volto" em Setembro. Depois me falta decidir o resto. Achava que tinha aqui a explicação de todos, mas ainda não tenho".

[...]

Questionei se ela já havia colado todos, ou ainda faltavam. A conversa foi feita em Outubro de 2018, por isso ainda restavam alguns meses. Ela disse, "hoje acho que é o dia 290, que dia é hoje? 23? Hoje é 296 do ano". A forma como ela contava o tempo tinha uma relação direta com o hoje, uma lógica de tempo diferente, do dia em relação ao ano, e não em relação ao mês. Faltavam ainda aproximadamente 70 cartazes a serem colados. Ela dizia que precisava desse tempo para fazer uma introspecção sobre tudo que aconteceu. Tudo que ela viveu. O "Hoje" foi uma experiência incrível na vida dela, mas ainda pensava como poderia explorar outros projetos, como o "Ontem" e o "Amanhã".

Peguei o celular e comecei a mostrar imagens que havia registrado do projeto. Ao recordar as frases, fazia uma relação direta com a cidade, onde estava localizado, quando havia colado, em que contexto estava. Um resgate ao "Ontem", o passado. Ela disse que algumas pessoas identificavam seu perfil no Instagram através de imagens que tinham fotografado, era uma forma de se saber se as frases ainda lá estavam. Ficava surpresa com algumas delas, pois a maioria, as mais antigas, já sumiram. "Não tenho muitos antigos, os mais antigos foram desaparecendo muitos. Tenho pá aí, o meu primeiro, a Tereza, e tenho o primeiro de 1 a 365 dias, o número 7, que é 7 de Janeiro, tá ao pé da Tereza. Depois disso acho que só tenho o do dia 61, que é de Março".

Ela chegou ao Porto em Outubro de 2017, só conhecia uma pessoa. Foi quando surgiu o projeto. Passou a conhecer as pessoas da *street art* somente por volta de Março de 2018. Questionei se o "Hoje" não seria uma forma de se sentir em casa também. O ato de colar nas paredes do quarto transferido para as paredes do Porto. Ela concordou, e disse-me que foi falar com um professor, pois ela precisava de respostas. Que cola utilizar? Quais materiais necessários? O professor indicou para falar com o Mais Menos, perguntar o que precisava, foi assim que tudo começou. Tempos mais tarde, ela teve uma palestra com esse mesmo professor, entre Março ou Maio, época onde as ruas estavam tomadas de cartazes do "Hoje". Ao final da palestra eles conversaram e ele disse, "olha, se tu querias o Porto, o Porto já é teu".

- Isso foi bonito. Eu, por exemplo, tenho o mapa do Porto no meu quarto, e tenho quase todas as ruas pintadas. De ruas por onde já passei, pode não estar lá os "Hoje", mas já tive lá.

Tem cartazes espalhados pelas principais zonas do Porto, e em outras cidades como Lisboa, Sintra, Gerês e Santa Cova. Majoritariamente ela cola nas caixas elétricas, lugares abandonados, em lugares de maior visibilidade, onde as pessoas irão olhar, mas cuidando para ultrapassar o limite. Na Miguel Bombarda, no Bolhão e na Rua das Flores, era onde tinha mais preenchido, lugares com mais fluxo de pessoas. O turismo fez com que ela pensasse em transformar algumas das mensagens para o inglês, mas o projeto mudaria e perderia a essência. Ela comenta que fez isso para o Porto, por isso em português.

Mais uma vez perguntei se havia alguma questão de autoajuda nas frases, ela respondeu, "não é uma autoajuda à mim, mas acho que as pessoas olham para as minhas frases dessa forma, em busca de um sorriso, de um dia melhor". Não era isso que pretendia fazer inicialmente. Buscava que as pessoas pudessem pensar melhor no tempo e nas suas atitudes. "Hoje não tem como voltar atrás". Por vezes não tem certeza se está conseguindo transmitir o que ela realmente deseja. Sabe que tem conseguido tocar as pessoas, porém sente que as pessoas ainda vivem muito o agora. "É isso. O tempo. Eu acho que as pessoas não estão a perceber o tempo. Essa parte que acho estar a falhar. Daí eu ter pensado no "Ontem" e no "Amanhã", mas acho que na mesma, tenho que manter o "Hoje", porque as pessoas querem o hoje".

As mensagens são geralmente positivas, mas entre as tantas mensagens existem algumas que não são tão agradáveis, e ela pontua que essas mensagens, menos positivas, são menos partilhadas na rede. Acha um pouco parvo, mas compreende. "É uma sociedade instantânea, que tenta parecer que está tudo sempre bem". Mesmo assim, algumas delas, que aparentemente são positivas, fazem recordar momentos pessoais delicados. Mostrou-me um *sticker* que havia feito, com a mensagem "hoje escuto o bater do seu coração". Ela foi criada no dia 24 de Abril, dia em que seu irmão faz aniversário, mesmo dia em que sua mãe teve que colocar um *pacemaker*, um aparelho no coração. Para ela a frase não é de toda forma positiva, mas as pessoas percebem como "algo fofo".

- Quando eu comecei com os *stickers* eu escrevia frases específicas para as pessoas. Havia uma miúda na minha turma, muito descabida, vive muito no seu mundo, e eu fiz um *sticker* dizendo "hoje conquista o mundo", esse foi o primeiro *sticker* que saiu. Usei essa frase como *stencil* e *sticker*, mas nasceu pra ela. Lembro-me do dia em que lhe dei, e ela

ficou mesmo muito feliz com aquela frase, foi mesmo muito bonito ver aquele primeiro sorriso.

- E o teu Instagram, surgiu como? - questionei-a.

- O Instagram eu não fiz para ganhar seguidores, fiz o Instagram para registro mesmo. Lá está, precisava ter alguma plataforma, não necessariamente online, mas algo além do que a galeria do meu telemóvel, que tá misturado com tudo e mais alguma coisa. Foi pra registro, ok, fui ganhando seguidores e não sei o que. A minha intenção não é ganhar seguidores, nem ser famosa, *whatever*… mantenho a minha identidade tapada.

Sobre a repercussão ela responde:

- Eu acho que o meu projeto foi se notando porque é interativo, é uma folha branca que está ali à espera que tu vá escrever. Talvez quando não há interação, a pessoa não vai tirar foto e partilhar, não sei se é isso. Foi o primeiro projeto interativo, depois apareceram mais.

Questionei sobre os muros de 1974, se ela tinha alguma inspiração nas frases, ela disse que não. Que a única frase mais próxima foi uma pergunta: "hoje já criaste tua própria revolução". E a resposta que obteve foi um *sticker* dizendo "you suck" (risos).

O projeto das paredes na cidade é um reflexo dela. É o momento, o dia-a-dia, os pensamentos, as frases que se repetem, o ontem, o hoje, o amanhã. Vários questionamentos diário sobre o tempo. Uma relação direta com a memória e com um projeto de futuro. Hoje quer dizer muita coisa.

Writer 2

25 de Outubro de 2018
Encontro com a @paleio

Quinta-feira. Marquei através do Instagram para nos encontrarmos em frente à FBAUP. Dessa vez eu me atrasei um pouco, ela já estava na frente aguardando, pedi desculpas e fomos caminhando até um lugar que ela queria conhecer, o "Bolinhos do Jorge". No trajeto fomos conversando sobre política. Ela tinha interesse em entender o que estava acontecendo aquele momento no Brasil. Chegando lá, pedimos um café e alguns brownies, sentamos e iniciei a gravação. O que me chamava atenção, num primeiro momento, foi descobrir que ela é formada em enfermagem, e não tem relação formal com a arte, é apenas uma admiração e um *hobbie*. Comecei questionando se tinha algum motivo específico para utilizar azulejos rosas.

- Por acaso é curioso como isso tudo começou. Porque eu comecei a pintar, a fazer coisa de *street art* em 2017. Eu tava migrando da Inglaterra, voltei pra Portugal ano passado, em Abril, e havia um rapaz no Instagram, com quem eu falava. Se calhar tu também deveria conhecer, porque ele conhece muito da *street art*, e também faz *stickers*, e ele me convidou para vir ao Porto para pintar, porque eu não vivia no Porto, na altura. Então começamos a pintar e ele depois deu-me duas latas que haviam sobrado: uma lata era azul e outra era cor de rosa. Eu guardei-as. E depois, eu andava a ver, que eu queria experimentar e fazer coisas minhas. Tentei fazer *stickers*, tentei fazer *past up*, que é colar o papel na parede, e nada me chamou muito. Então, aqui há uma rapariga do Porto, que se chama "Preencher Vazios", é uma designer, que faz mesmo azulejos direitinhos para decoração, com frases, e afins. E eu fui ao *workshop* dela. Por acaso eu até fui num *workshop* em Lisboa, que eu tava em Lisboa para um concerto, e ela tava lá dando *workshop*, e acabei por ir lá. E gostei muito do conceito. Fazer azulejo e colar, tipo, nas paredes. Então depois, juntei essa inspiração, mais um material que tinha em casa, e comecei a apanhar azulejos perto de minha casa, mas partidos, porque eu não gosto quando estão direitinhos. Eu pego aqueles, assim, com falhas. E depois comecei a experimentar

um bocado. Comecei a pintá-los de cor de rosa. Comecei a escrever, assim, umas frasezinhas. E acabou por ficar esse meu modo. Lá está, o rosa veio um bocadinho por questão do material que tinha disponível, mas ao mesmo tempo tinha azul e tinha rosa. Por quê o rosa fez mais sentido? Primeiro por eu ser rapariga, que é um bocado clichê do cor de rosa estar associado ao feminino, e também por ser um cor de rosa muito forte. É uma coisa que se põe numa parede, e depois nota-se… faz bom contraste com as letras pretas. Portanto, acabou também por afirmar que aquela pessoas que faz aquilo provavelmente será uma mulher ou uma rapariga. Uma identidade. Acaba por criar uma uma ideia, uma mensagem subliminar sobre o próprio artista, e também, se leres as minhas frases, são muito na voz feminina, ou são muito relacionados com coisas femininas. Sexualidade e afins. E acaba por tudo rodar por volta dessa temática. Então por isso que também veio o rosa, e acabou por se firmar.

- E por que mensagens em inglês?

- O inglês é mais uma questão de estética. Como são frases curtas, soam melhor inglês do que em português. Por que eu costumo dizer, o português é a minha língua preferida. Não é por ser a minha língua, porque eu falo três línguas. Na verdade eu nasci na Suíça, por isso a minha língua base é o francês, mas o português é muito poético, é muito bonito, mas quando é para coisas rudes, ou grosseiras, ou gritantes, eu prefiro o inglês. Chama mais a atenção. Pronto. E ao mesmo tempo, é também para ser acessível, porque o Porto é muito turístico. Se escrevesse em português, somente os portugueses iam perceber. Se escrever em inglês, mais pessoas iriam perceber. Lá está, porque esse rapaz que faz as *tours*, o que me apresentou a *street art* do Porto, ele quando faz as *tours*, mostra os meus azulejos. Ele mostra peças de diversos artistas.

- E qual é o nome dele?

- É o @cest719. Já encontraste com ele?

- Ainda não, mas preciso conhecer - respondi. A @hoje___ tinha me comentado sobre uma menina que fazia *stickers*, entrei em contato com ela, e ela também havia me falado para conversar com o Cest719.

Essa questão de grupo, de indicar me chamava atenção, e aumentava a minha lista de pessoas para conversar. Ela continou explicando sobre as *tours*, e as motivações para

escrever em inglês. Indaguei o que ela fazia na Inglaterra, se ela estudava. Ela disse-me que estava apenas a trabalhar, mas tem uma formação básica, que não tem nada a ver com artes, ela é enfermeira, mas não trabalha como enfermeira. Estudou por quatro anos, em 2013 acabou o curso e migrou para a Inglaterra, trabalhou lá por quatro anos, e voltou. Depois percebeu que não queria mais fazer enfermagem. Não tem base nenhuma de arte, mas sempre foi uma coisa que gostou muito, desde pequena. Afirmou que não é uma coisa muito fácil para os pais aceitarem que ela fosse estudar artes, então acabou escolhendo seguir um percurso mais seguro.

Segui questionando.

- Primeiro veio a vontade de escrever? Ou primeiro veio a vontade de testar coisas?

- Eu primeiro queria, tipo, algo que ficasse nas paredes, por assim dizer, e ficasse na rua. Eu gosto muito da ideia do atrevimento de pôr algo na via pública. Aquela sensação de saber que passo pelos azulejos, e poder dizer "ai, aquilo é meu", fui eu que fiz aquilo, ninguém sabe, mas eu sei. Tem piada.

- E acaba por ser um ponto, quase de auto-reconhecimento? Do tipo, olhei aquilo, vem a imagem de quando foi… Já aconteceu alguma situação engraçada em relação à isso?

- Acontece, porque algumas frases são associadas a momentos específicos da minha vida. Coisas que aconteceram com rapazes, ou na minha vida pessoal. E quando leio aquilo, por exemplo, uma das frases, não sei se esse azulejo ainda existe, ou mesmo aquele "my cunt is not artisy for you", foi por causa de um rapaz, que eu estava envolvida, que ele era das artes, e que, pronto, não ocorreu bem, porque perdeu o interesse, e logo a seguir ele foi se envolver com outra miúda da artes. E acabei por associar a mensagem, desculpa lá que eu não sou a miúda das artes, como não sou interessante. Acabo por adaptar isso e colocar nos azulejos. Agora passo por esse azulejo, e rio-me. Porque eu falo com essa pessoa normalmente. Agora estamos em bons tempos, pronto, acabou, acabou, vida que continua, mas ele sabe que aquele azulejo existe. Eu acho imensa piada aquele azulejo (risos).

- É algo que fica marcado…

- Exatamente, é tipo, isso lembra-me exatamente o que aconteceu. O que senti, aquele sentimento divertido, de que aquilo existiu. Ou seja, em geral todas as frases costumo usar algo da minha vida pessoal direta ou indiretamente.

Ela gosta da ideia de ser proibido, de ser ilegal, do vandalismo, e sustenta esse gosto no histórico de proibições que o Porto já teve anos atrás. Um grande histórico de conflitos entre a *street art* e a Câmara Municipal. Exemplificou comentando que a gestão do Rui Rio foi um genocídio à *street art*, pois mandou pintar as paredes todas do Porto, inclusive peças de artistas famosos e peças encomendadas. "E o que o pessoal fez? Voltou a pintar por cima". Ela pontua que há um conflito em relação a gosto. Se aquilo for "bonito", faz sentido estar nas paredes, mas se a pessoa não gostar daquele desenho, ou intervenção, pode achar que é lixo. Falando do seu trabalho, ela sente que isso pode acontecer também.

Entre um café e um brownie, continuo a conversa perguntando como ela cola. Ela responde que utiliza cola branca, de tubo ou de pistola, porque algumas demoram mais tempo, e a pistola é mais rápido, mas fica muito mais na vista que está fazendo alguma coisa. Também diz que geralmente vai colar sozinha. Já foi com um amigo, mas nunca consegue achar um dia em comum, então acaba por ir sozinha colar os azulejos.

Ela relata que antes de ter o Instagram, utilizava o Tumblr, mas em 2016 resolveu fazer o projeto de postar uma foto por dia, por isso, a plataforma era mais fácil e tinha maior visibilidade. Ela não queria utilizar o mesmo nome do Tumblr, por isso escolheu outro codinome. Buscou uma palavra portuguesa, não muito habitual, "Paleio", que é referente à uma pessoa que fala muito e faz pouco. Dizia ter muitas ideias, mas realizava pouco, então acabou se identificando.

O curioso é que ela não publica nenhuma de suas intervenções no Instagram. Questiono se ela acha positivo a não exibição, se publicando não alcançaria mais pessoas, ela diz que não se importa e não precisa exatamente da rede social para saber da repercussão. Comenta que um dia estava passando pela Rua da Madeira e viu duas turistas tirando *selfie*, com um dos seus azulejos colados. Passou por elas, mas não disse nada. Achou piada ver as pessoas tirando fotos com aquilo, é um sinal de identificação.

- Às vezes as pessoas tiram uma fotografia, e quando publicam no Instagram, põem, tipo, a própria ideia delas, ou a própria interpretação da frase, que acaba por vezes por ser diferente da minha. É a maneira como eles leram aquilo, na perspectiva deles. Há umas frases que são um bocadinho gerais, por exemplo, eu tenho um pequeno azulejo, que eu acho que não apanhaste. É um dos primeiros que publiquei, está mesmo no fundo duma

porta, na Bombarda, e está escrito “rape is equal”, que quer dizer “violação é igual”. O que eu quis com esse azulejo? Foi uma altura em que em Portugal havia muito medo das mulheres serem violadas, mas falava exclusivamente da violação sexual contra a mulher. E eu quando eu falo isso, também quero dizer, mas lembre-se que os homens também podem sofrer de violação sexual. E é a ideia desse azulejo. Dizer que a violação é igual, no sentido que toda gente pode sofrer isso, ou aquilo, ou algo do gênero. Esse aí é até um azulejo que não é diretamente relacionado comigo, mas é uma posição minha perante ao assunto. As pessoas podem ou não identificar-se. Eu já tive pessoas a tirarem fotografias desse azulejo, e não perceberem o significado, e até discordarem. Eu não me importo que a pessoa possa discordar.

A não associação da identidade dela com o azulejo, busca uma isenção do assunto tratado, pois quando se sabe quem está por trás de alguma intervenção, pode mudar completamente a opinião da pessoa em relação aquilo. Por isso, não associar sua imagem é uma preocupação para deixar que as pessoas possam identificar-se ou não com a mensagem. “Portanto, eu até gosto de que ele seja assim anônima, apesar de eu assinar, não tô propriamente a dizer... Do gênero... Olha, fui eu que fiz isso pessoal, portanto, créditos para mim. Não sinto muito a necessidade de fazer isso”.

Essa questão de igualdade, de utilizar rosa, de falar sobre mulheres, levanta a questão sobre o feminismo, e busco entender seu pensamento em relação à isso. Existiria alguma bandeira levantada?

- Eu quando discuto feminismo com as pessoas, principalmente com colegas mais próximas, eu costumo dizer que eu não gosto muito da “bandeirinha” do feminismo. Eu acho que o feminismo, agora, principalmente ao nível da Europa e da América, é o que eu chamo do feminismo do século 21 da mulher branca privilegiada. Irão muito a entender que o feminismo que agora está a se manifestar, é um feminismo que se preocupa muito com causas secundárias, por exemplo, usar sutiã, fazer depilação, usar maquiagem, quando, na base, o feminismo, que foi um movimento dos anos 80, era um movimento social, e também focado na vertente profissional, ou seja, era para as mulheres terem o mesmo salário, as mulheres terem a mesma possibilidade de crescer na carreira, as mulheres poderem votar, por exemplo. Esse aí era o feminismo da altura, porque a mulher não estava

em pé de igualdade com o homem. Eu acho que agora no século 21, pelo menos na zona da Europa até estamos, e deveríamos olhar mais para os lados para onde não estão, por exemplo, na Índia, a mulher é menos que uma vaca. Então, na Ásia a mulher tem que ficar em casa a ter filhos, por exemplo, ou então tem que se casar antes dos 30, ou não ninguém casa com ela. Eu acho que isso são mesmo causas que deveriam ser a nossa luta conscientizada, e não tanto esses por menores, também importantes, a pessoa poder usar a roupa que quer.

Ela não gosta de se intitular feminista, mas quando outra pessoa a intitula, prefere que seja percebida como uma "igualitarista", uma pessoa que busca a igualdade. Acha que o termo feminismo pode passar uma falsa impressão, e até uma ideia pejorativa em relação à pessoa, atrelando alguns estereótipos extremistas. Discorda das feministas radicais, pois podem estar agindo da mesma forma que os homens machistas. "As pessoas perdem um bocadinho a noção do que estão realmente a lutar, ou o que tão a reclamar, nesse sentido. Eu pra mim, como mulher, o importante é mesmo não ter distinção, por exemplo, se aquela pessoa vai ter um trabalho melhor que eu porque é um rapaz, ou se vai ter uma melhor oportunidade de trabalho, ou então não ficar... Como, por exemplo, a questão da gravidez. Eu não ter que me preocupar em engravidar e perder o meu trabalho, por causa de engravidar. Isso é uma situação que ainda acontecem em determinadas empresas. Portanto, isso são coisas importantes que o feminismo deveria refletir. Agora se eu quero utilizar ou não sutiã... Oh pá, eu acho que isso é mais uma luta pessoal, individual, do que propriamente de um coletivo".

Sigo a conversa tentando compreender o que ela realmente busca em relação às frases que escreve, se é para atingir determinada pessoa, ou se tem algo mais como um registro pessoal. "Pra mim, no momento em que escrevo, é mais uma demonstração de uma frustração, uma ideia que tinha na cabeça. Não estou a pensar propriamente vou escrever isso para esperar uma reação do público. Não. Para mim é libertar uma ideia que tinha, algo que andei arrumando na cabeça, ou de falar comigo própria. Ponho no azulejo e pronto. Depois é que vou tentar colar na parede. Aí que posso ver o que vai acontecer ou não, ou divertir-me com a reação das pessoas".

Questiono se ela está planejando escrever alguma frase no momento, ou se tem alguma frustração que ainda quer expressar dessa maneira. A resposta é negativa. Por acaso se enxerga sem conflitos pessoais ou relacionais, e não está pensando sobre isso. Diz que está bem consigo própria. "Isso é mais quando eu estou mais desanimada, ou de mau humor, ou que atravessei um período de relacionamento que terminou, ou outro que começou. Aí é que vem mais as ideias. É quando tenho mais sentimentos negativos, ou quando estou mesmo triste".

Afirma que prefere andar com poucas pessoas, geralmente quando vai colar está sozinha com seus fones. É nesse momento em que consegue organizar suas ideias, num trajeto mais introspectivo, imagina algumas frases, e projeta-os nos azulejos. Confessa que não escreve muito, não tem o hábito de registrar tudo o que pensa, e muitas vezes acaba por esquecer de frases e ideias que teve.

Questiono se ela pretende cursar Artes no futuro. Ela diz que prefere escrever, gostava de estudar Literatura, mas anda a colar mais azulejos do que propriamente escrever textos. Mostrei a página do Instagram e fomos comentando sobre os artistas, buscando conhecer outras pessoas que escreviam. Retomo a conversa perguntando com que frequência vai colar, ou quantos cola por vez.

- Eu normalmente, quando vou colar, levo todos os azulejos que tenho comigo, mas acabo por colar apenas três ou quatro. Porque, primeiro, tenho que andar às voltas para ver onde os quero colar e depois, como eu não consigo andar muito à noite sozinha, andar depois da meia noite sozinha na rua, não me sinto confortável, sou rapariga e tal, então eu tenho que colar por volta da meia noite, uma da manhã. Só o que acontece é que meia noite, uma da manhã, há muitas pessoas ainda na rua. Ou então, às vezes, há sítios, por exemplo, ao pé das Belas Artes, naquela tal Praça de São Lázaro, é que tem umas paredes geniais pra colar, mas tão lá sempre pessoas. Pessoal sempre a fumar, pessoal a beber, e eu fico, tipo... Oh pá, eu não queria esperar até às quatro da manhã. Então às vezes há sítios que eu quero de colar, ou acabo por não colar, ou não colar tantos que eu não queria.

[...]

Comento que ela posiciona em lugares mais discretos. Ela diz-me que agora tem tentado colar os azulejos mais ao nível dos olhos. "Por exemplo, pus esse na Rua da

Madeira, mas esse aí é fácil, já disse, ninguém chateia com essa rua. Já sabem que ela tá lá já cheia de tralha, mas, por exemplo, não sei se conhece o Cinema Trindade. Nessa rua, na descida do cinema, havia lá uma parede emparedada, tipo uma parede em que puseram tijolos, pro pessoal não entrar lá dentro, e eu colei mesmo ao nível dos olhos. Tá mesmo à minha altura. Portanto, a pessoa passa e obrigatoriamente vai ver aquilo. Antes eu fazia mais no descretozinho, lá está, vou pôr aqui do lado, ninguém me chateia e tal, mas agora tento pôr mais ao nível dos olhos e sítios onde passam mais pessoas. Porque antes eu estava mais focada na Cedofeita ou na zona da Lapa, e agora tenho tentado ali perto da Santa Catarina, por exemplo, tá lá um quadrangular enorme, perto do Rivoli. E pronto, tenho tentado me afastar um pouco mais".

Ela continua:

- Agora tenho vários, agora, nesse momento, tenho, pá aí, uns oito para colar. E tenho que ver se faço isso agora porque no inverno vai vir a chuva e é impossível colar azulejo, porque as paredes ficam muito úmidas e não colam. Aconteceu-me no inverno passado, tentei colar alguns, eles descolavam e caiam (risos). É furioso, é diverido.

Comenta que gosta da ideia de que alguns são arrancados, e acredita que a Câmara não faça isso, gosta de pensar que são pessoas que arrancam. Outros ainda caem naturalmente, quando chove bastante, caem e partem-se.

- "É um bom *hobbie*, como costumo chamar. Ajuda a entreter. Ao mesmo tempo é giro, porque faz-me entrar em contato com pessoas. Pessoas que vêm entrar em contato comigo, faz eu falar com pessoas. E é muito giro. Tu não estarias a falar comigo se não fosse por isso, lá está. Não seria no nosso dia-a-dia que nos teríamos cruzado, provavelmente, somos de áreas diferentes. Portanto, é em parte também por isso que gosto de fazer esse tipo de atividade, que, como assim dizer, fogem da minha zona de conforto, ou da minha área profissional. Como não estudei artes, como não tenho propriamente amigos de belas artes, fazer essas coisas acaba por me fazer entrar no mundinho, nessas zonas ao qual eu não teria acesso.

A conversa se encaminhava para um lado de cinema e de política. Aproveitei para tocar no assunto relativo aos murais do 25 de Abril. Perguntei se ela se inspirou nesse movimento, ou enxergava a escrita da parede como um resquício daqueles tempos. "Eu

acho que fazem muito isso porque, primeiro, é publicidade fácil escrever nas paredes (risos), em vez de estar a colar alguma coisa, e ao mesmo tempo já é, por si só, um ato ilegal. Eventualmente aquilo será pintado por cima". Questiono se ela vê isso como publicidade. Ela diz que do sentido de manifestação, se queres chamar a atenção do público, em vez de estar a colar papéis, distribuir *flyers*, escrever na parede é um jeito mais barato, rápido de informar que aquilo vai mesmo acontecer. Ela nota que essa comunicação está muito direcionada para as pessoas que caminham pela cidade, e algumas vezes são direcionadas ao turista diretamente. Faz referência a um cartaz, onde diz algo como "querido turista, o salário mínimo em Portugal é 580 euros, pergunta a sua secretária de hotel quanto que ela paga todos os meses". Isso estava escrito em inglês para avisar aos turistas, para refletirem que, apesar deles estarem em Portugal, e acharem tudo barato, serem bem atendidos, as pessoas acabam não ganhando muito dinheiro a custa disso. Ela disse que havia muitos desses espalhados na zona central da cidade, mas a maior parte deles foram arrancados.

- Isso é a coisa boa da *street art*, eu acho engraçado que há uma renovação. Não é aquela arte de museu, que pões lá um quadro, e fica lá durante 100 anos. Não. É uma coisa que o pessoal faz e vai desaparecer. Tem um período momentâneo. Depois, lá está, tu podes ter a noção da peça que eu não vi, ou entretanto já foi apagada. E pronto, isso é engraçado. O não estar permanente também faz parte da própria criação de si. É saberes que aquilo não vai estar ali para sempre, não vai ser visto por todas as pessoas, não é uma Monalisa que vai ser super conhecida. E pronto, isso é engraçado. E porque até dá oportunidade a outros artistas. Imagina, se não pintássemos as paredes do Porto, iria haver algum espaço limitado. Portanto, é até importante que a própria renovação seja feita pela Câmara Municipal, fica mais barato para nós, porque são eles que tem que estar a pintar aquilo tudo.

Consegue notar que existe uma seleção de artistas que permanecem, outros desaparecem. Os que já tiveram alguma relação com a Câmara do Porto geralmente ficam mais, ou outros que são mais reconhecidos a nível nacional, porém acha um pouco desigual e até injusta essa seleção.

Writer 3

26 de Outubro de 2018
Encontro com o @umgajonoinsta

Marquei de encontrá-lo novamente para gravar a entrevista e poder coletar informações mais precisas, assim como validar os pontos que havíamos conversado numa outra oportunidade. Já era final de tarde, combinamos na Praça dos Poveiros e fomos até um banco do Jardim de São Lázaro. Já sabendo de algumas histórias, busquei explorá-las na entrevista.

- Antes de escrever, de fazer *stencil* e *stickers*, tu tiravas fotos, certo? - pergunto.

- Sim, e ainda continuo tirando. Faço disso um *hoobie* de coleção. Sempre que vejo um desenho que me agrada tiro a foto, guardo. É quase como fazer um cromo. Depois há alguns artistas que conheço, e junto tudo deles. Junto por frases, junto por colagens, junto por *graffitis* que não sei quem são, pois só há um ou dois deles. Mas é isso mesmo. Foi por coleção. Não foi por um interesse, tipo, preciso disto. O que aconteceu foi o desemprego. Tava desempregado, chegava em casa, ia dar uma volta. Já não me lembro qual foi a primeira e ou segunda foto que tirei, mas foi com um telemóvel mais antigo. Achei piada qualquer coisa, e tirei por tirar, mas depois comecei a reparar que existia mais coisas na rua, nas paredes. Quer mensagens escritas, quer boneco aqui, boneco ali… O *graffiti* aqui em Portugal começou mesmo mais nos anos 90, só que era mais lá pra baixo. Aqui foi só mais tarde. Mas eu nunca… É assim… Eu até pensava nisso... Por que eu não me liguei nisso mais cedo? Não ligava. Era igual a essas pessoas que andam aí, e passam, e nem olham para a parede. E agora não, quando eu ando na rua, sempre tô a ver.

- E isso faz quanto tempo?

- É coisa de três ou quatro anos.

- E tu nota a diferença do aumento das mensagens ou dos graffitis?

- É assim, aumentou, aumentou muito. E agora tá muito parado outra vez. Ando por aí e não encontro nada novo. Uma coisita ou outra. Noto que quem é que põe… É pessoal, que digo eu, das belas artes. São colagens, coisas que fazem em casa. Outras coisas, por

exemplo, fazem piada, mas se calhar, é para trabalho de escola, e treinam, e depois põe nas paredes, ou seja, não é nada interventivo.

Busco entender como ele começou e o porquê escreve frases.

- Comecei com *stencil*, porque foi mesmo, aquela coisa, andei uns dois anos a olhar para as paredes.

- Isso foi esse ano?

- O *stencil* foi ano passado. Os *stickers* é que comecei esse ano. É mesmo aquela coisa, se pensares assim... Tu gostas de desporto, e pensa, eu não tenho mesmo jeito para o futebol. E tentas encontrar um esporte que é para ti... Olha, deixa-me ver... O ping-pong (risos). Foi um bocado isso. Pá, *stencil*, como se faz um *stencil*? Aqueles assim, a Banksy, ou aqueles todos trabalhados, não é fácil. Agora, uma frase, é pegares nas letras, recortares, passares a tinta por cima. E isso acho que consigo. Abri o Photoshop, fiz umas letras.

- Foi aquele do "I'm not a hostel yet"?

- Primeiro foi do hostel, depois é que fiz mais duas frases.

- Tu espalhou por quantos lugares?

- Não foram muitos, por acaso, porque eu na altura... Moro lá em Gaia... E não vinha muito assim ao Porto. Depois é assim, *stencil* é pra assim... Fazer à noite. De dia, o pessoal fica a olhar…

- E tu ia sozinho?

- Quando vinha ao Porto, encontrava-me com a @paleio. Numa altura, que ela tinha uns azulejos para colar, era um domingo, final da tarde. Era pá sete horas. Vamos? Vamos. Fui ter com ela, ela foi colar, e eu fui fazer uns *stencils*. Eu tinha meu *stencil* nada a ver com o dela, mas depois punha a frase ao lado do azulejo, tiramos fotografias das coisas juntas.

- E os *stickers*, tu começaste a mais pouco tempo?

- Os *stickers*, comecei a ver, é bem mais fácil de espalhar. De dia, ando com elas aqui na bolsinha. Imprimi umas folhas A3, cabem uns vinte e poucos, imprimi seis, agora mais sete, dá treze folhas, devo ter uns 200 e tal. Imprimo a folha A3, eles dão-me a folha A3, depois em casa, xizato e aquelas… Não é tábua que é de plástico, como é que chama? Tipo, tábua de cortar os bifes.

Nesse momento eu começo a rir, e ele continua, "é meu, quase tudo artesanal. Ué, enquanto os designer e afins, o pessoal tem aquelas mesas com a reguinha, tá bem, eu corto logo na tábua dos bifes, só pra não estragar a mesa da casa. E o pessoal ainda acha piada, e eu digo, eu não sou artista. Qualquer um pode ser artista, se fizeres alguma coisa qualquer e já é arte. Eu não sou artista, porque eu não tenho nem base, nem eu vou ganhar nada com isso. É mesmo pra me entreter. Eu tô desempregado, mas arranjando um emprego, não vou deixar de fazer isso. Quando sair do emprego, aos finais de semana e tudo mais, saio com o autocolante na bolsa e posso colar na mesma. Enquanto há muitos que andam por aí, fazem isso e aquilo, pá, não ganham nada com isso, mas estão a se auto promover. Eles ganham como tatuadores, como designers, como ilustradores. Por isso que eu pus aquele nome no *sticker*, porque era o nome que eu tinha minha conta no Instagram. E tenho notado que teve um salto de muitos seguidores. Há um pessoal que segue, quem é esse gajo?! Só que chega ali e não vê nada meu. Tem uma coisa ou outra de frases que escrevi, ou *stencils*, que nem indico que são meus. Ponho só fotografias, pessoal não sabe quando é, mas os *stickers* nem pus, porque a minha conta não é pra me promover como artista, porque eu não sou artista. Ponho coisas de outros que gosto de ver aí pela rua. Tiro foto. Quando vejo que tenho perto de dez, publico e quase todos eu consigo identificar. Identifico o artista, o pessoal agradece.

- Tu já espalhou por vários lugares... Mas tu foca em colocar em lugares mais específicos, com maior circulação de pessoas?

- Tem pessoal que coloca mesmo em qualquer cantinho... Pá, é assim... Custou-me dinheiro. Depois eu ponho, há sempre quem arranca. Então eu ponho em sítios onde eu saiba que as pessoas vão passar. A Rua das Flores é fixe, aqui nos Poveiros é fixe… Por quê? Porque sei que há sempre desenhos, e alguém que gosta de desenhos também vai lá ver, e acaba por ver meu *sticker*. Em Gaia, coloco ali no Jardim do Morro, na ponte. Achei piada que um estrangeiro, tirou uma fotografia que eu pus no poste, logo na entrada da ponte, ele tirou a fotografia, e identificou-me. Fui ver o perfil dele, ele não tinha uma única foto, nada de *street art*, nada, nada, nada. Era só coisas das férias dele lá, alguma coisa com a mulher, coisa e tal, depois o único que tinha era o meu *sticker*. Meu *sticker* era mais importante? Não era, mas gostei. Ele viu e apreciou.

- Sim, de certa forma se identificou. E qual era a frase?

- Era "where the streets have no fame".

- É referente à música do U2?

- É. As frases que eu faço, quer os *stencil*, quer os *stickers*, não querem dizer nada. Não é uma coisa pessoal. São coisas que me vem à cabeça, essa frase é fixe. Não tem uma história por trás. Mesmo aquilo do hostel, pá, veio-me à cabeça, mas pensei, era engraçado pôr isso. E só ponho em casas abandonadas. Não vou por isso num poste. São coisas que me vêm à cabeça. Nem sou fã do U2. É um trocadilho. Só que chama mais atenção porque o pessoal lê e a música começa a vir na cabeça. A espera de dizer.. Ahn, pera... Isso aqui diz diferente. Não sei mesmo lhe dizer mesmo isso. Vem-me a cabeça, pronto. Mostro para algumas amigas. Não sei porque, mas faço sempre aos três. Agora já tenho mais três na cabeça para fazer e também são trocadilhos de músicas. Uma delas é música da Madonna, uma do Radiohead, e Joy Division. Não digo já o que é pra não…

Comento ter percebido que as frases estão sempre em inglês. Ele diz que há uma apenas em português, e que as pessoas que estão na cidade percebem inglês. "Já que não vou lá fora, meus *stickers* ficam internacionais". Ainda sobre a repercussão na rede social, ele fica surpreso com as pessoas verem seu *sticker*, pois é simples. Usa apenas branco e preto. Não é nada desenhado. "Qualquer um pode fazer aquilo. Pode não saber fazer mais, nem melhor, mas qualquer um pode fazer o mínimo. Nem que sejas pegares numas etiquetas. Cheguei a fazer isso. Etiquetas, tipo autocolantes. Escrevia e colava por aí. Só que vinha a chuva (risos), ficava dobrado. Por isso é que pensei, vou tentar fazer uns *stickers*. Falei com o @fragilstreetart. Perguntei onde ele imprimia, quanto pagava, e tudo mais".

Pergunto se as pessoas que escrevem são suas amigas, ou simplesmente conhece virtualmente. Ele responde que algumas conheceu pessoalmente, porém outras conhece somente pelo nome, mas não sabe quem são fisicamente. Reconhece os desenhos ou as frases escritas. Como há muitos turistas na cidade, parte deles não consegue saber de quem são os trabalhos, quando identifica isso nas redes sociais, geralmente comenta qual o perfil responsável pela arte ou intervensão. É um admirador da arte urbana, e sempre que há

alguma feira onde os artistas expõem seu trabalho, visita-os e compra algumas peças, assim acaba por se aproximar dos artistas.

Durante a conversa, comentei sobre a prefeitura intervir nas paredes da cidade pontuando o fato de que algumas intervenções permanecem. Ele comenta que o *graffiti* no Porto teve várias fases. "O Presidente da Câmara, Rui Rio, anterior, até pôs aquelas placas, o anti *graffitis*, e o pessoal cagou para essa merda, até riscavam as placas (risos). Só que assim, se apanhavam alguém, a multa era alta. Ameaçavam eles".

- Mas nessa época havia menos arte urbana? - pergunto.

- Se calhar, até tinha mais. Pois… É aquela coisa do fruto proibido. O verdadeiro *graffiti* é o "vândalo". Eu aprecio hoje, só não aprecio coisas riscadas. Riscar por riscar. Isso não aprecio. Depois tem ali aquela parede, é casa de alguém, como tá ali uma parede branquinha, "deixa-me riscar". Isso não aprecio, porque se a parede tá ali assim, e se tá lá alguém, é porque aquilo é de alguém. Tás a ver?! Está a estragar uma coisa que é de alguém.

Nesse momento ele aponta para a Praça dos Poveiros. Mostra que ali há uma parede de uma casa abandonada, exemplificando como uma intervenção pode deixar o lugar mais agradável. Destaca que nesse espaço há sempre *graffiti* e cartazes colados, e continuamente a prefeitura acaba por pintar o local, mas deixa sempre o rato do Mesk (artista português). Segundo ele, a seleção dos *graffiti* que podem permanecer e os que devem sumir não tem critério definido. Se o desenho é bonito, permanece, mas pontua que isso é muito relativo. Ao mesmo tempo acredita que essa limpeza proporciona a outros artistas intervirem naquele local. Há uma renovação no ambiente.

[...]

Quando está a procura de novas intervenções para tirar fotografias, encontra seus próprios *stickers*. Às vezes esquece ter colado naquele local. Por vezes, distribui a alguns amigos, e eles colam por outras regiões. Esse funcionamento do autocolante, em que outras pessoas possam partilhar sua mensagem (ou seu perfil), por outros espaços, é uma das formas de estar em lugares onde não poderia chegar fisicamente, mas que por meio de um adesivo, pode.

- Dessa forma, não seria uma forma de se promover? - questiono.

- Alguns podem se promover em termos económicos, em termos de negócio. Mas é o que eu digo, não vou dizer que não, gosto de me promover como me promovo. Já que fiz, quero que as pessoas vejam, se não fazia e deixava em casa, não é?! Se não quero que as pessoas vejam, escrevo no Word e deixo no computador. Se tu escreves na parede, queres que alguém veja, se não não escrevias. Não vale a pena estar a dizer, ah, não quero saber. Não tô a espera de algo econômico, nem nada disso.

Questiono se ele percebe alguma relação entre as mensagens do final da ditadura em Portugal, os murais de 74, com os dias atuais. Ele não sabe responder. Afirma gostar da estética dos cartazes da época, percebe uma relação com a arte construtivista dos cartazes da União Soviética, e comenta que os cartazes eram majoritariamente anti a ditadura. Também relaciona esses cartazes com selos, e revela que desde os anos 90 coleciona selos, e deve ter mais de 5.000 guardados.

Ele precisa estar colecionando algo, por isso coleciona selos, por isso coleciona alguns *stickers*, e por isso coleciona fotos de *graffiti*. O Instagram serve como plataforma para ele catalogar suas imagens, identificar os artistas, e fazer contato com artistas e com pessoas que identificam seus adesivos. Assim, faz parte de um movimento de *street art*, mesmo não se intitulando artista.

Writer 4

30 de Outubro de 2018
Encontro com @as_frac

Marquei de encontrar a Frac na frente ao "Vício no Café", um café localizado na Passos Manuel. O tempo estava nublado, pouco chuvoso, fiquei aguardando na frente. Mais uma vez não sabia quem esperar. Não tinha ideia de como a pessoa era, qual cor de cabelo, como se vestia, nada. Por acaso, passado uns 10 minutos do horário em que combinamos, recebo uma mensagem "estou cá dentro". Ela tinha passado na minha frente, e eu não tinha a identificado.

Entrei, fui até a parte de trás de café, onde ela já estava sentada, era uma zona de fumantes. Me apresentei, começamos a conversar, expliquei o projeto e assim que iniciamos a falar das intervenções pedi autorização para gravar a conversa.

- Uso frases de outros, coloco entre aspas, entre aspas é exatamente meu *slogan*, por isso utilizo as aspas. Já está gravando? - ela me pergunta.

Afirmo que sim. Comento que estive com o @cest719 no dia anterior, tivemos conversando um pouco sobre *stickers* e arte urbana. Na busca de entender sua formação, questiono.

- Tu és designer?

- Eu sou atriz. Faço algumas séries *underground*, mas eu acho que cada vez mais... Como no teatro não funciona... Isto é uma mania, um *hobbie*. Portanto, também faço uma espécie de ilustração, tipo, desenho lojas, vitrines.

[...]

- Tu começaste a desenhar antes de escrever?

- Não. Comecei a fazer frases porque, tipo... Adolescência... Vim para universidade, precisava fazer alguma coisa mais, tenho muito tempo livre. Então pronto. Basicamente eu acho que esses artistas de rua mexem-se mais, cada vez mais, por insatisfação própria. Quanto ao amor, ou quanto a cenas políticas, no meu caso é mais político. Também faço *past ups,* "pensamentos enforcados", não sei se já viste. É tipo uma cabeça, posso te

mostrar, e em cada cabeça tem tipo um poema. E isso é diretamente, para uma pessoa. Assim que essa pessoa passar cá no Porto, nota que sou eu.

Enquanto procura imagens no celular para me mostrar, comenta.

- Não deixo tanto a minha marca, mais coisas para as pessoas pensarem. Frases com a minha marca que é Frac. Mas o que cada vez mais o que penso em fazer é o que me inquieta a nível político.

[...]

- Bia Ferreira, conheces? Uma cantora brasileira. Eu tenho também algumas frases dela. Ela é muito pelos negros, pelo feminismo, e acho que o Brasil, e Portugal, precisam bastante de um abre olhos. Artistas interventivos, e não para entreter. Vais ali no Sá da Bandeira há mais teatro de revista. Atualmente para a sociedade não é necessário fazer teatro de revista. Eu tô a falar de teatro porque é o que eu faço. É mais questões políticas, Tchekhov, tipo Brecht, é muito político, muito capitalismo, muito socialismo.

- Tu gosta mais dessa vertente?

- Político, sim. Se eu estou a fazer arte é para abrir os olhos a alguém, não é para entreter.

- Tem muito esse limite entre o que é expressão, para inspirar alguma coisa, motivar alguma coisa… É o que eu questiono entre os limites entre o design e a arte. É um pouco disso.

- Queres um cigarro? - ela me pergunta.

- Não, não… Não fumo.

Confesso que não estou habituado com cigarro, principalmente em locais fechados. Em Portugal existe uma grande quantidade de pessoas que fumam e entre os *writers* que conheci, maior parte deles fumavam.

Ela pergunta se eu já tinha ido ao Becuh, um lugar de exposições de arte urbana da cidade do Porto, digo "fui ontem com o @cest719, por acaso eles estavam organizando uma exposição". O Becuh é uma referência de *street art* na cidade, porém o espaço estava com os dias contatos, precisavam desocupá-lo até final de Dezembro, pois o proprietário iria vendê-lo. Comento que isso tinha se tornado algo recorrente na cidade, ouvia muitas histórias de despejo, e o apartamento em que eu arrendava também havia sido vendido.

Questiono se ela tinha passado por algo do gênero, visto que suas frases políticas também refletiam essa preocupação.

Ela responde:

- Mais ou menos. Por exemplo, a frase "words can kill" é… Hoje em dia as pessoas têm a mania de ser demasiado políticas, demasiado certas. E as palavras certas as vezes se encaixam mal. "Love is forever and forever is over", nunca viste essa? É de um espetáculo que eu fiz… É um *hoobie*, não é?

Lembro de uma frase que tinha visto dias atrás e pergunto:

- E aquela, o "capitalismo é anti-biológico?", é sobre o que exatamente?

- Foi numa aula de arte contemporânea, estava escrito num livro, eu simplesmente copiei. Tá a beira da Trindade essa. Acho que ninguém ainda havia fotografado ainda.

Ela continua:

- É tipo... Eu tenho insônias. Então eu seleciono, hoje... Eu tô bué... Eufórica, porque ontem aconteceu mal. Então, hoje não consegui dormir. Vou sair e vou fazer algo em relação aquilo. Algumas frases em que eu já tinha selecionado antes, e vou escrever aquelas. É basicamente só sobre isso, e é em lugares à toa.

[...]

- Faz quando que tu começaste? - pergunto.

- 3 anos... há 3 anos… Foi quando vim pra aqui morar. Foi em Setembro.

- E nunca tinha feito antes?

- Não. E comecei a ver que… o Porto… Não sei se tu já viste!? A única que é minha, minha mesmo, foi uma que eu fiz na Rua das Flores em que diz "O Porto não precisa de turistas. O que acontece são pessoas a dormirem na rua". Essa é a única minha. Porque, a primeira coisa que eu fiz quando vim cá foi... Foda-se... Tantos turistas e tanta gente... No entanto à noite não se passa nada. Só há gente a dormir nas ruas, e é muito isso.

- Sim, tu viu toda essa mudança que aconteceu.

- É. E basicamente é isso. Eu tinha uma ideia errada, de que os artistas de rua, se calhar, são aqueles todos *gangstars*… "Vamos vandalizar isso tudo, escrever nas paredes", e não. É exatamente que eu vi na @hoje___. Uma pessoa que estuda design, e que faz aquilo para dar às pessoas os papéis, elas escrevem, uma ideia muito fixe.

A conversa transita para outros temas fora do roteiro, como as diferenças entre a arte urbana brasileira e portuguesa, seus estudos, música, até chegarmos na temática feminista. Pontuo que ouço muito algumas meninas falarem sobre a insegurança de andarem sozinhas à noite, devido a assédios que podem acontecer, principalmente nas Fontaínhas ou próximo ao Jardim de São Lázaro.

- Basicamente, tu não podes ter medo da noite - afirma com um tom enfático. Não podes. E outra cena… Eu fui com a minha namorada, tar a mostrar como é que se fazia, porque ela não conhecia, e quando a gente tava a voltar, a gente assistiu uma violação. Uma prostituta a ser violada. E no dia a seguir, eu disse... Não… Olha... Vamos ter que sair, vamos ter que fazer isso. E escrevemos no sítio onde a rapariga foi violada. Foi mesmo a frente da minha casa. "Houve uma violação aqui" e uma seta. A polícia veio, eu fiz o depoimento, ela também. Só que, a merda desse país é que não vai pra frente nada, não vai. A nível das mulheres, de punição, não vai. É uma cena que mexe.

- Sim, mexe, principalmente com as mulheres. É uma situação que vocês sentem, porque pra mim é diferente, eu não sinto isso, mas vejo.

- É... Para os homens é muito mais fácil andares às quatro da manhã. Eu acho…

Durante a recolha das imagens tenho notado um número expressivo de frases com tom feminino, e identifiquei muitas assinaturas de meninas, mas as mensagens dela eram impactantes. Nesse momento ela abre seu perfil no Instagram. Busca uma outra frase e conta sobre uma situação que havia vivido. Mostrou-me uma imagem de um cartaz com um "NÃO" e um "X" pichados por cima.

- Quando andava a ir para o Algarve, isto é em plena rua, de dia. Tava, tipo, a começar uma tourada, e as pessoas a entrarem todas. Tinha lá um cartaz e eu digo... Não... Eu tenho que fazer isso. Saio, pego na lata, risco, e digo... Não... Escrevo "não às touradas".

- E ninguém abordou? - questiono.

- Sim, abordaram. Um gajo se virou. E é a tal cena de saberes se comunicar. O gajo virou-se para mim e disse assim "olha, tu deverias pegar na lata de tinta e meter na cara", e eu "faça o senhor". E ele ia pegar na lata, e se avançasse ia correr para a polícia, mas a mulher dele disse, "não". Eu não fiz nada mal, era um simples cartaz, podia ser removido. Não estava a estragar nada. Era só um cartaz, papel, faziam outro igual se quisessem, mas

eu sei que naquele momento, à noite, eu fui uma conversa num jantar, e isso é o que me move.

- Quase no ato, né?

- Sim.

- Mas é sempre assim?

- Não, eu tenho as minhas placas de *stencil*. Tenho que fazer novas porque estão muito velhas, eu tô um bocadinho estagnada. Não tenho feito nada. Mas tenho umas placas que são cortadas a *laser*, na empresa dos meus pais. Eu digito as frases, mando para o Corel lá pra eles, eles lá na máquina cortam direitinho o acetato e imprimem. E depois chego aqui - assovia e faz movimento de que está colando algo -, boto na parede.

Continua me mostrando algumas outras imagens, em outras línguas, como francês, uma mensagem que dizia "Deus é uma mulher", que ela colocou numa paragem de autocarro em Barcelona. Outra imagem é dentro de uma casa de banho, numa discoteca. Outra dizendo "o povo português", com a palavra "português" no cigarro, referenciando a marca Português, mostrando que o povo português está cada vez mais a dissipar-se, a desaparecer, ou indo para o estrangeiro trabalhar. "Compramos Portugal", esse é o símbolo da CP, empresa de comboios. "O segredo está na ma$$a" da Tele-Pizza.

- Tem muita coisa que eu não publico - afirma procurando algumas imagens.

Noto que os locais não são necessariamente de grande circulação, não têm uma relação direta com escrever onde muita gente transita, e sim uma relação pessoal entre o lugar e a mensagem a ser transmitida. Essa percepção se reforça quando comenta sobre um protesto dos artistas de teatro, que ocorreu na Praça Carlos Alberto, onde, no dia anterior, foi até o local e aplicou um *stencil* no chão com a frase "words can kill", para ver se os media apanhavam a imagem. Foi um teste para ver se eles faziam alguma relação da frase com o movimento, o que acabou por não ocorrer. Ao passo que ela vai mostrando as imagens, conta as histórias. O ato de escrever traz lembranças do momento em que escreveu na rua. As memórias das intervenções continuam presentes através das imagens, e o contexto dificilmente é esquecido pelo *writer*.

- Somos sempre muito abordados. É por isso que maior parte das pessoas fazem a noite, para não ser abordado por ninguém. E quando és abordado, é por pessoas que moram

na rua. Quando eu estava a fazer esse do "o Porto não é só turistas, também há pobreza a dormir nas ruas", tava um mendigo a dormir, e lembrei-me - estalando os dedos-, naquela rua passa tanto turista, e a noite tá só. Eu vi... Fui escrever... E de repente vem mais três pessoas mendigas, que eu pensava que eram mendigas, dizer "olha, eu faço parte da polícia, não podes fazer isso", e eu "calma amigo, eu não estou a fazer nada de mal, só estou a escrever" (risos). Olha para este senhor... E depois eles não faziam nada parte, eram só um grupo de mendigos pra fumar heroína. E chegaram e disseram, "nunca experimente heroína, nunca faças isso".

[...]

Ela revela que sua bisavó foi uma das primeiras mulheres a se divorciarem em Portugal. O marido dela era brasileiro, não havia a possibilidade de manter uma família com um pai ausente, ela decidiu se divorciar. Eram pessoas ricas, conseguiam sobreviver sozinhas.

- E tu tem um pouco desse simbolismo da tua bisavó? - pergunto.

- Ela pertencia à monarquia, mas era contra o regime. Então era repórter fotográfica. E fotografava tudo.

- É um histórico bastante artístico, né?

- Sim, minha família é toda artistística.

A conversa foi se encaminhando para a esfera digital. Perguntei se através da assinatura "Frac" as pessoas a encontravam, ela respondeu que sim, mas algumas vezes não identificavam seu perfil. Alguns colegas avisavam que amigos haviam compartilhado algo. Por vezes eu identificava uma assinatura -F, questiono se é dela, mas ela afirma ser do @fragilstreetart. Também começa a falar muito bem do trabalho dele, e diz-me que essa seria uma boa pessoa para eu marcar uma conversa.

A todo momento voltávamos a falar sobre política, a época era pré-eleitoreira no Brasil, por isso, era um assunto em voga.

[...]

Mudando o assunto, pergunto se escrever nas paredes não seria uma falta de espaço em galerias para expor seu trabalho como artista. Ela responde:

- Não. A única cena que eu tive a ideia de fazer, ainda tá muito *underground*. Ainda tá muito sem fazer... É tipo, passar meus *stencils*, porque eu comecei com *stencils*, para tela.

- Uma forma de comercializar, talvez?

- Em parte eu sou um bocadinho contra, porque eu acho que uma pessoa faz isso… É um contra senso… Eu acho que uma pessoa faz isso não para receber dinheiro, percebes? Acho que a arte urbana é mais uma coisa que… Como é que eu vou dizer… Externar algo, e assim, queres muito lutar por uma causa. Não vais receber dinheiro por lutares por uma causa. Então simplesmente vais e fazes por amor próprio aquilo. E foi por isso que eu fiquei um bocadinho contra as redes sociais, de publicar as cenas minhas. Tipo, é uma forma de comercializar. Tás a vender a tua imagem, entre aspas, tás a dar a conhecer. O que eu gosto é da pessoa conhecer sozinha, tar a passar e ver.

- Tu tinhas dito que não estava produzindo nada, mas aquela frase do "democracia é anti-biológica" é recente, e foi escrita a mão. Tu diz que não está produzindo *stencil* especificamente?

- Eu tenho um livrinho que chama-se Deus, não sei se tu acreditas, és católico, evangélico...?

- Sou batizado, fiz primeira comunhão, sou crismado, mas não pertenço a nada (risos).

- Pronto, eu tenho um amiguinho que é um livrinho, um bocadinho mais pequeno que esse, que se chama Deus, e que eu escrevo tudo que as pessoas dizem ou vão dizendo. Tipo, frases que me entoam e escrevo. E a tal cena, em dias que eu tô com insônia, eu nesse dia já tinha selecionado uma lista, e vou à rua com canetas e escrevo. É muito isso.

- É interessante, porque… A dificuldade está em produzir o *stencil*. Fazer todo o processo…

- Isso não é muita dificuldade pra mim, eu acho que eu tenho uma vidinha de santo, tipo, os meus pais fazem-me tudo, não tenho que pagar nada, ou se pago é coisas mínimas, tipo 10 euros. É quase nada. Mas por exemplo, o @fragilstreetart, ele mata-se a trabalhar só para produzir 200 *stickers*, esse gajo, sabe muito.

[...]

Falamos sobre como alguns partidos políticos utilizam-se da arte urbana para propagar sua marca, algo como uma comercialização de uma ideia, o que ela diz ser contrária. Seu ato tem um tom mais anarquista. Já estava quase na hora de eu ir embora, pois tinha outro compromisso. Pergunto-lhe:

- E essas frases que tu anota, e depois escreve, são exatamente para atingir alguém?

- Não, não, não, depende, por exemplo, "Pensamentos Enforcados" é para comunicar uma pessoa.

- E essas frases soltas?

- São frases que eu apanho, por exemplo, estamos aqui a conversar, eu vou para casa e tu disseste uma frase que eu achei incrível, então, ponho entre aspas, porque foi tu. E amanhã ou depois de amanhã vou à rua, num sítio mais ou menos parecido onde a gente teve, por exemplo, aqui ou em frente, e vou escrever. Pra quando passares, lembrar-se, e quando vires aquela frase, outra pessoa vai pensar, e vai interpretar completamente outra coisa. Apesar de tudo, tudo que eu, ou a @hoje___ faz, ou o @fragilstreetart também, temos uma coisa, fazemos, e outra pessoa que desconhece completamente nosso trabalho, entre aspas, vai se identificar com aquilo. As pessoas identificam-se. São seres humanos, querendo ou não.

- Sim, e talvez interpretem algo bem diferente...

- Desculpa, eu fumo muito.

Eu sorrio, e digo que estou me acostumando com essa cultura de Portugal, onde as pessoas fumam em toda a parte, até em ambientes fechados. Ela segue:

- Eu disse para virmos aqui, porque era o único sítio onde eu sabia que podia fumar.

Perco um pouco a linha de raciocínio que estava e volto a questionar:

- Tu disseste que faz isso há uns 3 anos, de lá para cá, tu intensificou a frequência de escrever na rua ou não?

- Não, não, eu vou fazendo, de vez em quando, duas por mês, duas tags.

- Não é tipo, vou sair um dia e fazer umas 70 (risos).

- Não, não é. A @hoje___ faz isso, é por isso que aquilo se tornou tão viral.

- Sim, é uma frequência.

Comento sobre a efemeridade do que ela escreve, se ela nota que desaparecem muitos que ela havia escrito.

- Oh, somem muitas coisas... Muitas coisas que eu faço hoje à noite, e vou amanhã para tirar (foto)... Ao meio da noite chegam e já tiraram, então não tem como eu registrar.

Mostro o mapa que estou registrando as frases, mapeando, ela olha com um tom de aprovação, e gosta do que está sendo feito. Vou clicando em alguns pontos do mapa e mostrando as frases, eu clico numa frase dela, sem querer, e é aquela do "democracia é anti-biológica". Ela conta a história:

- É mais pela forma como dizem as coisas. Meu professor é completamente doido da cabeça. Então ele tem uma forma de dizer as coisas... Ele tava lendo um livro, e tem uma forma de dizer as coisas de forma caricata. Então ele se pôs tipo, *spiderman*, em cima de uma cadeira, e a dizer, mesmo com as mãozinhas assim (fazendo o gesto da personagem).

- Mas nesse caso a frase não tem relação com o lugar, certo?

- Nesse caso não.

A todo momento a conversa se encaminhava para a esfera política, era exatamente o que eu esperava. Foi um pouco difícil de controlar. Era preciso, a todo momento, conduzir o diálogo para a estrutura da entrevista que havia semi-estruturado. Mesmo assim, consegui perceber a relação entre as frases e o *writer*. Por si só as mensagens já me instigavam e despertavam um questionamento com tom político. Conhecendo-a pessoalmente foi possível compreender como aquilo era projetado da pessoa para a parede, e quais seus objetivos.

Writer 5

30 de Outubro de 2018
Encontro com @helena.rocio.janeiro

Fui encontrá-la em seu atelier, na sua casa, na zona da Miguel Bombarda. No trajeto, a pé, notei que quanto mais me aproximava da casa, mais percebia na rua intervenções dela. Quase como uma demarcação de território. Cheguei em frente ao prédio. Ainda da rua era possível perceber algumas colagens na parte de fora do edifício, no último andar. Toquei o interfone, e subi.

Ainda nas escadas fui recebido pelos seus cachorros. Comprimentei-a e, ao entrar na casa, notei a grande quantidade de elementos que havia. Uma gigantesca quantidade de informações: livros, plantas, eletrônicos, cadernos, anotações, móveis, objetos de enfeite, antigo e novo, tudo misturado, era um local que identificava muito o estilo de intervenção da Helena. Enquanto seu inquilino estava na sala, ela convidou para tomarmos um café, na cozinha. Foi ali que a conversa iniciou.

Ela conta que recém tinha participado de um festival em Toulouse, na França, onde teve financiamento para fazer algumas peças maiores. Era o que ela gostaria de fazer na cidade, mas sem financiamento, o custo se torna alto para investir numa intervenção. Por isso, percebe que a única forma de financiar trabalhos maiores é através de festivais, ou lojas que se interessam pelo seu trabalho e dão a liberdade dela intervir no espaço. Questiono como ela define o que vai colocar na rua, ela responde:

- Faço muitas coisas. Por exemplo, às vezes, há coisinhas que gosto de fazer, até faço assim… Eu ando na rua, e vejo uma casa toda descascada. Depois tá cheia de musgo. Depois há assim, um bocadinho de preto que ficou colado, e eu chego e meto lá uma personagenzinha. Isso que eu acho uma mini intervenção. Pra mim é assim… Faço porque acho bonito, e é um bocadinho de poesia, tás a ver?! Gosto muito da ideia de imaginar que o meu trabalho possa ter alguma coisa de poético, no sentido da poesia mais vasto, e realmente quando eu digo… Eu acho que o mundo seria muito melhor se houvesse mais poesia. E a poesia também é toda visual. São coisas bonitas. São coisas que chamam, de certa forma, a atenção à tua sensibilidade. É um bocadinho a minha maneira de ver a poesia.

Uma forma imaginária de fazer com que a realidade possa ser um bocadinho mais forte. Também há coisas poéticas que são extremamente tristes, deprimentes, mas, de qualquer forma, é sempre uma exaltação do sentido, de um sentimento.

Ela segue contando como iniciou seu trabalho.

- Eu comecei a fazer, porque eu ia pondo, assim, umas coisinhas, mas com o tempo, obviamente, vai querendo fazer coisas maiores. Começas a ganhar o gosto, também começas a ganhar *feedback*. Eu tenho muito *feedback*, é isso é muito bom.

- E tu já faz há muito tempo? - questiono.

- Eu, nesse projeto de colagens... Pronto, eu tenho formação em artes plásticas, mas este projeto de colagens, que acabou por acontecer e se chamar "Coração Ditador", é o nome da primeira série que eu fiz. O nome pegou tanto. [...] Há pessoas que vêem coisas fantásticas nas minhas colagens, poucas vezes eu gosto de explicar, mas às vezes há pessoas a perguntar "o que isso significa?", e não sei o que. E também há pessoas que dizem, "o que é que tu vê?!". Já me contaram histórias, que eu digo "uau! Isso é fantástico". Há pessoas com imaginação super fértil. Também houve pessoas amigas dizendo, "Helena, tás deprimida?!", e eu "por quê?!", e ela "porque eu vi tua última colagem, e não sei o que…", e eu "te pareceu deprimente?!", e ela "é.." e não sei o que… (risos).

[...]

Ela comenta que o processo é variado, e eu questiono como as frases entram nessa construção da composição.

- Esse "às voltas" , foi para uma peça de teatro, e as pessoas iam, só haviam 8 lugares por seção, tu ias no carro, e era uma discussão entre um casal, e tu ias como público dentro do carro. Depois alterava de carro.

[...]

- E aquele "tou cá com uma eletricidade estética"?

- Isso é outra história. Todas as colagens que eu ponho na rua são colagens minhas, que existiram, foram feitas com papel. E dentro dessas colagens que fiz, nas primeiras colagens que fiz na rua, peguei em duas séries, e uma delas era só com trocadilhos, com brincadeiras, somente da língua portuguesa. Então tinha essa "tou cá com uma eletricidade

estética", e tinha uma tomada como cabeça, ligada à uma bateria. [...] Tinha um, por exemplo, que era assim "pinga amor vs. amor à pinga".

- Esses são todos trocadilhos?

- É tudo trocadilhos… Que de certa forma isso era uma subversão, com humor da expressão portuguesa clássica. Então essa série as pessoas gostam muito, porque é divertido, faz rir. [...] Há muitos que levam um bocado a reflexão. Depois há outras mais filosóficas.

- O motivo disso é botar para fora alguma coisa?

- Basicamente… É assim... Eu gosto muito de filosofia, e várias abordagens do pensamento. Psicologia e todas as coisas ligadas à mente. Mas tenho particularmente uma paixão pela filosofia, muito grande. Acho que também as colagens são uma oportunidade de passar uma mensagem. E essa mensagem tu podes passar de duas maneiras: de uma forma mais crua e direta, e de uma forma de subversão, e com humor fazer pensar. Há muitos trabalhos que as frases são de minha autoria, mas tenho feito muitos trabalhos e coloco frases com autoria de outras pessoas. Tem uma série muito grande de um filósofo, que também é um poeta francês, que eu gosto muito. [...] A principal forma de fazer o apelo à reflexão é na subversão. Por exemplo, já fiz dele, que tiveram na rua imensos. Era "o chefe é um homem que precisa de outros". Ele subverte sempre… Tem esta maneira… "Quantas coisas é preciso ignorar para agir?"... Tás a ver?! Essa subversãozinha dele que é só um toquezinho, eu acho piada. Um que as pessoas gostam imenso é o "nem sempre eu sou da minha opinião".

- Esse eu já vi, é frase dele?!

- Sim, sim, é frase dele. Fiz diversos deles, tipo "o ciclone pode destruir uma cidade, mas não pode abrir uma carta". Coisas assim, de vários, sobre poesia.

- Então basicamente é externar de forma poética um pensamento teu ou de um autor?

- Sim, são coisas que eu me identifico, e dentro de nós e da nossa sociedade, também… A minha ideia é as pessoas verem, obviamente espero que gostem visualmente do que vêem no meu trabalho, mais do que tudo é visual, mas também que faça as pessoas pensarem um bocadinho, ou que lhes dê um cliquezinho. "Ah, isso não deixa de ser

verdade". Depois há coisas que não, que tento sem um bocado mais poético. Daí já não é fazer refletir, é fazer ressentir, é emoção. Depois eu gosto muito de um ambiente, assim, mais realista, de brincar com as coisas, com os objetos. No processo, no início, quando pus coisas na rua, punha, imagina... Uma coisa com imagem, com texto, e não sei o que. Depois, com o tempo, fui desenvolvendo e começando a tentar fazer composições com as frases. E então eu vou fazendo composições. Às vezes até sem frases, só com imagens.

- E aqui no Porto tu faz desde quando?

- Comecei a fazer há três anos, mas no início colocava só coisas pequeninas. Depois o *feedback* foi tão bom... E porque gosto. Também acho que a rua, de certa forma, é de todos, mas obviamente dentro de um respeito. Eu tenho respeito, tipo, sei lá, se tiver o trabalho de outra pessoa, pra começar não ponho em cima, ou qualquer coisa. Mas também se vejo uma casa toda limpinha, "não vou colar ali". Porque tens tantos sítios na cidade onde podes intervir: muros de casas abandonadas, coisas que estão feias, e que tu podes até pô-las mais bonitas. Não me apetece pôr, tipo, numa casa que está restaurada. Pode estar num sítio espetacular, onde passam mil pessoas, obviamente não vou pôr, é uma questão de respeito.

Nesse momento toca seu celular, ela não atende, e continua a conversa.

- Também há tantos sítios que a rua fica mais bonita. E a verdade é que tu vês, as pessoas adoram. Eu tantas vezes vejo. O último trabalho que fiz, fazem uns cinco dias, às Escadas do Pinheiro, conheces?!

- É o que tem uns azulejos dizendo "o melhor café é da brazileira"?!

- É, este sítio. Sobes essa rua, e quando sobes, tem uma escadinha. Ali tem uma parede.

- Eu passei ali ontem, e tinham pintado tudo.

- Eles tinham pintado outro dia, e meti na quinta-feira da semana passada, espero que não tenham pintado. Eu fui lá no sábado e estava lá.

[...]

- Aqui eles estão pintando com maior frequência?

- Sim, eu acho que já vi passar essa brigada (risos)... Não é uma brigada, mas as pessoas que pintam. Aquilo é impressionante. Aquilo é tipo um carro do lixo, e eles têm

várias cores já pré-preparadas. Deve ser tinta plástica, obviamente, mas com algum gesso, ou qualquer coisa que dá uma opacidade muito mais forte. E o gajo para o caminhão como o lixo, os outros gajos vêm, tipo (fazendo movimentos de pintura)... Branco… Amarelo… Cinzento… Aquilo é super rápido e não sei o que. Já ví sítios onde contornaram o meu trabalho, e apagarem os outros. Aquelas assinaturas. Eles fazem uma seleção. Já vi eles pintarem os meus. [...] Não sei se há alguma regra nas equipas que fazem isso, mas por exemplo, lá nas Escadas do Pinheiro. Alguém tinha passado com o *spray* e feito assim (faz gesto de estar pintando como uma linha) nas casas todas. E reparei quando eles pintaram as casas todas. "Que fixe! Essa parede tá tão espetacular, vou aproveitar e vou arranjar hoje" (risos). Reparei que deixaram um triângulo com côr-de-rosa com desenho da @berri.blue, e reparei que eles não pintaram o triângulo, e deixaram ficar com a ilustração dela. [...] Por exemplo, aqui, a Miguel Bombarda, eles não pintam. Eu tenho coisas há 3 anos, que nunca pintaram. Porque eles devem pensar "ah, é a rua das artes", a Câmara deve dizer "ah, não pintem lá", que é pra não acontecer como aconteceu no Brasil, aquele documentário "Cidade Cinza".

[...]

Ela pega o celular, olha a galeria de imagens e mostra-me a intervenção que havia comentado.

- Tás a ver o que te dizia há um bocado?! A vontade de fazer coisas grandes?! Como não tenho, pra já, tanta capacidade pra isso... Dinheiro... Tento fazer uma intervenção com muitas coisas pequeninas, criar um grande espaço.

[...]

- Quanto tempo tu demora para fazer isso?

- Pá aí, uma hora?!

- E se vier polícia?

- Olha, uma vez aconteceu uma história engraçada. Não foi nesta parede, mas foi nesta aqui - mostrando a imagem no celular -, na que está perpendicular. E eu fui com um amigo, que é meu vizinho. Eles às vezes vem comigo. Fazem-me companhia e tudo. Às vezes falo assim, "leva o cão". Ele fica a agarrar o cão e não sei o que mais, enquanto eu faço as cenas. Na altura fazíamos cenas mais rápidas. [...] Esse era um homem, que a parte

de baixo do homem era uma língua, e depois assim... Tinha um bracinho que eram dentes molares, tinha assim... Na cabeça, também tudo feito com dentes. Depois tinha aquilo, um boneco que voava... Depois tinha uma explosão de dentes... Pá, aquilo tinha uns 50 ou 60 dentes! O boneco era simples a aplicar. A personagem central. E eu tava ali a aplicar os dentinhos todos, e não sei o que, entretanto, foi nessas escadas também. Tava com esse meu amigo que é a pessoa mais distraída do mundo. E disse, "ô Rui, vê lá, se vem carro da polícia". Eu acredito que não é uma coisa que haja grande problema, mas obviamente, porque é uma coisa ilegal, não queria estar ali a ter chatisses... E até por uma questão de respeito. Se tu sabes que aquilo é ilegal, não vai estar a fazer na cara da polícia, se não vão achar que está a gozar com eles. [...] Eu tava assim, e esse meu amigo virou-se pra mim e disse assim, "ô Helena, tá ali um executivo". Era assim, um senhor de fato e gravata. "Tá ali um executivo super interessado no que estás a fazer. Ele tá a olhar pra ti, pá aí, uns 10 minutos". Oh pá! Eu olho para o lado e era o Rui Moreira, presidente da Câmara do Porto.

Eu começo a rir, e ela continua.

- E eu assim pro meu amigo, "ô Rui, aquele ali não é um executivo, aquele é o presidente da Câmara", e ele "oh! Pois é, nem tinha reparado que era ele". E eu fiquei assim, tipo, e agora o que que faço? Parar é uma estupidez... Então continuei a colar os dentinhos, a explosão de dentes pra todo lado, e não sei o que... Passado uns cinco minutos eu olhei pra trás, ele já não lá estava. Pronto. [...] Se ele ficou o tempo que meu amigo disse, ele tinha tempo de ter chamado a polícia se ele quisesse.

- Sim, e se tivesse com um *spray*, ali, pintando, fazendo *tag*…

- A escrever qualquer coisa, mal da Câmara, ou se estivesse a escrever "Morto.", provavelmente ele não ia ficar impávido e sereno a olhar pra mim (risos). Pronto, lá achou que eu não estava a fazer um vandalismo que se justificasse qualquer gênero de intervenção.

- E geralmente tu vais sozinha?

- Muitas vezes vou sozinha, às vezes saio com um amigo. Eu faço muitas vezes.

[...]

Ela acende um cigarro e conta sobre alguns lugares onde já interviu com seu amigo da Lituânia, que está morando no Porto. Questiono se ela se prende a fazer em apenas uma zona, ou se ela prefere fazer por vários lugares da cidade, onde transite mais pessoas.

- Confesso que ultimamente tenho andado mais para este lado da cidade, porque moro mais perto, é mais fácil. Mas sim, tenho pensado, já há muito tempo que não faço, por exemplo, lá no bairro dos Poveiros, São Lázaro. Gosto, até porque ali também há muitos trabalhos interessantes. Gostaria de dar uma volta maior.

[...]

Ela me convida para irmos ao seu atelier, que fica num dos quartos da sua casa. No caminho, passamos por alguns corredores e me chamou atenção a quantidade de objetos antigos, estátuas modificadas, quadros, revistas, discos, plantas. Era difícil captar aquela quantidade de informação. Ao longo do caminho, foi me mostrando alguns trabalhos que estavam na parede. Chegando no atelier sentou-se e ofereceu-me outra cadeira pra sentar. O local era pequeno, mas com um bom espaço para fazer as colagens e armazenar muita matéria-prima: revistas. Havia muitas pilhas de revistas. Revistas de todos os tipos, linguagens, épocas, um acervo muito rico em diversidade, mas suas preferidas eram as revistas francesas. Sentamos em frente ao computador, ela apresentou-me como é seu processo de trabalho, além de mostrar algumas das peças originais.

- Tu não tem ideia de quantas já fez? - questiono, surpreendido com a quantidade de material que ela me apresentava.

- Ui, eu já fiz mais de 1000 colagens.

E seguia mostrando mais trabalhos com frases. Trocadilhos de frases clássicas portuguesas, e outras abordagens.

- Esse aqui "a rua é sua", também já pus muito esse na rua. Tem a ver com o que estávamos a falar há um bocado. Eu acho que todos nós, com respeito... A rua é nossa, não é?!

O trabalho aproveita materiais que são descartados. Qualquer pedaço de papel pode ser válido para somar na composição, seja uma cor, seja uma ilustração, seja um texto, tudo pode ser aproveitado. À medida que mostrava o que havia recortado, e o que já havia montado, apareciam trechos de poemas, como do Fernando Pessoa.

- Eu gosto muito! Essa é só uma estrofe do poema do cansaço, eu gosto muito. Então eu resolvi fazer, porque acho que para a maior parte das pessoas, pode ser engraçado… Tás a virar uma esquina e ler uma coisinha. A mim, dá-me satisfação, então como me dá satisfação, presumo que existam outras pessoas como eu (risos).

Outra satisfação é fazer colagem. Ela já experimentou pintura, teve uma loja em que produzia acessórios, mas o que lhe dá mais liberdade e diversão é o processo da colagem. Foi quando criou a primeira série de 32 telas, e chamou "Coração Ditador". Ela utilizava papéis dos correios, alguma aplicação de *stencil* e frases. Com a repercussão positiva, ela deu continuidade ao projeto.

[...]

A conversa seguia num tom muito amistoso, era muito interessante a profundidade da sua criação, mas nesse momento minha rinite começou a se manifestar. Provavelmente por causa da mudança climática somada à quantidade de revistas antigas. Pedi um pouco de água para tentar amenizar. Ela seguiu contando:

- Quando eu decidi trabalhar então só nas colagens, no "Coração Ditador", e criar este projeto, eu também quis mudar a minha postura perante o meu próprio trabalho. Sobretudo à pressão que existe nesse trabalho. Como eu trabalhava com a pintura, a pintura é extremamente, sei lá, antes de começar tu tás ali... E aquela angústia... E medo de falhar... Essa própria pressão, obviamente, só vem de ti, porque se tu fizeres a maior cagada do mundo, nem preciso mostrar à ninguém. Ninguém vai saber. Mas tem sempre aquela impressão. E acho que há aí qualquer coisa que me cortava na espontaneidade. E na colagem eu não sinto isso. Imagina, como se de repente, eu pudesse dizer que o meu trabalho, independentemente de querer se chamar artístico, ou decorativo, ou que quiseres, eu vejo de uma forma informal. Então o principal objetivo não é ser o maior artista do mundo, nem ganhar prestígio como artista plástica, não. O que eu procuro nisso é fazer um trabalho informal, onde eu possa livremente exprimir o que me apetece, dentro, obviamente, do respeito. Exprimir o que me apetece, fazer como quero, fazer séries paralelas, porque eu tenho séries paralelas que vou desenvolvendo ao longo dos anos. [...] E também, como te disse, passar as mensagens, sejam elas com humor, seja mais sérias, seja mensagens escritas por mim, seja mensagens de outros autores. E é nesse lado informal

que eu vejo a minha maior espontaneidade e a minha forma mais confortável e melhor de trabalho. [...] Obviamente que fico contente que as pessoas gostam do meu trabalho, e quando recebo mensagens "ah, vim ao Porto e vi". Recebo muitas de estrangeiros... Portugueses... Já vendi muitos trabalhos assim. Pessoas que vêem meu trabalho na rua, depois vão ver o blog. Pedem-me um poster e não sei o que mais. Também acontece das pessoas encontrarem o trabalho diretamente nas redes sociais.

Ela comenta ter uma certa dificuldade pessoal em comercializar seu trabalho. Mostrou-me um livro de registros onde anotava as vendas, o que foi dado de presente, os descontos, e os pagamentos a mais que recebia por alguns trabalhos. Também anotava o nome delas e os países, mas depois de um tempo parou de registrar.

Ela tem 44 anos e atualmente diz trabalhar com o que realmente gosta. Já passou por diversos trabalhos até chegar esse, que é onde se sente mais confortável e realizada. "É a maior sorte do mundo fazeres o que gosta. Acho que têm poucas pessoas que fazem o que gostam. Eu, durante minha vida inteira, sempre trabalhei, e nunca sempre tive a sorte de trabalhar no que realmente gosto. Não me sinto que trabalho. Quer dizer… Eu trabalho, mas também sinto que é um prazer em trabalhar com isso. É até esquisito chamar de trabalho uma coisa que fazes com prazer".

Sua maior preocupação é que o trabalho seja acessível e empático. Busca facilitar a compreensão da mensagem que deseja transmitir, seja com um conselho, seja com humor. O objetivo é impactar levemente a rotina das pessoas. Gosta de utilizar piadas e trocadilhos, nos seus *past ups* para desdramatizar um pouco os problemas diários e tornar a vida mais leve de quem atenta para a mensagem.

Writer 6

02 de Novembro de 2018
Encontro com @um.lupus

Essa foi uma das entrevistas mais curiosas. Meu amigo disse que eu havia publicado uma frase de um amigo dele, e o identificou no Instagram. Depois disso entrei no perfil do @um.lupus e vi uma grande quantidade de frases escritas em papel, mas não tinha fotos das paredes que ele escrevia. Entrei em contato através da rede social, conversamos um pouco, me agradeceu por ter identificado, e perguntei se poderíamos marcar de nos encontrarmos pessoalmente. Me identifiquei dizendo qual era meu perfil pessoal, e ele respondeu:

- Hey Rafa!!! Eu sou o Lobo! Lembras-te de mim? Ahahahaha que engraçado! Claro que sim. Fico mesmo contente em ajudar.

Eu já o conhecia antes mesmo de descobrir quem era ele. A parede revelava seu alter ego. Marcamos de nos encontrarmos no Jardim de São Lázaro, depois decidimos ir no Dois de Letra, procuramos uma mesa no segundo andar, pois havia menos pessoas, sentamos, e começamos a conversar. Pergunto o motivo das frases nas paredes, ele responde:

- Olha, sei lá, começou majoritariamente eu comecei a escrever tipo... Numa de… Sei lá, tava a passar mal um bocado e, tipo... Escrever ajudava-me bué, tás a ver?! Ajudava-me muito. Tipo, deitar as coisas pra fora, era tipo tirar um peso de cima dos ombros, e isso começou a me ajudar. Pá, e depois comecei… Eu sempre gostei muito de *street art*, de fazer coisas nas paredes, então experimentei *graffiti art*, só que não era bem a minha coisa. Ficava sempre um bocado… Pá… Não sabia bem. E até que pronto... Oh pá, comecei decidir a escrever aquilo que eu escrevia para mim, nas paredes, mas um bocado numa de revolta e também um bocado para… Oh pá… Sei lá… Porque muitas coisas que eu estou a viver as outras pessoas também estão a viver, e acho que as pessoas podem identificar com aquilo que estou a sentir, etc. Majoritariamente é... Aquilo que eu escrevo nas paredes é aquilo que está a passar na minha vida, tipo, no momento.

- Não é para atingir alguém específico? - pergunto-lhe.

- Não é propriamente. É atingir o máximo de pessoas que consiga, tás a ver?! Não é para uma pessoa só. É pra um público geral, qualquer pessoa pode receber a mensagem de qualquer das maneiras.

- É quase um devaneio, certo?!

- É, é isso. São desabafos nas paredes (risos).

- E, por exemplo, essas pessoas que também escrevem, que há uma interação pelas redes sociais, tu as conhece?

- Nunca falei com elas pessoalmente, não. Vejo as coisas deles e assim, gosto, tás a ver?! E sei lá, falamos nas redes sociais, mas nunca muito pessoalmente. Mas sei lá, isso também eu sinto muito, também, pá, identifico-me com o trabalho deles, o que é muito também que que eu estou a fazer. Eu acho que é algo que eles também estão a viver no momento. É muito fixe. E acho que a cidade ganha bastante com isso, sei lá. Eu gosto bastante de *street art*, e as paredes em si, tipo, principalmente em lugares abandonados, porque eu não gosto de fazer em sítios… Tipo… Eu não estou a revoltar-me contra algo, pá, tipo, vandalismo, eu não quero vandalizar, eu quero fazer algo para tornar a cidade mais bonita ou tornar mais pessoal. Sei lá, é um bocado, às vezes tás a andar e olhas para as coisas, e torna as coisas todas em algo formal, tipo, as lojas e etc. Às vezes sente-se um bocado perdido, sei lá, tanta informação, e não é algo que te chama literalmente a ti, que vá ao teu encontro, eu acho que é uma maneira de nos aproximarmos todos, uma linguagem que nos aproxima.

- Tu escreve geralmente em português? Tem umas pessoas que escrevem em inglês e português...

- Não, por acaso eu gosto muito da língua. Aliás, eu a ver, tipo, escrevi um que era "pra se amar em condições, tem que ser em português". É bué diferente, é tudo completamente diferente. É como tu traduzires poesia. As críticas são de outra maneira, noutra língua. Há coisas que só nós entendemos.

- É como o português brasileiro pra língua portuguesa.

- É, já tem uma diferença completa.

- E tu faz mais escrito a mão, né. Não tem muito *stencil*...

- Nunca fiz com *stencil*. Eu literalmente ando com uma caneta e quando me apetece, sinto uma vontade, é ali que vai ser. Tem em consideração o sítio. Tipo, não quero trazer problemas a alguém. Imagina, sei lá, eu aleatoriamente escrevo nas caixas de luz porque tão sempre a ser pintadas, arranjadas, é uma coisa que vai sempre acontecer. Eu escrever um dia ou não escrever é igual. Aquilo vai ser mudado. Sempre, sempre.

- É, vai dar espaço para que outra pessoa possa pintar também.

- Exatamente. E é uma coisa que está constantemente a ser renovada. Eu acho piada isso.

- Quando tu fez a primeira?

- A primeira de todas? Ui… ahnnn… Já faz uns anos. Pá, em 2015 ou 2014. Depois disso comecei a tomar gosto bastante. Depois disso comecei a grafitar. Fazia as minhas ilustrações. Quando comecei a escrever, majoritariamente, era em diários, tipo diário gráfico, fazia as minhas frases e ilustrava as frases com alguma coisa. Eu gostava muito daquilo, e era um processo que tenho uns 20 e muitos diários com aquelas coisas. Só que depois, quando entrei na faculdade, apanhei uma professor muito complicado, tivemos grandes discussões, basicamente ele definia que para tu melhorares o teu desenho, ou para ter o teu estilo, primeiro tens de copiar 1500 artistas. Eu entendo, só que é discutível em alguns pontos. Eu acho que tu podes aprender muito com os outros artistas, são pessoas que já passaram por muitas coisas e tu não, mas tu também tens que ter o teu espaço para desenvolver teu próprio estilo, e se não haver esse espaço, começa a ficar quadrado e começa a fazer só as coisas que já foram feitas. Tás a ver?! Pronto, neste ano foi muito difícil continuar a desenhar, porque era muito forçado. Tás a ver?! Então veio uma cota emocional e tipo, de cópias, e então, fiquei um bocado traumatizado.

- Um bloqueio…

- Sim, um bloqueio. Então foi a partir daí que só comecei a escrever. Pronto. E entretanto tenho escrito, escrito, escrito, e faz muito bem. Então pronto, comecei a abordar isso pra rua.

- Então quando tu começou a escrever, tu já estava na faculdade?

- Não, propriamente, mas sim, a entrar pra faculdade.

- E a última que tu escreveu foi…

- No final de semana (risos).

- Sério?

- Não, não. Foi anteontem. Foi quarta-feira à noite (risos).

- Foi onde?

- Foi em Cedofeita, é nova, se quiseres depois levo-te.

- Ali eu passei semana passada, e tava tudo pintado.

- Pronto, eles pintaram tudo outra vez, é verdade. Mas eu tou a ver se continuo a escrever mais coisas. Agora sempre que vou, imagina, vou sair à noite, levo a minha caneta, escrevo ali, é engraçado por estar lá muito tempo. Mas, agora quero ver se começo a fazer mais coisas, mais à volta do Porto.

- As frases que tu vai escrever já estão na tua cabeça?

- Sim. Tás a perguntar se são coisas que eu já tinha pensado em casa…?

- É, se tu já havia pensado ou decide na hora?

- Tem ambos os casos. Há situações em que eu tou mesmo a pensar naquilo mesmo, naquele momento. Escrevo logo e nem quero saber se faz sentido ou não, pronto, então escrevo. E há outras que já são prévias. Que já tinha feito e achava que funcionava mesmo ali ou que olho para a frase e acho mesmo que precisa ser escrita na parede. Às vezes nem é tipo, uma questão de, sei lá, gostar muito da frase, mas acho que faz sentido e tipo.

- Pelo menos aquele momento…

- É, pelo menos aquele momento quero guardar ali na rua. Eu acho que é engraçado. E é uma cena mesmo fixe, gosto mesmo de escrever na rua, porque o espaço, tipo, inteiro, aquilo fica ali marcado pra sempre. Não é como tu escreveres num papel ou digitalmente, perde-se muito. É algo que tu pode apagar. Aquilo ali fica ali.

- Pelo tempo que aquilo durar…

- É, mas pelo menos faz parte da cidade. A cidade sofre metamorfose. Chega lá uma pessoa e escreve por cima. Eu acho que é piada.

- É um pertencimento à cidade?

- Sim, sim, sim.

- E tu é do Porto?

- Eu sou de cá do Porto.

- E nunca saiu daqui?

- Não, sempre estive aqui.

- Tu tem quantos anos?

- 21.

- Boa, vai se formar cedo.

- Sim, vou me formar cedo, depois ainda não sei o que vou fazer. Tamos todos assim.

- E, por exemplo, tu assina como "Um Lupus", tem algum motivo?

- Tem, tem sim. Um Lupus foi o nome que consegui arranjar no Instagram (risos). Porque não tinha. Porque como eu me intitulo é como Lupus. Isto porquê? Por dois motivos. Um é por causa, é principalmente, por ser a doença. Há uma doença que é lupus, não sei se já ouviste falar. Há uma doença de pele, e aquilo que eu quero chegar é, Lupus é, aquilo que eu tou a fazer é basicamente manter as pessoas doentes, num aspecto que, a doença lupus come-te os tecidos. Pode ser interiores, exteriores, e eu quero que as coisas que eu faça sejam... Tu identifiques tanto que por dentro tu fiques a pensar naquilo, majoritariamente, uma coisa que tu vais refletir depois de ver-los. Pronto, ficas envenenado por aquilo que eu faço.

- Entendi, entendi.

- É um bocado por aí. E também porque é o meu apelido, então acho que faz sentido.

- E as pessoas conseguem te identificar?

- Mais ou menos, eu tou a pensar nisso, porque o nome no Instagram é @um.lupus, só que, as pessoas que me seguem no Instagram, e conhecem as minhas pelo Instagram, conhecem-me como Lupus só. E falam sobre mim, sobre o meu trabalho, daquela maneira. Só que antes eu assinava só como Lupus e pronto, era assim que estava, e mesmo minha página do Facebook, só que não meto lá muita coisa. Só as pessoas que me vêem na rua, se eu não puser o @, ninguém vai procurar na Internet, não é? Se eu puser só Lupus, as pessoas ficam, "oh, ok, mas…". Ninguém procura meu trabalho por mais tarde. Portanto eu tenho que assinar como Um Lupus apesar de que eu não me identifique como "o" ou como "um". Tem que ser.

- Sim, eu noto que tem essa transposição do ambiente físico pro digital.

- Sim, porque, atualmente, é a maneira que consigo chegar a mais pessoas. Nós atualmente, mesmo em termos da arte e assim, tá tudo muito a viver pelo Instagram. Deve ser a maior rede social neste momento, porque também tem causado muita polêmica. As pessoas começam a sentir-se pressionadas a fazer arte para receberem, sei lá, aquela dopamina social dos gostos. Eu não sou muito por aí, porque eu, pronto sei lá, eu faço as coisas quando me aparece na cabeça, é algo muito natural. É um processo muito natural. Não forço-me a escrever. É como aquilo que eu disse, se forçar-me a desenhar, se forçar-me a escrever, estraga o processo todo. Deixa de ser uma coisa genuína, natural. Passa a ser uma coisa meia forçada só para receber atenção.

- E quem acaba reconhecendo são teus amigos ou pessoas completamente aleatórias?

- Tem pessoas completamente aleatórias, pessoas muito, sei lá, eu não tenho muitos seguidores, tem um pessoal que são muito meus amigos, mas tem pessoal que não sei se eles conhecem quem eu sou, tás a ver?!

- Tu tem o teu pessoal…

- Sim, tenho meu perfil pessoal, mas tem o meu, sei lá, vamos chamar de um heterônimo. Aliás, tem amigos meus que me perguntam se sou eu, por exemplo, tu provavelmente não sabias. E há pessoas que me perguntam, "há já viste aquilo?". Ah, que fixe (risos).

Nesse momento pego o celular e busco nas imagens guardadas algumas frases dele. Mostro as frases e como o nosso amigo em comum o havia identificado. Comento sobre algumas frases. Ele diz que havia mais mensagens antigamente. Os *past ups* saem mais facilmente, as mensagens escritas com caneta diretamente na parede duram mais tempos, por isso prefere a segunda abordagem. Mostro alguns *stickers* e ficamos conversando sobre os trabalhos das pessoas do Porto, a admiração pelos outros é grande, gosta bastante de ver as frases das outras pessoas nas paredes.

Questiono se já teve algum problema com a polícia, ele diz que não. Tenta cuidar, pois se fores apanhado, tem que pagar multas. Alguns amigos já foram pegos fazendo *graffiti*, mas só tomaram advertência. Ele diz entender que, para a lei, é uma ação ilegal, mas pensa que fazendo isso consegue tocar as pessoas, mudar a rotina delas. Cuida para

não intervir em lugares que possam ser danosos, prefere caixas de luz ou lugares abandonados. Faz isso sozinho, ou quando sai à noite com os amigos.

- É muito engraçado ver as pessoas a passar, e tirar fotografias. Ou então, "sai da frente" (risos). E eu, "tá bem, tá bem".

- E quando volta lá, e vê novamente o que escreveu, tu lembra exatamente de como foi escrito aquilo, certo?

- É! E é super engraçado as pessoas a interagir com a tua coisa, não é? As pessoas a fotografar, ou quando as pessoas partilham no Insta, é super bom ver as pessoas a gostarem. Passam a se identificar. É isso que eu gosto mais.

- Elas propagam a tua mensagem, sendo elas porta-vozes.

- Sim, exatamente.. Nós todos vivemos, um bocado, numa sociedade formal. Todos nós temos problemas, e sentimos de certa forma à diversos assuntos. Eu escrevo muito sobre corações partidos, ou coisas do gênero. Podem ser outras coisas quaisquer. Todos nós sentimos, de certa forma, depois há um bocado de formalidade entre as pessoas. Nós não somos muito transparentes da maneira como nos sentimos. E eu gosto de ver que quando eu escrevo e sou transparente com as coisas que estou a sentir, as pessoas também se sentem abertas a isso. Sente-se tipo muito identificadas com aquilo que eu tou a sentir, e é ótimo. Não somos todos de gelo.

- E as frases são todas autorais?

- Sim, é tudo meu. Tudo da minha cabeça.

Tem vezes que precisa utilizar mais palavras para se expressar. Escreve textos, poemas, e cola na parede. Outras vezes prefere ser mais direto com a mensagem. Dá o exemplo da frase "há muito peixe no mar, mas 80% vem com mercúrio". Pergunto o motivo, ele responde.

- Porque, sei lá, é aquilo mesmo que eu tou a sentir (risos). Tu podes… Toda gente diz, "ah, há muito peixe no mar"... Fuo… Não é assim tanto. Ou o que tem tá tudo envenenado. É complicado (risos).

- Muda a linha de raciocínio normal das pessoas, né?

- É, as pessoas pensam "ah tem muito peixe no mar, deixa lá isso", mas depois tu pensas, e não é assim tão verdade. É como, tu pode conhecer muita gente, mais maior parte vai ser porcaria (risos).

Até o momento havíamos conversado por aproximadamente 30 minutos, e ninguém havia nos atendido, por isso descemos para buscar um café. A entrevista foi interrompida, e quando voltamos a parte de cima, perguntei sobre o 25 de Abril, se ele sabia da história ou tinha alguma inspiração no movimento para escrever as frases. Ele disse que não, no caso não viveu naquela época, portanto não se identifica diretamente.

- Acho que na altura o pessoal escrevia uma série de coisas da revolução, uma série de coisas pra se revoltar. Não sei se se isso pode estar ligado, ou coisa do gênero. Acredito que pode ter nascido daí, tás a entender?

- Quase como uma memória cultural.

- Exato. Sei lá, eu comecei a escrever, não é uma coisa nova. Eu sei que comecei a aperceber-me que era um meio de comunicação com as outras pessoas todas, portanto, não sei, eu acho que as pessoas, pronto, sei lá, é uma ideia que se pega, as pessoas todas vão a escrever.

- Sim. E também outra coisa que me falaram, é que o Porto era mais perigoso antigamente.

- Ah, era, agora não. Pelo menos no Porto tem muito… É mais fácil ser assaltado por um turista (risos). Brincadeira. Pois, depende da zona. Há zonas mais complicadas, que não se comparam a outros sítios.

Ele diz que por ser uma cidade pequena, e ter muitas pessoas à noite na rua, acaba por ter menos lugares inóspitos, principalmente na região central. Retomo o roteiro da entrevista para ter certeza que abortei todos os tópicos e comento sobre galerias, se seria uma falta de galerias para expôr o trabalho, mas ele diz que não é o objetivo principal.

- Eu sei que se investisse mais, eu conseguiria chegar mais longe nas coisas. Mas é aquela coisa, tu tás a fazer muita coisa ao mesmo tempo, e isso é como um escape.

Comenta que seria ótimo um dia pegar em todas as mensagens produzidas e fazer um editorial. Sente-se bem ao ver as coisas produzidas por ele próprio.

Writer 7

13 de Novembro de 2018
Encontro com @preencher.vazios

Conheci este projeto antes mesmo de vir estudar no Porto. Alguns amigos que haviam visitado a cidade, compartilharam alguma imagem no Instagram e marcaram a @PreencherVazios. Comecei a segui-la. Depois que me mudei, comecei a perceber as intervenções pela cidade, as frases anexadas aos lugares vazios deixados pelos azulejos, e geralmente referenciando autores portugueses. Entrei em contato com ela, e combinamos de conversar no seu atelier. Já havia lido algumas entrevistas, e sabia previamente que o projeto surgiu no mestrado de Arte e Design para o Espaço Público, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

- Eu tirei design de interiores, depois passei para o espaço público - ela complementa.

- Ah legal! O material que tu usas não é propriamente azulejo, certo?!

- É madeira. É em MDF, até tenho aqui alguns para veres. Depois colo com cola branca e tem um acabamento em verniz, mas leva sempre umas duas ou três camadas. Lá está, com o tempo acaba por sair, por isso até a madeira começar a inchar, papel todo a rasgar, aquilo já está.

- Vi ali perto do Campo 24 de Agosto que não está mais.

- Que tem dois ou três?

- Acho que sim.

- Não sei, tenho que ver.

- Bom (risos), mas as frases não são tuas, certo?!

- Uso sempre frases de autores portugueses, porque ao início eu utilizava só o padrão, mas acabava por ser mais um elemento deixado por aí, e as pessoas passavam e ignoravam. Ao ter uma frase, parece que, inconscientemente, as pessoas lêem a frase e vão pensar sobre elas. Algumas frases são tão grandes que fazem com que as pessoas parem mesmo, ou seja, está mesmo a observarem aquilo.

- É em português sempre?

- Sim, sempre de autores portugueses.

- E o motivo da frase é justamente isso, é para chamar a atenção para o desgaste dos azulejos portugueses?

- As frases eu vou encontrando, vou guardando algumas frases que me dizem alguma coisa, frases que eu gosto, e depois vou ver qual é que eu vou usar, são mesmo assim coisas que eu vou guardando.

- É um pouco aleatório.

- Sim, mas que digam alguma coisa.

- E elas têm a ver contigo?

- Sim, num geral. E também no início comecei a utilizar a madeira, porque era mais fácil de fazer os recortes e encaixar com os azulejos que já estão partidos. E depois, assim é um processo muito mais rápido, eu de um dia pra o outro consigo fazer isso. Pintar não é a minha cena, porque tinha que depois cozer, ou mandar pintar fora, então eu decidi começar a experimentar a madeira. Também é um material que pode ser muito mais barato. Eu não tenho financiamento nenhum, ou seja, faço por iniciativa própria, por isso…

- Mas tu começou por causa do mestrado?

- Sim, depois acabei o mestrado há dois anos e quis continuar com o projeto.

- Mas foi especificamente para um trabalho do mestrado.

- Sim, aliás já estava a fazer a tese e tinha que arranjar um projeto. Não sabia o que ia fazer.

- Tem que ser algo prático?

- Sim... Oh pá, a parte escrita, juntamente com a parte prática. E eu tava sempre a fazer o percurso entre Campanhã, descia por uma rua ali, e tava sempre a ver uma fachada com a falta disso. Então eu peguei nesse problema e transformei em projeto. Surgiu assim a ideia.

- Eu noto que os donos das casas às vezes colocam cimento para tapar os buracos.

- Era mais fácil irem ao banco. Não sei se sabes, o Porto tem um banco de materiais e tu podes ir lá, e se eles tiverem o azulejo, eles dão-te.

- Ah é? Eu não sabia.

Digo que fiz um curso de pintura em azulejos com as meninas do @azulejosporto, e elas comentaram que a maior procura geralmente é feita por estrangeiros do que propriamente portugueses.

- O azulejo acaba por ser muito a cara do nosso país, não é?!

- E também é aquela coisa, "ah porque é nosso, não é legal".

- Sim, mas lá está... Também gostava de ter um de cada, mas tu acaba por ir nas feirinhas e essas lojas, e tu vês azulejos à venda. Depois tu nunca sabes de onde aquilo veio. Se foi roubado, se foi uma fachada que foi demolida, não consegue saber. Agora em Maio, acho eu, saiu aquela lei que proíbe a demolição de fachada, é do projeto do SOS azulejos, que é de Lisboa.

Conversamos sobre algumas casas que retiraram todos os azulejos e colocam cimento para facilitar a venda dos imóveis, assim como alguns outros que tiram os azulejos originais e colocam réplicas.

- Aliás, eu utilizo cores diferentes, e acho que era giro manter, eu quero manter um contraste entre o que é antigo e o que é novo. E acho que essas casas que estão a ser renovadas era giro deixar os bons azulejos que estão lá e preencher o resto com azulejos. Pode ser o mesmo padrão, mas que deixassem um contraste entre esses dois tempos. Mas muitos optam por tirar tudo.

- E tu faz isso como intervenção? Tu coloca lá sem pedir?

- É por iniciativa própria, e nunca peço autorização. Normalmente faço isso no dia. Eu, se ver que mora lá gente, converso. Explico o que vou fazer. Se houver comércio à volta, explico. Mas se vir que não ninguém em casa, ou se for ao fim do dia, colo rápido e vou-me embora, porque a ideia é surpreender também quem está lá. E depois até passado algum tempo, passo lá, vejo que a pessoa tá lá à porta, até converso para saber o que elas acharam.

- E em relação à prefeitura, à Câmara Municipal, eles podem intervir se vêem tu fazendo esse tipo de ação?

- É assim, poder pode. E assim, é uma coisa efêmera, com o tempo vai sair. Se as pessoas que moram lá não quiserem, arrancam fora. Por isso, não é nada que esteja a fazer

mal. E assim, o *graffiti*, ou os *tags*, são tinta, é diferente, aqui isto sai facilmente. Alguns duram meses, alguns duram anos, depende muito se as pessoas vão tocar nele.

- E tem muita gente que arranca?

- Eu fiz uma intervenção aqui perto, tinha pra aí 20 peças, era grandinho, e passei lá três dias e tava direitinho, passei lá uma semana, tinham roubados tudo, e tinham deixado três, em cima, porque já não chegavam lá. Pronto, é preciso se ter sorte com quem a vê. Se quiserem roubar, lá está, há quem rouba os azulejos verdadeiros. Basta meter uma chavezinha e levantar, aquilo lá sai tudo.

- E o Instagram tem alguma relevância para o início do projeto?

- No início isso começou por ser um projeto de tese, nunca pensei que isso chegasse ao ponto que chegou. Depois é giro ver as pessoas a partilharem, a reconhecerem o meu trabalho, "ah sim, eu já vi isso", "eu já ouvi falar", "eu já vi em alguma revista", ou qualquer coisa. Sim, isso ganhou vida, há uma comunidade à volta disso, já reconhecem, partilham pelo Instagram, e as pessoas quando partilham a foto já usam a *hashtag*, então a partir disso eu consigo ver se falta algum azulejo ou não. Como está a intervenção. Pronto, também é assim um bocado assim como eu acompanho a coisa, porque eu não tou sempre aí para ver como é que eles estão. Se eu passar perto, vou lá ver como é que está.

- Até porque tu moras em Valongo. Tu cola só no Porto?

- E em Lisboa.

- E Valongo?

- Lá em Valongo há pouco.

- E o projeto tomou outras proporções agora, certo?

- Sim, hoje faço *workshops*, participo de algumas feirinhas, há encomendas personalizadas, há a minha loja virtual que coloco as coisas a venda, e agora é tentar rentabilizar o projeto.

- E tu consegue viver somente deste projeto?

- É assim, eu trabalho para este projeto e também para outro que é convites para casamentos. Tenho os dois. Acabei por abrir o atelier e não tive a necessidade de ir a procura de emprego.

- Sim, tu criou teu negócio.

- Sim.

- E tu chega a conhecer as outras pessoas que fazem intervenções na cidade? Claro, a tua é uma intervenção diferente.

- Sim, por acaso, passei ali no Becuh. Eu fui buscar o catálogo, por acaso, participei de uma. Ofereceram à toda gente que participou. Tive lá a falar com eles, já fazia tempo em que não ia.

[...]

Questiono se existe alguma relação do trabalho dela com alguma contestação política.

- Pois não, acho que fico só por aí (risos). Melhor ficar só por aí.

- É isso que eu tenho notado, as coisas vão sumindo. Também me falaram sobre os murais de 25 de Abril, e como a utilização das paredes eram uma forma de expressão. No teu caso, tu não tem exatamente uma inspiração nisso.

- Não. É mais... Isto também começou, pois eu andava aí pela cidade e notava, é tanta informação visual que temos, que acho que não conseguimos captar quase nada. Então queria criar pequenos detalhes, que nos fizessem quebrar algumas rotinas visuais que temos, inconscientemente, em que as pessoas passam, notam que alguma coisa diferente ali está, levem consigo essa mensagem, mas continuam. Pequenos detalhes, que só quem está atento, é quem repara neles. Não quero dar nenhuma visão política para ninguém, é só quem está à volta disso, de tentar quebrar as rotinas que temos.

- E geralmente pessoas que estão caminhando.

- Sim. Imagina, quando estou a procura de fachadas para intervir. Se for à procura delas, nunca vejo nada. Quando ando por aí, em ruas que já não conheço, encontro imensas. Ou seja, temos que tar… Se fores à procura, não encontras nada. É noutras alturas que as coisas aparecem.

- E tu colocas em lugares com maior circulação de pessoas?

- Tanto faz, é mais por onde eu passo.

- E ali tu se identifica.

- Sim, e por exemplo, se ver uma fachada interessante, eu faço o levantamento, que é tirar a foto, ver a medida, e depois para ter o material que eu preciso para trabalhar. E se

eu vejo que a fachada tem muitos buracos, há muito pó, o azulejo não vai fixar, essas não dá. Claro, sempre tento encontrar ali um meio termo, que eu consiga fazer e que o trabalho fique bem feito, e que seja aparentemente bonito.

Ela continua dando outros exemplos.

- Uma vez fui à Lisboa fazer um *workshop*, na altura era inverno, tinha esquecido que a hora tinha mudado, ou seja, 5 e tal já era noite. E estávamos a colar uns azulejos numa fachada, e tava uma senhora a janela, e em Lisboa a polícia são as pessoas que estão à janela o dia todo a ver o que se passa (risos). E tava a colar e uma senhora passa a gritar do quinto andar, "olha, menina, que tás a fazer?", e eu expliquei assim por alto o que estava a fazer, mas convidei-a a descer, a vir ter conosco, e expliquei. Ela contou-me que, pá aí, há 15 dias haviam roubado 450 azulejos. Achavam que aquilo era um prédio abandonado. Arrombaram a porta e foram às janelas e roubaram os azulejos todos. Por isso, ela achou que eu estava a roubar, e fez bem.

- Que louco.

- Pá, aí conversamos. Expliquei o que fazia, e ela ainda colou um azulejo. E é assim que se faz também com que as pessoas conheçam o projeto. Algumas passam e ficam, tipo, a olhar, curiosas sem dizer nada.

- E tem pessoas que não gostam?

- Há tipo gente que fica assim, "o que ela está a fazer?". Mas eu lá explico. Por exemplo, quando eu vou colar eu nunca pergunto se eu posso colar. Digo, vou colar. Vou fazer isso. Explico o projeto. Porque se eu for perguntar a pessoa vai dizer "ah, isso tem que ser com o senhorio. Tem que perguntar à Câmara".

[...]

O trabalho dela também é muito divulgado por turistas. Nas redes sociais eu consigo perceber que pessoas, do mundo todo, compartilham suas intervenções ao visitar o Porto, e também é citada por alguns blogs de viagem.

Comento que me surpreendi com a grande quantidade de meninas fazendo intervenção. Ela diz que essa exposição que fez no Becuh foi com outras meninas, chamava-se "Delas", composta pelas artistas: Bella, C'Marie, Mariana Ptks, Meow, Pips,

Preencher Vazios e Rafi. Em outras entrevistas com meninas, abordei a questão feminista e como elas se sentiam ao andar sozinhas à noite no Porto. Ela diz:

- Eu, por acaso, nunca senti isso. Não me ponho… Nunca senti medo. Há uns anos atrás isso havia, mas agora, não. Também pelo Porto ser uma cidade turística algumas coisas estão melhores. Essa rua aqui, há sete anos atrás ninguém passava nela.

- Tu já está nesse espaço há quanto tempo?

- Estou há dois anos.

O trabalho dela evoluiu para uma esfera mais profissional. Quando a entrevistei, fazia aproximadamente um mês que não fazia intervenções, pois disse não ter tempo. Se divide em atender, produzir, encontrar lugares para vender. Os esforços, naquele momento, estavam para as feiras de Natal. Ela começa a me mostrar todas as peças que produz: imãs, agenda, azulejos em mdf, brincos, cadernos, autocolantes.

Writer 8

13 de Novembro de 2018
Encontro com @fragilstreetart

Ainda no mesmo dia, marquei de encontrar o @fragilstreetart à noite, na Praça dos Poveiros. Sentei-me no banco de pedra, tirei uma foto de onde eu estava, e enviei via Instagram. Depois de um tempo, um rapaz veio até mim, era ele, fomos num bar ali ao lado. Eu pedi um café, ele pediu uma cerveja. Solícito, pagou as bebidas. Comecei relatando o que estava fazendo, comentei sobre as outras entrevistas, e ressaltei o fato de que outras pessoas o indicaram para conversar. Disse que quando iniciei a recolha das imagens, me impactava ver num geral as frases sobre abandono, "tanta gente sem casa, tanta casa sem gente," pichações anarquistas. Foi a partir disso que passei a entender o processo de gentrificação que as frases acusavam, as questões de despejo. Ele comenta:

- Isso está a haver um movimento muito grande aqui no Porto. Começou com "o Porto se vendeu", e é verdade, não deixa de ser verdade. Tipo, eu tenho uma opinião sobre isso, percebes?! Mas não tenho, por exemplo, eu não sou uma vítima... Eu não moro aqui no Porto, moro em Gaia, é do outro lado da cidade. Moro do outro lado da ponte. Eu sinto quando venho aqui, tipo de dia… Mas não sinto como um morador, percebes?! Não tenho assim uma grande coisa para dizer, tás a ver?! Tipo, é uma dor, porque eu nasci aqui. Eu não moro aqui, mas nasci aqui.

- E tu não foi morar lá por causa disso?

- Não, na altura os meus pais… Não, eu já moro lá há mais de 20 anos. Não foi por causa disso. Na altura Gaia estava a começar a crescer e não sei o que.

Ele retoma a conversa.

- Por acaso estava a falar do abandono, das coisas que viste. E ultimamente tem havido muitos movimentos contra isso. Não sei se já falaste com o "Morto.".

- Não...

- Esse é… Esse até saiu nas notícias.

- Sim, eu soube que achavam que era um movimento...

- É! Acharam que era alguém do outro partido, a fazer uma cena. Porque ele pegou na marca do "Porto." e fez igual, só que ficou "Morto.". É, ele teve uma cena muito fixe.

- Sim, tem um sarcasmo ali, interessante.

- A minha área não é essa... A minha área não é essa...

- Pois é, sempre me falam, "ah, o Frágil é o cara dos *stickers*".

Comento sobre o que as pessoas falaram sobre ele, sobre quem eu havia conversado. Tiro da minha mochila um caderno com os *stickers* que as pessoas me deram, e passamos a identificar o trabalho deles.

- [...] Oh pá, numa cena de bocado de egoísmo, tou sempre a ver, tou sempre atento, sempre andei por toda a minha vida… Não é egoísmo… Não sei explicar… Olha, pra começar eu sou mesmo mau com palavras. Vais perceber isso no final da conversa, sou mesmo mau com palavras.

- Tamo junto, te entendo perfeitamente (risos).

- Aliás, por exemplo, o conceito do "Frágil", tás a ver?! Há pessoas de fora que me dão definições melhores… Não é melhores… Conseguem explicar melhor do que eu, o que é que elas acham que é, que é a mesma cena do que eu, percebes?! Conseguem explicar melhor do que eu. O que eu ia te dizer… Não é egoísmo… É que às vezes eu tou mais atento ao que eu tou a fazer, do que o que os outros estão a fazer. Quer dizer, eu tou atento na mesma, tu perdes tempo a pensar nas minhas cenas, do que tar sempre... Oh pá, eu não consigo olhar. Eu gosto muito de *stickers*, de *stencil*, mas se eu não perceber na primeira, pá, não sou capaz de ficar ali uma hora a tentar decifrar, tás a ver?! Eu vou olhar, vou ver a minha maneira, vou ver o que eu entendo, e fica por aí. Gosto, gosto, se não gosto, tás bem, pelo menos alguém fez. Não vou ao por menor, tentar desmistificar tudo.

- E tu faz muito *sticker*, assina como "Frágil", mas aquele, por exemplo, que tu assinas com o "-F" tu começou a fazer antes?

- Não, não, o primeiro que fiz foi só o autocolante, só a dizer "Frágil". Foi a primeira cena que eu fiz.

- Mas aquele ali surgiu por quê?

- Oh pá, o *stencil* surgiu porque... Aliás, a minha cena inicial sempre foi começar a fazer *stencil*... Oh pá, só que *stencil* acaba por dar um bocado mais de trabalho. Não é como

ter aqui a bolsa chega de *stickers* e tão aqui, pá, e colo, pá, pá, pá… Tás a ver… Tem que andar sempre com uma lata atrás… Com o stencil atrás… Dá mais trabalho e não consegues espalhar assim tão rapidamente. Mas eu queria fazer, sempre quis fazer, sempre tive bué de frases que curtia, pôr aqui ou ali. Oh pá, e a @hoje___, a gente começou a namorar, e essa foi a frase que lhe disse no início. [...] Essa cena do *stencil*, eu virei-me pra ela, tipo, ela ia fumar um cigarro, e disse "olha, não fumes um cigarro, dá-me um beijo", pá. Tás a ver?! No *stencil* não tá tudo, só tá tipo "não fumes, dá-me um beijo". Oh pá, e a gente achou piada aquilo e olha, não é tarde nem é cedo, cheguei à casa, fiz um *stencil* tipo, logo na noite a seguir, pá, pá, pá, pá, pá… O que tu tens a fotografia, que deve ser em São Bento, foi o segundo. O primeiro tava à porta do Gare, a discoteca. É o único que ainda existe, acho eu. Oh pá, que eu me lembro não existe mais nenhum. [...] Foi um bocado por aí, tás a ver?!

- E essa é a tua única frase escrita que tu tens?

- Escrita é, escrita em *stencil* é. Eu cheguei a fazer mais uma que… Oh pá, em casa eu tenho tótil frases.

[...]

- Às vezes o que me acontece é que eu acabo por fazer um pouco de cada coisa, percebes?! Só há mesmo dois projetos que eu levo avante pra frente, que é a cena do "Frágil" e a cena do "Porto is everywhere". Que eu não sei se já viste algum *sticker*. Esse dedico-me mais a colar lá fora... Que é tipo... Vou a levar a cidade, tás a ver?! O orgulho da minha cidade, tás a ver?! Do que propriamente colar aqui. Aqui não faz sentido. Mas colo, colo em todo o lado. [...] Esses dois projetos, pelo menos, nunca vou parar. E tem a cena do *stencil*, que eu tipo, sempre tive vontade. A cena das frasezinhas pequeninas. Eu sempre tive um grande fascínio com isso. Oh pá, eu faço em *stencil* porque dá pra ver melhor, há muita gente que pega só numa caneta, escreve uma coisa qualquer numa mesa, tás a ver?! Tipo, e tu chegas depois, olha, e pensa, "foda-se", tás a ver?! Põe-te ali a pensar sobre aquilo. Oh pá, e eu sempre quis fazer uma cena um bocado maior. Mas, eu tenho outras frases, depois comecei-me a apetecer com outras cenas, e acabei por não fazer mais *stencil*. Esse foi mesmo o único que fiz. Tenho outras cenas com frases, tenho, mas é em *sticker*, em autocolantes.

- Mas tu acaba colando por aí?

- Sim, oh pá, houve uma altura que fiz muitas frases, tinha muitas frases por aí.

- E é tu que escreve as frases?

- Sou! Não tou a inventar nada. Isso efetivamente não tou a inventar nada. Só tou a pegar nas palavras e a espalhar. Tinha um *sticker* que estava escrito só "don't hate", só isso. Eu antigamente fazia muita coisa em inglês, porque eu mandava muitos *stickers* pra fora. A gente troca uns com os outros, não sei o que. Oh pá, eu tava a mandar *sticker* pros Estados Unidos, pra Europa inteira, tipo, em português… O pessoal ia cagar pra aquilo, tás a ver?! Ninguém ia perceber. Se bem que também há sempre aquela parte muita boa, imagina, é tares, tipo, na Alemanha e vês um *sticker* colado em português. Isso também é bom… Tás a ver?! Oh pá! Mas isso também não acontece assim tantas vezes, porque as pessoas andam sempre distraídas, quase ninguém olha, a gente faz isso mesmo pa… - em tom pensativo continua -, há muita gente que repara e que vê, percebes?! Mas a gente têm a perfeita noção que maior parte das pessoas, tipo, não vê, sequer. Não olham… Também não andam tão como nós… A gente tá no meio, tamo sempre mais atentos, aqui e ali.

Ele segue seu discurso:

- Houve uma altura que eu comecei a colar... e nunca fui adepto, por exemplo, do vandalismo - nesse momento o atendente chega com o café e a cerveja. Colar em propriedades privadas ou coisas assim, mas o que eu reparei que os *stickers* que colei, que tiveram mais impacto, foram esses. Tipo colar dentro do metro, ou nas estações… Tipo… Merdinhas assim… Oh pá! E eu não curto. Não gosto de fazer isso. Poderia ser a minha mãe que andas lá a trabalhar, e tivesse que ir arrancar aquela merda toda. Percebes?! Eu penso nisso! Há muita gente que não pensa, mas eu penso nisso. E… Oh pá! Mas a verdade onde eles têm mais impacto, porque é onde as pessoas tão ali paradas, tipo, não tão a fazer nada. Se bem que hoje em dia, tá tudo no telemóvel, e não sei o que. Mas quem não tá. Ou às vezes, sem querer, vês uma ceninha. Olhas, e até tira logo uma foto. Coisas assim.

O que o desmotiva são os gastos e a efemeridade das peças produzidas. Todo material produzido é ele quem paga. "Um gajo gasta dinheiro a fazer posters grandes, colas, passa no dia a seguir, já arrancaram. Isso desmotiva um bocado". A motivação era maior quando tinha uma outra pessoa para sair à noite e colarem juntos. Atualmente prefere

produzir em menor quantidade, dois ou três *prints*, e colar em lugares específicos, devido a efemeridade das peças.

Pergunto se ele trabalha com algo relacionado a design, ou artes, ele responde que é motorista, faz entregas de mercadorias. Aproveita os deslocamentos também para colar *stickers* por onde transita, mas afirma que sua produção não é constante. No dia da conversa disse que estava há um mês sem colar nada na rua.

- Não é por falta de querer, ou falta de vontade, me falta é dinheiro, tás a ver?! As cenas não ficam baratas.

- Tu imprime uma folha e corta à mão?!

- Do *sticker* sim, mas mesmo assim não é barato. Não vou fazer 10 *stickers*, ou 20. Eu quando vou fazer, vou fazer 100, 200 ou 300… Tás a ver?! Que é pra não andar sempre a pra loja, tás a ver?! Vou fazer e vou já ficar com uns… E depois não é só isso… Eu dou aqui, dou ali, e mando pra fora… Tás a ver?! Tou sempre a mexer neles. A maior parte que eu faço nem são pra mim. São pra mandar, ou eu dou, tás a ver?! E o pessoal vai colando. O pessoal gosta, e até é uma coisa contagiante. Oh pá, e funciona assim.

- Tu acaba por conhecer muita gente por causa disso.

- Sim, sim, e dão força.

Comenta que quando começou, não conhecia ninguém que fizesse isso. Sempre acompanhava os movimentos de *sticker* e de *street art*, mas iniciou sozinho. Criou o Instagram, e duas semanas depois de publicar a primeira imagem, o @cest719 chamou-o para conversar, tomar um café, pois tinha curtido o estilo do seu trabalho. Foi a partir daí que começou a conhecer as pessoas que faziam as intervenções na cidade.

Peguei o celular e mostrei algumas imagens para tentar descobrir outros *writers*, mas não consegui identificar nenhum novo. Também apresentei o mapa da cidade do Porto com os pontos onde fotografei as frases, e comentei que havia me deparado, pela manhã, com o pessoal da limpeza da Câmara apagando alguns *graffitis*. Falamos sobre a seleção que há em apagarem um ou outro, mas não chegamos a nenhuma conclusão sobre o porquê disso acontecer.

- Queres que eu te diga uma coisa que me deixa, tipo, mais revoltado?! Eu fico mesmo fudido quando farto-me de ver… Oh pá, eu não sei se eles têm autorização ou não.

Eu não acredito, porque ninguém tem autorização pra fazer aquilo. Tu nunca viste em caixas de eletricidade?! Imagina, eu pra colar posters, a minha especialidade é caixas de eletricidade. Oh pá, é onde encaixa melhor a minha cena, tás a ver?! Tipo a minha cena na parede não encaixa tão bem. E vejo milhões de pôsteres do partido, manifestações, e não sei o que… Oh pá, eu não sei se eles têm autorização, ou não. Eu não acredito que tenham, porque, oh pá, a EDP, eu acho que não ia deixar que fizessem aquilo. Oh pá! E eu vejo milhões, e ficam lá tótil tempo! Eu colo os meus, e passado uma semana, por exemplo, aqui no Porto, passado uma semana, duas no máximo, já desapareceu! E tu vês os pôsteres de partidos, manifestações, e não sei o que, e ficam lá tótil tempo! Isso é uma merda que me deixa todo fudido!

Ele continua dando um outro exemplo sobre o ato do *sticker* ser taxado como um ato de vandalismo:

- Aos olhos da sociedade, se eu tiver um poste… Oh pá, um poste é completamente inútil pra qualquer pessoa. Pronto... Dá luz... Pronto… Mas se te verem lá a colar um *sticker*, pequeno que seja, oh pá, se calhar as pessoas nem lhe dizem nada, mas nota que as pessoas ficam a olhar, e não sei o que, com aquele ar de reprovação. Tipo, tás aí a vandalizar isso, tás aí a fazer o que..?!. Agora, se tiveres um poste - nesse momento ele procura algum poste para exemplificar -, aquela merda lá, toda forrada… - aponta para um poste mais afastado. Aqui em Portugal é mato, não sei se já reparaste, que é as cenas de "Desentope". Aquelas pra desentupir canos, já tás bem! Parece que ninguém diz nada! Quer dizer, eu fico mesmo fudido quando vem dizer a mim, "ei, tu colaste não sei aonde, isso é vandalismo e não sei o que". Olha, tás a gozar comigo? Estes gajos nem tem autorização para andarem a colar estas merdas nos postes, tipo, colam! E tá por todo o lado, e colam nos postes todos! É ridículo!

O discurso é muito atrelado à percepção de que a publicidade é permitida, e as pessoas aceitam, enquanto uma intervenção, que pode até contribuir para a cidade, pode ser vista como um ato de vandalismo. "Pá, foi a teoria que o Obey confirmou. O poder da repetição é fortíssimo. E é! Quando começas a ver uma coisa muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes… Tipo, começas a associar, e não questionar".

Writer 9

16 de Novembro de 2018
Encontro com @insano_net

No perfil dele do Instagram há muitas fotografias do cotidiano da cidade, poucos dos *stickers* que ele cola, e algumas fotos pessoais, por isso, diferente dos outros, já sabia, mais ou menos, quem esperar. Marquei de encontrá-lo na Praça dos Poveiros e fomos no café ao lado, mesmo lugar que havia encontrado o @fragilstreetart.

Chamava a atenção seu trabalho, pois era o único a utilizar fotografia e longos textos. A fotografia de um espelho retrovisor de uma moto, alguma paisagem para compor a cena, e um texto sobre uma eventual "saga" do "Detective Mike Mirror". É quase uma história em quadrinho na cidade, onde cada adesivo aborda um "miniconto" daquela narrativa. Dificilmente eu lia na hora, geralmente registrava a imagem e lia depois em casa.

- Aquilo, basicamente, eu não sou o típico do *street art*, nem ligado à isso. Minha atividade é comercial. [...] Gosto muito da questão do *street art*, arte de rua, das frases nas paredes, também conheço alguns dos artistas, tou ligado à um projeto que ainda não… Que está, nesse momento, parado, tem a ver com a história do *graffiti* no Porto, e também mais um projeto que tem mais a ver com frases. Eu não tenho jeito pra desenhar. Zero. Então, eu tiro muitas fotografias e pensei, "como que eu posso um pouco aqui, de alguma forma, andar a pintar paredes?", ou seja, tivesse presente no "vandalismo" - aponta com as mãos as aspas -, vandalismo bom, digamos assim. Então peguei nas minhas fotos, normalmente já faço legendas com alguma história ou outra, e foi um bocadinho pegar nisso. Os autocolantes surgiram como a maneira mais fácil de conseguir implementar, fiquei feliz com o que fiz. Quero no futuro, se calhar, fazer outras coisas, mas também é preciso ter um cuidado para perceber como é… Depois isto… Andar nas paredes e depois... Encarar as consequências.

- Tu só faz adesivos?

- Por já só faço *stickers*, *copy paste*, ou seja, pegar na impressão da fotografia e colar. Tudo que seja manual, infelizmente. [...] Gostava muito…

- E a fotografia?

- Faço fotografia para mim, como faço fotografia para o trabalho, por sinal, mas como *part-time*. [...] Quando comecei com essa série de contos, dos espelhos, pensei, ok, criar aqui uma personagem, se não seja imaginária, um alter ego, e fazer umas pequenas historinhas.

- E tu está fazendo um projeto sobre *street art*?

- Não. Tem um livro sobre a história *graffiti*. Como que surgiu o movimento do *graffiti*, no Porto, que foi nos anos 90. Tou ligado a mais pessoas. Tou a ajudá-los na parte dos arquivos das fotografias, só que temos uma série de pessoas. Depois, se quiser, te passo os contactos. [...] Como surgiu o movimento, também fomos um bocado atrás, de tentar perceber como é que… Porque, imagina, as primeiras pinturas que tu vês, se calhar, nas paredes do Porto, no Porto não, em Portugal, tem muito a ver com motivações políticas, na altura do 25 de Abril, e que surgem um bocado, apesar de não haver aqui uma ligação muito direta, e aqui no Porto começa, mais ou menos, o *graffiti* nos anos 90. Uma das principais é a *street art*, também tens muito *graffiti*, e agora, muito recente, a questão dos *stickers*, que eu acho que os *stickers*... No momento, agora, tivemos a explosão dos *stickers*, porque não era tão habitual teres isso... O *past up* também.

Ele analisa as paredes da Praça dos Poveiros:

- Uma das coisas engraçadas daqui, que nota-se permanentemente nesta zona é que há muitos projetos efêmeros de pessoal que estuda, faz o projeto, por exemplo, não sei se eles tem uma cadeira, ou algo do gênero, tem que fazer algum projeto nas paredes, ou intervenção na rua, e depois desaparecem. São poucos aqueles que continuam a trabalhar…

Relato sobre minha experiência de ver os funcionários da Câmara do Porto a apagarem as pichações.

- Têm trabalhos que pintam por cima, depois há outros que não pintam. Chegam ao cúmulo de ter cinco trabalhos diferentes, apagam quatro e fica lá um. [...] Porque tem indicações da Câmara, porque alguns já trabalharam com a Câmara em outros projetos. Mas eles próprios não se sentem confortável com isso. Pronto. [...] Uma coisa é quando é um mural autorizado, outra coisa é quando não é autorizado, também já sabem que pode acontecer isso, mas não faz sentido apagares um e deixar outro. Principalmente que notas

que, aqueles todos que são mais reivindicativos, ou seja, nasce de uma palavra de ativismo, eles não costumam durar muito.

Comento sobre os murais que vi na Revista Cais, "Murais de 25 de Abril", e sobre as frases atuais que se dividem em grupos onde lutam por alguma frente, principalmente sobre habitação ou turismo, e pessoas que escrevem mais frases positivas ou devaneios.

- Acho que as paredes é um bocadinho isso. As paredes acabam por falar um bocadinho dos movimentos. Se tivesse, se calhar, até aqui talvez 2015 ou 2016, sentir impacto da Troika, via nas paredes muitas frases em relação à Troika.

- O que é Troika?

- A Troika, isto é, Portugal entrou em crise, em força aqui em 2011, 2012 e 2013, foram os anos mais fortes. Ou seja, acabou por surgir mesmo na rua, como há mais manifestações, mais nas paredes, as mensagens eram, neste caso, mais dirigidas ao governo, sempre com uma questão central. O que tu notas agora, lá está... Isto mudou… Também a conjuntura econômica mudou, não estamos aqui a discutir ideologia política, se não estaremos a misturar as coisas, então tu vês as paredes a falarem mais… Do que é o problema mais permanente… É habitação, que lá está, é a Câmara do Porto.

Ele comenta sobre um projeto chamado "Air Buy and Bye", que aconteceu em 2015, e funcionou como um *workshop* de ativismo nas paredes. O nome do projeto brincava com o nome da empresa AirBnb e ao mesmo tempo criticava a movimentação da cidade, com os estrangeiros chegando e os residentes saindo. Fizeram alguns *past ups* e colaram pela zona dos Poveiros. Continuamos falando sobre política. Era quase inevitável não falarmos sobre política brasileira. Entre o *impeachment* da Dilma e a possível eleição do Bolsonaro, foram mais alguns minutos de conversa.

- Tu começou a fazer esses adesivos por motivação própria? Para entrar nesse grupo?

- Por motivação própria, na questão, pá… Quando estava na adolescência gostava de escrever naquelas secretárias, então acaba por existir hoje [...] é o que eu costumo dizer, na brincadeira, que se tivesse tido, na altura, amigos que estivessem ligados, provavelmente eu iria me interessar e continuar nas paredes, se conseguisse. [...] Não tenho uma questão, neste caso, muito de intervenção política ou social, é mesmo uma questão das fotografias

e de um lado mais cômico. De teoria é isso. De querer também fazer um bocadinho. Depois, também, de estar mais ligado e conhecê-los. Conheci alguma parte daquelas pessoas, também dá aquela vontade de ter um bocadinho da parede. Pá, e não ser só uma questão depois, pá, no meu caso, o pessoal não ser só a questão da marca, só meu nome estar ali, mas é uma questão, já está, de parares para ler. Ter ali um bocadinho de *storytelling*, eu gosto de *storytelling* na fotografia. [...] Depois tem a questão de gastares dinheiro com isso, é uma cena pra ti, vais ter que economizar dinheiro pra fazer isso.

Questiono como ele conheceu as pessoas da *street art*, ele responde que através do Instagram, e também por causa do livro que está ajudando a construir. Falamos sobre outras pessoas da cena de *street art* da cidade do Porto, das dificuldades que eles encontram, das similaridades entre os discursos, e também sobre as marcas que utilizam o *graffiti* como forma de fazer publicidade. A conversa continuou mais um tempo dedicada a política, e a compreensão dos contextos políticos ambos países.

Ao final de quase uma hora de conversa, me entregou um pacote com os adesivos, algo em torno de 10 *stickers*, para eu guardar alguns e poder espalhar por aí.

Writer 10

19 de Abril de 2019
Encontro com @chico.cigano.mc

O Chico deve ser uma das primeiras pessoas que conheci quando cheguei ao Porto. Também foi ele o responsável por identificar algumas frases do @um.lupus que relatei anteriormente. Durante o trabalho notei que começaram a aparecer algumas frases dele, em caixas de eletricidade escrito ou *past ups*, principalmente na região de Cedofeita. Chamei-o para conversar na minha casa, e entender o que motivou ele a produzir estas mensagens e quais seus propósitos com àquilo.

- Eu queria fazer alguma coisa que, de modo muito simples, eu queria pegar em palavras muito próprias portuguesas e do Porto até, gíria, e dar uma definição para as pessoas que não são de cá. Ou para as que são de cá também lerem. Pus em inglês porque é a língua mais acessível e, por exemplo, quando fiz isso, não limitei a dar definição de dicionário. Fiz um pouco uma brincadeira. Pus um pouco da definição de dicionário, mas depois também pus a minha definição um pouco cômica. É esse o objetivo. Mesmo quando eu fiz o da saudade. Pronto, eu pus, "o que é que significa saudade?!", "é estares imenso tempo fora de casa, voltares, e comeres uma francesinha e beber uma Super Bock".

Eu começo a rir, e ele continua.

- Um português que ler isso vai perceber perfeitamente o que eu quis dizer. Que quem vive aqui, digo eu, agora um estrangeiro, foda-se. *What a fuck?* O que é comer uma francesinha e uma Super Bock, ou o que isso quer dizer? Portanto, na verdade, eu tentei fazer isso um pouco para todos. Pra mim, peguei num jeito assim mais cômico para as pessoas lerem, e dizerem "ah, foda-se, tem piada". Também para as pessoas entenderem, quem tá de fora, o que significa mesmo.

- Quem é de fora não percebe…

- É. O que é o foda-se? As pessoas não sabem. Se calhar já ouviram, tá ok, é uma palavra "errada" e tal. Usam como vírgulas - neste momento ele lê o que escreveu no *past*

up - como assim, usam como vírgulas? Nós usamos. Estamos sempre a dizer foda-se… Foda-se pra isso… Foda-se pra aquilo… Pronto, foi nessa ideia. Fiz um pouco à toa.

Ele fez isso antes de ir trabalhar na Itália. Na viagem ficou pensando formas de como continuar as mensangens e atingir mais pessoas. Os últimos escritos foram três *past ups*, que ele replicou em mais três, totalizando nove cartazes, todos já desapareceram.

- Ah, foram todos pra o caralho. Já puseram coisas por cima, já puseram outra, e tudo e não sei o que. Isso que também, depois, é chato. Porque há muita gente que faz isso e dedica muito tempo a isso, depois eu acho um bocado chato. O sítio onde tu deixaste aquilo já não tem nada.

Ele comenta sobre as pessoas que fazem *graffitis* e o respeito pelos murais. Diz que existe uma linha tênue entre o que é normal e o que é impactante. É um desafio para uma pessoa que pretende começar com esse tipo de arte urbana.

- As primeiras coisas que eu fiz, foi ainda ano passado, foi Novembro ou Dezembro, nesta altura, em que decidi escrever alguma poesia, algumas frases. Escrevia mais nas caixas de eletricidade, nas paredes, e não sei o que. Depois sim, é que… Peraí… Tás a ver, como a do @hoje___, poderia fazer isso numa folha, poderia colar e sempre ficava mais bonito, fica mais interessante.

- Mas essas escritas diretamente na parede ou nas caixas de luz, tu não replicaste nenhuma outra vez?

- Não. Das que eu escrevi nas caixas, ficaram lá só naquele sítio. Agora, as folhas houve uma ou outra que fiz mais de uma cópia.

- E tu fostes sozinho?

- Sim, porque era uma brisa minha. Tás a ver? Não fazia sentido. Por acaso, houve uma vez, que fui com um amigo meu… Olha, falei com o @um.lupus que ele também faz isso, e ele costuma fazer isso sozinho, mas houve vezes que fez comigo, fez com amigos até. Pronto. Távamos lá, ou fotografamos, ou vimos… Eu prefiro fazer isso sozinho, porque é uma… Não é um problema que tenha problema em ir com alguém, mas é porque, sei lá, às vezes eu faço isso quando eu quero, quando me apetece. Nesta ideia, quando quero fazer isso. Não vou tar a dizer, "vou fazer isso agora". Posso falar, mas honestamente, prefiro fazer isso por mim mesmo, sozinho e quando eu quero.

Relata que já combinou de ir colar com outras pessoas, mas não aconteceu. Também brinco sobre estar bêbado e fazer essas intervenções, ele diz que não, não é por esse motivo. Então questiono se ele quer fazer disso como algo mais sério.

- Eu gostava de fazer isso como um projeto. Eu comecei, ok, isso foi uma fase muito de teste. Mesmo aqueles que tu fotografaste, antes de eu ir embora, foi um teste. Colei, vamos ver como se cola, vamos ver se as pessoas gostam ou não. Pronto, gostaram algumas. Mandaram mensagem e tal. Aquele da "saudade" teve muitas partilhas no Facebook. Não sei se reparaste… Um gajo pôs no Facebook, teve 700 partilhas o *post*. E eu, "eii"... E amigos meus a mandarem fotos de pessoas que tinham posto no Insta Stories, no Facebook. Várias gente… E eu, "olha, foda-se". Já tava na Itália, e disse "olha, altamente"... Não sabia que isso ia colar, ou que as pessoas teriam a receptividade para isto. Sem dúvida deu-me no que pensar do gênero, "ok, eu podia mesmo pegar nisto e fazer continuar, ou pelo menos vamos fazer disto ainda melhor". E neste momento eu gostava de continuar com isto. E tenho pensado em novas coisas, até mesmo em novas palavras, ou numa nova vertente de fazer isso. Como, de que modo eu posso alterar isso, e torná-lo ainda melhor.

- Esse, da "saudade", tu disseste que foi o que teve mais impacto, mas as pessoas entraram em contato contigo?

- Não. Primeiro, pessoas que eu conheço mais diretamente, sim, amigos, conhecidos, e não sei o que. Tiravam fotos, punham no Instagram, identificavam. Ou amigos de amigos não sabiam quem eu era, e diziam "olha, uma amiga minha pôs uma foto do teu *post* e não sei o que". E eu, "olha, que fixe…". Depois houve um gajo que pôs isso no Facebook. Teve imensas, imensas, imensas, partilhas. E houve pessoal que me identificou lá no Facebook, mas na verdade não recebi assim muitos pedidos… Não houve muitas pessoas a seguir… Assim, desconhecidos. Uma ou outra… Raro… Foram mais as pessoas que me coheciam que disseram, "olha, isso tá fixe, e não sei o que". Ou seja, meu trabalho não está completo. Eu quero fazer algo que muita gente diga, "ei, foda-se, isto tá incrível, vou seguir este gajo".

Começo a mostrar outras frases, e falo sobre a maior permanência das frases escritas diretamente na parede. Ele diz que o que planeja para agora é criar um símbolo, ou algo que identifique seu trabalho.

- Não há nada mais geral que um símbolo, que toda gente conheça. A escrita por si só compromete um pouco isso, porque, ou tu falas a língua, ou tu sabes ler, ou não. E eu gostava agora de pensar uma maneira de criar um símbolo, ou algo assim, até com texto ou qualquer coisa, e isso fosse mais rápido de interpretar.

Quando ele comenta sobre símbolo, lembro-me do projeto do Mais Menos, que se utiliza de um símbolo para criar um conceito e uma identificação. Ele não conhecia.

- É um conceito bom, não é "igual", percebes? Tem qualquer coisa diferente.

Sigo a conversa tentando entender quais são os seus próximos passos.

- E replicar os que tu já fizeste, não vale a pena?

- Sim… Tás a dizer continuar a fazer na mesma gama do que… Sim… Se eu pensar assim mais alguma coisa… Gostava de continuar a pôr mais uns papéis na parede, sim… Se calhar até isso que vai acontecer.

Questiono sobre como define as frases, referindo-me às escritas nas caixas de luz, que são poéticas, e aos *past ups*, que são mais irônicos.

- Sim, tenho uma que era um texto enorme… Pá… Coisas mais assim, meio, sei lá, poesia. Essa até tinha mais a ver com o espaço. Dizia que se o universo tivesse sido criado ao som de alguma música certamente teria sido com uma música do Chopin, que era a Nocturne.

Sigo mostrando as imagens registradas.

- É assim, eu já escrevo há muitos anos. Diferentes coisas: textos, poemas, e não sei o que. [...] Ok, pera aí, eu tenho visto muita gente a escrever coisas nas ruas. Eu também poderia fazer o mesmo. Acho que tenho aqui um bom material… Pá… Não perco nada. Se isso bater à alguém, bateu, se isso não bater, não bateu. Pronto. E este texto já tinha há muito tempo. Tinha feito há muito tempo atrás, muito, muito…

- E é teu?

- Sim, sim, tudo que escrevo é meu. Tudo que escrevo é meu.

- Fica procurando no Google - falo em tom irônico.

- Não, não - responde alto e rindo. Não, tudo que eu fiz, fui eu. Se não não faria muito sentido eu andar a escrever coisas que não fossem minhas. Pronto, há pessoas que fazem… Eu não vejo muito sentido nisso. Então pensei, "pronto, por que não?". Fiz este, fiz mais dois ou três, e tal. Pronto. Há pessoal que tirou foto, há pessoal que me mandou, tive *feedback*, ok, mas… Sim… Pra responder a tua pergunta. São temas assim um pouco poéticos. Tem a ver um pouco com tudo. Nada assim muito específico.

- Por exemplo, têm esses das caixas e depois têm outros dos *past ups*. Um tem uma linha mais poética, e o outro mais humorístico.

- A primeira foi um pouco mais devaneios, e coisas assim, e depois o outro foi uma coisa mais bem pensada. Eram palavras, vocabulário, piada e não sei o que. Mas surgiu tudo muito natural, eu não tive que pensar muito. Eu tinha essa ideia, e ok, vamos aperfeiçoá-la. Não tive em minha casa, a fazer um plano no quarto, vou fazer assim e assado... E o caraças… Não. Surgiu tudo de uma forma natural, que até me deu mais asas a pensar, que eu quero fazer isso. Se aconteceu de uma forma natural, e eu gosto, é porque devia continuar a fazer.

Apêndice 2 - Observação participante

26 de Novembro de 2018

@umgajonoinsta

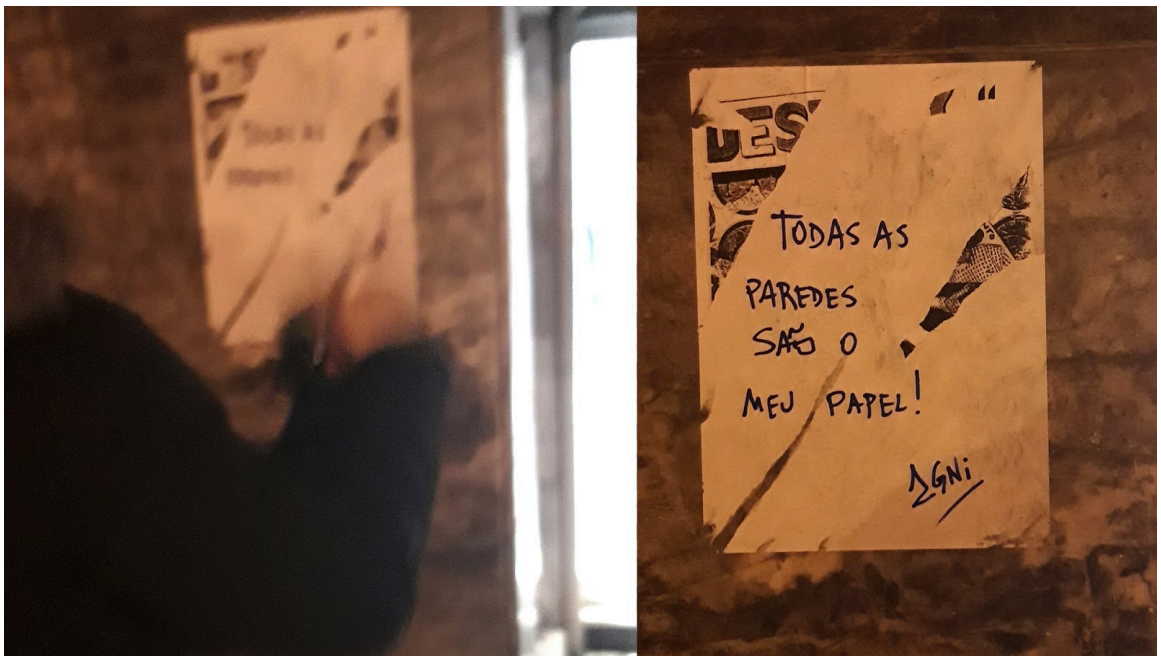
Combinamos de ir a uma exposição no Becuh, um lugar que expõe *street art*, prestes a fechar, pois a senhoria morreu e o prédio ficou de herança para seus familiares, que decidiram vender. Até final do ano eles precisam desocupar o lugar. Encontrei o @umgajonoinsta nas escadarias da Rua da Madeira, por volta das 16h30, e ali começamos a identificar algumas novas intervenções. Registramos algumas imagens antes de entrarmos na exposição do BellaPhame.

Saímos de lá, passamos a estação São Bento, atravessamos os Aliados em direção aos Clérigos. No percurso passamos pela rua de trás para achar alguma nova intervenção. Seguimos em direção à Rua de Cedofeita, dobramos na Rua da Torrinha, demos uma volta na quadra e voltamos pela Miguel Bombarda. Durante o trajeto ele ia colando os *stickers* sem muito problema. Olhava para os lados para identificar se havia alguma pessoa que pudesse perturbar. A minha presença facilitava a ação. Ao ficarmos conversando, tudo parecia muito natural. Poucas pessoas olhavam, estávamos camuflados no meio das pessoas.

Uma das coisas interessantes, é que ao longo do trajeto ele seguia com o Pokémon Go, identificando onde tinham Pokémons durante o percurso, mas também me mostrou que no jogo existe uma opção de trajeto onde mostram os *graffitis* do Porto. Para ganhar ou completar alguma tarefa no jogo, era necessário ir até aqueles lugares. Muito do nosso trajeto foi ele que conduziu, e acredito que tenha relação direta com os objetivos do jogo.

Já estava ficando escuro, nós continuávamos caminhando, e numa das ruas mais escuras do percurso, na Rua do Rosário, tinha um cartaz descolado da parede, onde restava apenas a parte branca. Ao ver a situação, o @umgajonoinsta pegou seu marcador azul, olhou para trás, viu que não vinha ninguém, e começou a escrever. Eu fiquei apreensivo. Foi uma frase rápida e ele assinou de uma forma diferente, com a sigla “1gni”, referente a

“um gajo no insta”. Mesmo eu não escrevendo, por menor que fosse o recado, senti também uma adrenalina.



Perguntei se ele tinha a frase na cabeça, ele disse que não. Percebeu a situação e resolveu escrever. Foi tudo muito espontâneo, sem muito planejamento. Disse que sempre anda acompanhado de seu marcador para eventuais situações como esta. Muitas vezes encontra os cartazes da @hoje___ vazios e preenche, outras vezes escreve nos *stickers* já gastos dos postes.

A escrita representa uma marca durante o trajeto, de um momento. Não se conta a história por trás daquilo, é apenas um registro de um tempo específico. Um devaneio. Escrever sob um papel que já estava ali colado é legal ou ilegal? “Todas as paredes são o meu papel!”.

06 de Dezembro de 2018

@preenchervazios

_____As frases são de artistas portugueses, de livros, ou histórias que ela lê. Frases aleatórias, não tem um tema, são mensagens que ela se identifica, como o Saramago, ou o Fernando Pessoa. Isso comprova o que ela comentou na entrevista. Encontrei ela no seu atelier. Ela também tinha combinado com uma outra menina que gostaria de fotografar seu trabalho enquanto realizava a intervenção. Aproveitando que eu já havia entrevistado e comentado a respeito de acompanhar durante alguma nova, ela me convidou para irmos juntos.

O processo é delicado. Ela vai até o local onde estão faltando azulejos, mede, projeta no computador, imprime, corta as madeiras no formato identificado, e deixa as peças todas preparadas. Além disso ela faz uma aplicação digital para ter uma ideia de como a frase ficará projetada. Essa é a forma de facilitar a montagem do "quebra-cabeça" das peças.



Fomos até os lugares que ela já havia projetado para fazer as aplicações. Era de tarde, por volta das 16h30, e não havia qualquer problema em fazer aquilo, tudo era muito natural. Numa sacola, além das peças, levava uma pistola de cola para fixar as intervenções. Ao chegar no primeiro local identificamos que a casa estava abandonada. Ela tocou a campainha, mas ninguém atendeu. Enquanto isso colocava as peças no chão, e montava conforme a imagem projetada da intervenção. Depois de montar no chão, passei a segurar a peça, ela colocava a cola nas pontas, e depois fixava. Enquanto isso a outra menina seguia fotografando o processo.



Fazia tempo que ela não fazia intervenções. Ela disse que já tinha estes projetados há tempos. Seguimos até uma outra morada, onde ela também já havia as peças para intervir. Ao chegar na frente da morada vimos que havia pessoas na casa, embora tivesse uma placa “vende-se”. Ela tocou a campainha e esperou. Uma menina atendeu. Ela pediu licença e apresentou rapidamente o projeto para que fosse possível aplicar a intervenção na fachada da casa. Ela não sabia responder, disse que era arquiteta, e não era proprietária. Assim foi chamar outra colega para saber se era possível autorizar. A @preenchervazios

já acostumada com a situação explicou que a ideia não era substituir os azulejos, e sim chamar a atenção para a falta deles, assim como enfatizou que a intervenção era efêmera, que a qualquer momento seria possível retirar. Mesmo com desconfiança a menina deixou que fizesse.



Enquanto isso passavam pessoas curiosas, perguntavam o que estávamos fazendo, achavam interessante o projeto dela, não tivemos nenhuma desaprovação. Inclusive uma viatura da polícia passou sem se preocupar.

07 de Dezembro de 2018

@hoje___

Já era quase 1 da manhã e estava muito frio. Combinei de encontrá-la no Campo 24 de Agosto. Eu demorei até vê-la. Estava ela e a Caprika, sentadas ali na parada de ônibus, fumando um cigarro. Cheguei ali, comprimentei-as. Ela tinha preparado bastante cola, pois eu falei que iria também imprimir alguns desenhos, mas não consegui produzir a tempo, apenas alguns *stickers* para colar e dar para elas.

Sem destino definido, perguntou-me: esquerda, reto ou direita? "Direita", respondi. Seguimos em direção à Fernão de Magalhães, ali começava nosso trajeto. Além da cola, levava uma luva de látex e carregava uma pasta azul, com as folhas a serem coladas. Como estávamos em três pessoas, tudo era muito rápido. Eu segurava a pasta com as folhas e escolhia aleatoriamente um dos papéis, a Caprika levava a cola para facilitar a colagem da @hoje___. Ela punha um pouco de cola na mão, vestida com a luva, passava na superfície, para depois colocar o cartaz e passar mais uma vez cola por cima. Depois eu fotografava para não haver problema de voltar no outro dia e o cartaz não estar mais lá.



Há uma certa preocupação em colocar em lugares abandonados, caixas de eletricidade, ou em algumas paredes perto de obras. Quanto mais visibilidade, melhor, e quanto menos agredir, também. Por vezes, eu escolhia algumas frases e ela pedia para eu sortear outra. Não consegui identificar exatamente os motivos por trás das escolhas, mas existia uma preocupação em não repetir muitos parecidos em zonas próximas e parecia ter escrito frases específicas para alguns determinados locais.

A Caprika nos deixou por ali, teve que apanhar o ônibus, e nós seguimos colando. Subimos mais um pouco a Fernão, dobramos a esquerda, e seguíamos escolhendo aleatoriamente. Durante o trajeto conversávamos sobre outros *writers*, sobre a colagem, sobre o projeto, assuntos gerais. Também comentávamos sobre os números nas redes sociais, onde 70% de seus seguidores são mulheres, e 30% são homens. Olhei o Instagram para ver os dados do @paredesdoporto e era exatamente igual.

Havia uma zona em que ela tinha colado há pouco tempo ali perto, então evitamos seguir para lá. Já estávamos a quase uma hora caminhando e colando os cartazes. O objetivo era colar todos naquele dia. “Hoje”. Eu acho que devia ter uns 20 cartazes diferentes, ou mais. Seguimos pela Santos Pousada. Enquanto colávamos, alguns rapazes

se aproximaram. Pensei que pudesse ser um assalto, ou alguma incomodação por estarmos colando, mas era apenas pedido de informação. Dois imigrantes indianos perguntando a melhor direção para ir ao SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras). Nós indicamos o melhor percurso, mas ficamos pensando, eram 2h30 da manhã.



Muito da entrevista podia ser comprovado ao presenciar as colagens. O hoje é isso, é um reflexo dela. Uma pessoa que vive intensamente, que tem muitos projetos, e tenta realizar todos. Uma pessoa muito matemática, lógica, que está sempre fazendo cálculos e planejamentos. Sabe os dias em que estamos por causa do seu projeto de 365 dias, e se mostra sempre determinada com seus objetivos. É incrível poder perceber a relação que existe entre o seu projeto e a sua vida. Tudo tem uma relação, existe verdade. Cheguei em casa eram quase 3 horas da manhã, mais de 20 cartazes colados, mais uma observação participante. Hoje foi dia de acompanhar a Hoje.

Apêndice 3 - Entrevistas em Porto Alegre

Entrevistado 1

12 de Fevereiro de 2019
Carolina Diogo, 26 anos - Hotelaria

Qual a impressão que tu tens sobre as imagens?

Uma inscrição bem informal, até pela linguagem, eu achei uma aqui que foi diferente, do que eu tinha visto antes: "a juventude é a chama mais viva da revolução". Foi a mais, tipo, impactante, no sentido de linguagem mais poética. Que não fica tão assim… tipo as outras, tipo a do "tás todo Jack Daniels". É tipo uma comunicação mais direta, informal.

[...]

Tem várias, tem a do "com todo amor não me fodam". Não necessariamente tem que incitar uma reflexão, é só uma comunicação, um chamado pop-up, um drop, se tu quiser fritar (pensar muito), que bom. Mas tipo "a juventude é a chama mais viva da revolução"... pense… reflita… pelo menos no meu entendimento.

Digamos que ela impacta…

Porque usa palavras, potentes, revolução e juventude na mesma frase. Não é inédito.

E tu consegue fazer alguma ligação do que isso possa significar para lá (Porto)?

Talvez um chamado, talvez um aviso. Mas é que juventude e revolução juntas é meio mundial, né. Não vou me apegar a esse exemplo, vamos ver outro…

Essas imagens que tu estás vendo, será que são mundiais? Ou se prende a um local?

Acho que pode se resumir a metrópoles, não sei se o Porto somente, acho que não, é semelhante ao que se vê em outros centros urbanos.

E tu consegue fazer uma leitura sobre a cidade do Porto através destas imagens? Dizer como é, como está, como é o ambiente, como são as pessoas, o que está acontecendo?

Parece ser um centro urbano bem movimentado, com referências de "urbanidades", bastante, então pode-se dizer que é atualizado, ao mesmo tempo que impressões históricas existem. É uma cidade que… A única palavra que me vem à cabeça agora é "urbano", mas no sentido de *street art*, de *street* tudo, e contemporâneo.

[...]

Rola uma reflexão política nas paredes, tem vários, mas também rola uma chamada de atenção, isso que eu achei massa, pra pessoa que passa e lê. De reflexões bem atuais, tanto de política, ok, mas de relação com o corpo, de responsabilidade. Esse aqui do "HOJE", dos dias, eu acho muito massa, sabe? Porque é bem reflexivo o dia-a-dia, do cotidiano. Essa que eu acho que é a diferença. "Juventude" e "revolução" numa pichação não é tão do cotidiano. Tudo bem, é válido sim, mas talvez essas reflexões mais imediatas, seja uma linguagem que funcione melhor. Porque uma pichação que te bota pra uma reflexão mais ampla, tipo "juventude" e "revolução"... beleza… rola… mas…

Parece que essa comunicação é um pouco mais fácil…

Mais fácil, tipo, não quero ser rude, mas fútil. Porque é isso, rola um *link*, uma ligação, talvez seja uma reflexão que ela esteja tendo, e ae tu encontra ali uma outra referência.

Tu falou de cotidiano... tu consegue compreender como é o dia-a-dia dessa cidade, através dessas mensagens?

Talvez, o dia-a-dia da cidade eu não sei, mas talvez o comportamento do cotidiano. Parece, em algumas imagens, que a galera é bem irônica, bem rabugenta, ou meio direta, que não tem muito enfeite. "Continua que o dia de hoje não é pra ti". Mensagens tipo, nem tudo é belas artes, saca? Tipo, arte também é, nos deixa mais feliz, sei lá. E é massa né, meu? Em compensação tem "beija-me, depois explico-te", um clássico na Internet.

Isso é uma frase da Internet?

É, tipo, "vem comigo que no caminho te explico", saca? Isso aí virou viral.

E nessas mensagens tu consegue ver alguma relação com a Internet?

Algumas sim, as em inglês principalmente. Não tinha pensado muito em Internet, antes dessa daí.

O turismo, e essa questão, tu consegue identificar por essas mensagens o que exatamente acontece com o turismo? O que tem a ver com o turismo?

Se tem a ver com o turismo, talvez seja, como as pessoas recebem os turistas. Porque é isso, se tu tem numa cidade, no caso do Porto, mensagens de vários tipos, e com linguagens bem diferentes, e que remetem a reflexões, ou simplesmente uma coisa engraçada, existe uma vontade de interagir com quem circula por esse lugar. Seja de lá, ou não seja de lá. A gente pode entrar na questão da vitrine, existe uma movimentação da cidade para se projetar, pra se mostrar, pra se comunicar principalmente. Talvez seja essa relação com o turismo e também uma comunicação

sem freio, porque falam mal do turismo. Então, de repente, pro turista saber desse descontentamento, de quem mora lá, também seja importante, tá ligado? Pra saber onde se tá chegando, não que tu vá, ah, li uma mensagem e agora estou ciente de que vou ser mal recebido, não. Mas é tipo, sim, estou ciente de que eu gero impacto pra esse lugar onde eu tô chegando. Sejam eles positivos, sejam eles negativos. Isso pra quem estiver afim de pensar nisso, né? Mas é isso, a oportunidade de reflexão tá ali, tá lançada, de diversas formas.

Diversas mensagens, que no meio dessa quantidade de mensagens e de imagens, acabam por vezes aparecer, e outras vezes chamarem mais atenção, do que elas.

Independente delas serem turistas ou não, mas pensando em quem chega numa cidade e se depara com esse monte de informação, esse monte de expressão... Porque eu não sei como é lá… Se é muito na cara... Onde tu anda tu consegue ver, pá, pá, pá… Paredes, paredes, paredes… Muros, muros, muros… Tudo por mensagem… Ou se tu tem que dar uma caçada, ou não?

Depende do olhar. Se a pessoa tá olhando pra isso. Varia.

Mas eu não tenho que saber como que é lá, eu tenho que dizer o que eu acho, certo?

Exatamente. Tem que pensar que lá se anda muito a pé. Caminha muito mais na cidade.

Ah, sim, facilita… Tem algumas que talvez a gente não entenda.

Não consegue entender pela linguagem?

Tipo, sei lá, “adoro dar pérolas à porcas”.

Isso é uma expressão de lá.

Ah, por isso que a gente não entende.

A do "o Porto está bonito, mas não é para o meu guito", por exemplo. Tu como brasileira não sabe o que é "guito".

Exato.

Ou seja, a mensagem no final das contas não chega!?

Não.

Parece que ela não é para uma pessoa que não entende essa linguagem!?

Ah, pois então. Mas quem não é de lá, talvez não entenda no geral, tem que perguntar.

No mínimo instiga uma conversa...

Sim, aí já rola uma aproximação.

E tu consegue se identificar com alguma mensagem? Isso me representa? Ou isso não me representa? Como se não tivesse essa distância entre as cidades.

Essas que são reflexões que estão rolando num âmbito mundial, tipo "descolonize seu pensamento", acho que é legal falar disso lá, né pessoal (ironia)… A do corpo, aquela, também eu achei irado. Porque é isso, são ondas de comportamento que tão beirando um mar geral, a função de preservação, de desconstrução de padrões.

E se tu fosse elencar palavras-chaves das imagens que tu viu, tu conseguiria dizer se eles falam muito sobre isso ou sobre aquilo? Como um resumo do que tu falou.

Acho que fala de comportamento, bastante. E também de sentimentos. Tem muitos sentimentais aqui, sabe? (risos) Tem várias.

Comportamento e sentimento também são relacionadas…

Exato, mas também, não sei se seria palavra-chave, uma ação que rola, é uma galera que sabe que faz parte daquele lugar, que movimenta aquele lugar, que só é movimentado aquele lugar porque existem eles. Locais, ou não. Tinha uma que eu vi há mil anos, que falava tipo disso. Que a cidade só se move pelo povo. Então é tipo, vou achar.

[...]

Tipo, sentimental, olha essa daqui, "tenho saudades… tuas… de existires… da tua voz". Galera sentimental.

[...]

Oh, tá aqui do ladinho dessa. "O povo é quem mais ordena dentro de ti ó cidade". Porque na real existe toda uma movimentação política, só que né, quem decide, enfim, pelo que parece aqui, é a movimentação social. O que remete a uma consciência política também. Política no sentido de sociedade, não só de parlamentos.

O que falei de te identificar com alguma frase, tu consegue dizer alguma? Mais aquelas de comportamento mesmo?

"Vendem-nos a alma ao turismo", Jesus…

Forte…

Muito! Mas talvez seja assim que a galera se sente, vai saber. De identificação…?

Também não precisa sentir identificação.

Uma que eu acho legal é "És burro fil?". (risos)

Mais uma tiração de onda...

Essas de tiração são muito boas.

É um humor ranzinza, tu disse…

É...

Bom, e esse trabalho de catalogar imagens que eu estou fazendo, tu consegue ver um por que de existir, na tua percepção?

Na minha percepção, é saber, enxergar e entender essa comunicação contemporânea, da cidade. Achei muito massa que tu viu o negócio de Porto Alegre lá, e se ligou com o daqui. É essas luzinhas que surgem no momento que tu lê uma coisa na rua, tanto da identificação com o teu pensamento, muitas vezes tu até identifica quem colou aquilo ali.

[...]

O trabalho documentar o que está acontecendo, e essa movimentação de comunicação da cidade. Porque acaba ficando como "a cidade te comunicando". Isso é muito legal.

Não uma pessoa específica...

Não uma propaganda… Ou a TV… é diferente né…

Sim, não é uma mídia "oficial".

Exatamente, fica como se fosse a cidade, no meu entendimento. O que eu acho mais legal, porque torna a cidade um organismo vivo, comunica. Não é o outdoor, é o muro, é a placa, é a parece.

De certa forma pessoal, mas impessoal?

É. E é a cidade. Por mais que tenha uma pessoa, seja um artista ou não.

E aqui, quando tu passa pelas paredes, tu também é surpreendido com algumas frases?

Às vezes sim, às vezes eu acho que existe muito aqui de colocar o nome (tag), mas acho que meu olho não está tão direcionado.

Já vive no mesmo lugar que se torna indiferente se aparece ou desaparece mensagens.

Acho que tem a ver com interesse, por exemplo, aqui o "seja barraqueira, seja heroína", onde tem eu vejo. Saca? Talvez porque eu esteja mais antenada para esse tipo de mensagem.

Tem alguma coisa a mais para acrescentar?

Não sei se frase. Mas o que eu mais gostei, foi as que tem esse humor ranzinza, porque talvez seja um humor da cidade. Aquela do "Portugal me tornou um velho precoce". São as que eu curto. Que tu lê e dá uma risadinha. Não necessariamente mexe lá com uma questão muito profunda, mas te faz pensar.

E talvez ver as situações de uma outra forma...

Ver as situações de uma outra forma e pensar como são estas pessoas que escrevem isso. Por quê elas escrevem desse jeito? Será que elas são assim mesmo? Devem ser, tá ligado?! Devem ser meio irônicas. Então a galera de lá deve ser meio assim. Por isso que eu falei da cidade. É uma pessoa que escreveu isso, mas quando tu lê um muro, talvez tu transponha para um comportamento geral. Uma indignação, tu imagina que seja meu Deus, aquela região que pensa assim.

Entrevistado 2

13 de Fevereiro de 2019
Giulia Andreazza, 24 anos - Publicitária

Num viés amplo, o que tu consegue perceber das imagens?

A cidade parece bem mais limpa em relação à intervenção, em geral, porque aqui, realmente, até tem um pouco. As coisas são muito mais inteiras. São muito mais recentes, recém coladas.

E na questão de mensagens. Tem algumas que te chamam atenção?

Tem algumas nessa coisa, tipo, motivacional.

[...]

Muito pensando, em comparação com aqui, principalmente quando se trata de intervenção, ou por stencil, ou riscando paredes. Eu acho que aqui as pessoas acabam abordando questões muito políticas, ou tão xingando, às vezes é picho mesmo. Parece ser mais uma questão de ser uma mensagem. Algumas eu conheço de Pinterest.

Tem um pouco de tudo, de certa forma, elas estão misturadas.

Várias formas também, né?

Na verdade onde tem coisas escritas, ou mensagens, é o viés do projeto. Tem algumas com mais conotação política, outras mais conotação de humor, outras mais do cotidiano…

Tem umas bem poéticas.

Por exemplo, em questão política, tu consegue notar alguma coisa?

Não sei se é referente ao teu acervo aqui. Tem, por exemplo, "Ele Não", "Cancela a Propina", mas em quantidade menor. Talvez seja diferente em questão de permanência em relação com aqui, mas eu acredito que é possível ver, pelas ruas. Talvez não em Porto Alegre em específico, mas talvez São Paulo.

[...]

Ah, o Vital (referenciando um artista que morou em Porto Alegre, e hoje mora em Lisboa, e colou cartazes no Porto). Eu conheço ele daqui, a Bárbara conhece ele, eles já saíram pra colar juntos. Eu gosto muito do trabalho dele. Acho muito consistente. E ele vive disso né… É o trabalho dele… É isso que eu acho muito… Gostaria de dedicar meu tempo e energia para manter o projeto que eu acredito.

[...]

Ai não sei muito bem, em que contexto te falar coisas sobre isso.

É a tua impressão, é livre. Uma coisa é estar lá presente e ver aquilo na rua, outra é ver através de imagem.

Eu acho que é muito em relação ao momento, ao lugar onde tu está, e o impacto que isso te causa. Porque pra mim é como ver um feed de "Olhe os Muros" (um acervo de imagens de escritas nas paredes do Instagram), que agrupa várias coisas nesse sentido. E tu acaba se identificando com mensagens que tem sentido pra ti, naquele momento. Tem coisas aqui que eu olho, tipo, agora eu gosto muito. Tem outras que eu me identifico. Tem outras que tipo, ah, legal. Então, é muito conforme o teu repertório pessoal. Todo esse lance de mensagem na rua, ela só vai te impactar se ela faz sentido pra ti. Porque, talvez, sei lá, não sei se tu viu aqui, "essa cidade também é minha". Eu tô falando contigo e tá batendo o olho ali naquela parede azul "Tifany", o tempo inteiro (se referindo a uma parede ao nosso lado, no ponto de vista dela).

Eu não tinha visto (risos). Tenho que coletar mais imagens.

Aqui tem bastante. Ali na João Telles, perto do Ocidente, tem bastante. Ali na esquina… Agora eles arrancaram umas coisas, efemeridade. Não sei se foi o próprio estabelecimento, porque é privado, né? Mas tinha vários cartazes ali. As pessoas aqui costumam intervir no trabalho dos outros. Pelo que eu vejo no Porto não é tão comum. Tem um bem legal, aqui na esquina, tem um lambe gigante que diz, "o que é valor pra ti?". E alguém respondeu, é fidelidade, é não sei o que…

Tem esse projeto, o HOJE, que é de uma menina que eu conversei. Por exemplo, esse aqui (mostrando uma imagem no celular) é ela que escreve. É um projeto parecido com o de vocês. Tem outros que ela escrevia "Hoje vou" e deixava para as pessoas escreverem. Ela começou a fazer stencil. Olha, eu consigo saber que é ela que escreve só por causa do "M".

Ela convida as pessoas a intervirem então?

Sim, é um dos projetos que as pessoas vão lá e escrevem.

A gente tinha uns lambes assim, também, mas a gente nunca chegou a colar na cidade. Porque tipo, é muito difícil colar algo e esperar que a pessoa, tipo Caxias (cidade do interior do estado) impossível, ninguém vai puxar um canetão e escrever, mas a gente sempre teve muita vontade. O que tu quer dizer? Se as paredes falam, se a gente está falando através disso, a gente tá querendo deixar um espaço para tu falar também. É muito do contexto. Eu acho que aqui em Porto Alegre, tranquilamente, as pessoas iriam escrever.

Eu vi na Cidade Baixa (bairro central da cidade), eu tirei umas fotos, ali tem muita agitação.

Ali eles tentam fazer alguma coisa mais *cool*. Umas paredes que as pessoas preenchem, "o que é felicidade para você?". Era numa construção. Mas realmente, aqui tem mais adesão. Eu acho que o lugar onde tu tá inserido impacta muito. Questão cultural também. E tu chegou a conhecer as pessoas dos projetos de lá?

Sim, fui conhecendo vários (enquanto mostrava no Instagram as imagens, ia contando um pouco das histórias de como conheci eles).

Lá tem bastante, mas a impressão que eu tenho, é que realmente aqui, quando tu vê, as pessoas arrancam, e colam por cima, e seguem colando.

Tem mais camadas, né?

Vários *layers*. Principalmente ali na Cidade Baixa. Aqui tem alguns até que eu colo em cima, porque a base, dependendo, se é um poste, fixa melhor quando tem um papel, mas tipo, direto, eu colava muitos em caixa de luz, e eles vêm, esses caras de show, e colam por cima.

Lá também, colam bastante em caixas de luz. O que eu noto é que tem uma limpeza urbana, sempre. As paredes são diferentes daqui, que a maioria é coisa privada, a pessoa dona do prédio vai ter que cuidar da sua fachada, até por isso não pintam tanto. Lá a prefeitura tem um carro que leva tintas, e pinta as fachadas. Do lado de casa eu vi isso. Para eles, lá, eu fiz essa comparação, e eles acham que por um lado é bom, porque permite estar sempre renovando, acabou aquilo, vem outro e coloca coisa nova, por outro lado é ruim, pois eles gostariam que durasse mais tempo.

Sim, é muito mais instantâneo, né? Aqui depende muito da gente, de fazer essa manutenção. Por isso tem lugares muito depredados que a legislação aqui permite, é abandonado, e todo mundo cola, um por cima do outro, e vai descascando, e é chuva, enfim…

Aqui tem muita pichação mesmo, os bomb, as coisas de graffiti mesmo. Às vezes é até um desrespeito essa coisa de um por cima do outro. Existe aquela "lei" de não botar um por cima do outro, mas aqui rola muito.

É muito marginalizado. E aqui, pelo menos, tu está numa linha muito tênue. Até que ponto o teu stencil, que tem uma mensagem legal, não é visto como pichação, depredação? Então, tem esse ponto também, mas eu acho que as coisas duram. É muito louco passar por um lugar que tu não passa há muito tempo e ainda tá lá. E não só o teu, os dos outros também. Porque tu sabe, né? Passei um dia, tinha uma mensagem legal, tirei uma foto, postei, enfim, e muito tempo depois tá lá ainda, lá é a minha referência, vai estar lá, sabe? E realmente perdura. Muito do bairro também, aqui eu acho que se preserva mais, tem outros que é visto como estar sujando o espaço, então, cai fora.

Aqui tu bota mais no Bom Fim (bairro de Porto Alegre)?

Eu tomo cuidado para não encrencarem. Eu sei que aqui é bem aceito. E tem muita movimentação também. É uma área central. No Bom Fim principalmente. Cidade Baixa faz um tempão, a gente colava lá também…

É, ali tá meio turbulendo, né!?

Sim, ali tá meio perigoso, então a gente meio que evita, né?! Mas aqui em Porto Alegre, eu gosto de voltar um pouco aos princípios de colocar em locais por onde eu passo, porque eu gosto de ver. "Tudo vai dar certo" tá na porta da minha casa (risos). Pra eu sair todo dia de manhã e olhar. É proposital. Não é só um incentivo para eu acreditar nas coisas, mas isso é meu, sabe? Então eu quero cuidar mais disso, quero dedicar mais energia nisso, porque querendo ou não é meu trabalho também. É louco.

[...]

Acho que tu fazendo esse mapeamento, tu começa a enxergar a cidade de uma outra forma, é muito legal.

Pois é, como eu não estava presente na eleição, eu vejo só o que restou da eleição. Vai ter todos os tipos de "FORA" referenciando todos os políticos.

É. Eu acho que esse espaço político que as pessoas encontram de atuar, ele é muito grande por aqui.

Uma das coisas é a agitação política...

Influencia muito na escrita.

Eu passei ali na Borges, onde aconteceram algumas manifestação, tem escrito "abaixo a repressão policial", "PM fascista". Então provavelmente ocorreu algum protesto ali, a polícia foi pra cima, e aconteceu alguma coisa. É um assunto que está nas paredes.

Tá.

A questão política está na parede, mas também tem esse viés que vocês trazem.

É uma outra abordagem.

[...]

Te dando um *overview*, sobre os teus registros, eles são muito menos políticos, pelo compilado, em comparação com aqui. Tem coisas muito mais fortes ligadas à política, do que mensagens gerais, ligadas às pessoas. Eu acho que as pessoas encontram muito esse espaço para se manifestar anonimamente.

O teu trabalho foi sobre…?

Foi, como a publicidade pode se apropriar da arte urbana. Basicamente, foi um estudo sobre o "Somos Instantes", que é um projeto com cunho social, que foi abraçado por uma empresa, um veículo, e transformou ele em publicidade. Mas era uma publicidade com um viés social, com a intenção de comunicar. Como isso pode ser um subsídio? Como a comunicação pode deixar de ser tão comercial, e ela pode focar nessa parte mais social? Não tem que estar sempre no teu produto, gritando sobre, tu tem outras abordagens. Foi muito em cima disso. E outros cases. Todo estudo de origem da arte urbana, cartazes, movimentos, até os dias de hoje. Eu escrevi, estava em Caxias ainda, vim pra Porto Alegre. O que tu enxerga em Porto Alegre? E na época era muito político. Poucas coisas com abordagens mais artísticas. Aqui eu lembro forte da Olelê, ela mora hoje em Barcelona, ela cola lambes há muito tempo, lembro que via muito ela aqui, que não tinha muito esse viés, tão político na época.

Pois é, uma galera artista tem ido embora né?!

Pois é, tá correndo a vida lá fora.

Entrevistado 3

14 de Fevereiro de 2019
Cristine Bressani, 42 anos - Jornalista

Qual é a impressão que tu tens sobre as imagens?

Eu acho que é um contexto mais global. Apesar de não estar lá. Frases assim… Poesias que falam de amor. Sentimento. Tem igual no mundo todo. Mas tem algumas que eu vejo que são bem específicas de lá. Personalidades, personagens, ou eventos de lá, que eu vejo que tem uma ironia, um segundo sentido, uma entre-linhas, só que eu não consigo entender, porque eu não estou vivenciando. Eu acho que a maioria das que tu posta, eu entendo.

[...]

E eu acho que no teu trabalho deveria ver também, o teu olhar. O que tu procura? O que te chama atenção? Tu é um cara que veio daqui. O que te chama a atenção tá carregado com a tua vivência daqui. Além da estética. Não é só o sentido da frase. Acho que também tu busca estética pelo teu trabalho.

Um pouco de tudo. Na verdade eu limitei em frases. Frases ou mensagens que façam sentido. Pode ser uma palavra, mas que tenha um contexto. Que tenha uma mensagem por trás. Tu consegue fazer uma leitura da cidade através destas frases?

Eu acho que dá sim, pra saber, em termos assim, político, sociais, a personalidade da cidade, dá pra ver. Por exemplo, esse aqui eu não entendi (mostrou a foto do "Portopólio" com a imagem do Presidente da Câmara).

Isso é uma forma de protesto.

Eu vejo que o humor deles é muito parecido com o nosso e que as manifestações sociais são muito parecidas. Agora eles lá são um governo de esquerda, né? Mas eu vejo muita semelhança como a gente, sabe? Às vezes eu vejo mais estética, esse aqui, por exemplo, eu nem vi a frase, eu achei bonito a estética, aí depois que eu vi que tinha alguma coisa escrita. E "verismo diferente de realismo" eu não consigo entender, o que está por trás, o que está nas entre-linhas.

Tu consegue identificar as preocupações deles com a cidade? Num âmbito geral com a vida?

Eu acho que são sempre protestos, geral, político, com a cidade, com a vida, sempre num tom de protesto, e eu acho que a escrita em muro é um protesto. Graffiti é um protesto. Até uma flor no muro é um protesto. Mesmo não estando escrito. Então já me vem a ideia de que é um protesto. É uma revolta. Sei lá, o cara levou um fora, ele vai lá e escreve no muro. É uma revolta. Sempre é uma revolta, mas é uma revolta criativa. É um olhar criativo no problema, no país, no mundo, ou no pessoal.

Tem algumas que tu consegue se identificar?

Sim, me identifico com muitas. Gosto de olhar, mas eu sou redatora, sou criativa, sou revoltada com o mundo. Então esse teu Instagram combina muito comigo. Esses azulejos (Preencher Vazios), eu sempre lembro da gente (referenciando um trabalho que desenvolvemos juntos). Alguém falou nela, que tá morando lá, postou alguma coisa. Esse aqui é ótimo, e tu vê que ela deixou a falta, ela não completou. Isso aqui é poesia, não completar. A vida não é nunca completa. A gente nunca tá completo.

[...]

Então, isso aqui me lembrou e tem muito a ver com a gente. Eu acho que a cultura portuguesa tem muito a ver com a brasileira porque eles têm muito… são fãs de muitos músicos brasileiros, novelas, e tal. Isso aqui me lembrou a música do Cazuza. "Vem

comigo, no caminho te explico". Então aí, eu fico pensando que esse português era fã do Cazuza e fez uma interpretação, sabe? Eu viajo na história.

Tu cria em cima do que tu vê.

É, eu crio em cima do que eu vejo. Talvez seja porque eu estou acostumada, sempre um olhar crítico, e procurando referência. Então eu tô sempre associando com alguma coisa. Eu tô sempre trabalhando. A gente tá sempre trabalhando.

Não deixa de ser referência, certo?

Pra mim é. Quero criar alguma coisa, tô com algum trabalho, eu entro no teu Instagram, entro em vários. Tipo, vou dar uma descansada, mas olhando. Às vezes tu está num lugar, fala alguma coisa, e vem ideias.

E a questão política. Tu consegue ver pelas imagens alguma coisa?

Não é bem... Antes de responder deixa eu relembrar as que eu curti. Oh, por exemplo, "quem não corre voa". Se foi um português que escreveu, tem todo um contato com o popular nosso. Esse aqui eu achei genial. Eu acho que na questão política é mais o todo. Não exatamente o político que não tá dando certo. Ou alguma revolta com as passagens de ônibus. Não. Isso eu não consigo ver. Mas consigo ver que são pessoas que querem ser revolucionárias. Querem sair do "statu quo". Querem mostrar algo mais, ou querem chamar a atenção para alguma coisa contra. São pessoas do contra. Mas o que, especificamente, eu não consigo saber, não aqui. Agora lendo notícias, por exemplo, eu consigo saber que o governo português agora é de esquerda. E é um cara muito legal que tá lá. O cara tá revolucionando Portugal. Sei que muitos economistas dizem que isso, daqui um tempo, vai estourar. Não se consegue sustentar uma economia com as ideias mais de esquerda e tal. Ele tá mostrando que não, porque ele abriu para o turismo.

Eu sei de coisas assim. Aí olhando aqui, alguma coisa eu consigo entender. Mas no mais geral, político, é uma contestação. Não específico.

Não especificamente na cidade do Porto?

Não.

Aí tem uma miscelânea de imagens.

É, "Paredes do Porto", é porque eu tô com Portugal na cabeça.

Especificamente da cidade do Porto…

Não, não consigo identificar.

[...]

"O povo é quem mais ordena dentro de ti ó cidade", isso aqui é legal.

Isso é uma parte de uma música, tipo um hino da Liberdade, depois da ditadura.

Olha aqui, "cancela a propina". É eu vejo que os problemas deles são parecidos com os nossos. Os problemas políticos são muito parecidos com os nossos.

E na questão do turismo, tu consegue identificar alguma preocupação deles com isso?

Eu vejo um pouco de revolta com os turistas. Eu vejo que os turistas são incomodativos, ao mesmo tempo que trazem divisas, trazem grana. Portugal não tem assim, uma história de indústria mais plural. É mais azeite, azulejo,...

Sendo específico, nessa grande quantidade de imagens (mostro algumas imagens ligadas ao turismo).

Muito legal. Não tinha reparado. É. Eu vejo que tem uma revoltinha. Bem grande. Os dos turistas, mais detalhadamente eu não tinha visto tão detalhadamente assim. Agora, a gente conversando e tu me mostrando, sim.

Parece que não ter a vivência de lá, a gente busca apenas identificação. Acaba por procurar não só o que é problema, dentro desse conjunto de frases.

Isso aqui é da ditadura. Da nossa… Eu sei, tem essa revolta com turista, e tal, mas… Essa aqui eu não entendi muito bem ("a mulher sem meter o pé faz pegada"). Isso é machista?

Essas expressões às vezes eu não entendo. Só tiro as fotos.

"Hoje é um bom dia", legal...

Tu consegue pontuar em tags? Eles falam sobre isso, aquilo…

Ah, eu acho que eles falam sobre o cotidiano, sobre turismo, falam sobre desejos, amor, sentimentos. Faltas na cidade, coisas erradas da cidade, político ou não, num geral. E protestos num geral.

Eu não tinha pensado nisso, no protesto nesse tom de revolta, não só política, mas uma revolta até sentimental.

Porque quando tu escreve na parede, tu quer botar pra fora alguma coisa interna. Geralmente é uma coisa que incomoda.

E que tipo de relevância tu consegue ver nesse projeto?

Eu acho que é muito positivo. Acho uma ideia legal, porque tu consegue ver o contexto, mais pra quem tá lá. Consegue perceber um resumo da época. São notícias no muro. Ou registro da sociedade daquela época ali. Como daqui a um século, o Porto virou Roma, as pessoas vão ler aquilo ali.

Como um sentido histórico.

Antropologicamente falando acho muito legal. É o contexto da cidade, com palavras no muro, no dia-a-dia, na rua, sabe? Essa coisa de ir para a rua tá sendo mostrado na rua, e o povo é o reflexo daquilo ali. É um reflexo da sociedade da época com frases do muro de anônimos e de pessoas comuns. Não é um historiador. É uma maneira de registrar a história da cidade, do país, da sociedade, de tudo.

Entrevistado 4

15 de Fevereiro de 2019
Lucianne Weigert, 40 anos - Designer

Eu queria que se tu conseguisse sintetizar informações, o que te chamou a atenção. Um resumo, que tipo de assuntos eles falam, como tu acha que está lá hoje em dia.

Eles falam muito sobre auto-ajuda, eles têm bastante poesia, querem deixar sua marca. A briga com o sistema é mundial, então todo mundo tem que pichar alguma coisa contra o sistema, contra o governo, mas não achei que é tanto. Achei que é bem menos que o Brasil. Achei que eles tem muito mais o "quero dar só um recadinho" do que um protesto. Tem mais coisas sobre do quem sou? Onde estou? Sobre viver: sobreviver. De vez em quando tem alguns perdidos sobre algumas coisas do resto do mundo. Dos imigrantes. Que nem o "Ele não", o dos colombianos também.

Qual a impressão das imagens apresentadas?

Eles tem que escrever com uma letra mais bonitinha (risos). Achei muito legal da organização, referente ao papel branco, aqui é meu quadrado, aqui que eu vou escrever, isso daqui me pertence. Tu viu que ninguém escreve dentro, eles respeitam aquela área ali. Ninguém andou riscando em cima do cartaz de ninguém.

Às vezes...

Mas esses que tu mostrou ali, das amarelinhas e as brancas, não tem nenhuma interferência. Tipo, respeitei aquilo que tu estás dizendo. Achei bem interessante.

Sobre a cidade, tu consegue ter uma percepção de lá? Tu já passou por lá, mas hoje em dia, o que eles pensam?

O dia-a-dia deles, pelo monte de auto-ajuda, não está assim tão fácil. Eles tão dando incentivo no povo. A parte política achei pouca, até, deles protestarem contra o governo, achei pouco. Tem algumas revoltas que é normal de todas cidades de relatar nas paredes o que está acontecendo de errado. É um povo um pouquinho romântico ainda. Acho que eles não tem uma bandeira, tu vê coisas bem pouca sobre o feminismo, sobre os gays, eles não tem muitas bandeiras de estar espalhado, pelo menos não percebi que eram muitos sobre o mesmo tema. É mais o romantismo e a auto-ajuda.

E das frases, tu te identifica com alguma?

Com muitas! Essas do dia-a-dia são legais de tu tá passando, e ver, e dar uma risada.

Tu consegue ver esse meu trabalho coerente. Consegue ver algum sentido?

Muito sentido. Porque isso tudo tu está fazendo num período curto de tempo. Um ano. Dois anos. E ali tu vai retratar o que era o sentimento que aquelas pessoas daquele povo naquela época. Isso é muito legal, porque isso aí é história. História de um tempo onde as pessoas, por um tempo fizeram de um jeito. Uma tendência toda. Das pessoas que num futuro, se tu fizeres uma exposição, elas vão se identificar. "Bah isso daí eu que escrevi, numa época tal, que eu vivia tal coisa". Cada um tem uma história. Vai conversar com eles, cada um tem uma história, porque começou... Oh, esse cartaz aqui teve uma interferência, alguém conhece essa pessoa.

É justamente nesses cartazes brancos, quando se pede, ou quando se deixa, as pessoas escrevem.

Mas tu vê, eles não fazem tanta bandalheira. Mesmo onde ela deixou para eles escreverem, alguém escreveu, não teve mais 200 escrevendo ali por cima. Um escreveu e pronto. Muito legal.

Tu consegue ver diferenças daqui pra lá?

Essa forma que eles escrevem textos longos, em paredes, tu não vê aqui. Tu vê pichação. De spray mesmo, eles param de escrever, tipo de escrito mesmo, não me lembro de ver aqui como eu vi vários desses nas imagens. Como um caderno de anotação e eu anotei um recado. Aqui tu vê muita pichação mesmo, mas não esses recadinhos.

Questões que surgiram durante a entrevista:

Quem é essa pessoa?

O prefeito.

Pelo jeito não gostam muito dele.

[...]

O que é "não é para o meu guito"?

[...]

Esse tá fazendo alguma crítica aos turistas?

[...]

Rui Moreira foi prefeito?

É o prefeito.

Ninguém gosta dele? Ou pelo menos tem algumas pessoas que não gostam.

Enquanto olhava as imagens, surgiram algumas percepções:

Conhecendo um pouco dos portugueses, eu vejo até o ranço deles (risos).

A palavra “foda-se” pra eles lá é como o “bah” pra gente, porque tudo é “foda-se”.

Eu não entendo porque eles estão tanto com essa de decisão, de certo e errado. Algo acontece lá que eu não consigo entender muito. Tem mais de um aqui dizendo sobre decisão. O ranço pelo ranço, ok, porque a gente quer escrever em parede, a gente quer protestar por alguma coisa.

Tem vários pequenos, que eles só escrevem alguma coisa, ou meio mão, não é muito graffiti, tem esse da “merda perfumada”.

Entrevistado 5

18 de Fevereiro de 2019
Bolívar Gelpi, 26 anos - Jornalista e Músico

Numa leitura geral, o que tu consegue extrair de informação sobre o povo de lá, ou sobre a vida de lá?

> Pra mim o primeiro contraste é que o lance é a parada que eu falei, da ironia, tem muito mais sutileza e mais classe nas críticas. Eu vi bastante coisa remetendo a um certo problema imobiliário, que pelo jeito recentemente teve alguma coisa lá, alguma emenda, algum projeto aprovado pelo governo que conflitou com as pessoas, principalmente os locais. E isso já deu um certo respaldo também do turismo, não sei se é o mesmo problema. Mas vi que tem muita coisa do localismo, querendo fechar um pouco as portas para o imigrante. Tem muita coisa feliz, mensagens positivas, e isso não tem muito aqui, pelo que eu reparo. Confesso que eu reparo muito pouco aqui, porque eu caminho muito pouco na cidade, eu ando muito de carro.

Tu consegue pontuar assuntos ou tags do que eles falam?

> Cotidiano, também tem política, tem uma certa crítica social, feminismo, essa parada da propina, provavelmente deve ser algum pagamento alto, que nem nos EUA tem o problema das faculdades serem muito caras, e os caras não conseguem pagar a vida inteira. Não sei se é essa crítica, mas pode ser algo parecido. Essa dos azulejos rosa me lembra uma atitude meio *punk*, tipo querer contrastar, "*not wet enought*", "*suck this cunt*", entendeu? Um negócio meio *punk*. O lance desse humor bucólico, da galera ser um pouco *dark*.

Uma coisa que eu percebi lá, quando eu tive uma certa aproximação, eu percebi que eles são mais ranzinza, em geral, do que o brasileiro. São pessoas mais frias. E acho que isso

reflete nisso, um humor ranzinza, os caras meio brabos, mas sabem usar a elegância do humor, pontual, dar uma letrinha.

Sim, tu consegue ver essas nuances, e tinha comentado algo sobre a política, certo?

É, teve 2 lances que me chamaram bastante atenção. A crítica contra o turismo, e imigração, do hostel, dos lances… Ao mesmo tempo que eles criticam o turismo, o preço dos aluguéis, não sei se é isso especificamente, talvez tenha alguma taxa, por exemplo esse do "Portopólio", depois teve outros "vendem-nos a alma ao turismo". Vi bastante isso, que os caras estão insatisfeitos com alguma postura do governo perante esses 2 aspectos.

Os contrastes que tu consegue ver entre Porto Alegre e Porto, o que tu consegue elencar de diferente?

Volta e meia eu paro e olho algumas coisas. O que eu consigo reparar é uma complexidade a mais. Eles utilizam da ironia, esse humor negro (não gosto de usar essa palavra), são coisas que pra mim são mais inteligentes, de certa forma. Talvez a galera lá que vá pra rua, não seja a mesma classe social que é do Brasil. Que a galera que picha aqui no Brasil, tenha uma educação menor, quer dizer, com certeza, porque estamos falando de um contraste muito grande de ensino. Eu vejo isso nitidamente, que a galera aqui comete erros ortográficos, tu vê mais aqui, os cara pichando palavras com erro, escrevendo errado. No Porto não tem tanto, a galera usa muita poesia, textos grandes.

[...]

Aqui tem muito daquela cultura da galera que picha sua *tag*, não é tanto uma crítica, uma mensagem, é mais um *statement*, tipo "estou aqui". Os cara picham sua própria… Não sei se isso tem isso lá e tu não registrou… ou se não é uma cultura tão forte quanto aqui.

Eu diria que existe, mas é menor, eu foquei em frases. Têm *tags*, mas eu noto que as brasileiras são mais elaboradas num geral, dificilmente tu verá alguma coisa de tipografia como aqui (Brasil). Aqui eles estudam, criam suas tipografias, sua identidade, lá é um pouco diferente. Em questão de estética, tu consegue essas diferenças?

Total, são palavras soltas. Não tem arte na palavra, a arte está na mensagem. Aqui eles fazem essa tipografia, mas tem também, tu consegue identificar alguns. Esse aqui não é só um azulejo rosa, a letra dele é bem marcante. Aqui o cara já usou uma "balaca" a mais. Esse escreveu com um lápis, ou giz de cera, emendado, canhoto talvez (risos).

Tu consegue fazer uma percepção geral?

A gente pode botar um pouco dessa parte divertida, da poesia positiva. Dá uma energia legal para as pessoas. Isso é interessante. Às vezes tu te pega ali, parado no teu mundo, e tá um lance "o Natal do Jack Chan é a porrada", aí tu cai na gargalhada sozinho e talvez mude um pouco do teu dia. Eu gosto disso. Não sei se aqui tem. Mas é um dos pontos que eu achei interessante. Aqui, oh, o cara "apagam, escrevo de novo".

Mesmo sendo crítico há humor.

Exatamente, tem essa ironia. Eles são ácidos, eu diria.

[...]

"Vosso luxo é o nosso despejo". Mais uma vez voltando pro problema do turismo, e talvez desse boom imobiliário, que deve ter rolado.

[...]

Muito humor eu achei.

Dizem que isso representa a cidade do Porto, atualmente, faz sentido?

Faz sentido.

Tu consegue entender pelas frases a energia de lá, das pessoas?

Muito. Eu acho que tu pode ver essa questão positiva, mas a questão do português. Do cara ser cinza, de certa forma, mas né, ranzinza, o velhinho. Tipo aquela "Portugal fez de mim um velho precoce", provavelmente é disso que a gente tá falando.

Neste trabalho tu consegue um valor nele? Não querendo puxar a brasa para o meu lado, o que tu consegue perceber que ele pode contribuir?

Acho que diz muito do lugar. Tu consegue fazer conexões nas imagens aqui com um ponto político do país, um ponto de característica social, problema social, ao mesmo tempo a ironia e essas coisas assim, que dá pra ver que é uma coisa bem comum lá. Eu acho que tu consegue criar um esteriótipo de um português a partir dessas imagens. E é isso que a gente tá conversando até agora, essas principais características que me remeteram. Isso diferente aqui do Brasil, com certeza, nitidamente, e em qualquer lugar, provavelmente. Acho que tu consegue traçar a partir disso como são as pessoas lá, de como elas agem, o que afligem e o que deixa elas feliz. Porque muitas vezes aqui no Brasil, algum desses mais irônicos talvez não fizessem tanto sentido para as pessoas, aqui, talvez, não sei, pode ser uma percepção errada minha. Exige um certo intelecto, o cara olhar, interpretar, entender e se divertir com isso. Isso pode ser uma característica de lá.

Aqui a mensagem parece ser mais dura.

Ela é mais chocante, ela é mais ríspida, exatamente pela forma que eles te entregam, te dá essa impressão. Não é que nem "Lula Livre". É um lance diferente. Eles não usam nenhuma simplicidade, é complexo.

Questões que surgiram durante a entrevista:

"Portopólio" é tipo o joguinho. E esse é um político?

O prefeito.

O cara tá privatizando tudo?

Depende do ponto de vista.

O que é verismo?

Também não sei.

Propina é…?

É em relação ao pagamento da faculdade.

Que viagem… Dormir na rua… Tá caro o aluguel lá?

Aumentou…

O que é essa seta?

É o caminho de Santiago.

Enquanto olhava as imagens, surgiram algumas percepções:

O contraste que eu vejo com aqui, principal até agora, é que é mais feliz o lance, menos crítico. Menos crítico talvez não, mais irônico.

Eles usam o humor, a ironia, coisa mais sutil. Me remete o Brasil, na época da ditadura, o tipo de humor. Meio nas entre-linhas, na resistência à ditadura.

Os caras são mais educados. Aqui no Brasil parece ser mais forte, mais agressivo. Pelo que eu lembre, não que eu pare pra reparar, nunca reparei muito.

Tem várias mensagens positivas. Bota uma coisa boa nas pessoas, mesmo algumas críticas assim, a ironia te faz sorrir e não ficar brabo.

Tem umas meio proféticas.

Tem uns caras criticando o turismo, ao mesmo tempo tem uns… "Descolonize seu pensamento".

Os caras estão muito contra o turismo lá.

"Hipsters e turismo, o mesmo tipo de terrorismo", que que é isso? Contra a "gourmetização" o lance… Make Porto Podre Again (risos).

"Basta de propinas" isso é total político.

Feminismo, boa.

Legal isso dos azulejos.

Entrevistado 6

22 de Fevereiro de 2019
João Pedro Cé, 32 anos - Psicólogo e Músico

Tu consegue para entender as motivações das pessoas que escrevem no Porto? Não só motivações...

Deu para perceber que tem uma pauta turística na cidade, que as pessoas não gostam muito dos turistas, e não gostam dessa história de vender a cidade, enquanto turismo. Não sei quais pessoas, mas a pauta política passa por aí, passa pelo lance feminista também, e tem muito poeta, muita poesia. Então, se essas pessoas não são artistas, se não se consideram artistas, a grande parte das pessoas que praticam isso aí, elas leem poesia, certo, mas elas expressam as coisas poeticamente. Elas não são artistas institucionalmente. É uma arte. Não é como a arte marginalizada, é uma arte marginal. Ela não necessariamente é marginalizada porque as pessoas... tipo assim até gostam... a população em geral até gosta de ver uns negócios, tipo tirar foto com a não sei o que… Dá um clima para a cidade, que é massa também.

Tu consegue comparar com Porto Alegre? Tipo essa questão de poemas, não tem?

Aqui tem rolado uns poemas, mas eu acho que… eu não sei se eu tenho percebido tanto na rua, não sei se eu tenho observado tanto. Agora se eu for sair na rua e dar um rolê, aqui na CB (abreviatura de Cidade Baixa, nome do bairro), eu vou ver mil coisas. Mas por exemplo, faz horas que eu não vejo um “Fora Bolsonaro”, não lembro de ter visto um “Fora Bolsonaro”, na real não tô circulando tanto na rua.

Mas tem…

Tem né?!

E se tu conseguisse elencar em tópicos, tipo "política", "feminismo",...

Bastante poesia de amor, tem muita galera que não escreve poesia, só escreve poesia de amor. Tem isso também. Da lírica, da relação, tem isso. A poesia às vezes se constrói... as letras, e as narrativas, de certa forma tão focadas na ideia do amor romântico, na saudade do amor, da pessoa querida, da constituição de um casal. Isso tem muito no texto, essa ideia do amor romântico tem várias ali, mas tem muita coisa também aleatória. De não causar necessariamente um direcionamento específico, no sentido de significado. Tem um lance que é, tipo o "HOJE". Ele colocou lá, ele sabe que a galera vai escrever um negócio em cima, tá ligado? Então ele, essa pessoa, tipo, a intervenção dela, tipo, ela não risca parede, mas ela tá fazendo uma arte com o risco dos outros. Na real, é quase um sample, né? Ela bota a plataforma para as pessoas se expressarem e aquela plataforma dela vira arte. Deixa de ser plataforma, ou ela transforma o muro em plataforma. O muro que, às vezes, as pessoas não picham porque tem um receio, talvez a pessoa não escrevesse direto no muro, mas como ela viu uma folha em branco ali, ela vai e escreve.

Tu dá um espaço…

E também, de alguma forma, isso também é um ato político, tu ir lá e oferecer para a pessoa a apropriação daquela parede, sendo que aquela parede não é dela, não deveria ser dela, enfim.

É, aqui tem uma lei, lá tem outra lei…

Provavelmente lá não é considerado poluição quando tu picha, ou é dano para o patrimônio?

É, porque se não me engano tem a questão de preservação do patrimônio… da Unesco…

Ah sim, patrimônio cultural da humanidade…

Essa parte da preservação dos azulejos, do centro histórico. Uma coisa que eu vi lá foi um carro da prefeitura, com vários baldes de tinta, eles misturavam a tinta, conforme a superfície que estava com a intervenção, e passavam sob a intervenção. Tipo, a cor amarela exata do comércio que tinha sido pichado. Aí do lado tinha outras mais, com outra cor, cinza, misturaram as tintas e já pintaram também. Uma coisa diferente. Eu notei que no Porto eles vão fazendo intervenção e some. Se eu não registro, "desaparece". É muito rápido. Diferente daqui, que tu vai ali na rua, e tem coisa da Copa do Mundo ainda. E de linguagem, tu consegue ver alguma coisa, algo que tu não entenda?

Como é discurso, quase sempre ele é meio direto. Os que não são diretos, que são poesias, aí tem o seu significado aberto sempre, mas é isso. Porque tu pegou bem o lance do discurso. Não tem ilustração. Tem poucas, tipo os cartazes, que tem um style, mas é outra pira.

Tu não consegue perceber essa mistura das imagens, estando em outro contexto, tipo, o que tem de ilustração é outra coisa...

Eu acho que na rua os discursos são mais diretos, geralmente quando é na rua, geralmente a galera é mais "diretona".

E tu consegue ver o lance de humor deles?

Ah, sim, tem vários lances de humor. Até os românticos, tem uns que são tiração de onda. É um humor diferente do nosso né, tanto que o lance do "Jesus é mó palha", isso

aí é brasileiro né. O brasileiro é mais escrachado, eles são mais irônico. Aqui é mais escrachado.

Sim, o cara lê e ainda tem que interpretar um pouco...

Não… É que o humor sempre depende do contexto. Então tipo, eles são mais irônicos e a galera pega na hora. Talvez se eles vissem as coisas aqui eles iam achar meio chulo, não iam entender, mas pra nós é engraçado. A gente é escrachado. Pra nós é a forma, não é o conteúdo. Claro, que a forma sai do conteúdo.

Questões que surgiram durante a entrevista:

"Venderam-nos a alma ao turismo", o Porto é turístico? É uma cidade turística?

Sim

Por isso tem bastante coisa em inglês, e por isso que os cara falam mal do turismo. "Hipster e turismo, o mesmo tipo de terrorismo" (risos).

Esse, "e se fosses pró caralho?" é tipo "e se fosse pra puta que pariu"?

É isso.

"Cancela a propina", os caras pagam propina para os policiais, é isso?

Não, "propina" é mensalidade da faculdade.

Faculdade pública lá tem mensalidade?

Tem… mestrado e doutorado.

Enquanto olhava as imagens, surgiram algumas percepções:

Eu percebi que tem bastante coisa em inglês, tipo aqui tu não vê tanta coisa em inglês. Comparando com aqui, isso revela que lá as pessoas falam mais inglês na rua.

"Fuck the police", esse tem em tudo que é lugar.

Claro a escrita é diferente.

Geralmente as mensagens desse tipo tem uma questão poética.

Geralmente se tem uma pauta social, que é da apropriação do capitalismo. As mensagens nas paredes geralmente elas são anti-capitalistas, né? Mesmo aquelas que são de amor.

"Foda-se. Interjection. Portuguese grammar delicacy…". Sim, turismo, pelo que dá pra perceber, é uma coisa bem presente na vida da cidade, porque se os caras botam isso numa parede, eles querem que as pessoas entendam o que é "foda-se". Todo mundo deve dizer "foda-se" lá. Aí as pessoas chegam lá e escutam "foda-se". O que é foda-se?

Tem bastante pichação e coisa feminista.

Um baita catálogo, é uma galeria online das coisas que são efêmeras da rua.

Tipo, tem muita citação de autor.

Quem picha, é um lance mais político, geralmente. Porque esse tipo ocupação nasce desse contexto, da apropriação do espaço urbano, por quem não tem como se apropriar do espaço urbano, a não ser, escrevendo na parede. Porque não tem direito nenhum a

propriedade. E aí a gente foi, enquanto sociedade, reorganizando isso, sair por aí sem sair divulgando. Tipo, tu cola uns cartazes nas ruas, para as pessoas verem. E agora eu vi uns cartazes de uma manifestação do dia 26, e fazia horas que eu não via cartazes de manifestação na rua. Porque eu acho que a galera tá vivendo muito aqui (mostrando o celular). Uma eleição foi ganha através do celular, entendeu?

A maioria dos lambe lambe são de shows, tem uns graffiti, mas pichação pesada, são poucas que tão surgindo. É o que vai ficando.

Tem bastante poesia no Porto, bastante mesmo.

Isso tá rolando muito mais aqui, cartaz de poesia tem rolado mais em Porto Alegre.

"O mundo é um sítio perturbado pelo lado negro da sociedade". Bahhh, racista. Desgraçado. Esse é racista. Por quê o lado negro da sociedade é o pior? Né? E porquê ser perturbado é ruim?

Tem bastante adesivo também.

Dá pra ver que tem uma cidade que tem bastante artista. Se tem tanto cartaz e picho na rua, é porque tem muito artista.

Tem artista, mas pelas pessoas que eu conversei, que eu consegui descobrir, tem muitos que não são artistas. Isso foi muito…

Isso é doido, mas qual é a necessidade dessas pessoas expressarem na parede. Elas são mais ativistas? Ou elas só estão afim de causar estranhamento nas pessoas? Isso não é arte também? Tipo, porque a pessoa não é artista? Só porque ela não tem um diploma? Ou porque ela não tem uma arte instituída? A institucionalização da arte é positiva sempre. Isso aqui é espontâneo. Se o cara não fosse espontâneo… tipo, se ele não acha

que é arte. Já, sabendo que tu é artista, tu perde… Será que tu sendo artista, tu perde a espontaneidade da arte? Talvez por tu fazer ela por obrigação, e não por espontaneidade da arte? Livre da criação… Isso é louco.

Essa cidade tem uma pauta feminista bem latente.

"Hey look I'm not a hostel yet", é, a galera deve ficar meio de cara com os turistas lá, né? Tem um movimento meio anti-turista lá. Porque o turismo é foda. Turismo às vezes é meio depreciativo.

"Paredes limpas, povo mudo", exatamente isso aí.

Entrevistado 7

25 de Fevereiro de 2019
Marco Bierfild, 28 anos - Cineasta

Num contexto geral, o que tu consegue ter de impressão sobre esse conjunto de imagens das frases?

Pouca coisa política. Política num âmbito prático. É lógico que a menina falando de buceta, falando "my hole, my choice", acho que também isso é político, mas eu vi pouca coisa relacionada a esfera política como um todo, que é uma coisa que tu vê mais no Brasil. Tu vê muito "ele não, "fora Temer", "Lula livre", …

Palavras de ordem, num geral…

É. que são direcionadas especificamente para um grupo político ou uma figura política. Aqui a política está muito mais dissolvida.

Tu consegue ver política nessas mensagens feministas?

Acho que o ato de tu... deixa eu escolher a palavra... "vandalizar" um prédio público ou um prédio privado, não que eu considere isso vandalismo, mas tu está descaracterizando um prédio numa praça pública, também é um ato político. Um ato de contravenção também é um ato político, mas a diferença que eu vi aqui, é que a política está muito mais escondida numa poesia, do que algo mais cru. Pode ser porque no Brasil os problemas políticos são muito latentes na vida das pessoas, eu acho que isso se torna mais cru, e mais direto, quando tu vê as pinturas na rua. E as palavras de ordem, as pichações. E aí eu acho que é algo mais, por exemplo, o "ele não" estava pichado no Porto. Eu vi uma coisa que pelo menos eu percebi que foi relacionada

diretamente a um político, que foi o prefeito. Aqui tu vê, "vaza playboy, fora Marchezan" (playboy é um adjetivo para pessoas ricas), referindo-se ao prefeito.

Se vê que no Brasil, nesse contexto, é muito maior a quantidade, é mais expandido…

É muito mais cru essa manifestação político-partidária do que nas imagens do Porto. Eu vejo muito mais na ação, a menina falando do corpo dela também é um ato político. Então não é um ato político que vai à esfera política, mas algo que tangencia a sociedade num geral.

E além desse comportamento, tu consegue analisar outros elementos que chamam a atenção?

Não sei se foi uma questão de curadoria tua. De tu escolher o que tu vai fotografar e publicar. Eu vejo muito menos coisas pichadas a mão livre, e muito mais stencil, formam sentido visual, e não só um sentido literário.

Coisas escritas a mão?

Tu tem mais coisas a mão livre (fazendo movimentos de escrita caligráfica, como letra emendada), tu tem um stencil aqui, um bloco de palavras.

E no tipo de mensagem, tu consegue se identificar com alguma coisa?

Como aqui eu tô mais exposto a essa pichação, tendo um foco específico. Não vejo muito aqui em Porto Alegre, não saio na rua procurando. Não me identifico tanto, porque eu me identifico muito mais, sei lá, com tu usar uma palavra de ordem, ou até uma imagem, para atacar determinado grupo político. Por exemplo, eu não vi nenhuma referência a facismo aqui (mostrando o Instagram). Aqui em Porto Alegre tu vê muita pichação dessa. Seja de grupo fascista, seja de grupo anti-fascista, grupos *punks*. Nessas

imagens eu não vi nada disso. Eu vi muito mais algo voltado para o lírico, pra arte, pra poesia, do que pra algo mais, sei lá, emergencial.

Tu consegue perceber o contexto do Porto através dessas mensagens?

É difícil eu dizer que eu consigo perceber o contexto do Porto através dessas mensagens, mas eu imagino. Pegando por base isso, desconsiderando outros fatores, eu vejo que o Porto é uma cidade que as pessoas não tenham tanta coisa a se preocupar, a ponto de sair na rua e pichar "fora fulano", "vai tomar no cu seus facistas", porque elas vão para algo tipo que se permitem fazer experimentações. De coisas que não necessariamente querem dizer coisas tão ao pé da letra. Acho que é isso que eu quis dizer. Aqui é tudo mais ao pé da letra. Aqui em Porto Alegre. Nesse teu trabalho eu vejo as coisas de uma forma muito mais abstrata e às vezes meio cômica. "Tás todo Jack Daniels", achei muito boa essa.

Um tipo de humor um pouco diferente?

É, e eu acho que isso seja pela questão emergencial que eles sentem ali. Acho que aqui no Brasil, quem faz esse tipo de arte tá inserido num contexto social, que se vê necessitado de expor essa ideia, essa urgência, e no Porto não tem. Talvez as mesmas coisas que a gente tem como problema aqui eles não tenham lá. Sei lá… Eu vivo com medo com esse presidente que a gente tem, e não faço parte de nenhum "grupo minoritário", mas ainda assim eu tenho medo. Sou claramente contra ele, já me manifestei, sei lá, daqui a pouco fazem uma limpa na rede social, não sei… No Porto eu não vejo esse problema, não vi nada alusivo a alguém. Teve uma charge ali do prefeito, mas muito mais voltado para o humor.

Sim, tem uns outros exemplos, mas quando a quantidade não é tanta.

É, vimos 2 aqui, tu tem quantas publicações? 200 publicações e a gente percebeu 2.

Se tu visse a foto do "Portopólio", sem me perguntar, tu não ia entender, certo?

É, eu meio que entendi que o cara tá querendo, sei lá, privatizar todo o Porto. Vender todo ele para grupos privados. Segregar determinado grupo de determinadas áreas da cidade…

E na questão do turismo, tem algumas mensagens sobre turistas, tipo "tourists go home", tu consegue identificar o problema, o por quê?

Talvez as políticas adotadas por este prefeito seja muito voltada ao turismo e às necessidades da população acabam ficando em segundo plano. Talvez, num primeiro momento, não fosse algo totalmente dirigido aos turistas, mas talvez… porque normalmente todo o tipo de preconceito, todo tipo de repulsa que se tem de determinado grupo social, étnico, vem de alguma esfera política, vem de decisões políticas, vem de algum contexto histórico, um comportamento histórico. Talvez esse "tourists go home", que já é curioso escrever em inglês, seja para os turistas entenderem, talvez seja por conta disso. "Portopólio", o que eu entendo, que o cara tá vendendo o Porto inteiro, que está vendendo para grupos e tem que pagar para fazer qualquer coisa no Porto, meio que é o que eu entendo.

Consegue ver mais diferenças entre Porto Alegre e Porto?

Notei a diferença gritante entre o conteúdo.

Mais de linguagem?

Linguagem e conteúdo. A estética, a forma como as mensagens são colocadas, e o conteúdo. As mensagens aqui são muito mais cruas, muito mais urgentes e muito mais política, muito menos abstrata, menos poética, do que lá. E isso, para mim, é uma

questão claramente de urgência social. Aqui as pessoas têm medo do seu presidente, lá tem ressalvas, tem críticas, mas a coisa não é tão urgente.

Parece existir mais mensagens do dia-a-dia?

É, questões mais existenciais, mais pessoais. Talvez o cara que escreve na rua não esteja fazendo isso pra levar alguma mensagem, mas faz isso por ele.

Mais para se sentir parte.

Isso, querer fazer parte da paisagem da cidade. Talvez o cara tenha essa sensação de que o Porto está sendo vendido, todo privatizado, e ele colocar lá o trabalho dele numa parede, seja algo como ele se sentir parte da cidade.

Questões que surgiram durante a entrevista:

O que é "cassetes da noise"?

"Fada-te", o que é isso?

O que é uma "carraça"?

Quem é esse cara?

O prefeito.

Enquanto olhava as imagens, surgiram algumas percepções:

“Tourists go home” eu vi também em Barcelona, no Parque Güell.

Essa é a música do Wiz Khalifa e do Snoop Dogg “Wild, young and free”.

“Where the streets have no fame”, tá ligado que tem uma música do U2 que é “Where the streets have no name”?

“We can be zeros”, pegou a referência? É a música do David Bowie.

Entrevistado 8

27 de Fevereiro de 2019
Yasminie Coperfild, 26 anos - Médica

Depois de ver todas as imagens:

Eu acho que se o teu intuito com isso era provocar sensações nas pessoas, tu conseguiu.

Eu não provoco nada, eu só registro as mensagens.

Mas essas imagens reunidas provocam.

Quais sensações que tu achas que elas provocam?

Nossa, eu tive tudo aqui agora. Eu senti raiva, inconformidade, amor, saudade, admiração, estímulo, inspiração, empatia, percepção de movimento, do mundo, dos movimentos feministas, inconformidade pelos imigrantes da Colômbia…

E tudo isso que tu viu e sentiu, tu definiria como o Porto?

Claro, acho que a expressão de arte nas ruas, ela preenche as ruas, com energias daquilo que tu tá lendo. Quando uma pessoa passa por uma mensagem…

E tu consegue dar um panorama sobre a cidade, tipo, se eu fosse para o Porto eu esperaria o quê? Por lá acontece o quê?

Parece uma cidade cosmopolita, muito imigrante, eu acredito que acontece uma confluência de pensamentos, de pessoas se expressando, que não acontece muito no Brasil. Acho que, por serem de cultura européia, e terem uma cultura artística muito

maior que a nossa, as pessoas acabam tendo a possibilidade de se expressarem mais. Acho que até pela liberdade do povo em se expressar. Como a arte é mais incentivada, as pessoas acabam tendo um pensamento crítico maior.

E por exemplo, o que tu consegue ver de diferente entre as mensagens de lá, que tu não vê aqui? Ou o que tu assemelha de mensagens que têm lá e têm aqui…

Eu assemelho as mensagens feministas, que estão acontecendo no mundo inteiro, as de amor e de saudade, mas acho que algumas políticas. Mas eu digo, que eu acredito numa exposição de frases com mais refinamento, lá do que aqui. Com mais conteúdo do que aqui. Aqui a gente vê "Fora PT".

Mais mensagens de ordem, certo?

Mais mensagens de ordem, do que elaboradas para reflexão. Como aquele que foi elaborado do meme do "Portopólio".

E o humor deles, tu consegue perceber?

Sim, claro. Eu acho que, como eu vou te dizer, acho que a dor deles é expressada de uma maneira com mais renda e botões…

Mais "floreios"...

É, mas eu acho que a ordem de libertação sexual é parecida, mas a de amor, em sofrimento, em saudade e rejeição, ela é mais dramática, e explorada.

Não sei se tu tem essa percepção, mas tu acha que eles expressam situações mais do cotidiano, ou não?

Eu acho que sim. Eles expressam o que eles sentem. O que está rotineiramente na cabeça deles. O que é comum para eles. O que passa na cabeça deles. Acho que eles têm uma liberdade maior para escrever o que eles passam, o que eles sentem.

E tu consegue identificar problemas políticos, ou questões políticas?

De questões políticas, eu vejo muito daquilo que eu te falei, do movimento *punk*, anárquico, destruição do estado. Eu vejo um pouco disso aqui (Porto Alegre) também, principalmente no centro, vejo mais, frases de ordem, do que frases que te façam refletir sobre posicionamento político. Eu acho que, pelo que tu me mostrou do Porto, eles têm um tempo maior para elaborar as coisas, ou uma crítica mais aprofundada. Talvez isso seja pelo conhecimento literário que eles têm, que difere quando comparado com o nosso. Por eles terem isso, talvez eles consigam se expressar melhor.

E tem alguma coisa que te chamou muita atenção?

Tem muitas coisas maravilhosas. Tipo aquela que faz um fundo de spray rosa, num azulejo, e escreve em cima. Eu acho que eles têm um carinho em elaborar as coisas, que é diferente do que a gente vê aqui. Tu não vê uma escolha de um lugar posicionado, ou de um pedaço que sobrou da parede. Eu acho que eles têm um carinho maior para posicionar as coisas. Mesmo aquela que tu vê que foram várias pessoas, tu vê que eles escreveram em letra de forma para todo mundo entender. Tu vê que teve esse cuidado. Eu achei eles cuidadosos para fazer as coisas. Carinhosos com a arte que eles fazem.

E num geral, as que mais tu te identifica?

Ah, eu salvei muitas! (Antes da entrevista, enquanto ela olhava as imagens no Instagram, ela salvou diversas imagens, publicou na sua rede social, e enviou para amigos). Eu gosto muito das que são de saudade, eu acho que são as que eu mais me identifico. Tipo aquela da "FRAC". As feministas também são massa. Eu gostei de

todas que eu vi. Até a da serpente é massa. O cara viaja na coisa da serpente. É legal tu ter um pouco de entrada na mente do artista.

E se tu conseguisse resumir e elencar quais são os tópicos, os temas que eles falam nas paredes, tu consegue me dizer?

Cotidiano. Temas políticos. Amoroso. Rejeição. Empoderamento, sexual e feminista. Situações corriqueiras, como ver TV ou reflexões do dia-a-dia, do comportamento humano que a gente faz automático. Do quanto a gente é sistematizado pelo sistema. Sobre consumir. Eu acho que o intuito de todas é ter reflexão, sobre o que a gente vive no nosso cotidiano e na vida em geral.

Apêndice 4 - Entrevistas no Porto

Entrevistado 9

06 de Abril de 2019
Ricardo Moreira, 24 anos - Designer Multimédia

No dia anterior pedi para ele olhar as imagens, para que na entrevista pudéssemos conversar sobre suas percepções. Ele selecionou algumas que mais havia se identificado, e que mais despertavam atenção. Entre elas estavam frases relacionadas ao cotidiano, a frases que eram mais globais, que não pareciam ter algo relacionado à cidade de Porto Alegre.

Num geral, tu consegues perceber o que maior parte das frases dizem? Existe algum tema que chamou atenção?

Eu acho que eu dividia as publicações em dois grandes grupos, que era: mensagem política, acho que é muito forte no Brasil, aquela história do Haddad, Bolsonaro, Fora Temer, pronto, e o outro grupo seria relações pessoais, lá está, sentimentos, amor, e frases que fazes pensar sobre ti. Não consigo dar um nome a esse grupo, mas engloba isso tudo.

Seriam frases ligadas à sentimentos, coditiano, relação entre pessoas...

Sim.

E tu consegue ter uma noção do que a cidade vive lá? Apontar como é esse ambiente?

Eu tenho a noção que é uma cidade mais intervencionada, pode ser uma ideia que eu tenho. Pelas fotografias que eu fui vendo, é uma zona mais pobre, do que aqui no Porto. Acho que tem muita mensagem política mesmo, acho que há mais mensagens políticas lá, através do que eu vi, do que aqui, pelo que eu passo no dia-a-dia, conheço da minha cidade, e vou vendo.

E tem algo mais que consiga identificar?

Essa escola também me chamou a atenção. Colégio Presidente Roosevelt. Este colégio chamou muita atenção, tem imensas mensagens diferentes.

É uma parede cheia, e acho que cada grupo tinha direito a um espaço.

Curti, oh pá, curti. Não conheço o colégio, mas as mensagens todas que eu li, gostei. Acho que é um sítio interessante.

E as pessoas de lá, tu consegues pensar como são as pessoas dessa cidade?

Pá, eu acho que não. Eu olho pra aqui, vejo malta jovem, acho que o público é jovem, sei lá, diria entre a faixa etária entre os 21 até os 35, tirando o colégio, eu acho que o colégio é mais pra um público dos 13 até os 20. Mas eu acho que mesmo, as mensagens políticas são feitas por jovens e direcionadas para jovens. Também direcionada para outras pessoas, mais velhos, mas acho que é muita mão de obra jovem. Posso estar enganado…

[...]

E outra questão, a linguagem. Comparando a linguagem daqui, consegue identificar alguma coisa que te chame atenção? Por exemplo, tu conseguiu entender todas as mensagens?

Há referências que não entendo. Mais política, lá está. Sei quem é o Temer, o Haddad, e o Bolsonaro, mas também havia lá mensagens que eu não sabia quem é que é. Outros nomes políticos, outras situações de escola, de igrejas e assim.

[...]

Pá, eu acho que eles utilizam, nós aqui chamamos calão, sabes o que que é? Uma linguagem corrente, entre jovens.

Mais informal...

Sim, exato, calão. Acho que lá também utilizam, lá está, diferentes das nossas, mas consegui entender e percebi que eram muito direto. Mensagens, na maior parte, curtas e diretas. Linguagem grossa, que é esse calão, mas eu consegui entender e percebi que é o estilo daqui, com as diferenças linguísticas.

E o que tu consegues ver de similaridade com o Porto, além da linguagem, algo te chama atenção?

Eu acho que lá no Brasil existe mais *graffiters*, mais pichação, mas mais mensagens escritas. Aqui no Porto, pá, pelo que eu conheço, vou estando mais atento, acho que aqui no Porto é o *graffiti* como arte urbana, e no Brasil é mais *graffiti* como um meio para passar uma mensagem. Semelhanças, eu acho que a publicação entre papéis colados e autocolantes. Eu acho que os autocolantes são a forma mais eficaz entre o Porto e o Brasil, eu acho que é a forma mais eficaz de passarem a mensagem, ou seja, chegares à um sítio, é mais rápido, é mais eficaz, e é sempre igual, percebes? Mas eu diria que a diferença é entre o *graffiti*, arte urbana no Porto, desenhos e arte decorativa, e no Brasil é mais passar a mensagem, mais escrito, mais texto.

E tu consegue notar, por exemplo, a quantidade de informação por imagem. É isso que tu queres dizer, que existe muito informação num espaço.

A cada imagem que tu vês, tem muita informação, muitas mensagens diferentes. Às vezes até podem ser os mesmos, mas são diferentes autores, acho que há mais concentração, tanto a nível visual, como a nível da própria mensagem. Também senti essa diferença. Parece que no Brasil está tudo mais concentrado, tudo em cima uma coisa das outras, e no Porto sinto que é mais organizado, mais disperso. Não tentam, imagina… Eu seria um autor, chegava lá um dia, deixava lá minha mensagem, depois, no dia seguinte, ia lá outro, metia não em cima, mas um bocado mais ao lado. Ia ficando a estrutura, tás a ver? E eu acho que aqui no Porto, não sei se eles chamam respeito, mas eu acho que há mais esse cuidado, de tentar não invadir tanto o espaço da mensagem que já lá estava. Da mensagem ou da arte. E no Brasil é muito mais concentrado. A cada imagem que se abre, há muito mais coisas para ver, mais informação.

E mensagens com relação à polícia, consegue notar?

Vi algumas.

Isso chama atenção? Comparado com as mensagens daqui...

Eu lembro-me de ter visto uma que era, "polícia racista". Sim, também encontrei similaridades com mensagem antipolícia daqui. Aqui também há.

Mas são em zonas mais afastadas do centro, certo?!

Sim.

[...]

Eu acho que a mensagem política, no Brasil, é muito mais forte do que aqui. Também, lá está, imagino que no Brasil haja muito mais problemas que, sei lá, corrupção… Também o Brasil é muito maior. Cada estado tem os seus concelhos?! Não sei como chamam.

Cada estado é um estado… Tem uma administração, mas a lei é quase igual em todos.

Cada local tem seus próprios problemas, políticos e sociais, eu acho que são os mais fortes que eu consigo captar dessa imagens. E daí surgem essas críticas todas. Tanto da polícia, quanto dos políticos, e a sociedade. Por exemplo, aqui no Porto, é mais a crítica ao turismo, é a crítica… Aquela frase, "queremos o Porto Podre"... "Queremos o Porto de volta"… "Porto/Morto"... Aqui eu sinto que é uma crítica à maneira como a cidade foi se adaptando ao longo do tempo. Não é tanto uma crítica política, ou seja, é uma crítica social, mas não é uma crítica muito política.

Não direcionada a uma pessoa…

Exato. Não direcionado a uma pessoa, ou vereador, algo assim. Eu acho que no Brasil consigo fazer essa diferença. Acho que há mais crítica política à pessoa que controla o local, não é?! E depois quem controla o estado, e depois quem controla o país. Acho que dá pra fazer essa diferenciação.

E a questão feminista, ou essas preocupações, consegue ver alguma coisa nas imagens?

Eu lembro-me de ter visto algumas mensagens feministas, de… Pá… Tou a lembrar agora, não sei se gravei, era qualquer coisa como "cortar a pica"... Lembras dessa?

Sim, sim, pesada, né? - nesse momento tento buscar a imagem no celular.

Lembro também mensagens contra o machismo, "mulher resista", algo em torno desse gênero.

Encontro a mensagem, e mostro. A mensagem é "gostosa é minha faca na tua pica". Comento também sobre a imagem acima, um *stencil*, retratando uma pessoa andando de bicicleta e colocando um carro no lixo. Comento sobre ela, e ele responde.

Por acaso não havia reparado. Mas lá está, essa mensagem da "faca na tua pica" é, pá, lá está, "pica" eu sei que é calão brasileiro, que é pênis, não é?! Lá está, nós aqui não usamos "pica". Usamos "pica" aqui como vacina. "Pica" pras crianças. Eu li, e entendi o que é que era. E percebi que era uma crítica ao machismo, à violação, que é mais recorrente no Brasil do que aqui.

E aqui também tem acontecido uma "onda de feminismo", certo?

Sim, tá a crescer mais.

E consegue ver relação entre aqui e lá?

Pá, não fiz essa ligação. Mas eu acho que isso é uma medida global.

Tu consegue entender o porquê do trabalho, o que esse conjunto de imagens pode transmitir de positivo ou negativo?

Sim, eu acho que é positivo. Pra já, como estão numa rede social, tá acessível a qualquer pessoa que queira ver. Depois, tu próprio fazer a coleção de imagens de um local específico, e sendo países muito distantes, unidos pela língua e pela cultura, também há coisas similares. Em termos de distâncias, são muito grandes, mas eu acabo por entender que o trabalho é positivo, acho que é necessário, sei lá… [...] Assim eu acho uma forma de comunicar, e a informação estar acessível e disponível para qualquer um.

Entrevistado 10

07 de Abril de 2019
Andreia Brandão, 34 anos - Designer Multimédia

O que mais te chama atenção nisso tudo?

A revolta política… Sei lá, não sei muito bem o que que… Conheces a realidade do país. Aqui não se vê muito falar da polícia, né, essas coisas, percebes? Se vê a coisa dos nazis.

E tu consegue descrever a cidade de Porto Alegre através dessas imagens? Se tu fosses para lá, o que tu esperarias daquele lugar?

Sente-se medo. Não sei… Não é confortável. Não ia me sentir confortável, acho eu, não é?! (risos) Tem de tudo. Depende do que estamos a falar, e para onde eu vou, porque parecem sítios diferentes, que comunicam todos, mas nota-se que são vivências muito diferentes.

É, eu peguei uma zona parecida com aqui. Região central. Também aqui a arquitetura é similar, uma casa com a outra, lá não. E, por exemplo, as pessoas, tu conseguirias identificar as principais lutas e vontades das pessoas?

Estão todas a falar do manifesto e ao ser. A busca de cada um, mesmo… Sei lá… Nem sempre. Oh, não sei.

Seria a busca de cada um, num sentido mais individual?

Sim, porque eu consigo me identificar com todas, percebes? Mas sei que pra algumas pessoas chama mais atenção umas que outras, por exemplo, as políticas não me

chamam muita atenção, porque é uma realidade que eu conheço do… Né… Das pessoas estarem revoltadas... E é normal que o façam, tenho esse conhecimento. Agora, por exemplo, fiquei mais surpresa foi as cenas dos nazis, não sabia… E a forma da comunicação das crianças, também me colocou... Fiquei assim, um bocado… Sim, porque mostra o resto, refletem o resto.

As crianças escrevem na mesma linguagem…

Escrevem na mesma linguagem, mas na deles.

E de linguagens, tu consegues perceber diferenças? Por exemplo, tu comentou sobre a métrica…

A forma como estão organizadas, a forma como se apresentam. Umas são assim, outras são mais difícil de ler, tipo, procura que tu percas mais tempo ali, enquanto que outras são meio que "leia e vai-te embora", tá dito, percebes?!

Ou as mensagens são muito diretas, ou as mensagens são muito desconstruídas.

Mesmo as políticas, aquelas bué de gorda, que me custou a ler. Se eu dissesse ok, mas dizia aquilo tudo, sim, mas mostra uma pessoa que também está sendo um pouco arrogante na forma como está a escrever.

Como a pessoa escreve tudo aquilo, mas não quer que as pessoas leiam…

É! Por quê? Né?!

O que tu consegues ver diferenças entre as paredes das cidades?

O que é diferente daqui e lá, é que lá há mais pessoal com falta de composição (risos). Percebes?! Tipo, é aqui há pessoal que faz mais tipo de intervenção, acho que há mais pessoal com qualidade, do que com pouca. Tipo, só de destruir. Enquanto que lá, parece que é só, não tenho nada pra dizer, e vou dizer qualquer coisa.

Aqui tem mais cuidado com aquilo que está sendo expressado...

A maioria são assim… Ficam agressivas nos edifícios, eu acho que cá não há tanto. Acho que é mais… Não incomoda (risos).

Sim, pertence...

Sim, nesse sentido, percebes?! Há manifesto, mas é mais agradável. Em Porto Alegre vês que muitos deles não são pela arte de graffitar mesmo, é mesmo só a mensagem.

E se tu conseguisse elencar cinco palavras-chave o conteúdo das mensagens, quais seriam?

Medo, Bolsonaro e Lula, amor, também era muito, resistência, pelo facto de aguentar a pressão, e filosofia.

Enquanto passava as imagens, ela fazia alguns comentários. Referindo ao mural da escola, ela comenta:

Na questão de incentivo não se deve usar a palavra “tente” para criança.

Sério?

Quer dizer, tu estás sempre a ser. É diferente de tentar e ser. Tentar assumes que não és. Ser é, "eu sou, então vou conseguir".

Nota-se que há grupos diferentes, com necessidades diferentes de manifesto.

Tipo o que?

Tipo esses assim, os direitinhos, de política (referindo aos *stickers* LGBT). Os de resistência, "não desistas", pessoa que incentiva uns aos outros, parece que têm menos vozes.

Aquele parece ser um grupo organizado, porque imprime, é isso?

Sim. Há formas muito diferentes, e mesmo os sítios onde escrevem.

O que é CB?

Cidade Baixa.

Marchezan é o prefeito.

Apelam muito à ação, são frases… É uma comunicação agressiva. Direta. "Tan, tan, tan, tan" (faz sons demonstrando o ritmo das frases).

É tudo muito duro, não?!

- Sim… É tudo meio assim… (Imita as frases com a melodia delas) [...] Ouves barulho nas palavras.

Entrevistado 11

13 de Abril de 2019
Mariana Sevilla, 21 anos - Atriz

Qual a tua impressão sobre tudo o que tu viu nestas imagens?

> Que não é preciso tu ligares uma televisão para perceber o que está a passar num país. E que tem sempre duas escolhas: podes fazer o positivismo, e seguir o que tu gostarias, ou podes ir através do agressivo, e da revolução, que estás a instaurar a mesma energia.

E tu consegue ver que uma dessas duas vertentes se exalta, ou melhor, sobressai nas imagens?

Senti que quando cheguei a parte da escola primária, colégio, deu pra respirar. Apeteceu ficar ali a respirar. E é um pouco assim o dia-a-dia.

E tu quer dizer o que com isso?

A forma como o ser humano se altera ao longo da vida é assustadora (risos).

Nessas imagens tu conseguiria dizer como é esta cidade?

Pelos sítios que tu me mostraste, [...] vejo assim, mais cores terra. Aquelas estradas com asfalto, mas assim, gasto. Calor (risos). Movimento.

Um lugar agitado?

Uhum. Com uma vida noturna também agitada (risos). E perigo, através dos avisos.

Tu consegues ver que tipo de pessoa escreve isso?

Pessoal que não está dentro das casas (risos). Qualquer um, qualquer pessoa pode se manifestar. Eu vejo tudo. Vejo mulheres, vejo homens, vejo adolescentes, vejo adultos, vejo negócios a se manifestarem, Instagram e *whaterver*. Vejo, simplesmente, "olha, me apeteceu desenhar na parede".

E se tu fosse listar cinco assuntos, entre todos tipos de mensagem, quais seriam?

Primeiro que não sei se na igreja te ensinam a fazer *graffitis*. É dizer, que Jesus está a chegar. Que é engraçado também perceber se são as pessoas da igreja que escrevem aquilo, porque fixar… Tás bem… Depois, outro assunto, política, obviamente. Condição feminina. Direitos. O aborto. Amor, com os poemas e aquelas frases. Dá pra ver uma sociedade toda. Realmente. Ao mesmo tempo tu pegas se julgas, o livro pela capa. Se julgas o *graffiti* pela pessoa que achas que fez o *graffiti*. E a questão da estética. Se for um autocolante, é mais sério que um "ele não", só pequenino. E até podes acessar no teu telemóvel, é incrível, tás a perceber?! Tipo…

Tu diz o quê? Quando assinam?

Quanto tem, em termos de comunicação, que não ficas por ali, percebes?! Tu lês a frase e sabes onde é que tu podes ir procurar, e partilhar, como este aqui. Se isso não existisse, como é que nós iríamos saber destes *graffitis*? E desses atentados terroristas (referindo a um projeto na Grécia, de *street art*, onde fazem uma intervenção no local e identificam no mapa atentados feitos na cidade. Não saberíamos.

É uma divulgação de um conteúdo...

Pra quem é teu público. Porque acredito que o político não seja tanto para as pessoas que vão visitar a cidade. É mais para dentro.

Essas mensagens políticas, qual é a tua percepção sobre elas?

Não é estranho. Por exemplo, o pessoal que vem do Brasil, geralmente… Chegou lá uma menina, e ela disse que não queria partilhar quarto com rapaz, porque tinha passado por situações, e não era assim tão agradável. Que tinha medo. Que não é preciso ter medo de dizer o medo. Portanto associo, mesmo aquela que era forte do "mate seu estuprador". Ok. Faz sentido. Pelo que a outra menina também me conta, sobre… Lá está… as manifestações, e os votos das mulheres, principalmente agora na questão do Bolsonaro. A política do Bolsonaro e do Haddad, porque estava em todo lado, aqui. Chegou uma altura que se falava mais da política do Brasil do que da política de Portugal, o que é incrível. Hmm… A questão religiosa, é interessante, porque nós aqui em Portugal não temos tanto. Ou pelo menos, a quantidade que tu mostras, não se nota tanto aqui, e ainda mais forte é por estar no meio de todo esse assunto de rebelião. Porque se fosse tudo paz, amor e Jesus no meio, "ah, ok, pronto, Jesus". Agora, ao mostrar aquelas imagens mesmo fortes, *graffitis* agressivos e depois, a seguir, a parte da religião, faz um contraste muito bom mesmo.

Faz um contraste, mas ao mesmo tempo se juntam, certo?!

Sim, não há como levar a sério.

O que?!

Aqui no meio.

A religião?

Dá para perceber que é muito sério, mas é quase aquela situação da condição humana. Não tens como fugir. Tu não és livre. É impossível. E, de repente, ter uma salvação, que é maior do que tudo isso que está a acontecer, parece, quase, aquela utopia. O poema, basicamente.

É confortável?

É.

E tu tinhas comentado algo sobre gritos, "ah, isso parece grito".

A mesma mensagem repetida.

Eu não sei se tu associa mais isso às mensagens políticas. Onde tu vês grito? São mais nessas mensagens políticas ou nos poemas tu vês gritos?

É uma estética muito mais harmoniosa. Muito mais cuidada. Se tu reparares tudo que são poemas, está feito com uma fonte em computador, impresso, e bem colocado, ou seja, há todo um cuidado. Mesmo as mensagens de amor, não eram *graffiti*. Eram, nem que fosse uma página branca a dizer "mais amor", ou dá pra receber. Tinha fita cola, mas tava tudo direitinho. É do gênero, estou a me manifestar, mas a forma como eu me manifesto transmite o meu legado.

E no outro lado?

No outro lado "é justo rebelar-se". É justo! É isso. São os contrastes.

E quais as diferenças que tu consegue perceber entre aqui e lá? Tu tinha comentado uma similaridade entre o projeto "Hoje", do Porto, e o "Somos Instantes" de Porto Alegre. Mas o que é diferente?

Que nós aqui estamos a apostar cada vez mais no lado artístico da manifestação na rua. Quase como se tivéssemos a criar um negócio. Uma marca. Em Porto Alegre nem tanto, reparei já a aparecer com autocolante, ou *stickers*, mas no Porto eu tomo atenção ao que vejo, porque raramente é só uma frase, ou uma palavra. É sempre algo que faz sentido, que pertence a versão tecnológica. É difícil eu sair à rua um dia e não ver um "Hoje". O "Hoje" faz parte do meu dia-a-dia. Percebes a carga que tem?

E também a questão de caminhar pela cidade...

Tá ali! É um partido político também se tu pensares. Uma publicidade.

Isso tem relação com a assinatura. Mas quando não são assinados, tu já viste aqui, que as pessoas não assinam. Lá, tu vês que é mais? Ou é mais uma questão de linguagem?

Acho que é uma questão de objetivo. Em Porto Alegre o objetivo não é ser conhecido, no Porto, se calhar, já é. Porque se tu fores a outra cidade em Portugal, por exemplo Aveiro, não tem tanto. E se tiver murais, estão associados à câmara, ou são mesmo desenhos. "Ok, vamos fazer aqui alguma coisa". Essas manifestações não se vê tanto a não ser que vás mais para os bairros. Aqui no Porto já vês uma diferença. Tu vês *stickers* que nem são em português. Já estão a ser feitos para o público turista, que é incrível. Então tás a falar sobre tomar conta do Porto e turismo. "Migração sim, turismo não". E tás a fazer *stickers* em inglês.

Digamos que a luta daqui é muito mais voltada ao turismo, à questão de imigrantes, a questão feminista. No Brasil a luta é outra, mas por exemplo, existem mensagens feministas também. Tu vês relação entre as mensagens feministas entre as cidades?

No Brasil está relacionado com o voto. Algumas delas sim. Pra Portugal a violência doméstica é ainda um tabu, então a forma de ser explorado não é assim na rua. É mesmo por cartazes de associações que estão ligadas à violência doméstica. Houve até uma que foi retirada porque era demasiada violenta. Era a imagem de uma mulher morta, completamente batida. E via uma que me fez parar que era "vote numa mulher". Porque aí também é um extremismo. Porque tu não tens que necessariamente votar numa mulher. Tu tens de votar numa mulher se achares que, dentro dos candidatos, é mulher que deve ser eleita. E é interessante perceber se foi realmente uma mulher a escrever aquilo (risos).

[...]

Quais palavras tu diria que mais apareceram?

Voto. Protesto também fica. Amor. Jesus. Ele não. Bolsonaro. Não, não, não. E nós temos que ser sim, sim, sim.

Entrevistado 12

19 de Abril de 2019
Francisco, 22 anos - Músico e Biólogo

Antes de ver as imagens eu estaria à espera de que muito das mensagens fossem o que eu já estaria à espera. Depois de ver as imagens, acho que fiquei igual. Igual no sentido de mensagens que isto deveria ser, eu mantenho a minha opinião.

O que tu esperavas, está aí.

Sim, sim… Claro que há sempre uma ou outra que surpreende e tudo. Todas surpreendem, mas sempre há uma ou outra que não estava a espera, mas no geral, eu vendo aqui Porto Alegre, Brasil, eu estaria a espera disso.

E o que te surpreende?

O lado positivo é o facto das pessoas mostrarem que querem a nível político, por exemplo, mudar e alterar a situação política onde se encontram nesse momento. Isso surpreende-me. Surpreende-me também que no Brasil haja muito esta vontade de lutar pelos direitos humanos, de gênero, sexo, religião, raça, o que for. Surpreende-me também o modo diferente que tu aqui fotografaste. Há aqui coisas completamente diferentes. Tags, pichados, grafitados, *past ups*, *stickers*, ou seja, isso eu não estava a espera. Não tinha ainda uma opinião formada sobre isso. Não fazia ideia que em Porto Alegre faziam muito a base do *graffiti*, ou tudo a base de uma *tag*. É interessante ver que há muita diversidade da maneira de como as pessoas fazem isso.

E nesse sentido, tu consegues imaginar como são as pessoas lá em Porto Alegre?

Lá está… Não consigo imaginar como seja a vida de uma pessoa lá naquela cidade, porque nunca lá estive. Porém, penso que as pessoas de lá não estejam num nível de pobreza extrema. Não é uma zona do Brasil, acho eu, um estado, ou uma cidade do Brasil em que as pessoas estejam mesmo, mesmo, na merda. Claro que há questões normais do dia-a-dia, política e tal, e não sei o que… Acho que uma pessoa que vive numa cidade daquelas é uma pessoa com uma vida boa. Não sei… Através disso não consigo tirar muita informação, mas parece-me que sim…

E a cidade, tu consegue perceber?

Tem aí lugares muito feios (risos)... Foda-se… Tem aí paredes muito feias e casas muito feias, mas também deu pra ver aqui que tinha imagens de ruas e lugares bonitos. Claro que tu não andaste a fotografar lugares bonitos de Porto Alegre, né…

É, simplesmente onde havia mensagens…

Claro, olho pra isso, uma parede toda fudida, um passeio, um banco, um poste, penso "ei, Porto Alegre deve ser uma merda, deve ser uma favela", mas não, eu acho que não, acho que é uma cidade que vale a pena ir. E tem uma arquitetura que é um bocado misturado. Tem muito de Portugal, mas também há algo mais italiano, não sei... Isto é bem italiano, esta calçada é igual à Bolonha, e alguns edifícios.

E as diferenças com aqui?

Ah, mas há aqui uma diferença que eu noto mesmo, falando propriamente dos edifícios, que vi em várias fotos, e aqui em Portugal não tem, que é as grades. Isso todos os edifícios em Porto Alegre, acho que é no Brasil todo, que são rés-do-chão, ou seja que é o piso zero, tudo tem grades! Tudo, tudo! E aqui no Porto, aqui em Portugal não. No máximo tem em alguns prédios, alguns andares de baixo. Mas de resto, vês as casas, as janelas não têm nada e as portas não têm nada. E no Brasil, parecem aqueles bairros

americanos, que tem grades nas portas, nas janelas, em todo lado. Portanto, daí, eu consigo, na minha opinião dizer que deve ser uma cidade não tão segura como o Porto. Mas acho que, num geral, o Brasil não é tão seguro quanto Portugal. Foda-se, Portugal comparado com o Brasil é uma brincadeira.

E quais relações tu vês nas mensagens entre as cidades?

Sim, mensagens positivas, de amor, de sentimentos… Aqui vês o mesmo tipo de mensagens. Em Itália também vês esse tipo de mensagens. Os que são mais diferentes é mais a nível político, eu acho, porque aqui não há esta necessidade, tal como já tinha dito. Não vês tanto isso em Portugal, ou no Porto, "ah, Antônio Costa, Marcelo Ribeiro de Souza vão pra o caralho". "Fora…". As pessoas tão contente… Acho… Num geral estão felizes com a situação política de Portugal neste momento, comparado com alguns anos, ou comparado com o Brasil, pelo menos, foda-se… Né… O Brasil tá muito… As pessoas tão muito menos felizes no Brasil do que aqui em Portugal. Mas é estas mensagens de amor, positivas, de amizade, os direitos humanos também são muito parecidos. Estas mensagens de feminismo, comunidade LGBT, tudo que rodeia isso, acho que aqui também tem muito disso. Se bem que muitas coisas que vês aqui, parecidas com isso, não foram portugueses, foram brasileiros. E isso é uma coisa interessante. Estamos a comparar Portugal com o Brasil, ou seja, vai haver muitas coisas em comum, se tu comprares isto com França, tu não ias lá ver "Fora Temer", "Fora Bolsonaro", "Bolsonaro é merda", porque não é… É um outro país. Aqui no Porto, por haver muitos brasileiros neste momento, muito da arte, e muito das mensagens das coisas escritas na rua são de brasileiros. Tenho a certeza. Claro que podem ser portugueses a fazer isso, mas tenho a certeza de que muitas são de brasileiros. O que é bom…

Tem alguma que te chamou mais atenção?

"Respeita as gorda" (risos). Brincadeira, mas… Não houve uma que me chamou mais atenção, porque houve várias, e não consigo lembrar de todas. Há umas que eu olho, e sinceramente, passo, mas há outras, até pelo próprio *design*, o próprio *graffiti*, tá bom. Por exemplo isso (mostrando uma das imagens), tem um *design* próprio, tem cores, tem a disposição do texto, e não sei o que. Isso é sempre bom para te chamar atenção, porque, na verdade, é isso que… O objetivo é as pessoas pararem para ler. E pronto, isso tem que acontecer. Tu queres vender, por um lado… Vender no sentido, não de alguém pagar por isso, mas chamar atenção à alguém. Isso influenciar a isto. Ou pelo menos criar uma empatia entre tu e uma pessoa, nem que seja uma pessoa que segue a tua página, "olha, foda-se, isso tá incrível, concordo completamente, continua". Isso é o que toda gente que faz isso querem.

Tu consegue perceber o humor?

Há muitos trocadilhos. Palavras trocadas. Muitas piadas. Muitas coisas que pegam em frases já conhecidas. Havia aqui uma que é, tipo, "a Dilma é uma gata", tem muita piada. Tem muitas com piadinhas, trocadinhos e coisas assim. Aqui no Porto eu acho que é igual. Tens imensa coisa aqui no Porto aqui também. Mas aqui no Porto acho que temos muito mais merda. Às vezes as frases são, tipo, coisas aleatórias, percebes?! Tipo esta merda "tá tranquilo, tá favorável". Esta aqui, "fuck Prosegur", sabes o que é Prosegur?! É uma empresa de segurança… E uma pila… Ah meu, o que é isso?! Pra que isso?! (risos) Eu pra mim, né. Quem sou eu pra julgar, isto é uma merda, isso pra mim é uma merda.

E se tu fosse elencar cinco palavras-chave para as frases que viu, quais seriam elas?

Política, amor, mensagem, originalidade e diversidade.

Entrevistado 13

24 de Abril de 2019
Carolina Serranito, 24 anos – Artista Plástica

Qual a tua impressão sobre as imagens?

Acho que é fixe, acho que se divide em três, [...] vê-se que há muita gente a investir mesmo nisso, de fazer mesmo *streetart*, mas política. Não é bem *street art*, é mais uma chamada de atenção, mesmo necessária. O que é bué fixe. [...] O estado, e nossa sociedade patriarca e essas coisas. Acho que isso não tem tanto a ver com street art, do gênero de *graffiti*, e é mais uma coisa… Se calhar um ativismo, suave. Mas depois há bué poesia, ao mesmo tempo. Lado a lado com isso de poesia. Se calhar poesia já tem um lado mais artístico. Mas eu acho fixe ser uma cena bué ativa, e há aqui que *graffs* parecem mesmo antigos. E não sei se já apagaram, entretanto, mas há alguns que… Tipo essa parede toda cagada, isso parece-me uma coisa antiga. Certeza, que, sei lá, não se pintou porque não incomoda assim tanto, ou até é fixe estar lá. Não sei… Deixa eu pensar um bocadinho…

Tu consegue elencar cinco tópicos dos assuntos mais falados nas paredes?

Política anti-patriarcado e o feminismo, tudo no mesmo, respeitar as mulheres, isso é muito forte. Bué poesia. Poesia mais ligada à mente e ao ser, bué a ver com isso também. Política ativa das pessoas, não é pedir, pronto, é isso, vote, bué coisas sobre Bolsonaro, ele não, Temer, e tudo. Mas não é só de um lado, é dos dois, tanto pró-Bolsonaro como anti-Bolsonaro. Por isso, bué política ativa, das pessoas, acho que se passam, mas é mesmo "ganda" opção escrever e deixar escrito na parede, acho que isso é outro assunto na política. Política por política, e se calhar por partidos também. Acho que é um bocado isso, política partidária, bué partidária.

Sim, política anti-patriarcado e feminismo, política partidária…

E esta de consciência, mensagens de consciência, mas uma coisa que não tem a ver com arte, é só "pensa, usa a cabeça, usa tua mente, cresce" e assim. Poesia, por poesia, literatura, beleza e arte. E, tipo esse, "todo amor é próprio". Eu acho que esse tem a ver com a poesia também. Depois tem bué comédia, o que é fixe, tem bué comédia. Também tem muita religião, mas isso tá um bocado a parte. Não sei, parece-me que isso é um bocadinho a parte, não é tão essencial, pelo menos, acho que tem bué comédia, "feliz ano velho", se calhar, sátira. Sátira, é isso. São esses.

Tem alguma questão que tu percebes com relação à linguagem? Aqui vocês têm o português de Portugal, lá é o português brasileiro, o que tu consegues ver de similaridades, diferenças, ou outra coisa que te chama atenção?

Primeiro acho que escrevem português, nós não escrevemos tanto.

Como assim?

Vocês escrevem sempre em português, e nós não, nós somos muito mais tímidos ao utilizar o português, muito mais por metáforas. Ninguém diz amar, ninguém diz isso aqui, acho que somos bué tímidos com isso. E vocês dizem bué. Acho que isso joga a vosso favor. Nós por usarmos muito o inglês parece uma coisa, não sei, acho que fica mais fixe se usássemos mais português mesmo. Acho que tem menos vergonha de escrever tudo a bruta assim (risos), nós somos muito cuidadosos com a língua, muito intelectuais.

Seria um português mais bruto o brasileiro?

Sim, pronto, tem muitos erros ortográficos, mas é um erro consciente. Sabes que não dizes "as mina", e tu sabes, e vais escrever assim na mesma porque se diz, mas sabes

que é um erro. Enquanto aqui tu não podes ter coisas desse gênero. Se cometes um erro ortográfico, sei lá, é um bocado mais... Falacioso logo. Não é falacioso, mas torna mais fraca a mensagem por ter um erro. Enquanto que aqui nessas paredes não me parece que era um problema. E depois as semelhanças… Acho que a estética é muito semelhante, o que tem lá a sua graça. De ter escritos da mesma maneira, parece ter a mesma vibe de decidir na noite, ou coisas que… Os *stencils* são todos iguais… Até os *stencils* serem iguais eu acho que fica engraçado. E é giro, porque há coisas que aqui na tua página, e outras que vejo cá na rua, iguaizinhas. Essas são mesmo bué parecidas.

Papel branco e tal…

Papel branco, letra preta, pequenina. Uma coisa meio pobre de espírito de diversão, "ah, vou imprimir num papel qualquer"... Mas tenho é de colar. Não é pobre de espírito é o contrário, é tipo, pobre de carteira mas é forte de espírito (risos). É mais isso...

E tu conseguiria descrever como são as pessoas que fazem esse tipo de arte lá?

Ah, não sei… Não sei… Essa é uma pergunta fixe…

Usando a tua imaginação, não precisa estar correto nem nada.

Pá, acredito que seja pessoal que vai a sair a noite e que vá fazer essas coisas, pode ser mesmo uma pessoa ou duas, até deve ser mais, mas é provável que deve ser isso ao invés de serem grupos grandes. Pelo menos esses que não são… Que não é um *graffiti*, que é só um picho, seja uma pessoa, ou duas, ou três, escrevem uma cena e correm, "tá feito! Bora!". Acho que deve ser pessoal artístico. Ou pelo menos com alguma veia, ou músicos, ou algo assim. Pelo menos parece. Principalmente os da poesia, devem ser músicos, ou artistas, ou qualquer coisa assim. Não que seja uma exceção, mas acho que sim. Pode ser por aí.

E a mesma coisa, mas em relação a cidade. Tu consegue imaginar a cidade a partir das mensagens escritas?

Tem um monte de coisas diferentes. Por isso, acredito que seja um sítio com bué variedade de pessoas, que não seja, como já disseste, como brancos, como negros, misturado, o que é fixe. E depois têm muitas coisas sobrepostas, parece que dá muita idade às coisas aqui. Parece que escrevemos aqui, na semana seguinte tá uma cena por cima dessa, e tá outra por cima dessa, por isso até pode haver essa competição dos grupos e com grupos criarem equipas, e na semana seguinte o outro grupo escreveu por cima… E têm muitos traços diferentes, por isso há de haver muita gente, ou que passa por lá, e quer deixar aquela mensagem escrita, ou muita gente diferente. Porque têm muitas letras diferentes, muitas cores diferentes, muito traço diferente. E muitos traços, muito específicos. Este assim é uma letra bué específica. Mesmo a maneira de escrever, há pessoal que escreve "nóis", outros que não, por isso, me parece ter bué de vida e com bué jovens, se calhar também. Não me parece que seja só pessoal tipo, pais, essas coisas né (risos).

Tem alguma delas que te chamou mais atenção ou mais te impactou?

Houve muitas, houve várias até. Olha essa que lhe disse "o sucesso do fracasso contemporâneo". Foi este o coletivo Lápicu, deve ser, acho que esse. Acho que esse foi o que me tocou mais, porque são coisas diretas, mas não são coisas que tomam um lado. Só pra te fazer pensar. Pra te deixar no meio do assunto. Não é para tu tomares um partido. E é isso que eu gosto mais de ver na rua. Não são mensagens que te imponham uma opinião, nem sequer tens de ter uma opinião sobre as coisas, ou ter um lado… E às vezes, há cada vez mais gente deixado de ver as notícias e algo assim. Por isso se souberes as coisas, não é saberes as coisas pela rua, mas se fores alertado das coisas na rua é bom sinal. É sinal que tá a haver reação, tá a haver reflexão sobre isso. E há pessoas que se importam ao ponto de quererem fazer as outras também lerem, nem que seja a sair de casa e veres um papel a dizer "democracia não tá a funcionar",

tu já ficas "oh!". Por isso, acho que esse é o que eu gostei mais, o coletivo Lápicu. São mensagens mas são apelos, não são tipo uma imposição.

Como assim, imposição?

Assim, por exemplo, estes "anti facho" isso é uma imposição, ou "a polícia mata", isso é uma imposição, é quase como que alguém dizer "a polícia mata" se tu disseres isso é por estares a concordar, não é?! Não que isso seja errado tu concordares, se tu disseres "a polícia mata!" é um grito. É uma coisa… "Ele não", é uma imposição também. São mensagens diretas, com um objetivo.

Para finalizar, assim como tu elencaste cinco tópicos, tu consegue elencar cinco palavras mais recorrentes?

Isso é bué difícil, então… Feminismo muito. Injustiça, mais que justiça. Não sei se é violência, mas se calhar, se calhar violência, até porque há aí *graffitis* que são bué agressivos. Sátira e poesia. Acho que é isso.

Entrevistado 14

11 de Maio de 2019
Mário Costa, 30 anos - Engenheiro e Programador

Mas é engraçado porque as frases são bastante diferentes das daqui do Porto, mas acho que no fim o sentido é muito parecido.

O que mais te chamou atenção? Algo mais curioso?

Aquela que tu disseste que era um colégio, aquelas frases cheia de cores, achei diferente do normal, pelo menos aqui no Porto acho que nunca vi nada dessa… Foi mais por isso, percebes?! Não é o que as frases diziam em si, é mais a cena de ser um colégio, ter os nomes dos miúdos e tudo, às vezes. Acho que não vi nada assim.

Tu consegues notar os assuntos mais falados na cidade de Porto Alegre? Consegue elencar 5 assuntos mais comentados?

Governo, seja ele qual for. Há um descontentamento com o governo. A polícia. Vi muitas frases motivacionais também. Tinha bastante sobre o feminismo, também. E aquela cena dos alienígenas (risos).

Algo mais no-sense… Algo sem sentido...

E que no fim acaba por fazer algum sentido.

E quais são as principais diferenças que tu consegues ver entre aqui e Porto Alegre?

Nunca havia visto movimento assim contra o racismo. Acho que aqui em Portugal existe, mas não é tão acentuado quanto no Brasil, mas existe. Eu acho que aqui em Portugal é mais dissimulado o racismo. É mais…

Fingir que não existe, é isso?

Não, é mais interno. Tipo, é capaz de comentar cenas racistas com família ou amigos, mas não demonstrar abertamente, acho que é algo assim, mais dissimulado.

Lá tu consegues perceber que há uma preocupação maior?

Sim… O feminismo, acho que nunca vi nada, devo ter visto muito pouco, ou, pelo menos, nada que eu consiga lembrar. Acho que é mesmo isso, acho que não há… Vendo bem, acho que nunca prestei assim tanta atenção… Ver que tá escrito, mas não ter percebido…

Acaba por ser a tua cidade também. Eu, na minha cidade, quando voltei para lá, prestei atenção em tanta coisa que eu não percebia antes. Passava reto... E de similaridades, tu consegues pontuar algo?

Temos mais a cena do… Não é bem motivacional… É não ser conformista. Acho que há assim grande diferença. Acho que aqui em Portugal as frases são mais, não sermos muito conformados.

Não ser conformados?

O português é muito conformado, seja o que for. E acho que as frases são mais nesse sentido, de tentar abrir os olhos…

Lá no Brasil?

Não, aqui… Acho que as frases são mais nesse sentido. Não seja só mais uma ovelha… Mais nesse sentido.

E lá, exercitando a imaginação, tu consegues perceber quem são essas pessoas que escrevem as frases lá em Porto Alegre? Não tem certo nem errado, eu também não sei (risos), é só para saber a tua percepção.

Acho que são jovens. Há ali algumas de feminismo e assim… Mais as mulheres a escreverem isso. Mas sim, eu diria que são pessoas mais jovens.

E tu consegues dizer como são as pessoas da cidade a partir das frases?

Acho que não.

E a cidade, tu consegues ter uma ideia?

Não tanto pelas frases, mas pelas fotografias, em si, tipo, tem uma zona mais pobre, tem uma zona, assim, de classe média. Acaba por ser… Vê lá algumas fotos que já não é paralelas no chão, parecia mais limpo. Mais limpo no sentido, algumas delas tinham tipo vegetação no chão, noutras já não. Não há lixo, em si, mais arrumadas. Por isso, acho que acaba por ser uma cidade bastante completa, no sentido… Têm vários ambientes.

E tem algo que te chamou mais atenção entre elas todas?

O que me surpreendeu foi a cena política. Tem muito… Fora Lula, Fora Dilma, Fora Temer, do Bolsonaro… Tipo, é uma cena constante. Por exemplo, não é uma cena do momento. Não foi só contra o Bolsonaro, já vem de algum tempo para cá que o pessoal tenta demonstrar descontentamento com o governo. Foi a cena assim que me chamou

mais atenção. Comparando com Portugal… no Porto… Acho que não vejo tantas cenas políticas do tipo "fora o governo", "fora o ministro", lá está… Aí tem muito mais.

[...]

Tu consegue pontuar 5 palavras que tu viu muito nas frases, ou que tu classificaria essas mensagens?

Não. Fora. Voto, tinha bastante sobre o voto. Toniolo (risos). Feminismo. Essas foram as que chamaram mais atenção, se calhar. E… Amor, talvez. Aparecia várias vezes.

Depois da entrevista comentei que uma palavra que aparecia constantemente no Porto era o nome "Porto" e a referenciação à "cidade". Ele disse-me que já não gosta tanto de sair à noite, nos bares, como antigamente. Os preços subiram, e por vezes tratam melhor os turistas do que os próprios portuenses. Outro fato que ele destacou foi que as campanhas políticas, que antes falavam saúde, empregos, etc, hoje têm como slogan algo como "o Porto para os portuenses".

Entrevistado 15

14 de Maio de 2019
Daniel Marques, 24 anos - Artista Plástico e Músico

Muito semelhante ao que está a passar cá também.

O que tu achas de parecido?

Estes que eu pus aqui do lado, idealizam-se mais comigo, com minha perspectiva. O que eu acho parecido é o conteúdo que as pessoas querem passar. Aquela cena do Instagramer, como também a do reacionário. Acho que tem de tudo, como cá.

E o que tu achas de diferente?

Tirando a estética, não é!? Há muito *stencil*, mas são poucas as diferenças. É engraçado estarmos separados por um oceano e depois encontra aqui coisas que se assemelham de forma totalmente inconsciente e involuntária. As diferenças são quase nulas. É só tirando a estética, não é!? Acho que utilizam muito mais *stencil*, aqui usam, por exemplo, a lata, e agora a caneta, ou o marcador. Ou até mesmo o *sticker*. [...]

E tu consegues elencar 5 tópicos ou assuntos que mais se fala em Porto Alegre?

Bolsonaro ou Temer. Política. Feminismo e o machismo, que é o conteúdo sexual. Tens ali um que é do direito à cidade, que é como aqui, que é de reabilitação, mas sobre a transformação da cidade. Tens o anarquismo, sempre presente. Tens aqui o "foda-se a copa", que… Acaba por ser político também. Político, sexual, econômico, anarquista e… Havia um sobre… Eu lembro-me agora, mas foi só um. Vi um sobre… Por acaso aqui no Porto há alguns, que é sobre "carne é assassinato".

Sim, chama atenção...

Cada vez há mais essa política do consumo excessivo da carne, do uso excessivo do plástico, as causas agora mais faladas... Ambiental. Pronto. Político, sexual, anarquista, ambiental e econômico.

E se conseguisse elencar 5 palavras, não só assuntos, quais palavras são mais repetidas?

É o Toniolo, não é?! Na essência, os coletivos e os artistas. Sem ser os coletivos e os artistas: é, amor, Jesus, aquele símbolo anarquista (o "A" com o círculo), o Bolsonaro, o Temer, e mulher, ou o violador. Aparecem algumas vezes repetidas aqui também.

Tu disseste que tem alguns que te chamaram mais atenção, mas tem algum específico?!

Conteúdo político, ou econômico. Tipo, "foda-se a copa", porque gastaram milhões em estádio pro mundial e depois têm pessoas a viverem em bairros de lata, ou favelas, condições completamente precárias. Tens aqui "povo no poder", uma frase de conteúdo comunista e reacionário. Depois direito das mulheres, como o aborto, ou o "não a violação", ou "fora com o machismo". Tens aqui, o estuprador, violador. Os do coletivo Lápices são os mais marcantes, que, pá… Podes entender isso como poesia, mas também como uma forma de vida, entender certos tópicos que eles abordam aqui.

Tu não tens uma relação direta com a cidade lá, mas tu consegues, por exemplo,...

Sim, através das mensagens, selecionei aqui um grupo de fotografias, filosofias e ideologias que se relacionam com a maneira como eu penso.

Tu consegue descrever a cidade a partir dessas mensagens?

Sim, acho que é uma cidade abrangente, não é!? Muito ampla. Bastante habitada, não é!? Reacionária. Acho que tem muitas paredes que estão ocupadas de intervenção… Pá… Não sei se é o sítio onde eles escolhem para pintar, ou pôr os *stencils*, existe uma certa precariedade, claro, mas essa precariedade também se transmite em pintar paredes, passar a mensagem. Cria essa reação. Não sei… Tipo… Porto Alegre… A partir daqui, há semelhança um bocado como o Porto, tirando, se calhar, um bocadinho a urbanística da cidade, parece uma cidade mais plana. O Porto é subidas e descidas, mas acho que isso não é relevante para o projeto.

E as pessoas. Tu disseste que parece um lugar revolucionário, tu consegues ver que tipo de pessoas que moram lá?

Acho que é um povo, uma geração, não sei, acho que são várias gerações que, desde o Toniolo, até essa legião que ainda o propaga e replica o que ele faz, tu vês que são gerações que ainda não querem que as coisas caiam no esquecimento, querem continuar a lutar constantemente por condições melhores, e mais direitos… Isso é interessante, super interessante… As pessoas ainda continuarem-se a mexer. Pá, e se for através das parede, como disseste, mais vale ler uma parede do que um jornal. É bué marcante. E é capaz de veres uma personalidade de uma geração ou uma sociedade, se calhar, através disso. Uma pequena percentagem da personalidade de uma sociedade, se calhar, está refletida nas paredes.

Entre essas mensagens, quais tipos de mensagens que tu não vês aqui?

Há mensagens que até vê-se mais, porque tenhos cá em Portugal uma grande comunidade de brasileiros. Mensagens como “fora Bolsonaro”, e coisas assim que estão a ser replicadas pra cá. Mas, se há aqui uma mensagem específica que não tenha visto cá?

É. Seria mais esse contexto político, talvez?!

Sim, porque são coisas específicas. Mesmo assim, tipo, são coisas que replicam-se cá também. Agora temos uma grande comunidade de brasileiros cá, e então são coisas que acabam por se replicar. Portanto, acho que não vejo, hoje em dia, não vejo diferença nenhuma deste conjunto de fotografias. Não vejo nenhuma que não seja transmitidas aqui também. Desde as escolas primárias, como eu te disse, também fazia. Passar aquela mensagem de "faça desporto", "seja feliz", "não brigue", cenas assim. Também eu fazia cá, quando eu tinha 6 anos. É engraçado.

Isso desperta um certo sentimento.

Nostaugico.

Tem alguma coisa, além disso, que as mensagens te despertaram? Alguma coisa que elas possam, além dessa… Como se fala?! Tu disseste que fizeste isso na infância, tu se projetou, tu se viu ali, tu consegues perceber outras mensagens que te tocaram, talvez não dessa forma, mas de outra maneira?

É engraçado, porque tu tens um ponto marcante na história mundial, que é a Segunda Guerra Mundial, e mais tarde, a partir daí, tu tens a separação da Alemanha. Tu tens o muro, que divide a Alemanha de leste a oeste. E esse muro é completamente cheio de mensagens e isso tudo. Eu acho que essa mentalidade alemã tu vês muito, tipo a questão do… Não sei se conheces o que é os "ocupa"?! É tipo pegar num edifício que está completamente degradado, [...] viver em comunidade… Tu na Alemanha, ou em São Paulo, nas grandes cidades dos anos 80, tu vês lá grandes comunidade de *punks* e esse tipo de coisas. E acho que a partir desse pedaço de história, que é o muro de Berlim, tu tipo, catapultou-se a nível mundial depois pra o resto, até chegar nas paredes, porque

tu tens ali uma grande concentração de mensagens, e não sei o que… Ou até mesmo, com o conteúdo mais religioso, tens aquele muro de… Acho que é em Jerusalém.

O Muro das Lamentações?

Muro das Lamentações. Depois vão lá meter as mensagens. Não vão lá grafitar, mas é uma forma, ou uma outra forma, uma outra estética…

Uma forma "educada".

Uma forma educada de ter lá um canudinho com um texto com as suas lamentações ou outras coisas. É engraçado tu veres que estes pequenos pedaços de paredes que acontecem hoje, foram momentos que foram marcantes na história mundial. Na minha forma, acho eu… O Muro de Berlim, o Muro das Lamentações foram muito marcantes para catapultar o mundo do *graffiti*, anarquismo e o *punk*, uma série de coisas...

E tu tinhas comentado anteriormente sobre a legalidade ou a não legalidade de escrever numa parede de um lugar. Se é vandalismo ou não é vandalismo.

Ilegal, sempre acaba por ser ilegal, porque estás a transpassar uma propriedade que não é tua. Mas, lá está, é o que eu te disse. Eu não considero que seja vandalismo. Eu preferia mil vezes que uma pessoa pegasse numa lata ou numa caneta e fosse expressar toda sua raiva numa parede ou numa fachada de uma casa, do que pegares numa pistola e matar 5 ou 7 pessoas. E vejo também… Não considero vandalismo quando tás a tentar passar uma mensagem, uma ideologia que seja no bom sentido. Ok, não vamos aqui tentar… Claro que haviam ideologias Nazis, eles colavam propaganda anticomunista, claro que isso tem conteúdo negativo, não, mas tem o conteúdo positivo, que te faça pensar, e levar-te para o bom caminho, ou tentar reacionar-te quando as coisas não estão bem.

É isso, não tenho mais questões.

É um projeto do caraças, que podes estender isso a uma escala.

Que que tu consegue ver de interessante disso?

É super interessante, porque te faz olhar para os pormenores das pequenas coisas, não é?! A partir desse teu projeto eu fiquei a conhecer, se calhar, certas ruas do Porto, certos aspectos, certas mentalidades que iam de encontro às minhas, e não sabia que tantas pessoas pensavam assim.

Entrevistado 16

14 de Maio de 2019
Marta Mestre, 42 anos - Designer de Calçados

Queria saber, qual a tua percepção geral sobre as imagens?

Eu nunca tinha pensado, quando a pessoa vê essas mensagens, eu nunca tinha pensado que há um lado de querer fazer poesia. Eu nunca tinha ligado muito. Parece que as pessoas que escrevem há sempre um lado de poetas, que nunca tinha apercebido. E por outro lado há, tipo, não é uma coisa… A mensagem nunca é… Essas que eu vi, em Portugal eu vou começar a reparar, mas há um lado aqui pouco egocêntrico. Não é centrado na pessoa que escreve, não é virado para o umbigo, parece que é uma coisa… Sempre uma preocupação com a outra pessoa, a preocupação em passar uma mensagem positiva, tipo, solidária. Tipo ali no colégio, há sempre mensagens de incentivo, mas é sempre para a outra pessoa, não é uma coisa centrada na própria pessoa que tá a escrever.

Não é mais no eu, é mais no outro. Esse tipo de mensagem tem vários tons. Tu consegues perceber quais são eles?

Vários tons, como?!

Várias formas de falar com a outra pessoa, de um jeito, ou uma linguagem mais fraternal ou mais agressiva. Não sei se tu percebe essa mistura também...

Há umas que são mais agressivas, mas normalmente quando é contra o governo. Depois, pronto, têm outras mais inspiradoras.

Mais suave… Mais soltas...

Sim, e depois há aquelas mais *hippies*, sobre o amor. É isso…

E tu consegues pontuar 5 tópicos ou assuntos mais falados nessas mensagens?

A situação política é muito falada, depois o amor está muito presente. E o amor próprio. Fala-se sobre o aborto e a polícia também. Que mais…?! Não sei…

Esses foram os assuntos que mais te chamaram atenção. Tu conseguirias dizer 5 palavras, ou expressões que mais se repetem?

O foda-se (risos). Amor também aparece muitas vezes. Poder, aparece também muitas vezes. Ele não. Temer, também, mas não é palavra, é um nome… Liberdade também.

Tu consegues notar similaridades ou diferenças entre as paredes das cidades?

Talvez o que eu vi de parecido, cá fala-se muito ao direito à habitação, fora os turistas (risos). Em Porto Alegre não se fala nisso. Eu achei, pronto, como eu tava a dizer, eu achei que há uma preocupação, tipo… E há aquela coisa, tipo, que se vê muito cá, "já sorriu hoje?", ou tipo "já agradeceu pelo seu dia hoje?". Isso já tenho visto cá. Mas tipo, mais aquela mensagem inspiradora e motivação, aqui não vejo tanto. Apareceu uma aí muito engraçada, "a educação é a chave", e é muito engraçado, porque tipo… Até essas aqui do colégio… Estas aqui do colégio parece que é tipo… Pronto, vocês sabem que a educação é muito importante, portanto, e há muito em tentar investir na criança muito nesta altura.

No mínimo se fala, se comenta nas paredes. É mais o reflexo que a parede tem nas pessoas, e as pessoas escrevem o reflexo da vida delas lá. Tu consegue pensar como são aquelas pessoas que vivem em Porto Alegre?

Eu fiquei com a impressão que são pessoas que pensam… Que tem já um tipo… Como qualquer poeta… São pessoas que já viveram muita coisa na vida e tem essa necessidade de refletir o que já viveram nas paredes. Ao mesmo tempo sinto que é… Fiquei com a sensação que estas mensagens quando são escritas, são tipo, sem querer receber. Deixam essa mensagem sem, de uma forma, sem receber nada de volta.

Algo menos comercial…

Sim, é como se fosse um desabafo e pronto.

E a cidade, tu consegues ter uma noção de como ela é, ou o que ela questiona através dessas frases?

Pareceu-me tipo… As pessoas que vivem lá?

A cidade como lugar. Se tu estivesse indo para Porto Alegre, o que tu espera de lá?

Não consigo perceber muito bem, do gênero, se é seguro ou não é seguro. Sinto, pelas mensagens, sinto que há muita alma. Não é… Existem pessoas que pensam sobre as coisas, e sobre o tempo que estamos a viver, ou seja, são pessoas que estão atentas ao que se passa. Digerem o que se passa e depois expõem.

Na questão política, tu consegues ver algo latente que chame atenção?

Aparecem às vezes "o povo está com o Lula", as tantas já está "Lula na cadeia" (risos). E todas as mensagens contra o Bolsonaro, portanto, vê-se que há uma insatisfação com os políticos.

Num geral?

Sim, num geral.

E existem frases que tu se identificas com ela?

Não sei se vou falar certo agora, mas é "tudo que acontece é bom". Mas há mais, há muitas que são mesmo muito inspiradoras.

[...]

Há muitas mensagens, parece uma cidade muito grande, fiquei com essa sensação. Fiquei com a impressão que é uma cidade onde as pessoas sentem muito (risos).

No sentido positivo e negativo?

Sim, sentem tanto que têm a necessidade de escrever, do gênero, alguém tem que saber como é que eu me sinto e, se calhar, se eu escrever, vou fazer sentido à outra pessoa.

Apêndice 5 - Diário de Campo

06 de Outubro de 2018

O primeiro dia

Este é o dia em que começo o trabalho oficialmente. Antes planejava fazer uma abordagem sobre os movimentos de contracultura da cidade do Porto, mas a medida que eu listava as abordagens, o tema ampliava. Visto que a coleta das imagens das frases da cidade era uma prática comum minha, decidi encarar o desafio de registrar o maior número de frases no perímetro urbano central do Porto e compreender o porquê delas existirem. Para isso elenquei algumas perguntas:

- Isso é um fenômeno isolado, ou são várias pessoas que escrevem?

- Quem são estas pessoas?

- Por que escrevem?

"Quem são estas pessoas?" abre um precedente para saber se elas são das artes ou não.

- Como definem essa forma de escrita?

- Quais as técnicas utilizadas?

- Por que utilizam o *stencil*, ou o *sticker*, ou simplesmente o *spray*, ou a caneta? Como definem isso? É na hora que a pessoa decide escrever? Tem um planejamento? Escrever ali porque passam tais pessoas, e eu quero falar com elas.

- Seriam manifestações por consequência de uma falta de lugar para se expressarem?

- Seria falta de galerias de arte? Caso elas sejam artistas.

- Como acontece a midiatização das frases através das redes sociais?

- Seriam formas de verbalizar opiniões pessoais? Do tipo, eu tirar uma foto de uma frase, e publicar isso, é uma maneira de me auto-afirmar? Como se a frase pertencesse a quem tirou a foto?

- A fotografia, a mensagem escrita e a superfície em que ela está inscrita contribui para a propagação dessa mensagem?

- De que forma as redes sociais aumentam a disseminação da mensagem?

- Como surge a ideia do que vai ser escrito?

- Tem alguma intenção de conversa com as mensagens? Busca que as pessoas respondam aquilo?

- Quando vai para a rua escrever, vai sozinho ou em grupo, para se sentir mais seguro?

- Por que as mensagens estão em inglês? Seria para comunicar com os turistas? Ou simplesmente somente pela estética da mensagem?

- Essas pessoas buscam zonas mais centrais? Ou espalham para todos os lados?

- Escrevem essas mensagens como uma forma de auto-afirmação?

- Pessoas conseguem identificar as intervenções dos *writers*? Como eles se sentem com isso? (Será que isso "massageia" o ego de quem escreve?)

- Seria essa uma forma de comunicar através da fotografia?

Esses foram alguns pensamentos que tive durante o dia após eu decidir o tema da investigação.

06 de Outubro de 2018

Encontro com @umgajonoinsta

Era tarde de sábado, aproximadamente 16h30, combinei de encontrar o @umgajonoinsta em frente a estação de São Bento. 43 anos, usava óculos, e uma camiseta cinza, com logotipo do Oasis. Disse-me que um casal de amigos estava vindo de Aveiro e poderíamos conversar um pouco antes deles chegarem. Comecei a perguntar, em tom informal, suas motivações, e quem ele gostaria atingir com as intervenções que fazia. O curioso dessa pequena conversa foi perceber que ele era aficionado em tirar fotos de arte urbana, e tinha começado a fotografar pois elas acabavam desaparecendo.

Pouco tempo depois encontramos os amigos dele, começamos a conversar, e eles convidaram para continuar o passeio. Foi uma entrevista quase como uma *tour*. Parecia um turismo de *street art* pelas principais ruas na zona central da cidade. Cada um tinha um perfil no Instagram sobre *street art* e adoravam fotografar todos os tipos de intervenções que encontravam. Durante o trajeto, entre uma foto e outra, ele jogava Pokémon Go.

Disse-me que quando começou a fotografar identificava coisas mal feitas pela rua e, por mais que não tivesse conhecimento artístico, pensava, "não é possível esta merda, eu posso fazer melhor". Na época ele tinha ficado desempregado, não tinha muito o que fazer, então resolveu testar alguns *stencils* com cartolina. Mandou imprimir numa casa de cópias por 20 centimos, recortou, e experimentou numa casa abandonada, ao lado de onde vive, em Vila Nova de Gaia. A frase dizia "hey look, I'm not a hostel yet". Eu já tinha visto aquela mensagem antes, na Rua de Miguel Bombarda, perguntei o porquê daquela mensagem, e o motivo da frase estar em inglês. Ele respondeu que tinham muitas casas sendo abandonadas, e tinha a certeza que elas virariam hostels ou AirBnbs, por isso resolveu marcá-las. O fato da mensagem estar em inglês se deve ao aumento de turistas, principalmente estrangeiros, e assim a mensagem poderia chegar a um número maior de pessoas.

A preocupação dele é aplicar a mensagem em lugares onde não sejam muito agressivos, e com bastante circulação de pessoas. Prefere intervir em casas abandonadas, que provavelmente serão reconstruídas, ou postes, onde todos colam adesivos. Mostrou-

me uma caneta azul, com um sorriso no rosto, dizendo que geralmente escreve em adesivos que estão muito gastos nos postes, pois ficam quase brancos.

Sobre um outro adesivo, com a frase "where the streets have no fame" (referência à música do U2), comentava, "acredita que marcaram uma cena minha no Instagram?! Um gajo da Alemanha, só tipo tinha cenas, tipo comidas, viagens, alongamentos... e havia uma foto com a minha frase no meio daquilo tudo". Diferente dos *stencils*, ele assina os adesivos com seu perfil do Instagram, assim as pessoas podem encontrá-lo na rede social.

Foi através do seu Instagram que acabou por identificar as pessoas responsáveis pelas intervenções que fotografava. Conheceu algumas delas. Combinou de encontrá-las e fazer algumas intervenções juntos. "Fui eu que arranjei alguns azulejos rosas para a @Paleio", disse ele.

Por ter contato com outros artistas, ele contesta a dificuldade de fazer arte, mesmo não se intitulando artista. "Muitos que escrevem são das belas artes. Eu não. Até acham piada. Aprendi a mexer o básico no Illustrator e Photoshop, e pra mim já é suficiente". Ressalta que não sabe desenhar, mas seu objetivo é tocar as pessoas com as palavras, por isso cola os adesivos e faz *stencil*. Nas suas intervenções gosta de trabalhar trocadilhos com frases conhecidas, ou questões populares.

Nesse diálogo identifiquei uma questão de amizade que o motiva a intervir na rua. Parece que a arte é o elo para isso acontecer. Fazer parte de um movimento, de um grupo, como um ato de existência. Deixar uma mensagem na rua, não só para atingir pedestres, mas para que alguns amigos também consigam identificá-lo - nem que sejam amigos virtuais. Mesmo não tendo emprego, existe a convicção de estar fazendo alguma coisa que se sinta útil. Espalhar estas mensagens pela rua faz sentir-se presente, vivo.

08 de Outubro de 2018

Os *writers*, as redes sociais e as amizades virtuais

Eu já consigo notar algumas motivações em comum. Uma das coisas que eu descobri na conversa com o @umgajonoinsta é que haviam pessoas que faziam contatos com ele a partir das frases. Não só com as pessoas que passam pela rua e identificam, como acontece o contato entre os *writers* através das redes sociais.

Uma questão que pode ser aprimorado para a entrevista é saber se existe relação entre eles. Eles se conhecem pessoalmente?

27 de Outubro de 2018

Ué, não escrevem por aqui?

Caminhava pela Rua 5 de Outubro, e notei que não havia tanta intervenção. O que identifiquei, diferente dos lugares que têm uma quantidade maior de intervenção, é que onde eu estava havia uma maior circulação de carros do que na região central do Porto. Também haviam menos pessoas caminhando a pé na rua. Assim, a medida que havia mais carros e pistas alargadas, menor era o número de pessoas caminhando e o número de frases nas paredes.

29 de Outubro de 2018

Conversa com o @cest719

O @cest719 não é um *writer* de frases, mas de *tags*. Aqui mais uma dúvida quanto a nomenclatura *writer*. Noto que nas bibliografias chamam de *writers* todos os tipos de pessoas que escrevem mensagens, *tags*, ou *bombs*. Por vezes fica confuso as classificações atribuídas aos *writers*, pois em cada uma das "modalidades" existem especificidades que não se aplicam a todas. Enfim, apenas um devaneio em relação à esta nomenclatura.

Em muitas das entrevistas com os *writers* me questionavam se eu já tinha conversado com o @cest719 e minha resposta era sempre negativa até então. Decidi marcar de conversar com ele. Fomos num café próximo a Faculdade de Belas Artes, e por lá conversamos sobre o que até então era meu projeto. Ele também disse que pretende fazer um estudo no universo da arte urbana em Portugal, mais especificamente relacionado aos *stickers*. Durante a conversa ele apresentou dois livros completos com adesivos dos *writers* do Porto, uma coleção muito rica e representativa.

Na maioria das vezes os *writers* diziam que ele era o responsável por iniciar as pessoas no *sticker* e ser um propagador do movimento. Nessa conversa pude compreender um pouco mais do universo do *sticker* e o quão recente ainda é o movimento na cidade. Durante a conversa ele abriu algumas cartas que havia recebido de pessoas que mandaram *stickers* para ele de outras partes do mundo. Ele me ofereceu alguns..

O @cest719 tem feito algumas visitas guiadas com turistas para apresentar os artistas responsáveis pelas intervenções na cidade do Porto. Depois do café fomos em direção às Fontainhas e depois a Rua da Madeira fazer uma pequena *tour*. Fomos fotografando, identificando os *writers* conhecidos, e eu fui questionando os que eu não conhecia o autor para buscar novos contatos e novas possíveis entrevistas.

13 de Novembro de 2018

A remoção dos *graffitis*

Indo para a entrevista com a @preencher_vazios presenciei a remoção de algumas pichações pela equipe da Câmara do Porto.









Chama a atenção a quantidade de baldes de tinta que têm no carro. Também o fato de misturarem as tintas e pintarem com exatidão utilizando a mesma cor da fachada.






Isso é muito curioso, porque é completamente diferente da realidade da minha cidade Porto Alegre. Lá as paredes das casas são de responsabilidade do proprietário, não da prefeitura. No Porto a Câmara interfere na remoção das *street arts* em qualquer ambiente público, independente se a propriedade é privada.

17 de Novembro de 2018

Os murais de 25 de Abril de 1974

Algumas pessoas comentavam comigo sobre os murais de 25 de Abril, e a relação que eles tinham com o início do *graffiti* em Portugal. Encontrei alguns livros na Biblioteca Municial do Porto, no Jardins do Palácio de Cristal. Foi saindo da biblioteca que comecei a gravar estas percepções.

Eu já tinha integrado nas entrevistas uma questão referente à data e na maioria das vezes os *writers* afirmavam que não havia relação entre o que fazem atualmente e o que se fazia em 1974. Alguns deles até desconheciam o fato. Também não havia relação como uma herança ou uma tradição cultural de manifestação. A semelhança está nas questões de lutas. Se em 1974 as principais motivações eram a liberdade de expressão e reforma agrária, hoje, o Porto, tem uma luta relacionada ao turismo, ao direito à habitação, e à melhora do ordenado mínimo.

As pessoas que entrevistei parecem ter outras motivações. Mais individuais. Parecem utilizar os muros como uma libertação própria. Escrever um sentimento na parede e sentir-se parte da cidade. Algumas delas moram a pouco tempo no Porto, por isso, pode-se entender como uma forma de marcar território e passar a integrar às vozes da cidade. Por outro lado, as manifestações de luta são mais difíceis de descobrir quem são os responsáveis pela mensagem. Não há assinatura. É uma revolta anônima, mas que simboliza o pensamento de uma parte da sociedade.

20 de Novembro de 2018

Conversa com Mais Menos

Essa entrevista eu não gravei. Nos encontramos na Faculdade de Belas Artes, a cantina estava lotada, fomos conversar no pátio. Eu estava com algumas dúvidas técnicas sobre o trabalho e também como abordar algumas etapas da investigação como a observação participante, por isso foi indicado conversar com ele.

A primeira questão era como deveria ser chamado este tipo de arte escrita. Grafito, *graffiti*, *street art*, inscrição? Conversamos tentando entender a melhor forma de classificá-las, mas ainda assim era difícil, visto que algumas tinham unidade, outras eram apenas palavras escritas, sem uma marca. Chegamos a conclusão que grafito seria a maneira mais genérica de chamar esse tipo de abordagem.

Outra questão era sobre como abordar os *writers* para eu conseguir estar junto deles fazendo a observação participante. Não tinha certeza como eu deveria agir. Se aproveitava as minhas ilustrações como motivação para estar junto deles colando, ou simplesmente estar junto acompanhando já era suficiente. Ele disse não ver problema em estar simplesmente junto, sem precisar colar ou intervir com os *writers*, apenas se houvesse vontade minha de fazer tal experimento.

Busquei mais informações sobre o trabalho dele, ele relatou não estar planejando nenhuma intervenção para o Porto no momento. Falamos sobre política, sobre os murais de 74, e naquele momento precisava de ajuda para conseguir definir uma questão de investigação. Surgiu a ideia de abordar a temática das frases atuais, fazendo um comparativo com as mensagens de 1974, fazendo um comparativo entre os momentos históricos da cidade.

Percebemos a relação dessas frases com mensagens em redes sociais, como um grande mural da internet. Um local onde se misturam todos os tipos de frases. Teria alguma ligação entre as paredes da vida real? Quais abordagens seriam possíveis? Semelhanças e diferenças?

20 de Novembro de 2018

Writers mulheres

Ao longo da investigação chama a atenção a quantidade de meninas fazendo este tipo de manifestação através de frases. Entendo que é daqueles padrões estereotipados, como relacionar futebol ao sexo masculino e a ginástica artística ao sexo feminino, por exemplo. Na minha percepção, o sexo masculino predomina no cenário da arte urbana, mas a pesquisa me fez perceber que existe uma forte manifestação das mulheres nesse tipo de intervenção, principalmente como *writers*.



As motivações para isso podem ser várias. O ato de exporem seus pensamentos pode ser um reflexo da maior quantidade de opinião feminina sendo emitida na sociedade.

A luta por direitos, por respeito, por igualdade. Essa presença parece ter uma forte relação com o presente momento na história do Porto, onde há um crescimento das lutas feministas. Não só isso. As *writers* podem não ter quaisquer relação com os movimentos, mas o ato de escreverem, e estarem presente na cidade se manifestando, acaba por contribuir para que mais vozes femininas sejam expostas e lidas.



Esta imagem são de *writers* mulheres.

23 de Novembro de 2018

Escrever é mais fácil que desenhar

Uma das coisas que eu tenho notado nas entrevistas é o fato das mensagens serem uma via mais fácil para pertencer ao universo da arte urbana sem precisar desenhar. Muitas dos *writers* admiram o *graffiti*, os murais, tem uma relação com as artes, mas não é o fato de não se sentirem a vontade para desenhar que faz com que elas se inibam de se expressarem.

Por que não através de texto?

24 de Novembro de 2018

A agilidade e cultura dos *stickers*

Quando se trata de agilidade para intervir, o *sticker* é a maneira mais eficaz de propagar a mensagem. Podem ser colados de dia, em superfícies como postes, canos e janelas de casas abandonadas. Os *stickers* acabam por ser a maneira "menos ilegal" que uma intervenção pode ser considerada. Muitos dos *writers* defendem que se empresas utilizam estes meios para fazer publicidade, inclusive com identificação de contato telefônico ou endereço digital, e não são multadas, eles não devem ser tachados como vândalos.

Outra percepção é o intercâmbio entre pessoas que produzem os *stickers*. Quando se produz *sticker*, é para passar a diante. Trocar com outras pessoas que produzem, para que sua mensagem ou assinatura chegue o mais longe possível. As trocas acontecem via correio, ou entre *writers* da própria cidade. Esta é uma razão para explicar uma parcela das mensagens em inglês encontradas na cidade do Porto.

25 de Novembro de 2018

As zonas centrais

O lugar com maior concentração dos grafitos é a zona central da cidade. Conversando com os *writers,* eles comentam que o custo de produção dos *stickers* ou dos *past ups* interfere na decisão onde o grafito será alocado. Por isso a região central é preferida. É onde circulam mais pessoas e a visibilidade da mensagem é maior. Mas a efemeridade também é maior, seja por consequencia de pessoas arrancarem o que foi colado, seja pelas equipes da Câmara que pintam frequentemente a cidade. Isso sustenta o argumento de serem efetivos na hora de decidir onde interferir na cidade.

Alguns deles preferem escrever na parede, por questões de custos e por permanência das mensagens. As mensagens escritas com canetas são as que mais duram tempo, assim como as mensagens escritas no chão.

30 de Novembro de 2018

Como classificar as frases?

Anteontem imprimi as imagens, em formatos de polaroid, quadradas, para facilitar o manuseio das fotos e possibilitar que fossem organizadas por similaridade em grupos. Tentei aplicar as definições dos autores X e X, mas não era possível enquadrar em todas as imagens as sugestões de temáticas que eles abordam. Além disso, percebi que é possível alocar uma imagem em diversas categorias.

Numa experimentação livre separei frases por abordagens em comum, como: tempo, amor, humor, diálogo, negatividade, positividade, questionar, político, Porto, habitação, sociedade, feminismo, e censura dos muros. Entre essas abordagens, agrupei em quatro possibilidades: política, amor, humor, tempo. Uma questão que surgiu, é que o tempo pode ser todas as imagens, visto que as mensagens nos muros duram um tempo, logo elas representam um fragmento de um período.

Será que essas mensagens realmente refletem o que a cidade do Porto sente? Qual a diferença entre essa abordagem e as notícias? Os mídias atentam para os problemas ou devaneios que são escritos na cidade?

16 de Dezembro de 2018

Tem muitas frases

Fui dar uma volta de bicicleta e acabei encontrando algumas mensagens. Uma no Parque Marinha do Brasil.



Outra mais a frente no Anfiteatro Pôr-do-Sol:



Depois no trajeto para a Usina do Gasômetro:











Numa volta de bicicleta registrei 19 mensagens. Pode ser interessante registrá-las e fazer um comparativo com as mensagens do Porto.

24 de Dezembro de 2018

Porto Alegre

O que mais chama a atenção aqui são as mensagens políticas. A agitação pode ser sentida através das representações visuais nas paredes, principalmente nas zonas onde aconteceram as manifestações, como pode ser visto abaixo, no viaduto da Av. Borges de Medeiros.



















07 de Janeiro de 2019

Uruguai

Fui à Punta del Este, no Uruguai, e chama a atenção a pouca quantidade de interferência urbana. Um dos itens que li no livro "*The Writing on the Wall: toward a sociology and psychology of graffiti*" é que as interferências diminuem em lugares com maior concentração de renda. Na zona um pouco mais afastada, em Maldonado, já é possível identificar mais inscrições nas paredes. Não consegui registrar pois passei de carro.

Me lembrei de algumas mensagens que havia registrado em outros momentos. Essa imagem registrei em 2017, quando fui à Colônia do Sacramento.



Acho que o primeiro lugar que passei a perceber as mensagens nas paredes foi numa viagem para Punta del Diablo em 2013. Era comum ver em algumas casas com frases escritas, aquilo deixava o lugar mais místico. Eu perdi todas aquelas imagens. Voltei lá em 2017 e fotografei uma das mensagens que restou.



"La ideia de la eternidade és terrible, porque: ¿Donde vá a terminar?". É 2019 e esta mensagem ainda perdura aqui.

26 de Fevereiro de 2019

Escola Estadual Presidente Roosevelt

Essa escola fica perto da minha casa em Porto Alegre. Aquelas mensagens estão há algum tempo lá. Numa das assinaturas aparece a data de 2013.



As paredes já estão gastas, se a data de 2013 for verdadeira, são 6 anos sem retoque. Numa outra imagem da escola, aparece uma placa de obras com o período de 21 de Junho

de 2018 à 22 de Agosto de 2018. Detalhe que a imagem foi registrada 6 meses após o término das obras, e a placa continua lá.



É interessante perceber que existem poucas pichações nesses muros.



As mensagens que perduram acabam por refletir outro tempo.

07 de Março de 2019

Quase fui assaltado

Na verdade fiquei com receio de ser assaltado. Estava com a bicicleta, fotografando uma mensagem. Ela estava numa zona mais escura, o foco não estava funcionando. Tive que me aproximar, me equilibrar, para então fotografar.



Avistei um homem atravessando a rua. Parecia estar se escondendo. Tinha uma árvore muito grande atrás de mim e eu não conseguia identificar para onde ele estava indo. Depois de um tempo vi que ele estava vindo na minha direção, foi quando eu subi na bicicleta e sai andando. Por este motivo preferi utilizar a bicicleta como veículo, é menos perigoso, facilita a locomoção e a agilidade para registrar as mensagens.

26 de Maio de 2019

Marielle no Porto

As intervenções de brasileiros começam a aparecer em maior quantidade nas paredes do Porto, algumas mensagens referentes ao Lula, ao Bolsonaro e à Marielle. Todas seguem a linguagem das mensagens registradas em Porto Alegre.

A intervenção com a figura da Marielle Franco, ao lado da FBAUP, chamou a atenção pelas constantes interações sobre a mesma intervenção. Havia do lado outras intervenções, mensagens contra a violência de gênero e uma convocação para votação dos representantes de Portugal na União Europeia.



Mas especificamente na da Marielle a comunicação foi maior.

Dia 1:



Dia 2: as intervenções aparecem pintadas de azul.



Dia 3: a tinta azul é tirada com água.



Dia 4: apagam o símbolo feminino com um punho fechado, substituindo por um coração, pintam os olhos da figura e adicionam a frase “o amor é cego!”.



26 de Junho de 2019

Holanda

Durante a finalização do projeto estive com o Fernando, construindo a plataforma www.paredesdoporto.com, em Amsterdam. As mensagens existem também por aqui, mas diferem-se principalmente na estética. A cultura do *sticker* é muito forte.



Os cartazes e mensagens escritas também aparecem, mas em menor quantidade quando comparado com o Porto ou Porto Alegre. É possível perceber a relação entre o local e as mensagens.



12 de Setembro de 2019

Redes sociais e as mensagens

A repercussão com a hashtag Bolsonaro (#bolsonaro) é incrível. Numa imagem que fotografei ao lado da FBAUP dizia, “Amazônia fica, Bolsonaro sai”. Publiquei no perfil do @paredesdoporto no Instagram e teve alta repercussão.



A publicação foi feita no dia 28 de Agosto de 2019. Ela teve 557 curtidas, 64 comentários, 75 compartilhamentos e 27 salvamentos. A mensagem fotografada chegou a 14.881 usuários da rede. Os comentários nas redes revelam a polaridade e o tom agressivo

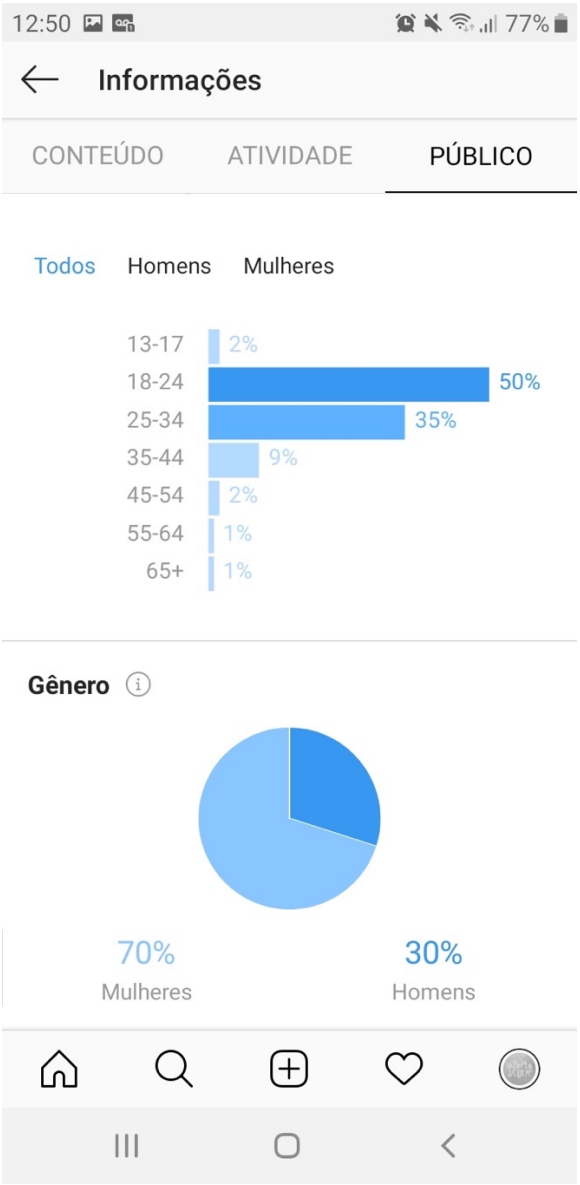
já percebidos nas paredes de Porto Alegre. As pessoas chegam através da referência #bolsonaro e vêem esta imagem desprovida de referência de territorial. Quanto mais a imagem ganha comentários, positivo ou negativo, mais o algoritmo entende aquilo como relevante.

A questão territorial se perde nas redes sociais, mesmo com meu cuidado de identificar a cidade e, na maioria das vezes, o local. Estas informações passam batidas, o que importa ali é a mensagem. É a concordância ou a discordância a respeito do que lê. É uma apropriação da imagem para dizer aquilo que queres de uma maneira diferente, com um toque manual.

Isso dá margem a novos questionamentos com relação à comunicação de imagens através das redes sociais. Qual o território das mensagens na internet? Até que ponto a linguagem da internet interfere nas mensagens urbanas? E até que ponto a linguagem urbana contribui para a comunicação da internet? Quais as similaridades e diferenças podemos encontrar nas mensagens dos muros das ruas e dos muros da internet, as *timelines*?

Por questão de curiosidade deixo aqui registrado também alguns números referentes ao perfil @paredesdoporto.

O público do perfil é 70% feminino e 30% masculino, e 85% deles têm idade entre 18 e 34 anos.




12:50
77%
Informações
paredesdoporto
CONTEÚDO
ATIVIDADE
PÚBLICO
1.448 seguidores
+11 vs. 29 de agosto - 4 de setembro
Principais localizações
Cidades
Países
Portugal
78%
Brasil
14%
Espanha
2%
Alemanha
1%
Itália
1%

Na imagem abaixo estão as mensagens com mais repercussão nas redes.

